

“Kevin chegou ao mais fundo que alguém poderia chegar... e apenas um milagre poderia salvá-lo. A história desse milagre é contada neste livro.”
The Irish Independent



ENVIADA

por um

ANJO

Uma história real de perda
e reencontro com o amor

KEVIN SKELTON



*“Kevin chegou ao mar
chegar... e apenas u
A história desse mi*



ENVIA *por um* ANJO

Uma história real de
e reencontro com o a

ENVIADA

por um

ANJO

Uma história real de perda
e reencontro com o amor

KEVIN SKELTON

1ª edição

Tradução
Renato Motta

BS
BestSeller

RIO DE JANEIRO | 2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Skelton, Kevin
S638e Enviada por um anjo [recurso eletrônico]: uma história real de perda e reencontro com o amor / Kevin Skelton; tradução Renato Motta. – 1. ed. – Rio de Janeiro: BestSeller, 2020.
recurso digital

Tradução de: Sent by an angel
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5712-018-7 (recurso eletrônico)

1. Perda (Psicologia). 2. Emoções. 3. Livros eletrônicos. I. Motta, Renato. II. Título.

20-65332 CDD: 155.93
CDU: 159.942

Camila Donis Hartmann – Bibliotecária – CRB-7/6472

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original
SENT BY AN ANGEL
Copyright © 2011 by Kevin Skelton
Copyright da tradução © 2016 by Editora Best Seller Ltda.

Publicado primeiramente em 2011 por Hay House Inc. USA.
Sintonize na estação de rádio da Hay House em www.hayhouseradio.com

Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela
EDITORA BEST SELLER LTDA .
Rua Argentina, 171, parte, São Cristóvão
Rio de Janeiro, RJ – 20921-380
que se reserva a propriedade literária desta tradução

ISBN 978-65-5712-018-7

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

DEDICATÓRIA

Este livro é dedicado a Mena, meu primeiro amor, a quem eu amei e de quem sinto saudades todos os dias de minha vida, até hoje. Não importa o que eu faça, ou aonde vá, querida Mena, sei que você estará sempre ao meu lado, me guiando ao longo do caminho.

SUMÁRIO

- [1](#) [O dia em que meu mundo parou](#)
- [2](#) [Como conheci Mena](#)
- [3](#) [O período logo após o atentado](#)
- [4](#) [A menina que veio da Romênia](#)
- [5](#) [Levantando fundos para os orfanatos romenos](#)
- [6](#) [A vida na Romênia](#)
- [7](#) [Maria](#)
- [8](#) [A carta](#)
- [9](#) [Planejando o casamento](#)
- [10](#) [Felicidade pintada com tons de tristeza](#)
- [11](#) [A ação civil](#)
- [12](#) [Como a vida muda](#)
[O fim da história](#)

AGRADECIMENTOS

Existem tantas pessoas às quais preciso agradecer pela ajuda e pelo apoio ao longo dos anos, que, se eu tiver omitido algum nome, peço, por favor, que me perdoe. Em primeiro lugar, e isso é o mais importante, devo agradecer à minha família; em particular à minha mãe Meggie, que permaneceu ao meu lado mesmo quando eu cheguei ao fundo do poço. Minha mãe nunca desistiu de sua busca obstinada para me trazer de volta ao caminho certo, e serei eternamente grato a ela por isso. E também ao meu pai John (conhecido como Jake): ele é um sujeito que fala muito pouco, mas basta olhá-lo para perceber o que ele está pensando. Posso levantar a mão com sinceridade para afirmar que, em toda a minha vida, nunca vi meu pai zangado nem o vi erguer a voz dentro de casa, mas quando ele lançava aquele olhar forte e duro, todos sabiam que era hora de ouvir. Mamãe e papai, vocês sempre estiveram ao meu lado e é uma grande honra ter pais como vocês. Agradeço a Deus todos os dias por tê-los ao meu lado ainda hoje.

Devo também mencionar os pais de Mena. Paddy e Mary, que infelizmente já faleceram, bem como toda a família de Mena que nos apoiou muito quando eu perdi minha mulher. Aos meus filhos Paula, Tracey, Ray Shauna. Sei que todos vocês passaram por momentos terríveis ao perder a mãe que amavam, e sei também que eu os fiz sofrer muito em momentos difíceis durante muitos anos. Mas mesmo que eu não costume dizer isso em voz alta com a frequência que deveria, devo erguer os braços para informar que sinto muito orgulho, muito orgulho mesmo de todos vocês, e que amo cada um com todo o meu

coração. Sei também que sua mãe também estaria muito orgulhosa de todos se estivesse aqui hoje. Vocês construíram vidas boas e belas carreiras, e sou o pai mais orgulhoso que pode existir.

Maria foi enviada por Deus, junto com Andreea, Nicoletta, Iulia e Gaby. A única pessoa a quem eu poderia agradecer por vocês estarem na minha vida hoje é Mena. Eu não estaria como estou hoje se não fosse por ela. A chegada da jovem Gabriella foi a coroação de tudo isso para mim. E eu realmente acredito que ela é um anjo enviado por Deus, uma criança maravilhosa. Só espero viver o bastante para vê-la com idade suficiente para cuidar de si mesma. Nesse momento, Deus poderá fazer comigo o que bem quiser.

Agradeço ao irmão de Mena, P. J. Logue, que é padrinho da pequena Gaby. Agradeço ao meu irmão, Gerard, e à sua esposa, minha cunhada Connie, que é madrinha dela. Agradecemos muito a ambos pelo apoio.

A Romey e Veronica, que ficaram comigo no dia em que perdi Mena. Romey foi um tio muito especial, e o que ambos fizeram por mim naquele momento de dor e desespero foi inacreditável. Infelizmente Romey também nos foi tirado, e a vida não é mais a mesma sem ele. Abriu-se mais um grande buraco em nossa vida que simplesmente não pode ser preenchido novamente. Quero agradecer imensamente a Carl e Gwen Annies. Carl foi meu chefe na fábrica da Nestlé e nos tornamos grande amigos durante todos esses anos. Ele é meu amigo até hoje. Sempre esteve ao meu lado quando eu precisava, e jamais esquecerei isso.

Não existem muitos católicos na Irlanda do Norte que possam dizer que um ex-soldado britânico é seu melhor amigo, mas Carl sabe que sua amizade representa muito para mim.

Também gostaria de agradecer à Associação Gaélica de Atletismo (GAA) pela ajuda e apoio que me deram depois da atrocidade que ocorreu. A GAA e eu estivemos em lados opostos em vários assuntos, diversas vezes, mas eu jamais esquecerei a ajuda e o apoio que obtive naquele momento difícil, em especial do quadro de diretores e, particularmente, Paul Derris. Outro grande amigo meu foi Willy John Dolan, de Aghyaran. Willy foi um dos poucos que nos ajudaram a financiar a equipe na época, e sou muito grato por isso.

Um imenso obrigado vai também para Dessie McGlinchey, de Castlederg, por sua ajuda ao longo dos anos, e a Maeve Sheridan, que organizou um

concerto no Centro Social de Drumquin e me ofereceu toda a renda. Foi muito comovente na época, e eu me senti humilde diante de tanta generosidade. Ela sempre agiu como uma dama e sempre estará em meu coração e em minhas preces. Obrigado também à minha cunhada Maggie, que ajudou Maeve naquela noite, e a todos os artistas que se apresentaram.

Um homem em particular me ajudou muito a levantar fundos para minhas atividades na Romênia. Um amigo, e, aos meus olhos, um gigante humanitário: Patrick O’Kane, do pub O’Ceathain Arms, local que também é conhecido simplesmente como “Tom’s”. Outro homem que me ajudou muito na causa romena foi Eoin McKenna, dono do The Hunting Lodge em Baronscourt, e que também organizou uma bela noite de arrecadação de fundos para a Romênia. Quero agradecer também a Jimmy Buckley, que tocou no Centro Social Drumquin pela metade do cachê para levantar fundos a fim de trazer crianças romenas para passar férias na Irlanda do Norte; obrigado também a Mick Flavin, John Farry, Seamus Lunney, Brendan Quinn, Ollie Harron e Marian Curry, bem como ao falecido e grande Johnny Loughrey. Johnny tinha combinado de tocar para mim uma noite e, apesar de estar muito doente e não conseguir fazer isso na data marcada, não quis cancelar o evento e mandou um substituto. Depois, quando conseguiu se levantar da cama, tornou a oferecer seus serviços e, fiel à sua palavra, tocou para nós apesar da doença. Isso é algo que nunca vou esquecer. Ele deixou sua preocupação com o estado de saúde de lado e esteve lá para ajudar outras pessoas. Sempre terá um lugar cativo no meu coração.

Sean McMullen é outro amigo que eu nunca esquecerei e que trabalhou comigo na Nestlé. Apesar de estar muito doente e acabar falecendo depois de uma batalha contra o câncer, esse homem fez uma longa viagem para me visitar e oferecer suas condolências. Foi um gesto muito comovente, e eu serei sempre grato a ele por pensar em mim quando seus próprios problemas eram muito piores.

Meus agradecimentos especiais a Dominic Kirwin, um cantor country muito conhecido na Irlanda do Norte, por sua ajuda irrestrita para levantar recursos e fundos; obrigado aos irmãos D’Arcy que cederam um caminhão para levar ajuda à Romênia, em uma oferta de última hora no Natal de 2009.

Estávamos em pânico até o último minuto, porque a ajuda estava pronta para ir, mas não havia transporte.

Agradeço também à Sociedade São Vicente de Paulo por sua ajuda nas semanas e nos meses que se seguiram ao atentado em Omagh. Minha gratidão a eles, à RUC/PSNI, polícia irlandesa, e também ao exército britânico por sua ajuda na época da explosão da bomba. A forma como eles trataram a mim e à minha família foi fantástica e insuperável.

Sean O'Kane, o agente funerário que cuidou de Mena, foi muito profissional ao cumprir suas funções no funeral apesar de ser um amigo tão próximo da família e ter de lidar com o próprio luto. Ao padre Devine, que era o pároco na época, devo dizer que o seu apoio durante o tempo que durou sua missão em Drumquin foi nada menos que fantástico. Uma palavra de agradecimento vai também para o dr. Rodgers pela sua ajuda naquela época, e ao dr. Paddy Scully, que já era um bom amigo antes, foi depois e continua sendo até hoje.

Também gostaria de citar a sra. Slevin, que Deus a tenha, que me ajudou muito no dia da explosão da bomba. Faltam-me palavras para descrever como eu me sinto em relação a essa mulher, pois quando os demônios se soltaram sobre Omagh ela foi o anjo que me estendeu a mão. Será sempre lembrada em minhas orações enquanto eu viver.

O padre Kevin Mullen também foi de inestimável ajuda naquele dia de agosto de 1998. Até hoje ele nos auxilia a lidar com a nossa dor. Não há como exaltá-lo o suficiente. Ele não só é um padre maravilhoso, mas também uma pessoa muito especial. Espero que receba no paraíso a recompensa que verdadeiramente merece. Sinto-me humilde a cada vez que o vejo, pois sei que naquele dia ele enfrentou o inferno, e graças a Deus ele estava lá para oferecer apoio a todos.

Agradeço também às equipes das ambulâncias e dos carros de bombeiros que tiveram de lidar com cenas horríveis no dia do atentado, e cujo apoio e ajuda foram inestimáveis para os feridos ou aqueles que perderam alguém querido.

Charlie e Kathleen McHugh, nunca me esquecerei de sua ajuda nas noites em que eu me excedia na bebedeira e vocês estavam sempre lá, com mãos

prontas para me ajudar a chegar em casa inteiro e em segurança, fosse por suas próprias mãos ou as de sua filha Caroline.

A Frank Mitchell, que, em setembro de 1998, levou a mim e a Shauna para uma visita ao vestiário do Tyrone Minors, em Croke Park, depois de eles terem vencido o campeonato irlandês. Aquele é um dia que jamais esqueceremos. Aquilo significou muito, especialmente para Shauna. O Tyrone Minors foi um grande consolo e apoio para minha menininha quando ela perdeu a mãe. Esse dia significou muito para ela e viverá em sua lembrança para sempre.

Às pessoas da RTÉ, rede de televisão irlandesa, que deu a mim e à Shauna crachás do camarote da imprensa para a temporada do campeonato de 2003, quando orgulhosamente assistimos o Tyrone vencer o time do Armagh na final. Na qualidade de uma família que ama esportes, ficamos profundamente gratos por esse presente. E também a Don Mullen, que me conseguiu entradas extras para o resto da família e seus amigos naquele dia especial.

Uma palavra de agradecimento vai também para Brendan Collins, Henry Robinson, Charlie Kelly, Christopher McGale, J. J. Breen e para a equipe do Hospital do Condado de Omagh, e também a do Hospital Altnagelvin, em Derry, e ao Hospital Dundonald em Belfast, por toda a ajuda que deram a Shauna.

Aos meus velhos vizinhos, Marion Radford, a sra. Devenney e Sarah McCanny, já falecida, que sempre cuidaram de mim depois que Mena morreu, certificando-se de que, não importa o estado lastimável em que eu estivesse, não se passasse um único dia sem me alimentar ou, pelo menos, fazer um lanche. Foram pessoas como essas e como minha mãe que me mantiveram vivo naqueles tempos difíceis em que eu achava que nunca veria uma luz no fim do túnel.

Quero também agradecer ao Fundo de Auxílio ao Noroeste da Romênia, em particular Sean Boyle, Mickey Newton e Sean Young, por sua ajuda em trazer as crianças para passar férias na Irlanda de 1997 a 2003, bem como seus cuidados até hoje para levar suprimentos para a Romênia em nosso nome. Sei que eles aturam muitos desaforos das pessoas, às vezes, ao tentar realizar seu trabalho, mas sei também que seus corações estão no lugar certo. Muitas vezes as pessoas não reservam um tempinho para parar e pensar nas outras, mas esses homens trabalham muito para melhorar as coisas em locais onde dez libras

podem operar milagres. O trabalho que eles fizeram em Fagaras não tem preço, e eu lhes desejo tudo de bom no seu trabalho futuro no exterior.

Para Doina, diretora do orfanato em Fagaras. Eu a tenho na mais alta estima, pois quando estávamos na Romênia, a sua porta estava sempre aberta para nos receber. Foi um dia triste quando você saiu de lá. Você é um verdadeiro anjo, e eu lhe agradeço por tudo o que você fez por mim quando eu visitava a Romênia.

À Associação dos Árbitros da Irlanda do Norte, que mandaram a mim e aos meus filhos de férias em Tenerife, em dezembro de 1998, quando ainda tentávamos assimilar o golpe pela morte de Mena. E também à Associação de Árbitros de Fermanagh e Região Oeste, da qual sou membro, bem como à Associação de Árbitros da Irlanda do Norte, que doaram quatro mil libras para a causa romena.

Obrigado aos meus antigos empregadores na Nestlé, que pagaram para que uma lápide fosse erguida no túmulo de Mena, ao perceberem que o nosso dinheiro andava curto. Agradeço também ao clube dos funcionários da Nestlé, que levantaram seis mil libras para ajudar a causa romena.

Obrigado à Drumquin Wolfe Tones's por oferecerem o chá e os sanduíches no dia do funeral, no salão local. Sua ajuda não foi esquecida.

Agradeço também à mídia por manter a atrocidade nas manchetes. Não tenho escrúpulos em afirmar que os dois governos gostariam muito de ver o assunto morto e enterrado. Graças à mídia, porém, isso nunca aconteceu. Tenho esperanças de que, com a ajuda deles, ainda conseguiremos algum tipo de justiça ou, quem sabe, descobriremos a verdade sobre o que realmente aconteceu naquele dia.

Agradeço a Mark Durkan e Martin Reilly, dois homens que me ajudaram com questões legais muito complicadas, autorizações de trabalho e vistos enquanto eu tentava seguir em frente com a minha vida nos anos que se seguiram à explosão da bomba. E também a Tom, do Centro Tara, que me ajudou a colocar a vida de volta nos eixos.

Quero agradecer ainda a Ovideo Demitrean por seu apoio em um momento muito difícil.

Tenho algumas pessoas especiais na minha vida, agora, além dos meus filhos. São o meu netinho Aran e minha neta Nicole. São crianças

absolutamente fantásticas. Sempre que eu passo por um mau momento, como às vezes acontece com todo mundo, basta pensar em vocês dois, ou ir visitá-los, e vocês fazem com que eu lembre que minha vida vale a pena ser vivida.

Agradeço também a Yvonne Kinsella, por me ajudar a colocar minha história no papel e por ser minha agente, e também a Patricia Prizeman, sua sócia.

Mais uma vez devo agradecer à minha esposa, Mena, por ter trazido Andreea para a Irlanda pela primeira vez, pois se ela não tivesse feito isso eu jamais compreenderia o quanto sou afortunado por tê-la aqui hoje.

Por fim, mas nem por isso com menor importância, quero agradecer imensamente às milhares de pessoas de todo o mundo que enviaram cartões de condolências, apoio e donativos pelo correio, logo após o atentado. Eu nem conheço essas pessoas. No entanto, elas sentiram em seus corações que deveriam enviar alguma ajuda para a minha família. Até o dia da minha morte, serei grato a elas.

As pessoas dizem que o mundo é um lugar muito ruim, cheio de pecadores e de pessoas que fazem o mal. Devo dizer, com toda a honestidade, que minha atitude mudou naquele dia em agosto de 1998, depois de ver o quanto as pessoas são genuinamente carinhosas e interessadas, muitas vezes em locais tão distantes quanto o Canadá e a Austrália. É terrível achar que, às vezes, é necessário algo tão horrível quanto um bombardeio e a perda de alguém querido para reconhecer quantas pessoas boas e caridosas existem no mundo. Tenho visto isso ao longo dos anos, em meus esforços para levantar fundos para ajudar os órfãos da Romênia, e isso ajudou de verdade a renovar minha fé na humanidade.

Vamos torcer e rezar para ver um mundo verdadeiramente pacífico, onde todos possam viver juntos em paz e harmonia, apesar das diferenças de crença, cor ou nacionalidade. Como descobri por conta própria, da forma mais incomum possível, onde existe vida sempre haverá esperança.

REALIDADE

POEMA ESCRITO PELAS FILHAS DE M ENA

*Durante vinte e cinco anos, nesta terra arrasada,
Assassinos pensaram nas bombas que planejaram soltar
E na tranquila região oeste, onde pensávamos estar seguros;
Vinte e nove vidas se foram carregando nossa fé.
Naquela manhã de sábado, tudo estava brilhante.
Tínhamos ido comprar roupas sob o sol quente.
E estávamos todos juntos para compartilhar a dor:
Drumquin, Omagh, Donegal e Espanha.
Ninguém ligou quando a ameaça foi divulgada.
Um alarme de bomba em Omagh; que pecado!
E fomos para a Market Street, sem preocupações
E sem saber o que nos esperava
Às três e quinze, nosso futuro foi decidido
E o mundo todo lentamente baixou as cabeças
Vinte e nove pessoas morreram na rua;
Algumas perderam braços, olhos, pernas e pés.
Umhas tiveram sorte e sobreviveram
Outras sofreram o trauma de ver alguém morrer
Enquanto gritavam por ajuda, e choravam outros mortos,
Muitos voltaram para casa, para camas vazias
E julgaram ter visto de tudo na vida.
Quem poderia saber como tudo ruiria?
Em um lugar que era tranquilo até alguém quebrar a lei.
Agora, protestantes e católicos têm de pagar
Pelos jogos tolos do IRA.
Moramos só com meu pai, somos três irmãs e um irmão
Pois o quinze de agosto também levou nossa mãe.*

Capítulo 1

O dia em que meu mundo parou

Jamais esquecerei a manhã de sábado, 15 de agosto de 1998. Infelizmente, por todas as razões erradas. Acordei para um lindo dia ensolarado, com céu esplendidamente azul. Provavelmente era o dia mais quente daquele ano. Um dia glorioso. Mas eu me sentia péssimo. Sempre sofri com problemas na coluna, mas naquela semana, por algum motivo, os sintomas pareciam piorar a cada dia; naquela manhã, em especial, eu realmente comecei a me queixar. Soube assim que coloquei os pés fora da cama naquele dia que se eu fosse para o trabalho não aguentaria o batente o dia todo.

Naquela época eu era empregado da pedreira de Moffatt, logo acima de nossa casa em Drumquin, Irlanda do Norte, no Reino Unido. Estava trabalhando lá desde que saíra da fábrica da Nestlé, dois anos antes. Dirigia um caminhão para a Moffatt, e esse era um trabalho muito tranquilo para mim, já que ficava tão perto de casa. Só que quando alguém sofre de dor nas costas e sua função é carregar várias toneladas de alcatrão e cascalho, a coisa muda de figura. Quando telefonei logo cedo dizendo que não iria conseguir trabalhar naquele dia, meu chefe perguntou se eu aguentaria fazer pelo menos uma entrega: uma carga até Sion Mills, não muito longe da pedreira. Eu sabia que o

trabalho tinha de ser feito naquele dia e não havia mais ninguém para isso, então fiz um esforço para me levantar da cama e fui até lá.

Felizmente, a dor não estava tão horrível quanto me pareceu a princípio, e eu voltei para casa pouco depois do meio-dia, embora ainda não estivesse me sentindo muito bem. Eu tinha marcado de apitar um jogo de futebol no fim da tarde; era o início do campeonato local, a primeira partida depois das férias. Por algum motivo, no entanto, a partida foi cancelada. Fiquei feliz por isso, pois sabia que o único modo de vencer a dor era me deitar e relaxar, e certamente ela não me abandonaria tão depressa se eu ficasse correndo de um lado para outro em um campo de futebol.

Já que eu iria ficar em casa o resto do dia, minha esposa, Mena, me pediu para ir com ela e as meninas, que queriam comprar novos uniformes para a escola, em Omagh. Ela não dirigia, e embora eu estivesse com muitas dores, sabia que ela estava louca para pegar logo o material da escola dos nossos filhos para ter uma tarefa a menos. Aos sábados, por causa do trabalho e das partidas de futebol que eu apitava, era muito raro eu estar disponível para dirigir o carro, e ela obviamente queria aproveitar ao máximo a oportunidade. Omagh ficava a 15 quilômetros de Drumquin e geralmente não íamos à cidade mais de duas ou três vezes por ano. Como a maioria dos homens, não curto muito fazer compras, mas mesmo assim aceitei a ideia. Já que ia até a cidade eu poderia aproveitar para resolver algumas coisas enquanto as meninas circulavam pelas lojas. Queria ir até a agência de viagens para ver os preços dos voos para a Romênia. Recentemente havíamos recebido uma pequena visitante daquele país, uma menininha que havia mudado de uma hora para outra, e para sempre, as nossas vidas. Portanto, eu queria saber o quanto custaria uma viagem até lá para nós, Mena e eu. Iríamos descobrir como era o lugar onde a menininha morava e teríamos a chance de revê-la. Darei mais detalhes sobre isso adiante.

Foi assim que resolvi ir até a agência de viagens enquanto Mena, a minha esposa, acompanhada de Paula, de 18 anos, Tracey, com 15, e Shauna, que tinha feito 13, saíam para procurar material escolar. Tracey estava no ensino médio em Dromore, e Shauna ainda estudava no convento local. Paula, nossa filha mais velha, terminara o ensino médio e estava esperando para ver se seria admitida na faculdade que escolhera. Queria ser professora. Ray, o segundo dos

nossos quatro filhos, tinha 16 anos, mas não estava conosco naquela tarde, pois tinha saído para pescar com os amigos. Assim como eu, ele não era muito fã de passar horas a fio fazendo compras com um bando de garotas.

Portanto, o plano para o dia era, basicamente, comprar uniformes e sapatos para a escola para as duas filhas mais novas, a fim de que Mena não precisasse se preocupar com compras de última hora às vésperas da volta às aulas, em setembro.

Chegamos à cidade às 13h55 da tarde. Estacionei o carro ao lado do Hotel Royal Arms, e as meninas foram dar uma volta pela rua. Quando acabei o que tinha de fazer, segui para a loja de roupas Russells, para ver se elas estavam lá. Havia só dois locais na cidade onde eram vendidos uniformes escolares: a Russells e a Wattersons. Não as encontrei em nenhuma das duas lojas.

Eu sabia que Mena também precisava comprar sapatos de escola para as crianças, então fui dar uma olhada na sapataria Shoe Zone. Assim que entrei, vi que Mena, Tracey e Shauna realmente estavam circulando pela loja. Elas me informaram que Paula tinha dado uma saída com o namorado para fazer algumas compras ali perto. Mena não se empolgara muito com os sapatos marrons que a sapataria tinha a oferecer. Observou que eles eram de má qualidade e não aguentariam o semestre inteiro. Resolvemos sair e procurar em outro lugar.

Quando saímos na calçada, bem diante da loja, um guarda de trânsito se aproximou e nos avisou que havia uma ameaça de bomba no tribunal de justiça, não muito longe de onde estávamos. Pediu que seguissemos rua acima e nos afastássemos do local. Não houve nenhum alerta importante, ninguém estava em pânico, tudo parecia calmo. Não demos muita atenção ao assunto e simplesmente seguimos rua acima, conversando casualmente enquanto caminhávamos.

Não era comum haver ameaças de bomba em Omagh. Algum tempo atrás, isso acontecia de vez em quando, mas comparados a outras cidades da Irlanda do Norte nós não éramos muito afetados por preocupações desse tipo. Era comum ouvir que a URC, a central de polícia de Irlanda do Norte, havia recebido uma ligação avisando que uma bomba fora instalada em um ou outro lugar. Noventa por cento das vezes era alarme falso, e ninguém entrava em pânico.

Entrei no carro estacionado do lado de fora da loja, achando que, dali, iríamos direto para casa, mas Mena me disse que planejava fazer outras coisas, aproveitando que estávamos na cidade. Queria comprar os uniformes das crianças e resolver logo isso. Nenhum de nós pensou na possibilidade real de uma bomba. Na verdade, a única vez em que isso foi mencionado aconteceu ao passarmos por um Vauxhall Cavalier marrom parado junto da calçada. Do nada, Tracey brincou, dizendo que a tal bomba poderia estar ali mesmo naquele carro velho, bem ao nosso lado. Continuamos em frente, rindo disso e conversando.

Avisei às meninas que levaria apenas alguns minutos e fui estacionar o carro novamente nos fundos do hotel. Quando voltei, elas estavam diante da Wellsworths, e entramos na papelaria Kelly para comprar itens como lápis, réguas e material escolar. Estávamos indo para o caixa quando um policial entrou e pediu que seguíssemos para a parte alta, porque a polícia estava afastando as pessoas da parte baixa da rua. Pagamos as compras no caixa e fomos para a sapataria McElroy. Lá também não havia sapatos marrons, então atravessamos a rua para procurar na S D Kells. Mal sabíamos que estávamos indo justamente na direção da bomba.

A essa altura eu já estava cansado de caminhar de um lado para outro com três mulheres, entrando e saindo de lojas. Avisei a Mena: “Vou dar um pulinho na Mr. Gee, aqui do lado”. A Mr. Gee vendia enfeites e itens interessantes. Fui até lá sozinho.

Vi quando Shauna seguiu até o balcão com a mãe para pedir sapatos marrons e saí no rumo da loja ao lado, pensando em dar uma volta pela rua depois, para passar o tempo.

Já na calçada, parei e pensei que talvez fosse melhor ficar com as meninas, para o caso de elas encontrarem os sapatos certos na S D Kells. Talvez Mena não tivesse dinheiro suficiente para pagar tudo. Assim que me virei de frente para a loja, a bomba explodiu.

Ouvi um estrondo gigantesco — um som capaz de estourar os tímpanos e fazer ecos na atmosfera. A frente da loja onde eu estava tinha vitrines de ponta a ponta, e um centésimo de segundo depois eu fui cuspidor para a rua em meio ao que me pareceu um milhão de cacos de vidro. Não tive tempo de pensar em nada; foi surreal. Atordoado, como se funcionasse no piloto automático, me

levantei e comecei a me mover sem rumo de um lado para outro, tentando me manter em pé em meio aos montes de destroços e vidros quebrados, tudo isso em meio a uma nuvem espessa e escura.

Subitamente caiu um silêncio assustador em torno de mim, que só foi quebrado pelo som de pessoas chorando e gemendo em toda parte. A cidade tinha acabado de se desintegrar diante dos meus olhos. Ainda vi o impacto da bomba literalmente continuar seu caminho de destruição pela rua abaixo, em um alternar de sucção e vácuo, indo e vindo, indo e vindo, indo e vindo até alcançar o rio, onde a sucção subitamente parou, se dissolveu e tudo pareceu absolutamente morto. Do meu lado da calçada, as vitrines continuavam a se estilhaçar em sequência. No instante em que uma delas pareceu explodir ao meu lado, a loja do outro lado da rua teve suas vitrines igualmente despedaçadas, o que provocou uma chuva de cacos e de vidro e estilhaços sobre as pessoas que passavam naquele instante.

Havia vidro quebrado e pedaços de tijolos em toda parte. Eu me mantive em pé, em estado de choque, e vi quando o Cosy Corner, um pub na parte baixa da rua, literalmente dobrou sobre si mesmo como se fosse um livro que se fecha. Em segundos, vi a estrutura do pub desabar por completo e terminar absurdamente achatada na rua, em uma pilha de cinzas, vidro e pó. Mais adiante, a farmácia Slevin pareceu implodir como em uma cena que se vê nos filmes de Arnold Schwarzenegger. E tudo isso pareceu acontecer em segundos.

Completamente confuso, fiz meu caminho de volta pelo que havia sobrado da vitrine imensa da S D Kells e imediatamente vi Mena caída em meio a pilhas de entulhos. Em nenhum momento eu percebi outra coisa ou outra pessoa, vi apenas Mena e seus cabelos castanhos e espessos. Foi um momento muito estranho, porque eu senti como se tudo aquilo tivesse acontecido a mim, unicamente, e me vi completamente desconectado de tudo e de todos à minha volta.

Mena estava caída com o corpo estendido reto no chão, a blusa branca de bolinhas pretas coberta de sujeira e escombros. Ela estava com o rosto para baixo, em meio ao entulho, mas deu para perceber que suas pernas tinham sido terrivelmente atingidas. Havia caroços e inchaços imensos nas duas pernas, que pareciam tortas como se tivessem sido giradas em ângulos estranhos. Apesar disso, não havia nem uma gota de sangue em seu rosto, e ela parecia apenas

inconsciente. Assim que ergui seu braço em meio aos escombros para puxá-la na minha direção, porém, vi que ela estava com o corpo mole. Não havia força alguma em seus braços, e foi nesse instante que eu percebi que ela estava morta. Fiquei enjoado; meu estômago se contorceu terrivelmente, e eu senti que ia vomitar. Por algum motivo, porém, não chorei. Acho que estava simplesmente em estado de choque.

Não consegui encontrar Tracey em parte alguma da loja, embora soubesse que Paula devia estar em algum lugar por ali, na mesma rua. Com toda a honestidade, naqueles décimos de segundo, confesso ter achado que a pequena Shauna estava soterrada sob os escombros junto de Mena, porque ela estava exatamente ao lado da mãe quando eu saí, enquanto Tracey tinha se afastado das duas, tendo se dirigido para os fundos da loja. Porém, eu não consegui ver Shauna. Não vi suas roupas, nem seus cabelos ruivos brilhantes e, no fundo do coração, achei que ela também se fora.

Embora houvesse escombros, poeira e vidro em toda parte, comecei a empurrar algumas pedras para os lados e cavar fundo com as mãos, retirando alguns obstáculos do caminho, em uma tentativa desesperada de encontrar minhas meninas. Mas o que a princípio me pareceram fragmentos e ruínas da explosão eram, na verdade, membros das outras pessoas que estavam em volta da minha esposa e da minha filha quando tudo aconteceu. O que inicialmente achei que eram peças de mobília, suportes de prateleiras, objetos ou pedaços de carpete eram, na verdade, torsos, dedos dos pés e das mãos, braços e pernas. Foi a imagem mais nauseante possível. Era como se eu estivesse em um sonho ruim; talvez eu fosse acordar a qualquer momento e perceber que nada daquilo havia realmente acontecido. O cenário à minha volta era o de um pesadelo, como se nada daquilo fosse real, embora, em algum canto da mente, eu soubesse que era real, sim.

Algumas das pessoas que eu toquei estavam mortas, enquanto outras jaziam ali, gravemente feridas. Eu não tive tempo de pensar, nem de olhar em torno para ajudar ninguém; tudo o que eu queria agora era encontrar minhas filhas, seguras e bem, para tirá-las daquele inferno o mais rápido possível. Ainda estava ao lado de Mena, mas inspecionava em volta, com os olhos, rezando para que as meninas ainda pudessem estar vivas e em algum lugar perto da mãe. Olhando em perspectiva, sinto-me culpado por não ter sido capaz de

ajudar mais ninguém, mas confesso que minha mente estava focada em uma única coisa, que era a minha família.

O primeiro bombeiro a chegar ao local foi Paddy Quinn. Eu conhecia Paddy muito bem, pois tinha trabalhado para ele como árbitro durante vários anos na Associação Gaélica de Atletismo. Eu trabalhava como juiz em partidas de futebol desde o tempo em que ele jogava como zagueiro para os times do Omagh e do St. Enda. Ele foi até onde eu estava, colocou a mão no meu ombro e ergueu um dos braços de Mena. Segurou-lhe o punho por alguns segundos, tentando sentir sua pulsação, nem que fosse um batimento fraco. Em seguida, acabou por simplesmente deixá-lo cair. Não disse nada. Simplesmente colocou a mão novamente no meu ombro e saiu dali. Isso confirmou o que eu já sabia: ela se fora.

Alguns policiais correram ao interior da loja e me levaram para fora, rua abaixo. Eu me sentia completamente anestesiado, mas todas as vezes que eles me largavam, tentava voltar para dentro da loja mais uma vez. Minhas filhas continuavam desaparecidas, eu já havia perdido minha esposa e não iria deixar que a polícia ou qualquer outra pessoa me impedisse de procurar minhas meninas. Sabia perfeitamente que os policiais estavam fazendo seu trabalho, visando à segurança das pessoas que haviam sobrevivido e preocupados com a possibilidade de outra explosão acontecer, mas eu tinha meus próprios objetivos e prioridades.

Por duas horas inteiras eu corri pela rua para cima e para baixo, rezando para encontrá-las ou torcendo para, ao menos, conseguir ouvir a voz de uma das meninas chamando meu nome. Meu coração estava disparado e eu me senti enjoado. Achei que iria vomitar a qualquer momento. O cheiro da morte era indescritível e continuará grudado em mim pelo resto da vida. As únicas palavras que consigo encontrar para descrever o quanto o fedor era terrível é dizer que aquele cheiro era de revirar o estômago. Vários corpos estavam muito queimados e pareciam cozinhar em fogo brando à nossa volta.

Havia apenas um homem caído nos escombros ali perto, e o rapaz ao meu lado disse: “Isso não é uma pessoa, é um manequim da loja de roupas”, e eu disse; “Pois olhe, pode ser um manequim, mas eu acabei de vê-lo mexer o corpo.” Espero em Deus que aquele homem tenha morrido, porque eu não iria querer sobreviver em um estado daqueles. Quando olhei para sua cabeça, seu

rosto simplesmente não estava lá. Não lhe havia sobrado nenhum traço facial, e ele estava coberto de sangue dos pés à cabeça.

As pessoas corriam desesperadas de um lado para o outro, arrastando vários corpos para fora dos destroços, tentando salvar o máximo possível de vidas. Eu sabia que minha esposa estava morta e não havia nada que eu pudesse fazer para trazê-la de volta, mas precisava encontrar minhas filhas. As pessoas choravam muito à minha volta, soltando guinchos agudos e caminhando em soluços, com sangue lhes escorrendo pelos rostos, braços e pernas.

Homens e mulheres da polícia, paramédicos e atendentes de primeiros socorros ajudavam os feridos e carregavam os mortos para o hospital em cima de macas com rodinhas e tábuas improvisadas. Para todo lado que eu olhava via apenas vidro quebrado, pessoas sentadas no chão e nos meios-fios, em estado de choque, a maioria em prantos, nos dois lados da rua. Aquilo era uma visão do inferno em contraste com um céu muito lindo, limpíssimo e magnificamente azul.

Havia fumaça negra em toda parte e, enquanto circulava por ali, vi que alguns destroços continuavam voando por todos os lados, sendo sugados e expelidos pelos bolsões de vácuo provocados pelos explosivos. O que sobrou do carro que levava a bomba passou a poucos centímetros de distância da minha cabeça. Por pouco não fui morto por ele, naquele mesmo dia, deixando meus filhos sem mãe nem pai. Enquanto caminhava a esmo pela rua, percebi que o fedor se tornava a cada instante mais insuportável, e quando os canos de abastecimento de água estouraram, e o líquido jorrou por toda parte, as condições pioraram, pois a água se espalhava pela rua e fazia com que braços, pernas, sapatos, bolsas e objetos passassem flutuando diante dos nossos olhos rua abaixo. Independentemente dos motivos extremistas para matar tanta gente naquele dia, fossem protestantes ou católicos, eu me lembro de pensar que o sangue que jorrou pelas ruas naquele dia era todo da mesma cor. Não havia diferença. No fim de todos os dramas, todos ali eram apenas seres humanos.

Depois de ficar duas horas correndo para cima e para baixo até a loja onde minha família estava no último instante em que a vi, finalmente encontrei Tracey no chão, curvada ao lado do corpo da mãe, abraçando-a com força enquanto soluçava sem parar. Ela estava sozinha na parte mais baixa da S D Kells quando a bomba explodiu e foi jogada longe pela brutalidade do

impacto. Quando se recuperou, entrou em pânico e tentou chegar ao local onde vira a mãe e a irmã pela última vez, passando sobre cadáveres e membros decepados. Teve muita sorte por não sofrer nenhum ferimento grave, apenas cortes e arranhões, mas estava em estado de choque. Precisei literalmente arrastá-la para longe da mãe naquele dia. Isso é algo que nunca esquecerei: os momentos em que arrastei minha filha de 15 anos para longe do corpo da mãe. Mas eu não podia deixar que minhas emoções atrapalhassem meu raciocínio. Era como se eu estivesse funcionando no piloto automático, e minha prioridade máxima era salvar as vidas das minhas filhas, encontrar as outras duas meninas e colocá-las a salvo, longe da área onde ocorrera a explosão.

Ninguém sabia se aquela era a única bomba ou se havia outros artefatos espalhados pela cidade. O receio era que a qualquer momento outra bomba explodisse e os que acreditavam ter tido sorte por sobreviver seriam eliminados em um segundo. Mas em nenhum momento pensei no que poderia acontecer em seguida. Estava simplesmente grato por ter uma das minhas filhas de volta, em segurança. Mas ninguém sabia, até aquele momento, onde Paula e Shauna poderiam estar. Tracey estava como que anestesiada. Ambos estávamos. Ela chorava de modo intermitente, e nós dois nos deixamos ficar ali no meio da rua, em choque diante do que acontecera e espantados por, em um piscar de olhos, nossa família comum e normal ter sido destruída.

Em determinado momento eu corri para a parte baixa da rua e peguei o celular da mão de um homem que nunca tinha visto na vida. Liguei para meu pai e contei a ele que Mena estava morta. Ele ficou chocado, como eu, mas era tarde demais para alguém fazer alguma coisa. Tudo o que poderíamos fazer era esperar e rezar para que as meninas estivessem bem. Ele disse que ligaria para a mãe de Mena por mim, e também avisaria o resto da família. Devolvi o celular para o estranho, agradei a ele e fiquei ali, rezando para que as outras duas meninas estivessem bem. Alguns anos mais tarde eu reencontrei esse homem. Descobri que o nome dele era Gary Mullen. Tornamos a nos encontrar em circunstâncias muito incomuns. Naquele dia, no entanto, ele era simplesmente um estranho na rua, um homem que eu nunca tinha visto, mas a quem me senti muito grato. Se ele não estivesse ao meu lado naquele dia, eu não teria como entrar em contato com meus pais para lhes contar o que acontecera.

Enquanto permanecia ali em pé, na calçada, Declan O'Neill, membro da diretoria da Associação Gaélica de Atletismo, chegou, se colocou ao meu lado e fez tudo o que podia para me acalmar, sem êxito. Meu irmão Aidan também apareceu, pois meu pai ligara para ele depois de falar comigo, mas também não conseguiu me acalmar. Eu estava absurdamente ansioso e agitado. Sofria uma mistura de pesar, choque, pânico e tensão. Não importa o que tentavam fazer para me acalmar, eu estava incontrolável. Queria que eles me largassem, que me deixassem em paz para eu poder procurar Shauna. Sabia que ela estava presa entre os destroços da sapataria, e tinha certeza de que ela estava morta por baixo do corpo da mãe. Continuava sem saber onde Paula estava, e embora sofresse preocupações terríveis sobre ela, tinha intuição, no fundo do coração, de que ela estava bem.

De repente, enquanto eu lutava e tentava atravessar a multidão para voltar ao local da explosão mais uma vez, um sacerdote, o padre Kevin Mullen, a quem eu nunca tinha visto antes, veio em minha direção e simplesmente colocou as duas mãos sobre os meus ombros. Por Deus, a sensação foi de que aquele homem tinha me ancorado à rua, e eu senti meus pés cravados no chão. Fiquei com o corpo tão rígido que não consegui mais me mover. Até hoje eu não sei como ele conseguiu fazer isso, mas o fato é que, de algum modo, aquele sacerdote conseguiu fazer o que mais ninguém havia conseguido naquele dia: ele me estabilizou. No instante em que ele colocou as mãos sobre meus ombros, senti uma estranha sensação de calma tomar conta de mim.

A sra. Slevin, já falecida, que Deus a tenha, chegou logo depois e me levou, junto com Tracey, para o pub de Charlie McAleer. Ela me pagou uma dose dupla de *brandy* e tentou me manter calmo. Jamais esquecerei a sua bondade, consideração e dedicação naquele dia. Mesmo assim eu fiquei ali, sentado no pub, com mil pensamentos passando pela minha cabeça ao mesmo tempo. Não consegui descansar por muito tempo e voltei à minha busca desesperada.

Assim que saí pela porta do pub, voltando para a rua, um homem que subia pela calçada do outro lado berrou para mim: “Ei, Kevin! Sua filha é uma menina magrinha, com cabelos ruivos claros, cor de gengibre?” Eu disse que sim, e ele me informou que ela estava no hospital. Até hoje eu não sei quem era esse homem. Nunca o tinha visto antes e nunca mais tornei a vê-lo, mas não consigo expressar em palavras o que eu senti quando ele me chamou e me

informou, em meio ao turbilhão de horrores que nos rodeava, que a minha filhinha estava viva.

Fui direto até o hospital municipal. Minha mãe já estava lá. Ela tinha vindo de Drumquin e soube que Shauna estava viva antes de mim. Eu não tinha celular, e não havia jeito de ninguém se comunicar comigo se surgissem novas notícias. Quando cheguei ao hospital, eles estavam preparando Shauna para transferi-la, de helicóptero, para o Hospital Altnagelvin, em Derry.

Fui informado de que ela havia sofrido danos extensos no rosto e precisaria de muitas cirurgias. Falei com ela por poucos instantes, antes de levarem-na para a cirurgia de emergência.

Eu não sabia o quanto seus ferimentos eram graves, naquele momento, mas me senti muito grato por ela estar viva e lúcida. Na minha cabeça, já que ela estava viva, nós poderíamos lidar com qualquer coisa que aparecesse.

Nesse ponto, Shauna não fazia a mínima ideia de que sua mãe morreria. A coisa mais importante, naquele momento, era fazer com que ela ficasse bem. Eu não sabia onde Paula estava até chegar ao hospital. Só muitos anos mais tarde ela me confessou que tinha se convencido de que todos nós estávamos mortos, até que ouviu por alguém na rua que Shauna estava no hospital em Tyrone. Ela também soube que sua mãe se fora; alguém lhe dera a notícia, e ela ficou arrasada. Em sua mente, exatamente como no meu caso, ela imaginou que todos nós havíamos morrido, do mesmo jeito que eu pensei que Shauna estivesse morta. Paula só descobriu que eu estava vivo quando chegou ao hospital e me viu ali parado, em pé. Ela estava no outro lado do bairro no momento em que tudo aconteceu e, por sorte, escapara sem ferimentos graves. Machucou as costas ao correr assim que ouviu a bomba, mas teve muita sorte de não estar na linha da destruição da explosão e do deslocamento de ar que se seguiu.

Paula e eu só conversamos sobre tudo isso recentemente. Eu nem consigo imaginar o que aquelas meninas sofreram na época. Em cada uma das suas cabecinhas, todo o resto da família se fora, desaparecera em segundos. Durante o tempo em que eu passei procurando por Shauna e Tracey, só podia alimentar leves esperanças de que Paula estivesse bem, pois sabia que ela havia saído com o namorado para fazer compras por conta própria. Só podia rezar pedindo que eles estivessem bem longe do local da explosão.

A essa altura dos acontecimentos, ninguém tinha tido tempo de parar e pensar direito no que havia acontecido, nem a razão de as pessoas não terem sido retiradas das ruas, já que as autoridades haviam recebido duas ameaças de bomba. A polícia simplesmente orientara as pessoas a subir até a rua Market, mas tudo foi feito de forma tão casual, que ninguém piscou, nem achou, por um instante sequer, que o alerta fosse sério. Já que a polícia não demonstrava muita preocupação, ninguém imaginou que a coisa fosse importante.

As pessoas pareciam relaxadas e felizes. Estávamos no auge do verão. Todos usavam camisetas, shorts, e o sol brilhava forte. Se é possível existir um dia onde ninguém poderia imaginar algo de ruim acontecendo, era esse. Um dia glorioso. A situação poderia ter sido ainda pior, embora no momento ninguém conseguisse imaginar algo mais pavoroso. Mas a verdade é que havia uma parada que circularia pelo centro de Omagh e tinha sido marcada para logo depois da explosão. Centenas de adultos e crianças tomariam parte na festa, mas parece que alguém lá em cima cuidou de toda essa gente. Alguma força superior salvou essas centenas de pessoas, não há dúvida alguma em minha mente. A parada teve seu início atrasado por razões desconhecidas, mas se essa multidão estivesse na rua no momento do ataque, certamente todos seriam massacrados.

A decisão sobre quem morreu e quem sobreviveu naquele dia foi uma espécie de loteria. Um homem estava parado em pé na entrada da Kells com seu filho quando a bomba explodiu, e nenhum dos dois sofreu sequer um arranhão, apesar de eles estarem posicionados diretamente na linha do fogo. Do jeito que as coisas aconteceram, uma pessoa poderia estar caminhando tranquilamente pela rua e escapar do impacto, enquanto a pessoa ao seu lado poderia ter explodido em mil pedaços. Ninguém sabe por que alguns sobreviveram e outros, que estavam mais longe, morreram.

Um homem chamado Jim Sharkey cuidava de sua loja do outro lado da rua quando um tanque de óleo que ele mantinha nos fundos simplesmente explodiu, destruindo toda a parte dos fundos do estabelecimento e levando tudo com ele. No entanto, o dono da loja não sofreu nada. The Cosy Corner, o pub local, foi totalmente destruído, e todos acreditaram, que J. J. Maguire, o barman, estava morto. Eu, porém, sabia que ele estava vivo. A escola Carrick, que eu frequentava, tinha marcado uma reunião para aquela noite e, graças a

Deus, J. J. estava lá preparando o bar para o evento noturno. Ninguém morreu naquele pub, apesar de o local ter sido completamente destruído. Só Deus sabe o porquê disso.

É claro que a situação foi terrível para as pessoas que perderam parentes e amigos e não estavam no local, mas para os desafortunados que testemunharam tudo, posso dizer que foi duplamente horrendo, e certamente esse trauma vai acompanhá-los pelo resto dos seus dias. O caos foi total. Nenhum de nós sabia o que fazer. Ninguém ali poderia estar preparado para agir em uma situação daquelas.

Deus ajude e abençoe os serviços de emergência. Eu os tenho na mais alta consideração, especialmente depois que vi o que eles tiveram de enfrentar naquela tarde. Deus abençoe o padre Mullen também, por ele fazer o que precisava ser feito. No momento em que a bomba estourou, o padre Mullen trabalhava na Igreja do Cristo Rei, em outra paróquia, mas logo depois da morte de Mena ele passou a cuidar da paróquia da nossa região, em Drumquin. Eu acabei construindo uma bela amizade com ele. Ele era um grande homem. Passou a noite com as famílias, rezando e confortando-as ao longo de toda a madrugada.

Depois de saber que as meninas estavam bem, tive de me concentrar em Mena. Assim que Shauna foi transferida para Derry, fui direto para o Centro de Lazer de Omagh, onde todas as outras famílias estavam reunidas, à espera de notícias dos seus entes queridos. Alguém levou minhas meninas para casa e eu fui para o Centro. Sabia que não haveria nenhuma novidade para mim por lá. Minha esposa estava morta, e isso não poderia ser mudado. Mas eu queria vê-la e ficar um pouco com ela. Alguém me informou que todos os corpos já resgatados tinham sido levados para o quartel de Lisanelly, uma base do exército britânico que passou a funcionar como um necrotério improvisado.

Havia centenas de pessoas reunidas no centro de lazer, algumas em pânico, outras chorando, muitas morrendo de preocupação como seus parentes, esposas, maridos, filhas e filhos. Elas estavam ali na esperança de as coisas não serem tão más quanto lhes parecera a princípio, e achando que quanto mais elas aguardassem por notícias, maiores seriam as chances de que seus entes queridos estivessem bem; quem sabe tivessem sido levados para algum hospital e estivessem sendo devidamente atendidos.

Imagino que, para muitos dos que estavam ali naquela noite, a ausência de notícias era um bom sinal. Mas meu estômago estava embrulhado. Sabia que minha vida fora arruinada e eu não podia fazer nada a respeito. Não havia volta. Encontrei um rapaz chamado Kevin McCann, que havia trabalhado comigo na fábrica da Nestlé. Ele foi até onde eu estava e me perguntou por que eu não fui olhar a lista que acabara de ser divulgada. Eu lhe disse que não precisava olhar nenhum nome na lista. Já sabia que Mena estava morta. Infelizmente, tudo o que eu poderia fazer naquele momento era esperar até ser chamado para identificar o corpo. Enquanto as pessoas voavam na direção de cada nova lista de nomes que era pregada na parede do local, buscando informações sobre uma nova leva de pessoas que haviam sido identificadas e hospitalizadas, eu simplesmente continuei sentado ali. Não havia razão para olhar na lista porque eu já não tinha motivos para alimentar esperanças.

Talvez isso tornasse as coisas um pouco mais fáceis para mim naquele momento, porque a maioria das pessoas naquele salão estava agarrada à esperança de ouvir que alguém amado estava vivo, sobrevivera, enquanto eu tinha certeza de minha mulher se fora. O mais triste de tudo é que eu conhecia quase todas as pessoas que estavam reunidas ali. Conhecia Godfrey Wilson e sua esposa, pois havia trabalhado com ambos na Nestlé. Lorraine, a filha deles, tinha morrido. Conhecia Brian McCrory e toda a sua família, pois tinha trabalhado com Brian também. Ele estava ao lado do carro quando a bomba explodiu. Fora à cidade para comprar tinta.

Os assassinatos afetaram as pessoas e as famílias de forma democrática e igualmente devastadora: sete dos mortos eram mães, seis eram adolescentes, dois eram bebês; havia três meninos pequenos, moradores da mesma aldeia em Donegal, um estudante de intercâmbio, com 12 anos, que viera de Madri, e sua professora; um sindicalista e seu filho; um estudante mórmon e uma jovem grávida de gêmeos. Eu conhecia a maior parte das pessoas mortas, ou suas famílias, com exceção das vítimas da Espanha e dos meninos da aldeia de Bunrana, que tinham ido a Omagh para um dia de compras. Foi um pesadelo horrível. Mais de trezentas pessoas ficaram feridas, uma jovem ficou cega e muitas, muitas outras ficaram aleijadas.

Fiquei no salão do centro a noite toda com meu tio Jerome, já falecido, que Deus o tenha. Nós o chamávamos de Romey, e ele estava lá com sua mulher,

Veronica. Por volta de 10h do domingo, fui finalmente chamado e levado para o quartel, a fim de ver minha esposa. Fomos encaminhados a uma tenda, um dos muitos necrotérios improvisados que haviam sido instalados para abrigar os corpos das vítimas mortas. Eles trouxeram os restos mortais de Mena em uma maca estreita.

Eu me lembro de ter me aproximado pelo lado esquerdo do corpo dela, enquanto Veronica e Romey se postaram do lado direito. Quando eles tiraram o lençol que cobria o rosto de Mena, como uma mortalha, Veronica quase desmaiou, entre lágrimas. Eu simplesmente olhei para minha esposa, que jazia ali, morta, dura e fria. Confirmei que sim, disse que aquela era a minha esposa, e foi o suficiente. Eles tornaram a cobri-la e voltamos os três para casa, absolutamente devastados.

Foi um dos sentimentos mais estranhos que eu já vivenciei. Obviamente eu sabia desde o primeiro momento que Mena estava morta, mas vê-la deitada ali, em uma maca, com a pele cinza e fria, coberta apenas por um lençol, é uma história completamente diferente. Você percebe naquele instante e naquele local que a coisa é real, definitiva, não há volta. Sabe que a sua vida com a mulher que você amou se foi para sempre. Nunca mais vai vê-la nem conversar com ela. Nunca mais vai segurar sua mão de novo. O que me pareceu mais chocante foi o fato de ela aparentar serenidade; parecia perfeita, sem marcas; ao vê-la deitada ali, qualquer um diria que estava apenas dormindo. Tinha só 39 anos e a vida toda pela frente. Em um segundo, porém, tudo isso lhe fora tirado.

Fiquei ainda mais arrasado por ter de deixá-la ali, sozinha, mas não havia escolha. Eu precisava ser forte pelo resto da família, e simplesmente não fazia a menor ideia de como isso poderia acontecer. Depois de sairmos do centro de atendimento naquele dia, fui de carro até o hospital para visitar Shauna. Encontrei um bom amigo lá. A filha dele tinha perdido metade da perna e ninguém me informara. Eu não sabia que ela estava entre as vítimas. Fiquei ali conversando com ele por alguns minutos e, obviamente, ele estava devastado como todos nós, e descreveu o quanto ficara arrasado ao saber de Mena. Eu agradei o apoio e fui ver Shauna. Nesse dia eu teria de fazer a coisa mais difícil de toda da minha vida: contar à minha menininha que tinha uma má notícia, que sua mãe estava morta.

Meu estômago embrulhava só de pensar nisso: em como poderia lhe dar essa notícia devastadora e em como Shauna iria recebê-la. Sabia o quanto ela já tinha de enfrentar, com seus próprios ferimentos, todos gravíssimos, mas não dava para adiar mais aquilo, pois eu sabia que se não fizesse isso alguém poderia deixar escapar e o choque seria cem vezes pior. Para ser franco, porém, confesso que não queria lhe dar essa notícia com minha filha em um quarto de hospital, cercada de estranhos.

Quando finalmente consegui colocar as palavras para fora, ela ergueu um pouco a cabeça com os olhos cheios de lágrimas e disse: “Eu sei, papai. Soube antes mesmo de deixar o hospital em Omagh. Perguntei à vovó como mamãe estava, e ela me disse: ‘Acho que sua mãe está bem, agora, em um lugar muito melhor.’ Percebi pela expressão dela que mamãe havia morrido.”

Eu não soube o que dizer diante disso. Era duro, muito duro para mim. Shauna tinha só 13 anos e provavelmente foi sua mãe que salvou sua vida naquele dia, pois tinha recebido todo o impacto da bomba por estar na frente da filha. Shauna entendia bem a situação. Por causa disso, era ainda mais difícil aceitar que a mãe se fora e ela nunca mais a veria. Fiquei mais um pouco com ela no hospital, para lhe fazer companhia, mas sabia que precisava voltar para casa em algum momento, para consolar os outros filhos. Não os queria deixar sozinhos. Estava entre a cruz e a espada, como se diz.

Shauna parecia estar aguentando tudo relativamente bem, apesar das marcas horríveis que tinha dos olhos para baixo, pegando um dos lados de sua face, de cima a baixo. Ela passou sete horas na primeira cirurgia, ainda no hospital Altnagelvin, onde os cirurgiões tentaram retirar os fragmentos de madeira e cacos de vidro do seu rostinho lindo. Ficou internada por uma semana ali e depois foi transferida para outro hospital, em Dundonald, onde precisou se submeter a mais operações para remover os pedaços de vidro que tinham ficado encravados no pescoço.

Depois, foi obrigada a enfrentar uma série de cirurgias plásticas, pois os médicos estavam determinados a salvar a maior parte possível do seu rosto. Ela aguentou tudo com bravura, foi muito forte. Todas as vezes em que eu ia visitá-la, seu rosto estava cobertos por gazes, e ela nunca permitiu que eu visse a extensão dos danos. Foi, sem dúvida, uma menina muito corajosa, considerando sua idade. Sei que estava tão devastada quanto eu pelo fato de

sua mãe ter ido embora, mas não queria me deixar preocupado falando do assunto, hoje tenho certeza disso. E também não se importava por eu deixá-la sozinha no hospital, pois sabia que eu precisava estar em casa para receber as pessoas.

Ela era a caçula da enfermaria. A maioria das suas companheiras de quarto tinha 17 ou 18 anos, e suas mães as acompanhavam. Shauna, porém, nunca deixou transparecer abertamente a dor pelo fato de sua mãe ter morrido. Se sentiu isso, como certamente aconteceu, ela nunca deixou que eu percebesse.

Multidões começaram a aparecer diante de nossa casa bem cedo, no domingo de manhã, assim que foi divulgado o nome de Mena entre as vítimas fatais. Vinha gente de todo lado oferecer suas condolências. Minha mãe, Maggie, ficou conosco para ajudar em tudo e cuidar das crianças. Esteve lá durante todo o tempo. Recebia e dava atenção às pessoas amigas, recebia santinhos com preces no verso e aceitou muitas palavras de pesar e solidariedade em nome da família. As pessoas compreendiam que eu tinha muitas coisas para resolver, mas queriam apenas que nós soubéssemos o quanto eles estavam pensando em nós, mesmo sem eu estar pessoalmente em casa para receber e agradecer os votos.

No domingo de manhã, quando a família acordou e abriu as cortinas, vimos que uma equipe de tevê já havia instalado uma câmera no jardim, apesar de os jornalistas não terem recebido autorização de nenhum de nós para filmar nosso lar nem invadir nossa propriedade. Um dos rapazes que cuidavam de nós, não me lembro exatamente quem, saiu e pediu, de forma delicada, mas firme, que retirassem o equipamento dali. Muitos repórteres forçavam a barra diante da nossa porta, querendo desencavar uma entrevista a qualquer preço. Não demonstravam solidariedade nem respeito pelos nossos sentimentos. Para ser franco, foi preciso eu me armar de muita paciência para não ir até lá fora socar alguns deles; não aceitava o fato de existirem pessoas tão ignorantes e indiferentes à dor alheia. Porém, eu me mantive frio, me segurei e me comportei da forma adequada.

Os dias foram se desdobrando de forma dolorosa até chegarmos à terça-feira, quando eu deveria buscar o corpo de Mena. Todos nós sentíamos que o tempo se arrastava e esse dia nunca chegava, pois o que queríamos de verdade era trazê-la para casa, por mais que fosse difícil lidar com isso. Quando me

sentei no carro, atrás do volante, e entrei na estrada naquela terça-feira, senti o estranho pressentimento de que talvez, por algum motivo, não poderíamos mais ver o rosto dela depois que a trouxéssemos de volta para o velório. Antes de sair, fui à cozinha e pedi à minha mãe que ela se preparasse e não demonstrasse surpresa caso não pudéssemos velar Mena com o caixão aberto. Não sei por que pensei nisso, pois eu a vira no dia de sua morte e ela me pareceu bem. A estranha sensação, porém, era forte, apesar de ninguém ter mencionado essa possibilidade comigo em nenhum momento.

Assim que cheguei lá, confirmando minha intuição, Sean O’Kane, o agente funerário que eu conhecia havia tantos anos, me puxou para um canto e me avisou: “Kevin, não vai dar para abrir o caixão, porque o rosto de Mena se deteriorou e ficou muito danificado.”

Eu lhe agradei por tudo o que ele havia feito. Refleti no quanto devia ser difícil trabalhar em um lugar daqueles em uma hora como essa, olhando para tantas pessoas que jaziam mortas diante dele, muitas das quais ele conhecia tão bem. Fiquei com o coração arrasado por não poder ver o rosto da minha esposa pela última vez, e também por saber que nossos filhos não poderiam fazer suas despedidas à mãe, mas não havia nada que eu pudesse fazer para mudar isso.

Trouxemos Mena para casa, e o pesar foi indescritível. Estávamos todos destroçados.

Naquela terça-feira, eu fiquei do lado de fora da minha casa, em pé, das 14h às 2h da manhã do dia seguinte, apertando as mãos de milhares de pessoas. Elas formaram uma fila gigantesca que serpenteou pela rua durante horas sem fim, ao longo do dia e da noite. Ao chegarem à nossa casa, as pessoas subiam para o segundo andar, pois havíamos colocado a urna fechada com o corpo de Mena em nosso quarto de dormir, sobre a cama, tendo à cabeceira uma foto do nosso casamento e, sobre a tampa fechada, o troféu que eu conseguira em um torneio de dardos em 1978. Meus amigos haviam montado essa competição, em Drumquin, a fim de levantar dinheiro com as apostas e me ofertarem essa quantia como presente de casamento. Como eu mesmo acabei vencendo a competição, achei adequado enterrar o troféu com Mena. Aquilo era uma coisa especial para mim, e eu quis que ela levasse com ela o troféu, a minha emoção e a minha lembrança.

Os visitantes não pararam de chegar durante o dia todo. Em meio ao povo, veio muita gente ligada à política, pessoas pouco desejáveis que se postaram na minha porta. Se eu tivesse uma espingarda, teria saído porta afora dando tiros nelas, fazendo um serviço completo: barba, cabelo e bigode, como se diz popularmente. Porém, justiça seja feita à minha mãe: ela me acalmou e me aconselhou a deixar rixas e mágoas para trás, pois nada daquilo valia a pena. Foi por isso que eu deixei que eles entrassem e vissem com os próprios olhos uma parte do dano que tinha sido feito. Sabia que vários daqueles políticos estavam ali por um único motivo: desassociar seus nomes e suas ideias do ato terrorista que ocorrera em Omagh no sábado. Mesmo assim, pela memória de Mena e em respeito a ela e às crianças, fiquei quieto. Decidi que aquele não era o momento certo para externar minhas ideias e sentimentos políticos. Sabia que devia respeitar minha esposa e concordei, relutante, em colocar um zíper na boca e guardar meus sentimentos para outra hora.

Fiquei absolutamente atônito pelo número de pessoas que vieram prestar seus respeitos e sua última homenagem à minha esposa morta. Mena ficaria morrendo de vergonha diante de uma movimentação popular dessa magnitude. Era uma mulher muito sossegada, discreta, adorável. Todos os que a conheciam a adoravam. Eu fiquei muito satisfeito e honrado por ela ao perceber a espantosa quantidade de pessoas que apareceram naquele dia para lhe demonstrar carinho.

No dia do funeral de Mena, que aconteceu no dia seguinte, fiquei absolutamente chocado com a massa de pessoas que apareceu na igreja de Drumquin. Tinha imaginado que depois de tanta gente ter aparecido para o velório haveria muito menos gente na igreja, pois as pessoas tinham seu trabalho, seus empregos e afazeres a cuidar. Mena, porém, era a única pessoa que ainda morava em Drumquin quando foi morta. Outra família dali, os MacFarlands, havia perdido sua filha Samantha. A mãe da menina era originária de Drumquin, mas havia se mudado alguns anos antes. Mesmo assim, nós conhecíamos a família muito bem e formávamos uma comunidade muito unida.

Havia outros funerais acontecendo naquele dia, em outros locais, por todo o condado, mas eu calculo que cerca de sete mil pessoas tenham comparecido à missa por minha Mena. Ônibus cheios tinham vindo de Cavan, porque uma

das irmãs de Mena havia se casado e continuava morando lá; vieram juízes de futebol de Dublin, de Kerry, de Cork, de toda a Irlanda. Eu nunca tinha visto nada do tipo em toda a minha vida. Devo relatar também que eu havia combinado com muitas equipes de televisão que eles poderiam seguir o cortejo, se desejassem, ao longo dos dois quilômetros que separavam nossa casa da igreja, mas assim que o caixão fosse levado pela nave principal eles teriam de ir embora. Justiça seja feita: eles fizeram exatamente o que pedi.

Depois do enterro no velho cemitério da igreja de St. Patrick, em Langfield, todos se postaram em uma fila imensa para me oferecer seus pêsames e apertar minha mão, mas havia tanta gente naquela manhã que quando eu acabei de cumprimentar aquele povo fui obrigado a colocar a mão direita no bolso e cumprimentar as pessoas com a mão esquerda, porque não aguentava de dor no braço e nos dedos. Foi inacreditável. Nunca mais haverá algo desse tipo em Drumquin.

Muitas vezes eu me perguntava por que motivo não tinha sido eu a morrer naquele dia, em vez de Mena. Mas sei que se tivesse sido eu, Mena não aguentaria lidar com as multidões. Pensava comigo mesmo, enquanto observava em volta do cemitério, que se Mena pudesse olhar para cima do caixão e ver a quantidade absurda de pessoas que vinham apertar minha mão se enfiaria em um buraco para se esconder. Certamente ela ficaria extremamente envergonhada; era calma e recatada demais para receber toda aquela atenção.

Mais uma vez, no dia do enterro, chegaram alguns políticos que eu não gostaria que estivessem ali, mas fui obrigado a aceitá-los na cerimônia. Tínhamos mais de 2.500 santinhos e cartas que haviam sido enviadas para nós de todos os lugares do mundo, alguns deles de lugares tão distantes quanto Austrália e Canadá. Fiquei muito comovido com isso. Todos nós ficamos. Até que recebi uma carta desagradável, uns três ou quatro dias depois do enterro, enviada por alguém da Irlanda que dizia saber quem tinha sido o responsável pela bomba. Mais tarde eu descobri que várias famílias atingidas haviam recebido cartas semelhantes. Parece que eram escritas por algum lunático. A princípio eu não sabia o que pensar. Achei que talvez as cartas fossem genuínas e teríamos um progresso rápido nas investigações. Mas outra família entregou a carta à polícia, e eles, por sua vez, vieram me procurar. Percebemos

rapidamente que era apenas um louco desocupado. Foi duro enfrentar isso, mas era preciso ir em frente.

Por outro lado, havia também bastante gente que nos deu muito apoio depois que tudo aconteceu. Recebemos doações em dinheiro de todos os lugares, e isso nos ajudou muito a enfrentar o primeiro ano. Tenha certeza de que muita gente que mandou um pouco de dinheiro não faz ideia do quanto ajudou, mas a verdade é que isso nos manteve durante mais de um ano. Eu não consegui voltar ao trabalho e estávamos lutando de verdade. Portanto, se não fosse pelos pensamentos e pela generosidade de tantas pessoas, muitas delas que eu nem mesmo conhecia, eu não teria enfrentado aqueles 12 primeiros meses. A GAA e a Associação de Futebol da Irlanda também foram fantásticas. Até mesmo jogadores que haviam me xingado de forma implacável ao longo de tantas temporadas em que trabalhei como árbitro vieram me procurar para oferecer os pêsames.

Na época alguém me ofereceu uma viagem a Lourdes, e eu teria adorado ir, mas havia outro memorial marcado para o mesmo dia, e eu não consegui visitar o santuário francês. De todas as ofertas que eu recebi, gostaria muito de ter aproveitado essa viagem, pois já tinha ouvido falar de o quanto o santuário é calmo, um verdadeiro lugar para reflexão. Teria sido muito bom ir até lá e fazer uma prece por Mena.

Nessa mesma época eu também recebi uma carta de uma mulher do Canadá, Olive McMenamín, com quem eu tinha ido à escola muitos anos atrás e não via havia décadas. Ela me convidou, e também minha família, para tirar férias no Canadá, a fim de afastarmos um pouco a cabeça dos problemas. Também não pudemos aceitar esse convite, infelizmente, mas a oferta generosa foi surpreendente e muito apreciada.

Shauna permaneceu internada no hospital por mais ou menos duas semanas após o atentado. Permitiram que ela comparecesse aos funerais da mãe só por algumas horas, mas voltou para o hospital no mesmo dia. Meus filhos estavam absolutamente perturbados naquele dia, todos nós estávamos. Simplesmente não conseguíamos acreditar que aquilo havia acontecido conosco. Mesmo assim, ficamos de pé, juntos. Tentando nos manter o mais dignos que conseguíssemos, como Mena merecia. Isso foi extremamente difícil,

mas nossa família e nossos amigos nos apoiaram muito e estiveram ao nosso lado dia e noite.

Sabíamos que nunca mais veríamos Mena novamente, e embora estivéssemos devastados, não tínhamos escolha a não ser voltar a atenção para os cuidados com Shauna e fazer de tudo para que ela ficasse curada. Quando eu a visitava na enfermaria do hospital, ela dizia para mim, assim que o relógio marcava 14h: “Muito bem, papai, agora você precisa ir para casa.” Ela me entregava uma lista de coisas para fazer — o que colocar na máquina de lavar, o que comprar nas lojas. Era uma ruivinha muito determinada e estava assumindo o papel de “mãe” de todos. Embora fosse a caçulinha, assumiu o controle de tudo logo de cara e tentou me colocar centrado. Esperava duas horas depois que eu saía do hospital e então me ligava pelo celular para perguntar onde eu estava. Se eu não estivesse em casa, ela me mandava ir para lá. Ela me manteve sob rédeas curtas durante todo aquele tempo. Nos dias e semanas logo depois do atentado eu achava muito difícil aguentar o fardo e acabava os dias em um bar ou em um pub, em vez de estar em casa com minha família. Shauna queria ter certeza de que eu não escaparia assim tão fácil.

Foi duro para ela, no dia do enterro, ter de voltar para a enfermaria e deixar a família para trás. Mas teve sorte de a terem liberado no dia, pois sei que não teria aguentado perder o funeral da mãe.

Depois do enterro, quando a multidão de enlutados foi embora e deixou nossa família sozinha, houve um estranho e inexplicável silêncio. Era como se não devêssemos conversar sobre o assunto. Simplesmente permanecemos sentados por ali, pela sala, sem dizer nada. Talvez achássemos que se não discutíssemos o assunto não precisaríamos aceitar a realidade de forma tão imediata, porque ainda tentávamos compreender o que acontecera. Nessa hora tudo ainda parecia irreal. Era como se a qualquer momento fôssemos acordar e perceber que tudo não passara de um pesadelo e Mena ainda estava lá. Ela entraria na sala, daria uma bela risada ao nos ver taciturnos daquele jeito e nos faria acreditar que tudo não havia passado de uma piada de mau gosto e nada de mal havia acontecido, afinal de contas.

Os três filhos mais velhos automaticamente voltaram a entrar no ritmo nos dias que se seguiram, e assumiram o controle de tudo. Trabalharam juntos e

mantiveram a casa funcionando para todos nós, com ajuda da minha mãe e da minha família.

Quando eu penso no dia da explosão da bomba eu me lembro de que aquele sábado tinha sido um dos dias mais bonitos do ano, e de como todos nós, poucos minutos antes da tragédia, estávamos com excelente estado de espírito. As pessoas caminhavam pela rua com sorrisos nos lábios. O sol brilhava, e tudo estava perfeito, até dez minutos depois das três da tarde.

Quando a explosão aconteceu, foi como se o tempo tivesse parado. Tudo ficou, de repente, como um filme com a imagem congelada. E em um único segundo, sem a mínima sensibilidade dos responsáveis, as vidas de tantas pessoas foram destruídas para sempre.

LÁGRIMAS PRECIOSAS

P OEMA DE G ERRY S KELTON

*Em muitos cemitérios pequenos e silenciosos
Em meio aos campos verdes de Tyrone
Dormem as pessoas amadas, agora vítimas
Que deixaram lares despedaçados
Enviados ao encontro de uma morte brutal em Omagh
Por uma voz do inferno que selou sua sentença pelo telefone.
Mãe e filhas, pais e filhos,
Irmãos e irmãs, bebês recém-nascidos
Pessoas que trabalhavam em lojas da região
Amigos felizes, rindo, passando um dia alegre na cidade.
Agora um homem com coração despedaçado e dois filhos
Irá chorar a esposa e mãe de mais dois bebês ainda no útero.
Para todos, aquele foi um dia que começou luminoso;
Alegre e cheio de risos sob o sol morno
Todos se achavam em paz, sem nada a temer,
Escolhendo roupas e sapatos para o novo ano escolar.
Os balconistas de Omagh atendiam a todos, com gentileza...
Criancinhas da Espanha e seus amigos de Donegal.
O telefonema de alerta foi preciso, em tom alto e claro.
Todos trabalharam duro para evacuar as ruas
Perto do tribunal, na parte alta da cidade.
Mas o timer da bomba já estava em contagem regressiva.
E ela explodiu muito longe da colina;
Explodiu na Market Street, lotada de pessoas, e vinte e nove morreram.
Uma escura nuvem de fumaça flutua agora sobre a cidade
Mas não esconde a carnificina do chão manchado de sangue
Gritando, enlouquecidos, muitos mentalmente fora de si,
Buscam entre os escombros os entes queridos.
Onde está a paz nessa terra torturada
Para a criança que aperta com força a mão da mãe que morre?*

*Os vinte e sete caixões levados acima dos ombros
Passam diante de parentes perplexos que lentamente acenam seu adeus,
E depois vêm mais dois caixões brancos, minúsculos, de bebês queridos.
Até mesmo Deus, no Céu, deve ter vertido uma lágrima.
Será que bebês inocentes têm de morrer por que
Corações cruéis ainda perseguem uma causa esquecida pelo próprio Deus?
Nas igrejas e capelas preces foram ditas
Pedindo força para os vivos e paz para os mortos
Os repórteres se foram, depois de usarem bem seus talentos.
Trataram as vítimas com compaixão e não abusaram de sua confiança
E o amor de uma mãe adorada seus jovens filhos perderam;
Um preço terrível para um novo par de sapatos.
Ao lado de uma janela pequena voltada para o monte
Uma poltrona favorita permanece vazia, as agulhas de tricô imóveis.
Agora muitas crianças tristes enfrentarão dias longos e vazios
Dias que uma mãe encheu de momentos amorosos, no passado.
Agora, em noites solitárias e escuras eles chorarão baixinho
Pelo amor precioso que nenhum deles conseguiu manter*

21 de agosto de 1998.

Capítulo 2

Como conheci Mena

Nos tempos da chamada “flor da idade”, quando eu era jovem, livre e solteiro, adorava um jogo de cartas chamado “vinte e cinco”, que jogava todas as quartas-feiras à noite na casa de Paddy Mimmagh, com quem eu tinha uma boa amizade. Éramos oito amigos que se juntavam todas as semanas, e a curtição era grande. Estávamos nos anos 1970.

Nessa época, Paddy estava saindo com uma garota que eu ainda não conhecia, chamada Theresa Logue. Em determinada noite ele chegou com Theresa, a mulher com quem acabou se casando, e junto deles veio uma linda jovem, com longos cabelos cacheados. Eu nunca a tinha visto antes, mas lembro de tê-la admirado a noite toda, porque aquela menina era incrivelmente bonita. Reparei no quanto ela era vistosa e percebi sua presença marcante. Nada de roupas espalhafatosas ou maquiagem exagerada; sua beleza era natural. Fiquei sentado a noite inteira, jogando, e não lhe dirigi a palavra uma única vez. Não tive autoconfiança para falar nada com ela, e certamente não saberia sobre o que conversar, pois era a primeira vez que a via. Seu nome era Mena, um apelido carinhoso para Philomena.

Pensei nela a noite toda, sem parar. Dois dias depois, na noite de sexta-feira, fui ao baile local que funcionava no Centro Social Drumquin. Para meu

espanto, lá estava ela. Eu me lembro até da banda que ia se apresentar: Big Tom and the Mainliners, um grupo muito popular naquele tempo. Todo lugar em que eles tocavam ficava sempre lotado. Os jovens frequentavam as noitadas e os bailes dos vilarejos porque as cidades maiores, como Omagh, tinham policiamento ostensivo e muitas barreiras nas ruas e estradas principais, devido aos conflitos políticos e religiosos que assolavam a Irlanda do Norte. Quem queria beber, dançar e se divertir um pouco sem se meter em confusões saía de Omagh. Muita gente, antes de ir para o baile, passava em um dos pubs da região, porque não eram permitidas bebidas alcoólicas no salão do clube. Depois da noitada, todo mundo visitava o pub mais uma vez antes de voltar para casa. Era como se Drumquin funcionasse vinte e quatro horas por dia. O vilarejo ficava a 15 quilômetros de Omagh, e quem ia ao baile local sabia que teria uma noite com diversão segura e garantida. As mulheres ficavam enfileiradas junto a uma das paredes do salão e os homens ficavam do outro lado. Naquela sexta-feira devia haver entre 1.300 e 1.400 pessoas no clube.

Mesmo assim eu avistei Mena assim que ela chegou.

Disse a mim mesmo que, de um jeito ou de outro, eu me aproximaria dela naquela noite e a convidaria para dançar. Se eu não fizesse isso alguém certamente faria e aí seria tarde demais. Apesar da minha determinação, atravessei o salão nada menos que seis vezes a fim de convidá-la para dançar, mas a cada uma dessas vezes a coragem acabava quando eu chegava a poucos metros, e eu voltava para o meu canto. Fiquei revoltado comigo mesmo por ser tão idiota. Não acreditava na minha falta de coragem para ir até lá falar com ela.

Mais uma vez ela não saiu da minha cabeça a semana inteira. Eu continuava revoltado por não ter pelo menos convidado aquela linda jovem para ir à pista de dança. Na sexta-feira seguinte, voltei ao clube na esperança de reencontrá-la. Achava estranho o fato de nunca tê-la visto por ali, pois já frequentava o baile do clube havia vários anos. Mesmo assim tinha decidido: não importava o que acontecesse naquela noite, iria convidá-la para dançar caso ela aparecesse.

No entanto, a mesma coisa tornou a acontecer: atravessei a pista, caminhei na direção dela diversas vezes a noite toda, mas não consegui reunir coragem para abrir a boca. Voltei para casa me sentindo, mais uma vez, um completo

idiota, arrependido por não ter tido peito para, pelo menos, lhe dizer um “oi”. Aquilo não era do meu feitio. Normalmente quando eu me interessava por uma menina eu não hesitava em convidá-la para dançar. Mas havia algo diferente com aquela garota.

Na semana que se seguiu, a terceira sexta-feira desde que havia visto Mena pela primeira vez, saí de casa com um grande amigo meu, Dessie Fanthorpe. Fomos ao bar Pet Roe's, em Drumquin, para tomar um ou dois refrigerantes antes de irmos para o baile. Naquela época eu não bebia álcool, mas Dessie, sem eu perceber, despejou um pouco de vodca na minha Coca-Cola e eu bebi na empolgação, sem notar. O fato é que quando chegamos ao clube eu me senti ótimo. Ganhei tanta autoconfiança com aquela calibrada que me senti capaz de conquistar o mundo. Assim que entrei, notei que ela já estava no salão, maravilhosa como sempre. Com a coragem turbinada pela vodca, atravessei a pista sem um mínimo de preocupação e a convidei para dançar sem rodeios. E ela aceitou.

Era outubro de 1973. Mena tinha 14 anos, e eu, 19. Ela era tão menina! Tem gente que certamente acharia uma menina de 14 anos muito novinha para um rapaz de 19, mas a verdade é que ela parecia mais velha, e eu, sinceramente, achei que ela tivesse 16 ou 17 anos. Quando ela me disse sua idade, depois de algum tempo de conversa, fiquei chocado. Ela não agia como uma menina de 14 anos, nem um pouco, e nenhum de nós pareceu achar estranha a diferença de idade. Resolvemos ignorar esse detalhe e levar o papo adiante. Estávamos nos entrosando muito bem, e era isso que interessava.

Passei a pegá-la depois da escola St. Mary, em Irvinestown, onde ela estudava. Circulávamos um pouco por ali, só nós dois. Nessa época eu trabalhava como operário na empreiteira McGinn and Sons, que construía casas na região. Ganhava um salário razoável e tinha um Hillman Hunter 1725 usado, com uma antena compridíssima conhecida como “maria mole”, muito comum na época. O certo seria abaixar e prender a antena cada vez que estacionávamos o carro ou dirigíamos pela rua, para evitar que ela batesse em alguma coisa, mas eu nunca me dei a esse trabalho. Dirigia em tanta velocidade que a antena batia em qualquer lugar baixo por onde eu passasse, e ela, obviamente, acabou quebrando. Mesmo assim eu conseguia pegar todas as estações de rádio numa boa.

Mena adorava nossos pequenos passeios pelas estradinhas do interior porque ficávamos longe de tudo e de todos. Às vezes fazíamos passeios mais longos de carro e parávamos para ficar escutando rádio. Eu contava como tinha sido o meu dia, e ela tagarelava sobre tudo o que acontecera na escola. Eram sempre conversas simples e inocentes. Eu também a via todas as sextas à noite, no baile. Não nos encontrávamos em outros lugares porque ela era jovem demais e não podia contar aos pais que estávamos namorando. Tínhamos de aproveitar todas as oportunidades que apareciam, mesmo que fossem pequenas, e uma delas era o nosso curto passeio depois das aulas, antes de ela mergulhar nos deveres de casa.

Os pais dela ficaram muito tempo sem saber do nosso namoro. Todos os domingos, Paddy e Mary, pais de Mena, iam ao bingo que acontecia no salão do clube. Eu sabia o horário exato em que eles saíam de casa todos os domingos. Sua mãe tinha um carrinho antigo, um Mini. Ela nunca engatava a terceira e dirigia a 30 por hora. Era o tipo de motorista péssimo para ter à sua frente, mas o lado bom é que eles precisavam sair cedo de casa se quisessem chegar ao bingo antes de o jogo começar.

Assim que eles saíam porta afora, eu chegava para ver Mena. Nós nos sentávamos juntos no sofá, assistíamos à televisão e relaxávamos um pouco, conversando sobre tudo e sobre nada. É claro que eu sabia a que horas os pais dela voltavam, e sempre estava muito longe dali quando isso acontecia. A irmã e os dois irmãos mais novos de Mena sempre ficavam em casa, em nossa companhia, mas nunca contaram nada aos pais sobre a minha presença. Mena pediu que eles ficassem na deles, e foi exatamente o que eles fizeram.

Eu soube que nutria sentimentos fortes por aquela garota tão jovem desde o início. Nós nos dávamos muito bem. Mena era a irmã mais nova de Theresa, namorada de Paddy Mimmagh. Ela tinha ido ao jogo de cartas na casa de Paddy por acaso, naquela primeira quarta-feira, para fazer companhia à irmã.

Era ótimo Theresa namorar Paddy, porque assim eles e nós podíamos sair juntos para os bailes. Theresa e Mena se davam muito bem uma com a outra. Sempre que Theresa e Paddy iam ao baile em Pettigo, uma cidade próxima, Mena recebia permissão dos pais para ir com eles. Os pais delas nunca desconfiaram de nada errado, pois sempre viam a filha sair com Theresa e voltar com ela mais tarde, na mesma noite. Esse esquema era fantástico, além

de ser um jeito prático de fazer com que continuássemos a nos encontrar sem levantar suspeitas.

Levou mais algum tempo até eu finalmente conhecer formalmente a família de Mena, mas depois que eu fui aceito pela família passei a me dar muito bem com o pai dela. Com o tempo, ele passou a ser uma espécie de segundo pai para mim. Eles moravam em um bairro chamado Kesh, conhecido por ser uma área leal ao Reino Unido nos conflitos entre o país da Rainha e a Irlanda. Até mesmo as calçadas do bairro eram pintadas em vermelho, branco e azul, e havia bandeiras britânicas por toda parte. Algumas vezes eu levava o pai de Mena a um bar em Pettigo, a poucos quilômetros da casa deles, para tomar alguns tragos de rum escuro. A mãe de Mena não ficava muito feliz quando eu levava o pai de minha namorada para beber, mas eu não me importava, porque curtia muito a companhia dele. Era um verdadeiro cavalheiro, gostava das coisas corretas. Para ele, tudo devia ser preto no branco, como se dizia na época. Era muito calmo e todos os que o conheciam falavam muito bem dele. Nenhum dos namorados das outras filhas jamais levou o velho Paddy para tomar um drinque, porque morriam de medo de Mary, mas ela não me assustava.

Eram nove os filhos na família de Mena, mas Ann, uma das meninas, morreu quando ainda era bebê e só sobraram oito. Eles eram muito unidos. Paddy adorava sair e tomar umas cervejas de vez em quando, para dar um tempo da casa e dos filhos. Era um homem sincero, nunca vou esquecê-lo. Faleceu antes da morte de Mena, e eu fiquei feliz por ele não estar mais entre nós na época do atentado, pois ele não conseguiria lidar com a tragédia. A mãe de Mena ficou completamente arrasada.

Eles já haviam perdido outra filha, Kitty, que era a mais velha e morreu muito jovem, de câncer. Se já é muito difícil para qualquer pai ou mãe perder uma filha imagine três, sendo que duas já adultas. Kitty era casada com um homem chamado Charlie McHugh, um dos primeiros pacientes do mundo a receber um transplante do coração, no Hospital Papworth, em Londres. Infelizmente ele resistiu pouco tempo à cirurgia. Logo depois da sua morte, quando todos achavam que as coisas não podiam piorar, Kitty apareceu com câncer e também morreu. Foi um período terrível para toda a família.

Mena era uma jovem adorável, muito sossegada. Apesar de nos darmos muito bem, a verdade é que nós dois éramos tão diferentes quanto água e vinho.

Dizem que os opostos se atraem, e não há dúvida de que éramos o oposto total um do outro. As coisas nas quais eu me interessava não a empolgavam. Eu adorava jogos de dardos e futebol, e ela não apreciava nenhum dos dois. Não curtia ir ao pub nem quando eu participava de algum torneio de dardos. Mas eu me lembro de uma noite em que consegui convencê-la a me acompanhar. Nunca esquecerei aquela noite.

Eu ia jogar dardos no pub The Crescent Inn, em Castleberg, e a convenci a se vestir e me acompanhar, mesmo sabendo que ela não conhecia ninguém de lá. Mena se sentou perto de mim, ao lado de outra mulher cujo marido também estava no torneio de dardos. Então veio uma garota, filha da outra mulher, e se sentou entre a mãe e Mena depois de chegar caminhando em zigue-zague. Todo mundo sabia que ela estava completamente bêbada, pra lá de Marrakech, como se dizia na época. Zanzava desnorteada pelo pub, e a mãe insistia para que ela se sentasse e ficasse quieta. Só que ela estava tão alcoolizada que fez xixi nas calças. Urinou ali mesmo, no banco. A urina escorreu pelo revestimento de couro e molhou a parte de baixo da roupa de Mena, que estava ao seu lado.

A cara de Mena foi impagável. Ela se levantou de repente, sentindo algo molhado e morno por baixo dela, e só então percebeu que estava ensopada em urina. Sua saia quase pingava e, mesmo de longe, dava para sentir o cheiro fétido que exalava dela. Mena ficou desesperada e quis ir embora na mesma hora. Saiu do lugar quase em lágrimas e nunca mais colocou os pés naquele pub. Para ser franco, ela nunca mais foi a torneio de dardos depois dessa vez. Eu achei tudo muito divertido, mas Mena ficou envergonhada, preocupadíssima de alguém achar que tinha sido ela quem fez xixi nas calças e depois ficara circulando pelo pub com a saia molhada. Acabamos indo para casa mais cedo por causa disso. A verdade é que ela considerava pubs e torneios de dardos um ambiente muito rude, e alguns deles eram uma tremenda baixaria, sem dúvida. Mesmo assim eu sempre curti essas noitadas. Só que elas nunca foram, definitivamente, a praia de Mena.

Já saíamos juntos havia quase cinco anos quando nos tornamos marido e mulher. Eu planejava desde o princípio pedi-la em casamento. Na verdade, no primeiro dia em que eu lhe propus casamento, em uma noite em que estávamos no carro, ela disse “sim” na mesma hora. Eu não era o tipo de cara que leva rosas nem se curva e se coloca no chão apoiado em um joelho só na hora do pedido, mas ela já sabia disso. Eu não era um sujeito nem um pouco romântico aos vinte e poucos anos, mas tudo acabou dando certo no condado de Donegal, onde morávamos.

Aidan, meu irmão, jogava no time da Tyrone Vocational Schools, filiado à Associação Gaélica de Atletismo (GAA), e nós todos, inclusive Mena, fomos até Dublin para assistir à final do campeonato irlandês, onde o time do Dublin iria enfrentar o Kerry. Dormimos dentro do carro na noite de sábado para domingo, porque não conseguimos lugar onde ficar. Havia outro clássico no mesmo dia, e todos os hotéis da cidade estavam lotados. Fomos ao jogo no domingo, e depois do apito final Mena e eu seguimos para Mullingar, onde passamos a noite em uma pousada. Estávamos tão exaustos quando chegamos à pousada que dormimos como bebês assim que pusemos a cabeça no travesseiro. Tínhamos planejado tirar alguns dias de folga só nós dois e, no dia seguinte, fomos para Salthill, em Galway, onde ficamos por mais dois dias. Estávamos nos divertindo em grande escala e terminamos as curtas férias com uma noite em Bundoran, balneário de Donegal.

Reparei que ela estava se divertindo. Em Budoran, nós conversamos muito sobre o que ela planejava para o grande dia em que anunciaríamos o noivado, e quem poderíamos convidar para a ocasião. Mena ficou muito empolgada. Depois fomos ao centro da cidade para procurar alianças e ela escolheu a sua em uma loja chamada Gilhooleys, no shopping local. Eu não falava em outra coisa havia algum tempo. Queria me casar com ela, ter filhos, e nós tínhamos certeza de que ficaríamos juntos pelo resto da nossa vida. Sendo assim, assumir o noivado era um passo natural.

Curtimos muito a ideia de juntarmos os trapinhos de papel passado, oficialmente. Mena torcia para chegarmos logo em casa, pois queria contar a novidade à sua família e exibir o anel de noivado. Estava empolgadíssima, mas um pouco receosa sobre como eles iriam reagir à notícia. Ela ainda era muito jovem, tinha só 17 anos. Reconheço que eu era mais velho, e nossa diferença de

idade era razoavelmente grande, mas estávamos apaixonados e era isso que queríamos fazer.

Como eu imaginei, o pai dela adorou a notícia e seus irmãos e irmãs também curtiram a novidade, mas percebi que sua mãe não gostou nem um pouco daquela história. Ela nunca me disse isso diretamente, mas nem precisou, porque estava literalmente estampado em sua cara. Talvez ela achasse que Mena fosse jovem demais para casar, não sei ao certo. Mas sua mãe sabia que amávamos um ao outro e percebeu que Mena estava muito feliz, então não se opôs.

Mena estava agitada, louca pelo grande evento, e quis logo dar início aos preparativos e organizar tudo para o casamento. Em poucos meses já andava escolhendo vestidos, montando listas de convidados, decidindo o que serviríamos na festa, que banda contrataríamos para tocar e o quanto tudo isso custaria. Suas irmãs a ajudaram em tudo, deram ideias e participaram ativamente de todo o processo. Marcamos a data para 31 de agosto de 1978 e nos casamos na igreja de São José em Ederney, condado de Fermanagh. Esse foi também o dia em que Mena completou 20 anos. Somando tudo, levamos quase dois anos para planejar o evento, mas valeu cada minuto. Convidamos cerca de oitenta pessoas e oferecemos uma pequena recepção no Hotel The Silver Birch, em Omagh.

Mena estava absolutamente deslumbrante nesse dia. Eu me lembro de vê-la chegando pela nave central da igreja e me sentindo o homem mais feliz de toda a Irlanda. Tinha certeza de que seríamos felizes para o resto da vida, pois estávamos loucamente apaixonados.

Caroline, irmã de Mena, foi dama de honra, e Gerard, meu irmão, foi nosso padrinho. Que dia fantástico, um dos melhores de toda a minha vida! Planejamos escapar sorrateiramente no fim da festa e deixamos o carro em um lugar que só Gerard conhecia. Sabíamos que se o veículo estivesse à vista dos convidados nós acabaríamos com montes de latas amarrados nos para-choques traseiros e letras escritas com batom, no para-brisas, informando a todos que éramos “recém-casados”, e foi exatamente por isso que só Gerard sabia onde era o lugar secreto.

Pegamos o carro no fim da festa e seguimos para Monaghan, onde passamos a primeira noite no estiloso Hotel Four Seasons, que ficava na

entrada da cidade. Estávamos com um astral elevadíssimo, loucos para dar início à nossa vida de casados. Lembro agora que tínhamos um quarto cheio de presentes de casamento, e teríamos arrecadado uma fortuna se tivéssemos leiloado o lote todo. Ganhamos os presentes comuns no fim dos anos 1970: chaleiras elétricas, ferros de passar, faqueiros, aparelhos de jantar, cobertores, lençóis e quatro aparelhos de rádio relógio com despertador, um típico sonho de consumo da época. Quem ganhava um desses aparelhinhos já era felizardo, imagine ganhar quatro!

Quando eu olho para trás e percebo o quanto as cerimônias de casamento mudaram ao longo dos anos acabo sempre balançando a cabeça e rindo, porque hoje em dia as pessoas são obrigadas a dar presentes de, no mínimo, 150 euros, senão todo mundo mete o malho. Ninguém mais dá uma chaleira barata nem um ferro de passar como presente de casamento, a não ser que a peça tenha um design exclusivo, edição limitada ou seja multitarefa, por exemplo: algo que prepare o desjejum e pendure as roupas na corda automaticamente. No entanto, naquele tempo nós nos sentíamos gratos por qualquer presentinho. Isso mostra o quanto as coisas eram mais difíceis do que hoje em dia.

Passamos nossa lua de mel na Escócia. Planejávamos viajar pelo país todo, porque sempre ouvi falar muito bem do lugar e estava louco para saber se tudo o que diziam sobre aquela terra era verdade. Além disso, tínhamos um casal de amigos que moravam lá: Pat e Mary Mulkerins. Mary tinha sido minha vizinha em Ederney, no condado de Fermanagh, e avisamos que iríamos visitá-los no mesmo dia em que chegamos. Eu conhecia Pat da casa de Paddy Mimmagh, desde o tempo em que jogávamos cartas, e Mena também já conhecia Mary. Pat me pediu para telefonar para ele se um dia eu resolvesse conhecer a Escócia, e foi o que eu fiz, embora já tivesse decidido que não iríamos ficar toda a lua de mel na casa deles.

Conseguimos dar uma escapada e passamos um dia inteiro em Edimburgo. Adoramos o lugar, mas estávamos nos divertindo tanto em Paisley, que acabamos ficando lá a maior parte das duas semanas de lua de mel. Aquelas foram as melhores férias das nossas vidas. Eu acabei participando de um jogo de futebol entre os Rangers/Celtics e o time da polícia de Glasgow, imaginem só! Eles me zoaram muito e vários policiais locais me chamaram de “canalha

irlandês”, mas era tudo brincadeira e nos divertimos muito. Enquanto o jogo rolava, Mena foi fazer compras para torrar o resto do dinheiro da viagem.

Quando voltamos para casa, empilhamos todos os presentes de casamento na casa dos meus pais e fomos morar em um trailer que instalamos em um terreno que meu pai havia comprado não muito longe de Drumquin, a uns dois quilômetros e meio da estrada para Baronscourt. Meus pais haviam decidido construir um prédio com alguns apartamentos independentes no terreno, e planejavam morar em um deles. Ali seria o lar principal da família, em um lugar chamado McCrea Park. Em vez de nos mudarmos para a antiga casa deles antes de eles mudarem de lá, resolvemos morar no trailer durante a obra do prédio.

Essa casa pertencia à prefeitura e era alugada a operários, mas já havíamos solicitado às autoridades uma carta de prioridade para adquiri-la desde que meus pais haviam se mudado para lá. Pretendíamos comprá-la para nós assim que tivéssemos chance, e foi exatamente o que fizemos alguns anos depois. Curtimos muito nossos primeiros meses de casados morando assim. Tínhamos de improvisar um banheiro do lado de fora do trailer, no mato; usávamos um balde durante as madrugadas e passávamos as noites agarradinhos, bem aconchegados. Quando o tempo esfriou de verdade, o frio que condensava no teto do trailer pingava, de vez em quando, sobre nossas cabeças. Embora não pareça grande coisa, isso nos serviu de grande experiência de vida, e nos fez sentir muita gratidão pelo que conseguimos mais tarde.

As novas gerações não fazem ideia de como a vida era difícil muitos anos atrás, quando o dinheiro era curto de verdade. Eles riem quando contamos o malabarismo que fazíamos com os salários e o quanto apertávamos o cinto para esticar o dinheiro até o fim do mês. O fato é que Mena e eu curtimos muito o tempo que passamos naquele trailer apertado, e isso nos fez dar mais valor ao espaço que conseguimos quando, finalmente, nos mudamos para a nossa casa.

Quando nos casamos, Mena trabalhava para uma companhia chamada Desmond's, em Irvinestown. Eu costumava levá-la para o trabalho de carro todas as manhãs, de Drumquin até Irvinestown, a muitos quilômetros de distância. Depois de deixá-la, eu ainda tinha de dirigir até Castlefin, onde ficava o meu trabalho. Precisávamos levantar muito cedo todos os dias e, depois de algum tempo nesse ritmo, percebemos que teríamos de mudar o esquema.

Mena se inscreveu para seleção no T & F, que era como nós chamávamos o Hospital Municipal de Tyrone e Fermanagh. Acabou conseguindo um emprego de servente e adorava o trabalho. Esse estabelecimento era um hospital psiquiátrico, e ela fez grandes amizades por lá, tanto com os funcionários como com os pacientes. Algum tempo depois, conseguiu um emprego como operária da fábrica da Desmond's, em Omagh, local que era muito mais cômodo, pois ficava praticamente ao lado de nossa casa. Diante disso, ela se demitiu do emprego de servente e foi trabalhar na fábrica, onde fazia roupas que seriam depois vendidas em várias lojas famosas, como a Marks & Spencer e a Rede Dunnes.

Esse era um excelente emprego para Mena. Minha mãe sempre dizia que quando Mena engravidasse e tivéssemos nosso primeiro filho, ela tomaria conta do bebê para nós, pois isso permitiria que Mena continuasse a trabalhar na fábrica, a fim de trazer mais algumas libras para casa. Verdade seja dita, minha mãe foi fantástica quando Paula, nossa primogênita, nasceu. Mena voltou a trabalhar logo e, embora obviamente sentisse falta do contato com a filhinha, lidou bem com a situação. Só que quando Ray nasceu, pouco depois, percebemos que ia ser muito difícil para minha mãe cuidar de dois bebês. Mena ainda estava de licença-maternidade, e um dia, depois de conversarmos sobre as opções que tínhamos, minha mãe garantiu que gostaria de tentar para ver se conseguia dar conta dos dois. Mas quando Mena se preparava para voltar à fábrica, engravidou de Tracey. Ray e Tracey têm só dez meses de diferença um do outro, de modo que trabalhar fora se tornou simplesmente impossível para Mena.

Então, quando menos esperávamos, Shauna chegou em nossas vidas, e as coisas ficaram ainda mais apertadas em termos financeiros. Mesmo assim, reconhecemos que não havia condição de Mena deixar as crianças com uma empregada, nem com a minha mãe, pois isso não daria certo. Então ela tomou a decisão de ficar em casa e cuidar de todos. É claro que era um sufoco, e ela não tinha um momento de sossego para dar conta de todo o trabalho de uma casa com quatro filhos.

Estávamos morando em McCrea Park quando nosso segundo filho, Ray, veio ao mundo. Ele nasceu em 8 de dezembro de 1981. No dia em que Mena entrou em trabalho de parto, fui direto à casa de minha mãe com Mena e

Paula, para deixar nossa filhinha com ela. Meus pais sempre nos deram muita força ao longo dos anos, e a casa deles vivia aberta para toda a família, inverno ou verão. Não sei o que faria da minha vida sem eles. Nessa época eles sempre ficavam com Paula enquanto esperávamos pelo bebê número dois. Acabamos levando todas as nossas coisas para a casa deles e ficamos morando sob o mesmo teto.

Naquele tempo não permitiam que os pais ficassem no quarto para assistir ao parto dos filhos. Quando a mãe dava entrada na maternidade, o pai sumia e só ligava no dia seguinte para saber se tinha nascido um menino ou uma menina. A sala de parto era considerada um santuário exclusivo para a mãe, as parteiras, as enfermeiras etc. Era inimaginável um homem ali, e ele certamente seria enxotado do local a vassouradas caso tentasse ficar. Esse era o tempo da boa e velha Irlanda fortemente católica, e um homem devia saber onde era o seu lugar. Foi por isso que eu nunca tive a oportunidade de ver nenhum dos meus filhos com Mena vir ao mundo, algo que lamento profundamente.

Tenho lembranças fortes de quando minha mãe sumia de vez em quando, no tempo em que eu era criança. Nós éramos mandados para a casa da minha avó, e meu pai tinha de esperar do lado de fora do quarto até o filho chegar. Quando voltávamos para casa, havia um novo bebê instalado. Os adultos nos diziam que uma cegonha tinha trazido a criança, e é claro que nós acreditávamos. Os homens não sabem o que suas mulheres têm de enfrentar para dar à luz uma criança, a não ser que estejam fisicamente ao lado delas na hora do parto e testemunhem pessoalmente o quanto o processo é difícil, doloroso e exaustivo. Acho que, muitos anos atrás, se os homens conhecessem o sofrimento pelo qual uma mulher passa na hora do parto não haveria dez ou doze filhos em cada família, como era tão comum.

Ray nasceu no Hospital Municipal de Tyrone, o mesmo lugar onde a nossa filha Paula veio ao mundo, e eu me lembro que aquele inverno foi um dos mais terríveis que eu conheci na vida. Um dia depois de ele nascer, fui em casa aprontar as coisas para a chegada de Mena e do novo bebê, mas, quando abri a porta da frente, vi que a casa estava inundada, com água descendo do andar de cima pelos degraus. Tudo no saguão, na sala de estar e na cozinha estava destruído. Eu não acreditei no que vi. Aquilo não poderia ter acontecido em momento mais desfavorável. Para piorar as coisas, eu não tinha seguro para

eventos daquele tipo. Fiz o melhor que pude para limpar tudo, mas os danos foram gigantescos.

O que aconteceu foi que um cano tinha estourado no andar de cima. A prefeitura decidiu que aquilo não era responsabilidade dela. Foram meus pais que nos emprestaram o dinheiro necessário para o conserto. Enquanto isso, Ray e Mena passaram as primeiras semanas da vida dele na casa de meus pais, junto com a pequena Paula. Toda mãe gosta de levar seu bebê para casa assim que ele nasce, para mostrar aos vizinhos e amigos o novo membro da família, mas não tivemos escolha e fomos obrigados a ficar longe do lar até o lugar estar novamente habitável, com tudo consertado. Ficamos na casa dos meus pais por duas semanas, mas tocamos a vida em frente, porque não havia nada que pudéssemos fazer para mudar as coisas.

Sempre tivemos outro problema com a casa: um cheiro estranho que piorava em certas épocas do ano. Nunca conseguimos descobrir de onde vinha aquele cheiro forte, nem desconfiamos da causa. Até que, em uma noite, quando já tínhamos cinco ou seis anos de casados, Mena foi ao andar de cima e viu que o nosso quarto estava cheio de fumaça. Falamos com o administrador do imóvel, que mandou alguns homens até lá para um teste com a chaminé, mas eles não acharam nada de errado. O problema continuou, tornamos a chamá-los e, dessa vez, descobrimos que a encrenca era maior do que poderíamos ter imaginado. Havia um único cano de exaustão de fumaça para as chaminés da nossa casa e da do vizinho. Tivemos sorte por nunca ter acontecido um incêndio ali, pois as duas famílias teriam sido carbonizadas. Nessa época, já tínhamos três filhos, Paula, Raymond e Tracey. Era arriscado demais manter todo mundo em casa enquanto a obra acontecia. As autoridades ordenaram que fôssemos evacuados da nossa própria casa, e tivemos de morar em um trailer no meio da rua por algum tempo. Lembrando tudo isso agora, passados tantos anos, até que foi divertido. Apesar de ficarmos amontoados e com pouco conforto, tocamos a vida em frente. A verdade é que sentimos uma imensa gratidão ao voltar para nossa casinha, algum tempo depois.

Entretanto também tivemos momentos muito bons. Aliás, eles foram em número muito maior que os maus. As crianças adoravam o bairro onde morávamos e tinham um monte de amigos. Era uma dessas comunidades muito unidas e solidárias, que é difícil de achar na Irlanda hoje em dia. Se

acabasse a manteiga ou o leite em casa, bastava pedir um pouco aos vizinhos do lado; e eles sabiam que se precisassem de alguma coisa poderiam contar conosco. Isso é uma das coisas que acabaram na sociedade de agora, tanto na Irlanda quanto na Irlanda do Norte, uma perda que considero imensa. Nos dias de hoje, você nem sabe o sobrenome do vizinho, muito menos em que ele trabalha. As pessoas estão preocupadas só consigo mesmas e com quanto dinheiro têm no banco. É realmente uma pena.

No meu tempo de criança, o dinheiro era muito curto, e quando Mena e eu começamos a criar os filhos, tínhamos pouquíssimos luxos, mas dávamos valor ao que a vida nos oferecia, e as crianças nunca exigiram nada. Meu maior arrependimento na vida, até hoje, foi não ter podido oferecer mais à minha mulher quando ela estava viva. Mena era uma verdadeira dama em todos os sentidos e merecia ter tido o melhor. Fez um grande trabalho cuidando da nossa família, e quando nos foi tirada, um buraco imenso se abriu em nossas almas.

O único momento de folga que Mena conseguia, em meio à correria de cuidar da casa, era quando havia uma partida importante de futebol, porque todos eram loucos pelo esporte. Quando eu apitava algum jogo levava todos comigo. Shauna sempre foi torcedora fanática do Tyrone, desde menina. Quando havia uma partida pelo campeonato galês entre o Fermanagh e o Tyrone, a tensão em casa aumentava muito. Mena sempre torceu pelo Fermanagh, e o resto da família torcia pelo Tyrone, o time do nosso condado. Talvez isso pareça tolice para quem não gosta ou não conhece o futebol galês, mas aquele esporte era a nossa vida. Em 2003, quando o time do Tyrone enfrentou o Fermanagh pelas quartas de final do campeonato irlandês e venceu de goleada, todos nós lamentamos Mena não estar viva para assistir à partida. Mesmo seu time perdendo, ela certamente iria torcer, gritar, xingar e se divertir muito. Para ser franco, Mena não era tão fanática assim por futebol, mas adorava zoar Shauna, que era torcedora doente do Tyrone e adorava um bom jogo.

Em certas regiões da Irlanda e da Irlanda do Norte, o futebol é a grande paixão da vida das pessoas, e nós éramos uma daquelas famílias que planejavam tudo em função da tabela do campeonato, especialmente nos jogos do Tyrone. A adrenalina lançada no sangue dos torcedores em um jogo importante sempre

provoca uma sensação muito boa, inigualável. Não existe nada melhor do que assistir a um jogo do futebol do seu time, por causa da atmosfera e da energia no meio da torcida. Sempre nos lembramos de Mena quando vamos a um jogo importante.

No entanto, o que Mena mais curtia na vida não era futebol, e sim ficar sentada em casa, no seu canto, tricotando. Era uma fantástica tricoteira no estilo Aran, as ilhas a oeste da Irlanda que deram origem a essa técnica inigualável de tricô. Seu talento era fantástico. A mãe de Mena também fazia tricô Aran, que é sempre muito elaborado e belo, mas não chegava nem aos pés do tricô da filha. Mena tricotava para a Magees, uma loja muito conhecida em Donegal, ao norte, aonde todos iam quando queriam um bom suéter Aran. Essa arte é muito popular entre os turistas também, e deve haver gente até hoje nos Estados Unidos e no Canadá usando suéteres tricotados por Mena.

Minha mulher se foi, mas certamente ainda existem muitas peças por aí que foram tricotadas por suas mãos maravilhosas.

Para Mena, tricô não era trabalho, era lazer. Ela relaxava com um par de agulhas de tricô. Ficava sentada no canto dela tricotando sem parar e lendo um romance de Catherine Cookson ao mesmo tempo. Curtia cada momento. Tínhamos um quartinho logo depois da cozinha, nos fundos da casa, que tinha lã estocada do chão ao teto. Mena comprava lã sempre que saía, em todas as cores possíveis e imagináveis. Tinha pedidos o ano inteiro e tricotava sem parar de agosto a dezembro para atender aos pedidos de uma única freguesa que encomendava, todos os verões, agasalhos e peças diversas para dar aos netos no Natal. Todos conheciam as habilidades fantásticas de Mena com o tricô. Sabiam que ela tricotava roupas de qualidade que duravam muitos anos. Mena tinha muito orgulho do seu trabalho. Eu era sempre convidado a jantares, bailes e festas de pessoas ligadas a futebol, e muitas vezes era chamado para ir a jantares em torneios de dardos, mas ela nunca se interessava por esses programas. Mandava que eu fosse e ficava em casa com as crianças, tricotando, numa boa. A família era a sua vida, e o tricô a mantinha ocupada. Sempre foi assim desde o dia em que nos casamos.

Ela mostrou que curtia essa vida caseira desde que tínhamos poucos anos de casados. Sempre cuidou de nossos filhos, depois começou a tomar conta dos filhos do meu irmão, e mais tarde das crianças dos vizinhos. Cuidar de

crianças, não importa se eram seus filhos ou filhos de outras pessoas, nunca foi um fardo para Mena. Ela encarava tudo numa boa. Foi uma sorte ela ser uma pessoa tão zen, porque eu quase nunca estava em casa para dar uma força a ela durante o dia, e certamente aquela criançada dava um trabalhão.

Quando nossos filhos eram bebês, eu ficava muito tempo fora trabalhando como árbitro de futebol em alguma cidade próxima, ou participando de torneios de dardos. Mena basicamente cuidava da casa sozinha. Analisando minha vida em retrospecto, essa é uma das coisas que eu gostaria que tivessem sido diferentes, porque eu perdi muitos momentos interessantes quando as crianças estavam crescendo. A verdade, porém, é que naquela época a maioria dos homens trabalhava dia e noite para trazer um pouco mais de grana para casa. E quase todos iam direto para o pub depois do trabalho para relaxar um pouco.

Confesso que parei de jogar dardos alguns anos depois que me casei porque andava bebendo demais durante as partidas. Passei a atuar como árbitro, mas isso me fazia trabalhar o dia inteiro na fábrica e depois passar as noites envolvido com partidas de futebol, ou participando de reuniões e eventos relacionados a isso. O esporte era a minha vida, eu adorava atuar, apitar jogos, gostava muito de exercer atividades ao ar livre. Mena nunca reclamou de eu estar fora o tempo todo. Aceitava que as coisas eram assim mesmo e levava a vida em frente. Talvez reclamasse secretamente, para si mesma, mas nunca me pediu para não ficar tanto tempo fora de casa, em todos os nossos anos de casados.

Era uma mãe maravilhosa, um pouco rígida, mas muito amorosa. Quando as meninas queriam ir a uma boate nas noites de sábado e Mena não deixava, elas vinham correndo pedir ao papai, sabendo que provavelmente eu cederia e diria sim. Elas sempre me manipulavam com seus dedinhos carinhosos e sabiam me levar na lábia, mas justiça seja feita: Mena não dava mole e defendia sua posição.

Com o aumento da família e novos filhos chegando, a nossa situação financeira ficou complicada, e férias eram uma coisa rara. Fomos duas vezes a um camping de trailers em Ballintragh, no condado Mayo, e fizemos algumas viagens por Donegal, mas não passou disso. Até que em 1995 eu saí da fábrica da Nestlé, onde já trabalhava havia mais de vinte anos. Em metade desse

tempo eu tinha sido operário de máquinas pesadas e na outra metade trabalhei na linha de produção de leite em pó. O dia em que eu perdi meu emprego na Nestlé foi muito triste, pois eu guardava boas lembranças de lá e fiz grandes amizades no emprego. Mas fomos em frente.

Gastamos a pouca grana que consegui de indenização trabalhista pela dispensa do emprego em férias de família em Lanzarote, nas Ilhas Canárias. Foram nossas primeiras férias de verdade no exterior, e nos divertimos muito. Tivemos dias fantásticos e surpreendentes, porque as crianças nunca tinham tido a experiência de vivenciar um verão quente em um lugar com piscina e praia em frente. Curtiram como nunca!

Dois anos depois, em 1997, a Cooperativa Construtora Halifax, com quem havíamos feito a hipoteca da nossa casa, deixou de ser uma construtora e virou um banco. Nós embolsamos 160 ações da empresa, negociáveis no mercado aberto. Como o preço das ações havia subido como um foguete, todo mundo correu para abocanhar o seu. Vendemos nossa parte e programamos férias em Fuerteventura, também nas Canárias. Foram férias fabulosas. Todos curtiram demais aqueles dias de sol. Na volta, seguimos com nossa vida normal e tudo ia bem.

Nem desconfiávamos que em pouco tempo aquela vida idílica iria desmoronar à nossa volta.

Voltamos a Lanzarote depois que Mena morreu. Tracey me levou lá quando eu fiz 50 anos. Fomos só eu, Tracey e Mark, marido dela. Foi difícil revisitar alguns dos lugares onde tínhamos estado em família, mas a viagem foi boa, e continuamos vivendo do melhor jeito que conseguíamos. É como todo mundo diz: às vezes a vida é dolorosa demais para as pessoas afetadas por uma tragédia, mas temos de continuar. Por mais duro que isso pareça, é assim que as coisas são.

Capítulo 3

O período logo após o atentado

Os dias e semanas que se seguiram ao ataque foram terríveis para todos nós. Mesmo as pessoas que não haviam sido afetadas diretamente pela bomba andavam pelas ruas com um olhar de desespero claramente estampado no rosto. Para os que foram atingidos, como nós, a vida parecia sem sentido. Era como se não houvesse motivos para continuar vivendo. Muitos de nós, na cidade, havíamos perdido entes queridos. Os funerais continuavam, dia após dia, e muita gente vinha sempre nos procurar em casa. Era uma situação difícil de enfrentar.

Omagh parecia uma cidade fantasma, como se uma nuvem de melancolia extrema pairasse sobre todos. Todo santo dia nós dávamos de cara com histórias arrepiantes sobre o ataque, nos jornais e na TV, acompanhadas de especulações sobre a autoria do atentado. Assistíamos a entrevistas com famílias que passavam pelo mesmo drama que nós, todas tentando lidar e suportar a provação que lhes fora imposta. Era difícil enfrentar essa situação em família, mas ver isso estampado em toda parte, todos os dias, por todos os meios de comunicação, tornava as coisas ainda piores.

Shauna ficou internada no hospital por duas semanas depois do enterro de Mena. Vou ser franco: se minha filha não estivesse lá, viva e lutando para

superar tudo, eu provavelmente estaria morto. Se eu a tivesse perdido também naquele dia certamente não teria durado nem três dias, quanto mais três semanas. Se eu tivesse encontrado o corpo de Shauna sem vida e soterrado sob o corpo da mãe, isso seria o meu fim. É claro que perder qualquer um dos meus filhos teria me derrubado, mas meus outros filhos sabiam que Shauna, por ser a caçula, sempre tinha sido a filhinha do papai. Eu não sei o que teria feito se Deus a tivesse levado também.

O apoio de nossos vizinhos e amigos foi fantástico. Todo mundo andava rezando pela minha menininha. Torcíamos muito para que ela fosse forte o bastante para encarar os ferimentos terríveis que seu rostinho sofreu naquele dia, sem falar no sofrimento de enfrentar o fato de que sua mãe nunca mais estaria ali para cuidar dela e ajudá-la no momento em que ela mais precisava em toda a sua vida. Eu sempre soube que Shauna era uma pequena guerreira, mas nunca imaginei que ela fosse uma fortaleza tão admirável.

Quando Shauna saiu do hospital não aceitou se esconder. Não sei exatamente a extensão dos seus ferimentos no rosto no dia da bomba, porque ela nunca deixou que eu visse seu rosto sem as bandagens. O que sei, com certeza, por conversas com os cirurgiões, é que ela teve a pele do rosto quase completamente destruída. Eles me avisaram que por mais operações plásticas que ela fizesse, minha filha teria de lidar com cicatrizes terríveis no rosto pelo resto da vida. Prometeram fazer o melhor possível para reconstruir o máximo que conseguissem do seu rostinho, mas nos avisaram sem rodeios que as marcas ficariam para sempre. Shauna nunca seria capaz de esquecer o dia 15 de agosto de 1998, pelo resto da vida, porque a cada vez que ela estivesse diante de um espelho, veria as cicatrizes do que havia acontecido naquele dia.

Ela teria de continuar com tratamentos, procedimentos e check-ups regulares com o médico em Derry que havia realizado as primeiras cirurgias. Entretanto, cabeça-dura como sempre foi, Shauna deixou claro logo na primeira consulta que estava decidida a enfrentar a luta por conta própria e do seu jeito, e não aceitava que ninguém a convencesse do contrário. O médico lhe disse que havia duas opções: uma era ela usar uma folha de silicone sobre o rosto, para proteger os ferimentos, ajudar a cura e cobrir as cicatrizes; a outra era usar uma máscara facial completa. Ao ouvir isso ela respondeu: “Bem, doutor, existe uma terceira opção: não usar nada.” Ele se mostrou muito

surpreso com a reação dela, e perguntou-lhe se ela não estava preocupada com o futuro e como lidar com os futuros namorados. Sua resposta foi: “Se as pessoas não gostarem de mim do jeito que eu sou, azar o delas.” Saiu do consultório nesse dia determinada a encarar a vida como ela era, e ninguém conseguiu convencê-la do contrário. E manteve o espírito forte e a determinação desde então.

Em, meio a toda essa turbulência, a pobre Paula esperava ansiosamente uma resposta para ver se tinha sido aceita na Universidade de Belfast, mas eu sabia que ela alimentava dúvidas. Um dia ela me disse que achava que talvez fosse melhor ficar um ano sem estudar. Eu sabia que ela dizia isso por pura preocupação em me deixar sozinho com seus irmãos, pois ela teria de se mudar para o *campus* e ficar longe de nós. Mas eu não queria que ela colocasse a sua vida em compasso de espera. Afinal, até uma situação ruim traz boas oportunidades, às vezes.

Uma senhora chamada Ruth Blair veio visitar Paula alguns dias depois do funeral de Mena. Ela perdera um membro da família em outro atentado a bomba, ocorrido em Enniskillen. Além disso, tinha sido professora de Paula na escola técnica dessa cidade. Ela perguntou se Paula tinha tido notícias da universidade, e quando Paula disse que não, ela garantiu que a carta chegaria dentro de poucos dias. Tenho certeza de que aquela mulher cuidou pessoalmente daquilo porque, uma semana depois, Paula recebeu uma carta lhe oferecendo uma vaga na Universidade de Stranmillis, em Belfast, para estudar pedagogia. Ficamos muito felizes por ela, embora soubéssemos o quanto seria difícil não tê-la junto de nós.

Mais uma vez, Paula se mostrou insegura sobre o que fazer, e ainda alimentava a ideia de ficar um ano sem estudar. Foi quando eu fui bem direto e lhe disse que não aceitaríamos isso. Ela deveria ir para Belfast e, caso não gostasse das acomodações de lá, poderia vir para casa todas as noites no ônibus que passava de hora em hora. O importante era ela agarrar a oportunidade e ver como a coisa rolava. Graças a Deus ela foi. No início, me telefonava três ou quatro vezes por dia. Felizmente, à medida que o tempo foi passando, passou a ligar apenas uma vez por dia, até que os telefonemas passaram a ser semanais.

Nós sentíamos falta de Paula em casa, mas eu não queria que ela se prejudicasse por nossa causa, e certamente Mena também não gostaria disso.

Ela se sobressaiu no curso e se formou professora. Fiquei muito orgulhoso de minha filha mais velha, porque em circunstâncias normais já é difícil para um jovem deixar a casa onde cresceu e se mudar para um lugar estranho onde não conhece ninguém, imagine tendo passado por tudo o que ela passou. Foi uma bênção ela ter se saído tão bem na faculdade. No início, ela acompanhava todos os dias o noticiário sobre o atentado em Omagh e quem poderiam ser os responsáveis pela bomba. Isso continuou durante meses, e ela teve de enfrentar muitos desafios pessoais sozinha. De algum modo, porém, conseguiu superar tudo e venceu o passado.

Meus filhos foram fantásticos. Era difícilimo para eles não ter a mãe por perto, e eu não fui de muita ajuda porque basicamente desmorenei. Para ser franco, eles não tiveram pai durante aquele período. Meus dias e minhas noites eram dedicados à bebida. Desde a hora em que eu me levantava, tudo que desejava era ir para o pub.

No princípio, logo nos primeiros dias, eu ficava no pub até tarde da noite e voltava para casa em um estado deplorável, no meio da madrugada. O pub se tornou uma rota de fuga, um pretexto para eu ficar longe de casa, onde havia lembranças de Mena em toda parte. Ela amava nosso lar e tudo que havia na casa tinha sido escolhido por ela: mobília, estofados, cortinas, quadros, tudo. Nosso quarto ainda tinha o cheiro do perfume dela. Suas roupas ainda estavam intactas no armário. As coisas que ela tocara ao sair de casa no último dia continuavam exatamente do mesmo jeito que ela as tinha deixado. Eu não queria mexer em nada que ela tivesse tocado.

Sentia Mena em toda parte. Sabia que ela continuava ali, pela casa, velando por nós. Nunca me senti assustado com isso, era mais uma espécie de conforto. Ao mesmo tempo eu me sentia devastado, porque se ela realmente estava ali, perto de mim, eu gostaria muito de vê-la e conversar com ela. Eu sentia muitas saudades dela e me atormentava por saber que ela estava ali, mas eu não podia vê-la. Falava com ela o tempo todo enquanto vagava pela casa. Contava-lhe como eu estava e o quanto sentia sua falta. Não podia contar aos meus filhos que sentia a mãe deles perto de mim; não queria que achassem que eu estava ficando maluco. O fato, porém, é que aconteciam coisas inexplicáveis na casa, e eu sabia, no fundo do coração, que o espírito de Mena continuava entre nós. Houve momentos em que eu desligava a TV e saía da sala. Quando voltava

logo depois, o aparelho estava novamente ligado sem ninguém ter estado ali; isso acontecia o tempo todo.

Eu tinha uma cadeira especial, de braços, na cozinha. Era ali que eu passava a maior parte do tempo, sentado com a minha calopsita no ombro e Patch, nosso cão da raça Jack Russel, no colo. Muitas vezes, enquanto eu estava sentado ali, sozinho, a chaleira fervia sozinha, apitava e se desligava. Ou então a máquina de lavar ligava automaticamente e começava a funcionar. Muitos aparelhos elétricos da casa começaram a ter vida própria depois que Mena morreu. Nunca havia acontecido nada desse tipo quando ela era viva, tudo começou umas duas semanas depois do enterro.

No início eu achei que minha imaginação estava me pregando peças, ou talvez tivéssemos algum problema elétrico na casa. Quase todos esses eventos aconteciam quando eu estava sóbrio, e não dava para culpar a bebida. Mas as coisas se intensificaram, e os sinais se tornaram tão frequentes que eu comecei a achar que era assim que as coisas seriam dali para frente. De qualquer modo, mesmo sabendo que não era imaginação, eu ainda duvidava de estar vendo e ouvindo tudo aquilo.

Até que um dia as meninas começaram a falar de coisas esquisitas e inexplicáveis que aconteciam na casa, de como elas estavam se sentindo em relação a isso, e o assunto surgiu sem querer. Eu mal acreditei quando elas contaram que coisas semelhantes vinham acontecendo com cada uma delas. O melhor é que não fui eu quem puxou o assunto, foram elas mesmas, e foi reconfortante saber que eu não estava imaginando coisas, afinal de contas.

As meninas contaram que as coisas mudavam de lugar em seus quartos o tempo todo. Roupas colocadas em um armário apareciam misteriosamente em outro. Elas compartilhavam a mesma emoção: sentiam estar sendo observadas, como se alguém cuidasse delas. Na verdade, em uma dessas vezes, as meninas chegaram ao quarto e viram que todas as roupas que haviam largado no chão, de forma descuidada, estavam no quintal, como se alguém as tivesse juntado e atirado pela janela. Parece loucura falar essas coisas, mas tudo isso aconteceu.

O fato estranho é que Mena costumava ficar frustrada com as roupas dos filhos espalhadas pelo chão do quarto. Às vezes se mostrava tão irritada com isso que ameaçava jogar tudo pela janela. Foi por isso que no dia em que isso realmente aconteceu e as meninas encontraram suas roupas usadas espalhadas

pelo quintal, todo mundo se sentou junto e começou a pensar com seriedade no caso. Assim como eu, ninguém demonstrou medo. Era como se simplesmente soubéssemos que Mena estava de olho em todos nós. Costumávamos brincar, dizendo que Mena estava mantendo a ordem por ali, para ninguém colocar a casa abaixo.

Aos poucos eu fui me acostumando com as coisas estranhas que aconteciam, mas certo dia eu tive uma experiência muito incomum. Nunca vou me esquecer disso, pois foi algo absolutamente inexplicável. Eu e meus filhos andávamos imaginando explicações ou pretextos para justificar coisas incomuns que aconteciam em nossa casa, mas dessa vez foi diferente. Eu trabalhava muito e ajudava nas obras da Associação São Vicente de Paulo. Todo mundo sabia onde eu morava e muitas vezes as pessoas iam à minha casa e entravam direto, mesmo sem bater, para me pedir ajuda em algum conserto. Nesse dia em especial eu estava absolutamente exausto, porque o dia todo pessoas tinham aparecido para pedir uma coisa ou outra. Decidi trancar a porta e me sentar um pouco na sala, sozinho, para relaxar um pouco. Preparei uma xícara de chá e decidi que se alguém mais batesse à porta, mesmo sendo algum amigo, eu não iria atender. Precisava descansar, queria um tempinho só para mim. Foi o que eu fiz, e me sentei para assistir a um jogo de sinuca na TV.

Depois de algum tempo, ouvi a porta da frente se abrir. Alguém entrou, tornou a fechar a porta e subiu para o andar de cima da casa. Esqueci que a porta estava trancada, e achei que Ray tivesse chegado da rua e resolvido ir direto para o seu quarto. Mas então me lembrei de que ele não teria conseguido entrar, pois a porta estava trancada e eu colocara a corrente também. Levantei-me da poltrona, fui até a base da escada e chamei por ele. Ninguém respondeu, então eu subi e verifiquei em cada um dos quartos. Nada. Não havia ninguém em casa. Um calafrio percorreu a minha espinha de cima a baixo, pois eu sabia que aquilo não tinha explicação. Eu tinha ouvido claramente a porta se abrir, depois fechar, e ouvi claramente os passos de alguém subindo a escada.

Nessas horas só me restava balbuciar uma prece para a minha esposa e seguir fazendo as coisas normalmente, como se nada tivesse acontecido. Até o dia em que meus filhos me contaram das coisas que andavam acontecendo com eles também. Tive de ser forte para não deixá-los me ver desabando de emoção.

Muitas vezes me perguntei o motivo de Ray nunca mais ter ficado sozinho em casa, e só quando todas essas coisas foram colocadas para fora é que eu percebi o motivo: ele vinha tendo as mesmas experiências, como o resto de nós, só que nunca contou nada. Ray é diferente das meninas. Ele entrava e saía de casa quando bem entendia, cuidava da sua vida e lidava com o luto ao seu modo. Nunca foi de comentar sobre como se sentia com relação à morte da mãe, e ninguém insistia; deixávamos que ele tentasse lidar com a dor ao seu modo. Ray sabia que estávamos por perto caso precisasse de consolo. Cada um lidava com a morte de Mena de modo pessoal e íntimo, mas todos nós sabíamos que perder a mãe afetou Ray de forma avassaladora, pois ele nunca foi uma pessoa de se abrir com facilidade.

Por essa época Maggie, minha mãe, ia quase todos os dias à nossa casa. Ela estava sempre por perto no tempo em que Mena era viva. Ajudava a limpar a casa e dava uma mãozinha em tudo que Mena precisasse. Mena a deixava colaborar, é claro, e adorava a ajuda. A única pessoa em quem Mena sempre confiou para deixar as crianças foi minha mãe; Mena confiava nela sem restrições. As duas se davam muito bem e tinham um grande laço de amizade. Por isso, quando Mena morreu, minha mãe estava o tempo todo em nossa casa, cozinhando, lavando tudo, mantendo a casa funcionando e se certificando de que estávamos todos bem. Quando voltávamos para casa à noite, minha mãe já tinha o jantar pronto, e a casa estava sempre impecavelmente limpa. O fato, porém, é que ela também sentia muita falta de Mena para lhe fazer companhia.

Quando as histórias sobre as coisas estranhas que aconteciam em nossa casa começaram a aparecer, minha mãe fez uma revelação que deixou todos nós chocados. Ela disse que nunca tinha nos contado nada porque não queria nos afligir nem preocupar, mas teve um dia em que estava limpando os quartos do segundo andar quando, de repente, viu Mena parada diante dela, saindo do banheiro. Minha mãe ficou parada, olhando. Mena simplesmente sorriu para ela, não disse uma palavra e logo em seguida desapareceu. Ela tinha certeza de que era Mena em pessoa, apesar de sua imagem estar meio borrada e nebulosa. Disse que ela parecia muito feliz. Não conseguiu descrever as roupas que Mena usava, nem nada desse tipo, mas garantiu que era uma imagem indistinta rodeada por uma luz branca, e disse que Mena parecia radiante. Isso trouxe

uma sensação de paz interior à minha mãe. Ela acreditava que Mena queria lhe dizer, desse jeito especial, o quanto estava feliz por ver que ela estava em nossa casa, ajudando a cuidar de nós e das coisas. Minha mãe não tornou a vê-la depois desse dia, mas sempre senti que Mena estava por perto, tomando conta de tudo e cuidando dela. Descobrir que minha própria mãe tinha passado por uma experiência dessas fez com que eu me sentisse um pouco melhor, porque não existe possibilidade no mundo de minha mãe ter inventado uma essa história.

À medida que os meses corriam, meu conforto em saber que Mena estava por ali, junto de nós, começou a se transformar em inquietação. Por fim se tornou um grande fardo, porque eu passei a me preocupar sobre se Mena estava ou não feliz. E se ela *estava* feliz, por que seu espírito não seguia em frente? Aquela era uma situação muito incomum para todos nós, porque, de certo modo, nós estávamos em paz sabendo que ela continuava ao nosso lado. Eu teria dado, de bom grado, tudo o que tinha para vê-la diante de mim, sorrindo, como ela havia aparecido para a minha mãe. Por outro lado, começamos a achar que talvez ela não estivesse descansando em paz do outro lado, como deveria.

Isso começou a me perturbar a cabeça, até que um dia eu abri o jogo com meus filhos. Decidimos pedir ao padre Mullen, que cuidava da nossa paróquia na época, para ir até nossa casa a fim de benzê-la. Eu nunca fui uma pessoa muito ligada à religião. Mena, sim, era muito religiosa. Mesmo assim eu queria que um padre viesse até nossa casa para fazer umas preces por ela. Sentia que aquela era a coisa certa a fazer, e sabia que Mena ficaria muito feliz em saber que eu tinha resolvido chamar um padre para fazer algumas orações em nossa casa. O padre Mullen veio, fez algumas preces por Mena e benzeu cada um dos cômodos da casa com água benta. Depois ele me explicou que Mena estava por ali só para nos velar e proteger, e não havia nada a temer. Explicamos a ele que ninguém ali sentia medo da presença dela. Depois que o padre se foi, todos nós ficamos mais à vontade, totalmente relaxados, torcendo para que Mena ficasse bem e estivesse feliz.

Apesar da sensação de paz e calma que baixou em todos da família nesse dia, as atividades incomuns não pararam de acontecer, até que nós finalmente aceitamos que Mena continuaria a nos acompanhar todos os dias até ela

mesma achar que estava pronta para ir embora. As coisas que continuavam acontecendo na casa nos confortavam de certo modo. Sabíamos que, embora não pudéssemos vê-la, Mena estava ali o tempo todo e cada um de nós continuava a ser cuidado e velado por ela, com carinho e amor.

Tentamos da melhor maneira possível seguir em frente com nossas vidas, mas eu estava me destruindo lentamente. Olhando para trás agora, percebo que nunca cheguei realmente a conversar com meus filhos sobre como eles estavam sentindo, pelo menos não do jeito que deveria ter feito. Fui muito egoísta como pai, mas o fato é que eu me afundei em autocomiseração, fiquei com pena de mim mesmo, nunca reparei como os outros estavam lidando com a perda e nunca mostrei me importar com isso de verdade.

Eu não tinha voltado para o trabalho, e embora eles tivessem mantido o meu emprego por muito tempo, finalmente perceberam que eu não iria voltar a trabalhar tão cedo. Um belo dia eles enviaram alguém para recolher o caminhão e o levaram para o depósito. Eu o vi indo embora e não pensei nem por um momento sobre o que aconteceria em seguida, nem como as coisas ficariam no futuro.

Nessa ocasião eu nem mesmo pensei em como iríamos viver sem o meu salário. Nunca me passou pela cabeça o quanto tudo ia ser difícil dali para frente, com relação a dinheiro. Tudo o que me importava era o álcool, e saber se eu tinha grana suficiente no bolso para algumas cervejas e drinques.

Basicamente entrei nessa espiral sem fim de bebida poucas semanas depois de perder minha esposa. A essa altura o meu hábito de beber ficara completamente descontrolado. Deixei de ir ao pub apenas à noite e passei a fazer isso assim que acordava, logo cedo. Tentava acabar com a ressaca da noite anterior com mais bebida, para rebater. Cheguei ao ponto de achar que não funcionaria direito o resto do dia se não fosse logo para o pub assim que ele abrisse. Bebia litros de cerveja e depois tomava algumas doses de destilado. Quando o lugar fechava eu ia quase me arrastando para casa.

Em algumas ocasiões, eu entrava no carro e dirigia de volta para casa absolutamente bêbado. Mal conseguia ver as coisas na minha frente, e mesmo assim me colocava atrás do volante, sem pensar em mim mesmo, nos meus filhos ou em qualquer inocente que pudesse estar passando pela rua.

Essa situação continuou durante três ou quatro anos. Dava para ver que meus filhos estavam chateados pela forma como eu conduzia minha vida, mas a verdade é que pouco me importava com o que os outros achavam ou sentiam. Eu estava “enfrentando” a barra do meu jeito, e esse jeito era me embebedar todos os dias até ficar em estado de semi-inconsciência alcoólica. Não é algo de que tenha orgulho, mas é a verdade, foi assim que as coisas aconteceram.

Eu sumia o dia todo, passava na casa da minha mãe para comer alguma coisa em algum momento do dia, depois voltava para o pub e bebia até quase cair. Havia épocas em que eu não via meus filhos durante vários dias, porque voltava tão tarde para casa que só faltava rastejar escada acima e cair na cama. Minha mãe não saía da minha cola. Ela estava aterrorizada pelas crianças e por mim. Via que eu estava me destruindo pouco a pouco — qualquer cão na rua conseguiria enxergar isso —, mas a verdade é que, para mim, meu estado não tinha mais salvação nem volta. Tudo acabou no dia em que eu perdi Mena, e eu não conseguia encarar isso. Olhando agora para trás e analisando meus dias mais tenebrosos, devo contar aqui que não teria conseguido sobreviver e voltar sem a ajuda da minha mãe. Se existissem medalhas para melhor mãe, ela certamente ganharia todas elas, e eu me sinto extremamente grato por minha mãe ainda estar na minha vida até hoje.

Shauna também não largava do meu pé o tempo todo, insistindo para que eu parasse de beber e procurasse ajuda profissional, mas eu não estava nem um pouco a fim disso. Só para me livrar dela, aceitei conversar com um analista sobre o meu processo de luto. As crianças já estavam se consultando com um psicólogo e achavam que isso ajudava um pouco. Mas fui a uma única sessão nos primeiros dias e não voltei mais. Para ser honesto, já havia decidido, antes mesmo de consultar o psicólogo, que não ia mais voltar lá de jeito nenhum. Não via sentido em contar a uma pessoa completamente estranha como eu estava me sentindo e o que estava fazendo. O pobre psicólogo percebeu logo de cara que eu não estava ali por livre e espontânea vontade, é claro. Embora eu tenha garantido a ele que voltaria na sessão seguinte, acho que ele sabia, lá no fundo, que provavelmente nunca mais me veria. Eu ainda não estava pronto para lidar com as coisas, isso é certo.

É claro que as coisas foram de mal a pior. Tanto as bebedeiras quanto o excesso de fumo continuavam descontrolados. Eu acendia um cigarro atrás do outro e fumava uns cem por dia, nessa época. Meu peito estava em frangalhos. Eu tinha um pigarro terrível, acompanhado de tosse constante, e minha respiração estava curta e fraca. Eu mal conseguia caminhar cem metros sem ter um acesso pavoroso de tosse, mas não me importava nem um pouco com meu estado de saúde. No que me dizia respeito, se Deus resolvesse me levar embora, estava tudo bem, porque eu não prestava para ninguém do jeito que estava.

Ao longo dos anos seguintes eu continuei ouvindo minhas filhas me enchendo o saco e, para deixá-las satisfeitas, passei a ir ao psicólogo de vez em quando. Entrei para o grupo de terapia para os sobreviventes do atentado em Omagh, mas continuava sem me empolgar com a coisa. Não conseguia entender o que aquelas famílias iriam lucrar colocando para fora seus problemas na frente de todo mundo, um monte de gente desconhecida. Como não me sentia à vontade com a rotina das sessões, não fui a muitas delas, de forma que elas não me beneficiaram nem um pouco. Na verdade eu só fui a algumas delas como parte do grupo. Senti que se não estivesse ali com eles eu estaria decepcionando alguém. Considerava tudo aquilo uma perda de tempo e acabei desistindo de vez depois de algumas semanas. Escolhi lutar sozinho e ir em frente sem ajuda.

Acho que eu realmente imaginei que pudesse segurar a barra sozinho, que um dia qualquer eu iria acordar de manhã e me sentiria ótimo. É claro que as coisas não acontecem desse jeito, mas leva muito tempo para percebermos a realidade. Eu sentia na época, e na verdade sinto até hoje, que no fim das contas uma pessoa só pode ajudar a si mesma se quiser e na hora que decidir. Se você não está pronto para ir em frente não existe nada no mundo que o faça superar a dor e seguir com a vida. Admito, porém, que existem momentos em que você precisa receber um empurrãozinho para perceber que algo precisa ser feito. Às vezes uma ajuda externa certamente é necessária. Beber até cair só serve para enevoar sua cabeça durante algum tempo, e comprimidos contra a ansiedade só servem para esconder tudo em um pequeno compartimento em sua mente até que, um dia, eles deixam de fazer efeito. Nesse instante todos os problemas voltam e atingem você com força dobrada. É um círculo vicioso.

Havia momentos em que eu sentava na minha cadeira na cozinha, olhava em volta e percebia que, na verdade, estava completamente sozinho. Sim, eu ainda tinha Shauna e Ray morando comigo, mas a casa sempre me parecia deserta. As duas meninas mais velhas já estavam na faculdade: Tracey fora para uma escola de teatro em Belfast mais ou menos um ano depois da explosão da bomba. Eu gostei muito de ver que ela finalmente estava tocando a vida em frente, mas a verdade é que sentia muito a sua falta em nossa casa. Eu também sabia que em pouco tempo os outros dois também seguiriam com suas vidas, e então o que aconteceria? Eu ficaria sozinho em uma casa vazia sem ouvir mais nada, a não ser o tique-taque do relógio. O que faria da minha vida quando chegasse esse momento?

Eu estava represando tudo isso dentro da alma durante muito tempo, e isso não me fazia nada bem. Fui afundando cada vez mais em um estado de depressão constante. Continuava passando na minha mãe, que sempre me dava broncas homéricas por causa da bebida, mesmo quando eu não tinha colocado uma gota de álcool na boca o dia todo. Eu tentava agir como se me sentisse numa boa e tudo estivesse ótimo em minha vida. Depois de tomar uma xícara de chá e ela parar de me aporrinhar eu ia para casa, sentava na minha cadeira de braços na cozinha, como sempre, e simplesmente sentia vontade de morrer.

A casa estava vazia e eu não conseguia me acostumar com isso. Mena era uma mulher caseira, muito ligada ao lar, e estava sempre lá para me apoiar quando eu voltava do trabalho. Nada me parecia certo quando eu lembrava que ela não estava ali, perto de mim. Muitas vezes eu me sentava e perguntava a Deus: por que Mena e não eu, Senhor? Teria sido muito melhor ter deixado Mena viva para cuidar das crianças; ela teria sido muito mais forte do que eu. De jeito nenhum ela teria se deixado levar para um estado de embriaguez total até ficar anestesiada com tudo, sentindo pena de si mesma pelos cantos.

Eu tinha uma espingarda de caça de cano duplo no andar de cima, lembrança dos tempos, muitos anos atrás, em que eu costumava caçar coelhos nos campos. Era uma Kestrel que eu não usava fazia muito tempo, desde antes de Mena falecer. Uma noite eu voltei do pub me sentindo deprimido de verdade. Fui até o andar de cima e, sem ninguém saber, trouxe a espingarda para baixo e me sentei na cadeira de sempre, na cozinha. Prendi a arma entre as pernas com o cano apontado para o rosto. Tentei reunir coragem para puxar o

gatilho e acabar com tudo aquilo. Eu estava tão para baixo que decidi que todo mundo iria ficar muito melhor sem eu estar por perto. Na minha cabeça, se eu desaparecesse da face da Terra eles todos poderiam ir em frente e construir uma vida melhor para si mesmos, pois eu só estava tornando as coisas piores para todo mundo à minha volta — meus filhos, meus pais, meus amigos, todo mundo. Sentia que não havia mais nenhum propósito na minha vida, nem nada pelo que valesse a pena viver. Fiquei sentado lá por um tempão naquela noite, contemplando a ideia de puxar o gatilho, sabendo que se eu conseguisse reunir a coragem para fazer isso todos os meus pesadelos terminariam em questão de segundos, e eu estaria livre.

Tentei fazer isso três vezes ao longo dos anos, sempre à espera da coragem a cada vez, torcendo para simplesmente conseguir puxar o gatilho. Só que cada uma dessas vezes alguma coisa atraía a minha atenção na cozinha: uma foto de Mena, um instantâneo das crianças. Nessa hora eu sempre entrava em pânico e recuava.

Nunca contei a ninguém sobre esses momentos ao longo dos anos porque, na minha cabeça, a coisa iria acontecer algum dia, eu só não sabia quando. Sempre me convenci de que, de um jeito ou de outro, chegaria o dia em que eu iria acabar com todo aquele tormento. Não queria que ninguém me impedisse de fazer isso no dia em que eu decidisse ir em frente e acabar com a minha vida. Ter o conhecimento de que a espingarda estava lá em cima era uma espécie de conforto. Saber que ela estava ao alcance da minha mão me dava a certeza de que eu teria saída caso as coisas piorassem demais dentro da minha cabeça. A espingarda ficou dentro do armário sem ser usada por muitos anos, mas estava sempre limpa e teria dado conta do recado.

Foi então que, depois de muitos meses de depressão e vários planos para terminar com tudo, eu acordei de manhã um dia, depois de ter tirado a arma para fora mais uma vez na véspera. Decidi levá-la para fora de casa de uma vez por todas, só para o caso de eu pirar de vez. Não sei por que razão eu resolvi parar de planejar minha própria morte, mas foi o que aconteceu. Naquela manhã eu fui até a delegacia da polícia local e devolvi meu porte de arma. Depois fui até a loja de armas onde eu tinha comprado a espingarda há tantos anos e simplesmente a devolvi para o dono do lugar. Eu poderia ter vendido a espingarda de volta para ele, anunciado no jornal local ou na internet, mas eu

não queria nem um centavo de volta por ela. Só queria que ela ficasse fora de alcance, para eu não poder usá-la.

Quando saí da loja naquele dia, não sabia se devia me sentir feliz ou triste, porque ter a arma em casa tinha realmente servido como uma espécie de conforto para mim durante todo aquele tempo. Por outro lado, pelo bem dos meus filhos, eu sabia que aquela tinha sido a atitude certa.

Eu lidava constantemente com o sentimento de culpa, fazendo a mim mesmo as perguntas de sempre, sem parar: por que tinha levado Mena para fazer compras em Omagh naquele dia? Por que a deixei com Shauna e fui a outra loja? É muito duro aceitar isso, mas eu entendi, por fim, que era o destino dela ser morta de um jeito terrível naquele dia. Parece chocante falar assim, mas o fato é que não importa onde eu estivesse, ela iria morrer naquela data, e eu não teria conseguido evitar. Isso vale para todas as pessoas que perderam suas vidas naquele dia. Acredito agora que nossas vidas são mapeadas no dia em que nascemos. É simplesmente o destino agindo quando as coisas dão certo ou errado. Não temos nenhum controle sobre isso. Eu é que levei tempo demais para aceitar esse fato.

À medida que as semanas e meses corriam, todo mundo tentava fazer o melhor para me tirar da espiral de depressão em que eu me encontrava. O médico me receitou alguns comprimidos para tomar e disse que aquilo me ajudaria a relaxar e me faria, pelo menos, dormir um pouco. Eu tomei o remédio durante algumas semanas, acabei o frasco que ele receitara, mas depois nem me dei ao trabalho de pegar uma nova receita com ele. Olhando para as coisas agora, é como se eu não quisesse que nada funcionasse. De certo modo eu estava feliz por me sentir daquele jeito deplorável e não queria ser “curado”.

A família que Mena construiu significava tudo em sua existência, ela vivia para os filhos; eles eram a sua vida. Eu sabia, no fundo do coração, que ela ficaria profundamente irritada se visse como andava a situação em nossa casa. Teria ficado furiosa comigo por eu não controlar as coisas e me deixar destruir. Certamente teria esperado muito mais de mim. Infelizmente, na minha cabeça, não havia nada que eu pudesse fazer para melhorar as coisas porque tudo simplesmente era daquele jeito. Eu achava muito difícil ver uma luz no fim do túnel.

Por mais que eu tentasse deixar os traumas para trás depois da explosão da bomba, o ódio estava sempre lá. Ao longo dos anos a amargura que eu senti pelas pessoas responsáveis começou a me corroer e me consumir. Tudo o que eu queria era ver os responsáveis pelo atentado sendo levados aos tribunais; queria ver seus rostos e ouvi-los receber uma sentença dura por eles terem tirado as vidas de trinta e uma pessoas, se contarmos os gêmeos que não tiveram a chance de nascer.

As lembranças do que aconteceu naquele dia ainda estão marcadas a fogo na minha alma, e sei que nunca vou me livrar delas. Tem sido muito difícil tentar superar isso ao longo dos anos.

O cemitério onde Mena foi enterrada ficava praticamente ao lado da nossa casa, em McCrea Park. Por causa disso, quando eu acordava de manhã e abria as cortinas do quarto, a primeira coisa que via na minha frente era o túmulo de Mena. O cemitério também era a última coisa que eu via no fim do dia, antes de ir para a cama. Todas as noites eu olhava para a vela perpétua que havíamos colocado no túmulo, balançando ao vento, como se o espírito de Mena estivesse ali, à espera do nosso olhar, tentando nos lembrar sempre de que ela continuava ali perto, velando por todos.

Por mais que isso seja reconfortante, era também muito duro para toda a família encarar essa imagem dia após dia. Não havia escapatória. Mena continuava em nossos corações o tempo todo, mas a verdade é que não ajuda muito olhar para o túmulo de sua esposa ou mãe todo santo dia, a cada momento da sua vida. Aquilo era um lembrete constante de que ela estava morta, e a única coisa dela que iríamos ver pelo resto da vida era seu túmulo. Pode ter certeza de que não dá para ir em frente por completo, e você se sente culpado ao tentar fazer isso, ainda mais sabendo que a pessoa está tão perto, embora na verdade nem esteja ali. A imagem de uma tumba não é muito positiva, e acho que ser capaz de ver aquele túmulo e a vela acesa o tempo todo quando estávamos em casa não ajudava nem um pouco. Pelo contrário, tornava o processo de luto muito mais difícil. Mesmo quando eu ia para o pub, tinha de passar na frente do cemitério ao voltar para casa. Fugir para beber era uma causa perdida no fim do dia, porque a realidade surgia na minha frente sempre que eu voltava para casa.

Conversei sobre todas essas coisas um dia, com o resto da família. Eu tinha tomado uma decisão muito dura: colocar o antigo lar de nossa família à venda. Meus pais aceitaram bem a ideia; meus irmãos e minha irmã também. A casa estava na família desde a década de 1970, mas eu sabia que havia chegado o momento de ir em frente.

Infelizmente, quando colocamos a propriedade à venda, ninguém se interessou. Foi então que um dos meus irmãos confessou que tinha muita vontade de comprá-la. Eu adorei a ideia. Isso tornava as coisas muito mais fáceis para todo mundo. Eu a venderia para alguém da própria família, sem precisar pagar corretagem, e a casa que um dia fora dos meus pais continuaria na família. Eu e meu irmão acertamos um preço que satisfizesse a ambos, e começamos a encaixotar as coisas para a grande mudança.

Foi uma tarefa muito difícil. Não apenas teríamos de abrir mão de todas as lembranças das crianças crescendo, as festas de aniversário que curtimos tanto, os risos e as lágrimas; teríamos também de aceitar o fato de estarmos, basicamente, deixando para trás uma parcela importante das nossas vidas, a época em que Mena estava em toda a parte, cuidando da cozinha, limpando as coisas que cada um sujava e tricotando seus agasalhos Aran. Foi uma imensa reviravolta para todos, tanto física quanto emocionalmente. Quando chegou o momento de separar coisas que iríamos jogar fora, as lembranças nos invadiram muitas vezes. De repente, encontrávamos uma peça de roupa que tinha pertencido a Mena, um enfeite ou presente que ela havia comprado para as crianças quando elas eram pequenas. Para todos nós isso foi uma experiência de quebrar o coração.

Cada membro da família tinha recordações pessoais e dores pesadas que estavam ligadas à casa em McCrea Park. Muitas vezes nós choramos enquanto arrumávamos as coisas para a mudança. Embora eu soubesse que teríamos a chance de voltar àquela casa durante muitos anos, para visitar meu irmão e sua família, foi muito difícil o instante de fechar a porta e sair acompanhando o caminhão de mudança e todas as nossas coisas. Pensei em tudo que havíamos guardado, comprado e valorizado como tesouros de família, com o passar do tempo. Mesmo assim fizemos de tudo para nos manter firmes durante esse doloroso processo.

O fato de a casa continuar na família foi de grande ajuda, tenho certeza. Provavelmente a mudança teria sido muito pior para as crianças, especialmente se elas tivessem, um dia, de passar pela rua onde nossa antiga casa ficava e ver outras pessoas morando lá, no nosso antigo lar. Apesar da sensação de perda, eu estava comprometido de verdade com a ideia de ir em frente. Na minha cabeça eu não deixava Mena para trás; estava apenas tentando ir em frente e mantendo a família unida.

Isso foi em julho de 2004. Nesse dia nós nos mudamos para uma linda casa de um andar só em Creaghmore Road, em Drumquin, a alguns quilômetros do nosso antigo bairro. Era uma residência muito maior, em todos os sentidos. Tinha quatro quartos, era mais espaçosa e moderna que nossa velha casa de três quartos em dois andares.

Entretanto, apesar do excesso de espaço e do lindo jardim, nunca me senti feliz ali; simplesmente não consegui me adaptar. Tinha passado 34 anos da minha vida morando em McCrea Park, e sentia dificuldades para me ajustar ao novo local. Também não frequentava os pubs da região. Nunca senti que aquele fosse o lugar certo para chamar de lar. Saí para tomar alguns drinques com Shauna algumas vezes, antes de ela ir morar e trabalhar na Austrália, mas nunca encontrei um pub em que me considerasse realmente “de casa”. Nunca me animei com nada, em comparação com o que eu tinha e curtia no antigo bairro.

Por mais que eu tentasse transformar a casa nova em um lar, não me sentia assim. Quando eu ia para a cama, todas as noites, a sensação era esquisita. Caminhar até o fundo do corredor e entrar no quarto de dormir, em vez de subir um lance de escadas, não me parecia correto. Eu havia subido as escadas para o segundo andar durante muitos anos, em Drumquin. Ao chegar lá em cima, eu sabia que estava a poucos minutos de uma bela noite de sono. Caminhar ao longo do corredor da nova casa me fazia sentir como se eu estivesse simplesmente indo para outro cômodo da casa, e não para o quarto. Na minha cabeça, “ir para a cama” sempre significou “subir para o quarto”, e isso não acontecia em Creaghmore.

Mesmo assim eu estava satisfeito por ter mudado, por ter apostado em novos tempos. Era a primeira trégua que eu tinha desde o dia da bomba. Lembro que um homem me disse, quando resolvi me mudar, que ele não

compreendia o motivo de eu ter levado tanto tempo para sair de McCrea Park. Provavelmente ele estava certo; talvez eu devesse ter ido embora dali mais cedo, mas o fato é que deixei para tomar essa decisão quando me senti preparado. Tinha de ter certeza de que as crianças se sentiam do mesmo jeito que eu, porque elas tinham passado suas vidas inteiras em nossa aconchegante casa de três quartos. Para elas aquela casa era o lugar onde sentiam que a mãe estava e sempre estaria. A mudança nunca teria acontecido se elas tivessem se mostrado contrários à ideia.

Eu gostava do novo bairro, e as pessoas eram simpáticas, mas aquele não era o lugar certo para mim. Essa reviravolta é muito difícil quando uma pessoa se acostuma a morar durante muito tempo em um lugar só, como era o meu caso. Acho que o fato de eu ser viúvo piorava as coisas, porque eu não tinha mais Mena para transformar nossa nova casa em um lar de verdade. Ela certamente teria colocado tudo rapidamente em seu devido lugar, dado o seu toque aconchegante em cada cômodo da casa e tudo ficaria perfeito, mas sem Mena tudo era uma verdadeira luta.

Continuávamos sentindo sua presença em torno de nós e coisas inexplicáveis continuavam acontecendo na nova casa, exatamente como era na época da casa em McCrea Park. Desde o início, tornou-se óbvio para nós que Mena não tinha ficado na casa antiga. Pelo que podíamos perceber, para onde quer que fôssemos, Mena também iria. De certo modo era reconfortante saber que ela continuava por ali, cuidando de nós, e não achava que estávamos abandonando sua memória ou o seu espírito ao seguirmos em frente sem ela.

Os mesmos problemas da outra casa, onde aparelhos elétricos se ligavam e se desligavam por conta própria, continuaram a acontecer na residência nova. A máquina de lavar começava a funcionar sem ninguém programar, a chaleira apitava e desligava sem ninguém estar por perto, e as coisas continuavam mudando de lugar sozinhas.

Para mim, Mena queria nos comunicar o tempo todo que continuava em nossa companhia. Não importa onde estivéssemos nem para onde fôssemos, ela nos acompanharia até decidir que chegara a hora de ela mesma seguir em frente. Mas creio, no fundo da alma, que ela também não estava muito contente com a nova casa. Quanto ao resto da família acontecia a mesma coisa: a vida nova que esperávamos construir não era para começar ali.

Foi por isso que eu decidi testar o interesse do mercado imobiliário, para o caso de resolver colocar a casa à venda. Fiquei surpreso ao constatar que muita gente se interessava por uma casa como aquela. Muitas pessoas, diferentemente de mim, adorariam morar em uma casa de um andar só. Apareceram vários interessados rapidamente, e muita gente veio visitar o imóvel. À medida que o interesse das pessoas aumentava, o preço de venda subia. Não levei muito tempo para perceber que não teria dificuldade para vender a propriedade se desejasse fazê-lo. Imediatamente comecei a procurar outra casa, pois ficou claro que conseguiríamos vender a nossa bem depressa quando resolvêssemos nos mudar novamente. Começamos uma nova saga em busca de outro local para chamar de lar, um lugar onde eu poderia, mais uma vez, tentar reconstruir minha vida.

Eu havia contratado um corretor local que conseguiu boas ofertas pela casa, mas a outra residência que eu planejava comprar parecia estar atraindo mais interesse do que o esperado, e seu preço começou a subir sem parar, de forma absurda. Dia sim, dia não, eu recebia uma ligação do corretor dizendo que o preço tornara a aumentar, pois havia “outra pessoa interessada.” Até que um dia eu me enchi daquela história e, quando ele me ligou para avisar que o preço tinha subido mais mil libras, desisti do negócio e tirei o time de campo.

Eu só queria uma casa confortável onde pudesse me acomodar com alegria, ter um pouco de paz e tocar a vida em frente. O corretor reclamou, dizendo que eu havia criado uma situação ruim para ele, que agora tinha dois clientes insatisfeitos: o interessado pela minha casa e eu mesmo. Ao desligar o telefone refleti sobre o assunto e cheguei à conclusão de que tudo na vida acontece por um motivo. Por alguma razão não era para eu me mudar para aquela casa que estava prestes a comprar. Sabia que, no devido tempo, eu encontraria a casa para a qual devia me mudar. E encontrei mesmo.

Algumas semanas depois recebi o telefonema de um homem que, pelo que me dizia respeito, eu nunca tinha visto em toda a minha vida. Ele me contou que colocara sua casa à venda, soubera por alguém que eu estava interessado em uma casa no bairro dele, Kevlin, e estava muito interessado em minha casa de um andar só. Combinamos de nos encontrar para batermos um papo. Ele me disse que sabia que a casa em que eu estava valia um pouco mais que a dele, por causa do bairro, e também pelo fato de ter um andar só. No entanto, se eu

estivesse interessado na casa dele, podíamos fazer uma troca e ele me daria algum dinheiro a mais pelo meu imóvel.

Fui visitar a casa dele. Quando começamos a conversar, o homem me perguntou se eu me lembrava dele. Seu nome era Gary Mullen. Eu puxei pela memória, mas o fato é que nunca tinha visto aquele homem na vida até aquele dia. No entanto, ele me disse que sabia quem eu era. Ele foi o homem cujo celular eu agarrei no dia da explosão em Omagh, quando vagava pela rua para cima e para baixo e precisei ligar para meu pai a fim de lhe contar que Mena estava morta.

Foi uma experiência estranha ouvir a versão dele dos fatos terríveis daquele dia. Conversamos muito sobre tudo que havia acontecido. Ambos tínhamos lembranças horrorosas daqueles momentos. Ele não perdera ninguém no atentado, mas entendia perfeitamente como eu me senti porque estava lá no dia e na hora em que tudo aconteceu e viu em primeira mão a devastação que a bomba causou.

Gary foi visitar minha casa depois desse papo. Apesar de eu estar disposto a me mudar para Kevlin, ainda me sentia um pouco inseguro, então disse a ele que não faria negócio até ter certeza do que queria fazer aquilo de verdade. Ray e Shauna adoravam nossa antiga casa, e embora não estivessem loucos de alegria com a casa de um andar só, não pareciam muito motivados a enfrentar uma nova mudança. Só que algumas semanas depois foi Shauna quem decidiu sair de Creaghmore para morar sozinha. Com a saída de Shauna, resolvi que o melhor a fazer era aceitar a oferta da casa em Kevlin. Liguei para Gary, combinamos um encontro e fechamos o negócio. O melhor é que ambos ficamos satisfeitos.

Mais uma vez encaixotamos nossas coisas e nos mudamos. Foi estranhíssimo. Durante mais de trinta anos eu tinha morado na mesma casinha aconchegante e de repente, em menos de um ano, já tínhamos nos mudados duas vezes. Não sei se eu estava fugindo das coisas, talvez estivesse. O que sei é que não conseguiria me estabilizar em um lugar definitivo a não ser que me sentisse feliz, calmo e em paz. Tinha certeza de que se nos mudássemos de volta para um lugar próximo da casa original, eu ficaria bem. E fiquei, mesmo.

Voltar ao antigo esquema de uma casa familiar de dois andares fez com que eu me sentisse normal novamente, e eu finalmente me senti satisfeito. Meus

filhos também gostaram muito da casa. Nunca seria a nossa velha casinha em McCrea Park, e eles nunca teriam sua mãe de volta, mas creio que todos ficaram felizes por mim, pois perceberam que eu estava muito mais à vontade na nova casa. Para ser justo, todos queriam que eu me sentisse feliz. Ray ficaria bem em qualquer lugar para onde nos mudássemos. Ele só queria poder voltar para casa depois de uma noitada no pub com os amigos e repousar a cabeça, e me pareceu satisfeito quando nos mudamos.

Os vizinhos foram muito generosos. A maioria deles me conhecia por causa do atentado, e todos nos receberam no novo bairro de braços abertos. Começamos a tocar a vida em frente mais uma vez, redecorando a casa e colocando toques pessoais no novo ambiente, aqui e ali. Finalmente eu senti que ali era o lugar onde eu deveria estar.

Não podíamos voltar no tempo, todos sabiam disso, mas aquilo representava o início da recuperação. Nos meses e anos que se seguiram, conversei regularmente com a imprensa, dando entrevistas e relatando o que aconteceu no dia da bomba. Todos queriam saber como as famílias se sentiam e também a nossa reação diante da demora em investigar, descobrir e punir os responsáveis pelo atentado. Shauna não gostava que eu desse entrevistas, pois esse assunto a deixava chateada todas as vezes que era abordado. Sem querer, eu atraía atenção sobre ela cada vez que saía matéria nova na imprensa. Mas era assim que eu lidava com as coisas: não queria que o mundo se esquecesse do que havia acontecido.

Aquilo não foi bom para Paula e Tracey, as duas irmãs mais velhas. O foco da atenção de todos era Shauna, a única que havia sofrido ferimentos físicos. O que eu não percebi foi que estava dando toda atenção à filha caçula novamente, me esquecendo dos filhos mais velhos, inclusive Ray. Todos enfrentavam os próprios traumas e ficariam marcados pelo resto da vida, mas Shauna me parecia especial. Minha mãe um dia me disse que se Shauna quisesse, poderia me arrastar pela rua, me poria em pé em um banquinho, colocaria uma corda em volta do meu pescoço, chutaria o banco e eu não reclamaria em nenhum momento. Talvez fosse pelo fato de ela ser a bebezinha, o fato é que eu sempre achei que precisava protegê-la.

A verdade é que depois que as outras filhas saíram de casa e foram para a faculdade, foi Shauna quem teve de aturar minhas noites de bebedeira. Ela

enfrentou um verdadeiro inferno. Eu ia direto ao pub Tom O'Kane's quase todas as noites, e só voltava para casa quando mal conseguia andar. Eu me lembro de que uma vez fui para o pub no dia de São Patrício logo de manhã cedo e só voltei para casa às duas da manhã do dia seguinte, completamente bêbado. Emborquei na cama, tornei a me levantar às sete da manhã e voltei ao pub para beber mais, voltando para casa sei lá a que horas do dia seguinte. Entornava uma cerveja em dois ou três goles e pedia outra. Já tinha uma fileira de copinhos de destilado ao lado e acabava com eles logo depois da cerveja, para começar tudo outra vez em seguida. Permitia que minha filha testemunhasse esses momentos terríveis quase todas as noites da semana, e simplesmente achava que era obrigação dela me aturar. Naquele época, eu não percebia que ela ainda era uma criança, e eu era seu pai, seu guardião. Devia cuidar dela, e não o contrário.

Aquilo não era vida. Para mim era empurrar as coisas com a barriga, e para meus filhos, imagino, era um pesadelo. Eu passava os dias bebendo sem parar. Dormia algumas horas, voltava a beber e não enxergava saída. O único momento em que eu parava um pouco era para jantar na casa da minha mãe, em algum momento do dia. Para ser franco, provavelmente eu não queria encontrar um caminho de volta.

A essa altura eu comecei a ficar muito preocupado com Ray, porque dava para ver que ele também andava bebendo muito. Embora eu estivesse bêbado a maior parte do tempo, dava para perceber que ele ia pelo mesmo caminho do pai, e isso me assustou. Eu não era exatamente um modelo a seguir, e me senti culpado pelas escolhas que ele fazia, pois era esse o exemplo que ele encontrava em casa, era o que estava acostumado a ver. Ele já gostava de tomar umas e outras no tempo em que Mena ainda era viva, mas a coisa claramente piorou ao longo das semanas, meses e anos que se seguiram.

Eu nunca precisei de nenhum pretexto para beber, mas tive uma experiência péssima em 2003. O Tyrone ia jogar contra o Down na final do campeonato da GAA. A partida iria ocorrer na cidade de Bundoran, no condado de Donegal. Ray e eu fomos para o jogo no meu Nissan Terrano. Eu estava sem beber e sem fumar fazia algumas semanas nessa época, e estava me controlando bem. Só que o Tyrone perdeu dez pontos ainda no primeiro tempo. A torcida ficou revoltada, e o estresse foi aumentando a cada minuto.

Para mim, essa era a desculpa perfeita para voltar a encher a cara, e foi o que eu fiz.

Naquele dia, acabamos empatando com o Down, pois o time do Tyrone correu atrás e salvou o dia. Na verdade nós acabamos vencendo o campeonato e conquistamos o título All-Ireland, o mais importante do país. Mas como eu tinha cedido e voltado a beber nós acabamos bebendo todas, o dia todo e a noite inteira. Perdi a conta de quantas cervejas e aguardentes eu entornei naquele dia.

A partir de então, era assim que a coisa rolava sempre que havia um jogo importante do campeonato. Eu saía e mergulhava na cerveja de manhã até de noite, com a desculpa de que todos estavam fazendo a mesma coisa. Certamente esse me parecia um bom motivo para eu sair e me juntar às pessoas. Na verdade, já não fazia muita diferença se havia um jogo importante ou não; em dias como aquele eu tinha a impressão de que todo mundo estava bêbado também, eu seria apenas mais um na multidão, e via isso como algo normal.

Só me lembro de acordar um dia às quatro da manhã deitado no sofá da sala, olhando em volta e me perguntando “como foi que eu voltei para casa?” Vi as chaves do carro em cima da mesa, me levantei, olhei para fora da janela e o carro estava ali, devidamente estacionado junto do meio-fio. Meu estômago deu uma cambalhota quando eu percebi que tinha dirigido de Bundoran até Tyrone, por mais de sessenta quilômetros, absolutamente bêbado. Como foi que consegui voltar inteiro, sem matar ninguém nem acabar com o carro em um poste? Nunca saberei. Para piorar as coisas, tinha deixado Ray em Donegal sem dar por isso. Não sei como algo assim pôde acontecer.

Foi nesse dia que eu finalmente aceitei que precisava fazer alguma coisa sobre o meu vício de beber. Decidi que, se algum dia eu saísse de novo para tomar um drinque, as chaves do carro ficariam em casa, eu não iria beber até cair e tomaria o mínimo de doses que conseguisse. Sabia que tinha muita sorte por estar vivo naquela noite, e mais sorte ainda por não ter matado ninguém quando voltava para casa. Se tivesse sido parado pela polícia, eu acabaria na cadeia, e o que aconteceria com meus filhos? Como eles se sentiriam, sabendo que haviam perdido o pai também? Isso foi uma sacudida grande na minha vida.

Tinha chegado a um estágio em que vivia basicamente para chegar até o pub, ou pelo menos ir para a rua, mas assim que chegava lá queria voltar para casa. Os rapazes do pub viviam falando da bomba em Omagh e de outras coisas sobre as quais eu não queria ouvir. Eles não faziam por mal, mas a verdade é que eu não queria falar desse assunto, porque era exatamente disso que tentava escapar desde o princípio. No fundo eu sabia que ia ter muito trabalho para parar de beber, porque aquilo já fazia parte da minha rotina diária. Tinha se tornado um verdadeiro vício; um vício que, ainda por cima, me saía caro.

Prometi a mim mesmo tentar parar de beber, mas sabia que aquilo não seria tarefa fácil. Todos os dias eu ouvia boatos sobre quem era responsável pelo atentado, as coisas estranhas que haviam acontecido antes da explosão e as promessas das autoridades, que afirmavam ser só uma questão de tempo até os responsáveis estarem atrás das grades, esperando julgamento.

Era extremamente frustrante ouvir todos esses discursos políticos para depois, pouco a pouco, ir percebendo que era tudo da boca para fora. As promessas feitas pelos governos dos dois lados, tanto na Irlanda quanto no Reino Unido, eram só publicidade. Muitas promessas eram feitas todos os dias, mas nada acontecia de fato. No início eu alimentava esperanças, convencido de que tudo era apenas uma questão de tempo, mas os dias se transformaram em semanas, as semanas viraram meses, e os meses se converteram em anos.

Fomos convidados para várias reuniões nas semanas e meses que se seguiram ao atentado. Tony Blair, primeiro-ministro britânico na época, apareceu alguns dias depois do ataque, visitou o local da explosão e se encontrou com algumas das famílias atingidas. Sua esposa Cherie conversou conosco. Eu a achei sincera, mais autêntica que o marido. Na verdade eu vou mais longe: creio que políticos como Tony Blair e Bertie Ahern, governante da Irlanda naquela época, bem como outras pessoas que tinham poder de verdade para fazer alguma coisa e chegar ao fundo da questão, pouco ligavam para as pessoas atingidas pela tragédia. Estavam unicamente preocupados com sua imagem nos jornais e na TV.

No fim das contas nós não representávamos nada para eles. Todos os políticos bateram papo conosco, tiraram fotos ao nosso lado para os jornais, depois voltaram para suas casinhas protegidas e dormiram magnificamente em

suas camas aconchegantes. Nós, por nossa vez, ficamos sem pai nem mãe, largados para lidar com a dor e o luto, e ninguém pareceu se importar.

Mo Mowlam, Secretária de Estado da Irlanda do Norte na época, estava em companhia de Tony Blair quando ele visitou o local do atentado e caminhou ao seu lado para cima e para baixo, pela rua devastada. É claro que eles nos prometeram o sol, a lua e as estrelas. A secretária Mowlam fez o voto solene de capturar as pessoas responsáveis pelo ataque, mas nós esperamos, esperamos e nada aconteceu. Durante muitos dias e semanas depois do atentado, os políticos dos dois lados da fronteira e do resto da Grã-Bretanha pegaram a onda de ajudar as famílias atingidas, e juraram fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para pegar os culpados, e é claro que nós queríamos acreditar neles, pois não nos restava outra esperança.

Bill Clinton, o presidente dos Estados Unidos na época do atentado, também visitou o local do ataque e prometeu trabalhar junto aos governantes a fim de garantir que as pessoas que planejaram e realizaram o ataque a bomba enfrentassem a justiça. Participamos de uma refeição em companhia dele, que passou de mesa em mesa conversando com as famílias atingidas. Não tive chance de conversar muito com o presidente norte-americano, mas ele ficou um tempão em companhia de Shauna. Ela chegou a lhe pedir um autógrafo, que guarda até hoje.

Eu passava todo o meu tempo, nessa época, em reuniões com fulano, sicrano, beltrano e muitas autoridades dos governos. Todos eles reafirmavam as promessas que nos haviam lançado. Aquilo foi um momento midiático para os políticos. Sempre que havia vítimas de ataques, atentados a bomba ou familiares de vítimas reunidos era possível encontrar jornalistas e fotógrafos, com muitas oportunidades para os políticos aparecerem. No fim dos eventos e homenagens, nós percebíamos que estávamos sozinhos, largados à própria sorte, e ninguém poderia nos ajudar, exceto nós mesmos.

Fizemos uma viagem a Dublin algumas semanas após o atentado, no dia 25 de novembro de 1998. Shauna e eu, só nós dois, fomos visitar a presidente da Irlanda, Mary McAleese. Estávamos empolgados com a perspectiva desse encontro com a presidente. Ela sempre nos passara a imagem de ser uma senhora simpática e amável na TV, e já havíamos nos encontrado com ela em sua visita a Omagh, poucos dias depois do ataque terrorista. Infelizmente essa

viagem, em especial, só serviu para me abrir os olhos quanto ao que esperar das autoridades.

Decidi na viagem de ônibus, ao voltarmos para casa, que iria parar de comparecer a qualquer cerimônia ou homenagem relacionada ao incidente em Omagh, porque fiquei enojado e indignado com o comportamento de algumas pessoas na viagem. Havia três ônibus lotados que foram de Omagh até Dublin, para visitar o Phoenix Park, o maior parque urbano da capital. Depois fomos a *Áras an Uachtaráin*, a residência oficial da presidente. Shauna e eu pensamos que seria uma viagem só para as famílias das vítimas, mas nós éramos minoria na comitiva. A maioria das pessoas nos ônibus era composta de pessoas que “ajudaram” no dia do atentado.

Havia equipes médicas de vários hospitais, o que me pareceu correto. Havia também rapazes do centro de lazer onde todos ficamos reunidos no dia do incidente, à espera de notícias, mas também havia muita gente que foi só pelo passeio e para encher a cara na volta. Nos ônibus também havia partidários do Sinn Féin, um movimento político irlandês, apesar de se tratar de um evento que não deveria envolver política.

Shauna e eu fomos bem na viagem de ida. Na volta, porém, uma enfermeira perguntou se poderíamos trocar de transporte com ela, pois seus colegas estavam no nosso ônibus; nós aceitamos. Fomos para o ônibus onde ela estava e nos assustamos logo de cara com a bagunça reinante. Várias pessoas grosseiras e deseducadas abusavam da bebida e vieram berrando, se xingando e dizendo palavrões pesados durante toda a viagem de volta. Uma vergonha!

A viagem era para ser uma homenagem à memória das pessoas que haviam morrido no atentado, mas aqueles caras não ligavam para os sentimentos dos familiares no ônibus. Só queriam encher a cara durante todo o percurso. Tinham comprado muita bebida na Irlanda do Norte no começo da viagem. Para eles aquilo não passava de uma “excursão turbinada a álcool”. A viagem foi uma decepção total. A certa altura, eu me virei para Shauna e sentenciei: “No que me diz respeito, eu nunca mais vou participar de algo desse tipo.” Foi um vexame lamentável. Shauna concordou comigo, pois os palavrões, a insensibilidade e a bagunça reinante a deixaram chocada. Afinal, aquele era um dia dedicado à memória de sua mãe.

Do lado positivo, encontrar Mary McAleese, seu marido e sua família foi maravilhoso. Passamos um bom tempo conversando com Martin, o marido da presidente. Ambos nos pareceram muito solidários, simpáticos e genuinamente preocupados com nossa dor. Os Meninos Cantores de Viena, integrantes do coral mundialmente famoso, fizeram uma apresentação memorável para nós, mas a volta para casa estragou a viagem.

Houve muitas vezes, ao longo dos anos, em que eu poderia ter ido a comemorações e reuniões, mas optei por não fazer mais isso. Só houve um evento ao qual eu adoraria ter ido: uma partida de futebol organizada em Derry no dia 16 de outubro de 1998, dois meses após o atentado. O Derry City participou de um amistoso contra o time irlandês do Mick McCarthy, em Brandywell. Jogadores famosos como Niall Quinn, Steve Staunton e até David Ginola vieram a Derry para jogar. O conselho distrital de Omagh me enviou entradas para essa partida, mas infelizmente elas só chegaram um dia depois do jogo. Foi uma partida organizada para arrecadar fundos para as vítimas do atentado; eu e Ray teríamos adorado ir só para conhecer pessoalmente craques como Quinn e Ginola.

Organizaram outro evento especial em memória das vítimas e sobreviventes espanhóis. Esse evento aconteceu em Madri, para lembrar os visitantes da Espanha que estavam na Irlanda do Norte e foram protagonistas involuntários da tragédia daquele dia terrível em Omagh. Infelizmente não conseguimos ir; alguns funcionários da prefeitura de Omagh nos representaram. Já era péssimo que pessoas nascidas na Irlanda do Norte tivessem enfrentado o que aconteceu, mas os pobres inocentes da Espanha estavam ali simplesmente curtindo férias. Não tinha ligação alguma com nenhuma reivindicação política. Os que morreram perderam suas vidas por nada e os que sobreviveram levaram na alma lembranças medonhas da Irlanda do Norte, recordações que jamais esquecerão. Pensar nisso me deixa arrasado e indignado até hoje.

Foi criado um Fundo de Ajuda às vítimas de Omagh. O dinheiro arrecadado iria, teoricamente, para as vítimas diretas, mas o que os organizadores não contaram às pessoas foi que havia dois fundos: um arbitrário, de administração política, e outro beneficente. Muita gente ficou com a impressão, ao ouvir que mais de cinco milhões de libras haviam sido arrecadadas, que todo esse dinheiro tinha sido dado às famílias, que teriam

recebido montanhas de dinheiro e ficariam com folga financeira. Na verdade, isso nunca aconteceu. Sim, nós recebemos algum dinheiro que foi de grande ajuda no período imediato após a tragédia de Omagh, mas muita gente acha que embolsamos centenas de milhares de libras, e não foi esse o caso.

Seis ou sete meses depois do atentado, quando eu começava a colocar minha cabeça no lugar, me lembro de comentar com alguém que os responsáveis pela tragédia jamais iriam para trás das grades. A essa altura já tínhamos ouvido promessas de políticos de norte a sul do país, nos dois lados da fronteira, e nada tinha sido feito. Eu não errei no meu prognóstico sombrio. Mesmo assim, não importam os obstáculos e atrasos nas investigações, eu estava determinado, e ainda estou, a lutar até o fim e tentar obter justiça para Mena. Se eu me recostasse na poltrona e simplesmente aceitasse as coisas do jeito que eram, acabaria me decepcionando ainda mais e não veria razão para viver.

Talvez tenha sido essa determinação que me fez ir em frente, até eu recuperar a vontade de cuidar da minha família, devolver a espingarda e parar de pensar em tirar a própria vida, de forma egoísta. Mena sempre tinha sido minha força propulsora, me incentivando em tudo, desde que a conheci. Levei muito tempo, na verdade vários anos, para perceber isso de forma clara.

Recentemente eu aprendi que existe um momento e um lugar certo para tudo nessa vida. As pessoas só conseguem se beneficiar da ajuda dos psicólogos quando estão realmente prontas para superar tudo e seguir em frente. O ano de 2004 foi o meu momento para fazer isso. De vez em quando eu ia às sessões de análise oferecidas pelo Centro Tara, em Omagh, e acredito sinceramente que foi graças a elas que eu ainda estou vivo. O principal motivo de eu voltar a buscar ajuda foi ter chegado a uma grande encruzilhada em minha vida, um ponto onde jamais imaginei ser possível chegar. Minha cabeça estava completamente desarticulada, eu me sentia perdido. Vivia traumatizado pela culpa e pelo medo absurdo de ir em frente. Graças à ajuda psicológica, ainda que esparsa por escolha minha, eu consegui ser convencido a mudar por completo o curso da minha vida e fazer uma coisa que eu nunca sonhei ser possível.

Capítulo 4

A menina que veio da Romênia

Uma quinta-feira em fevereiro de 1997, Mena e eu estávamos sentados na cozinha tomando chá quando, inesperadamente, ela começou a falar de uma reunião que iria acontecer no Hotel Royal Arms, em Omagh. Mena tinha lido um artigo em alguns dos jornais locais, o *Ulster Herald* e o *Tyrone Constitution*, que um grupo fazia apelos para famílias da cidade que estivessem interessadas em cuidar, por algumas semanas, de crianças provenientes de orfanatos na Romênia. Mena me disse que queria pegar uma dessas crianças que vinham do antigo país comunista para passar férias de verão em nossa casa.

Esse assunto nunca tinha surgido em nenhuma conversa, em nossa família, até esse dia; nunca tínhamos sequer mencionado a Romênia, e nenhum de nós sabia coisa alguma a respeito desse país distante, muito menos do idioma que as pessoas falavam lá. Mas Mena mostrou-se determinada a descobrir o máximo que conseguisse sobre esse programa humanitário e o que seria necessário para angariar fundos e financiar a visita dessas crianças ao nosso país.

A princípio eu fui totalmente contra, mas Mena insistiu tanto que nós dois fomos à reunião para saber mais e ver se aquilo era uma boa ideia para nossa família. Mena provavelmente já sabia que depois que eu ouvisse algumas das histórias horríveis sobre o que aquelas crianças tinham passado eu mudaria de

ideia na mesma hora e a deixaria levar o plano adiante. Fomos ao hotel. Eu fiquei muito surpreso ao ver um número elevado de pessoas que compareceram ao evento, considerando o pouco que as pessoas conheciam sobre a Romênia na época. Para ser franco, a ideia de trazer crianças de fora para passar as férias em um país estrangeiro era nova para todos os habitantes da Irlanda do Norte.

Naquela noite eu conheci uma mulher chamada Elaine Armstrong, e outra organização de Drumquin que assumira a tarefa de tentar trazer essas crianças. Elaine falou para o grupo reunido ali e contou que o plano inicial era trazer apenas dez meninas e meninos para Tyrone naquele ano, e estavam organizando tudo com o apoio do Fundo de Auxílio ao Norte da Romênia, com base em Derry. Soubemos que cada família interessada em receber um órfão precisaria levantar quatrocentas libras, para o plano dar certo. Depois, eles explicaram a importância dessa experiência para aquelas crianças, que nunca tinham tirado férias em suas curtas vidas e levavam uma vida muito simples, sem brinquedos, nem doces, sem passeios, praticamente sem vida fora dos portões do orfanato. Estavam instalados em acomodações extremamente simples e não conheciam nenhum dos luxos que as crianças comuns da Irlanda do Norte e dos outros países da Europa Ocidental consideravam básicos em suas vidas. Soubemos que eles moravam em orfanatos que estavam praticamente em ruínas e passavam as noites amontoados em dormitórios com dezenas de outras crianças. Basicamente não conheciam a vida fora do que viam atrás dos muros de seu campo de refugiados para crianças.

Todos ficaram muito comovidos pelo que ouviram na reunião, e seria preciso ter um coração de pedra para não se emocionar. Isso me fez perceber o quanto eu tinha sorte na vida e no quanto meus filhos eram afortunados. Se Mena, por acaso, planejava me deixar chocado com o que eu vi e tentava conseguir meu sinal verde para o plano dela, acertou em cheio. Depois de saber das condições de vida naquele país distante, tão longe da nossa pequena ilha, senti que precisávamos fazer a nossa parte para, pelo menos, proporcionar a uma criança pobre as férias que ela recordaria por muito tempo, provavelmente pelo resto da vida. Então começamos a planejar como levantaríamos o dinheiro necessário para trazer um daqueles pequenos órfãos para Drumquin.

Mena estava empolgadíssima para começar a conseguir fundos para a empreitada. Fez de tudo para garantir a doação de tanto dinheiro quanto nos

fosse possível conseguir para trazer pelo menos uma daquelas pobres crianças. Organizamos noites de *disco music* e outros eventos no centro de atividades dos jovens locais nas semanas que se seguiram, e a resposta foi fabulosa. Justiça seja feita a Mena: ela conseguiu levantar mais dinheiro do que qualquer outra pessoa do grupo. Por causa do seu trabalho dedicado à causa e da quantidade de dinheiro que ela conseguiu arrecadar naquele ano, ela recebeu a oportunidade de escolher a criança que gostaria de receber para passar duas semanas na nossa casa, em julho.

Elaine veio à nossa casa uma noite com uma pilha de fotos e as espalhou na nossa frente. Foi muito difícil decidir qual daqueles órfãos queríamos receber em casa, porque eles eram muito bonitos e obviamente todos mereciam e precisavam de cuidados especiais. Por fim, Mena escolheu uma menina linda, de corpo miúdo, morena, com cabelos muito pretos, que fora fotografada sentada em um sofá sorrindo abertamente. Seu nome era Andreea. Todos ficaram muito empolgados com a perspectiva de recebê-la como hóspede nas férias.

Nossos quatro filhos estavam esperando com alegria e ansiedade a visitante. Adoraram a ideia de conviver com gente nova na casa; uma menina com aparência completamente diferente de alguém da nossa região e que falava um idioma estranho. O dia da chegada de Andreea foi um tumulto completo, pois as crianças só queriam saber de conhecer a menina romena, que soubemos que tinha apenas 9 anos. Eles limparam seus quartos durante horas, e Shauna colocou para fora os seus antigos brinquedos e bonecas, deixando tudo pronto para a nova amiguinha brincar. Andreea iria dormir no quarto das meninas, em uma cama só dela, e tudo estava devidamente preparado para recebê-la.

Alguém nos explicou que ela seria recebida no aeroporto de Dublin com as outras crianças. Elaine, a organizadora, levaria todos para a casa da sua mãe em Drumquin, onde deveríamos pegá-la. Mena ficou empolgada e emocionada quando passamos pela porta da casa e vimos a pequena Andreea pela primeira vez. Ela era realmente lindíssima, e sorria o tempo todo. Mal conseguíamos esperar para levá-la até nossa casa e apresentá-la aos nossos filhos. Toda aquela movimentação devia ser muito estranha para aquela garotinha, pois o lugar onde morávamos era completamente diferente do local de onde ela viera. Havia muitas informações novas para ela absorver, uma família nova, grande,

em outro ambiente. Para completar a emoção, aquela tinha sido sua primeira viagem de avião.

Quando finalmente conseguimos chegar em casa já eram 22h, e Andreea estava absolutamente exausta. Conheceu rapidamente os nossos filhos, recebeu abraços apertados das meninas e foi direto para a cama. Tinha trazido uma malinha com uma escova de dentes, um tubo de pasta, um conjunto de pijama e um rolo de papel higiênico mais áspero que uma lixa. Parecia um rolo daqueles papéis de parede feitos com raspas de madeira, muito comum nas casas irlandesas no tempo em que ninguém tinha dinheiro. Ainda por cima a superfície era irregular. Andreea não tinha roupa nenhuma além da que trazia no corpo.

Embora estivesse cansadíssima ao chegar, Andreea ainda aguentou umas duas horas. Parecia muito empolgada e cheia de vida. Em poucos minutos já estava dando cambalhotas no chão com as meninas. Ela se enturmou na mesma hora, e a barreira da língua logo deixou de existir. O que as outras faziam ela imitava e, de algum modo, todas conseguiram se entender. Andreea curtiu boas horas de sono naquela primeira noite e pareceu ter adorado seu novo quarto. Na manhã seguinte, quando a comida foi colocada na mesa, ela nem sabia o que comer primeiro. Os outros enchiam a boca de torradas e flocos de milho, mas Andrea não fazia a menor ideia do que eram aqueles objetos flutuando na tigela de leite. Entretanto, apesar da sua curiosidade inicial, tudo que colocávamos na mesa parecia desaparecer em instantes.

Quando Mena subia todos os dias de manhã até o quarto das meninas, Andreea já estava com a cama feita, o pijama cuidadosamente dobrado nos pés da cama, as calcinhas lavadas e penduradas ao lado da pia do banheiro para secar. Era isso que ela fazia todos os dias no orfanato, e seguiu sua rotina. Nós não dissemos nada.

Certo dia, Mena levantou o travesseiro de Andreea e descobriu que o lençol estava coberto de torradas e migalhas. A pobrezinha andava levando comida para o quarto todo dia e escondendo-a debaixo do travesseiro, para o caso de sentir fome mais tarde. Era isso que fazia no orfanato, pois tinha pouco o que comer, e certamente achou que a situação seria a mesma em nossa casa. Também percebemos que ela continuava usando o seu rolinho de papel higiênico, o ralador terrível que trouxera consigo da Romênia; até que um dia

descobriu que o material que usávamos era muito mais suave que o dela e abandonou de vez a lixa, favorecendo a opção mais macia.

Seu inglês era sofrível, e às vezes ela não conseguia se comunicar direito conosco. Quando estava de mau humor bufava várias vezes, armava uma careta e um bico. Mas Mena não era mulher de aceitar frescura de crianças com muita facilidade, e tratava Andreea como se fosse uma das suas filhas. Um dia, Andreea começou logo cedo a exibir suas bufadas de impaciência, soprando as bochechas com força e fazendo cara feia por causa de alguma bobagem. Mena deu um murro na mesa com tanta força que Andreea quase pulou fora do próprio corpo com o susto. Nunca mais bufou depois disso. A verdade é que estava começando a ficar mimada e achou que poderia fazer um pouco de chantagem emocional, mas certamente não contava com a reação de Mena.

Desse dia em diante ela se comportou de forma magnífica. Acompanhava os outros, fazia o que lhe mandavam e comia tudo que os outros estivessem comendo. Nossos filhos adoravam Andreea, e Shauna acabou se tornando muito amiga dela, assumindo o papel de irmã mais velha, já que a diferença de idade entre as duas era pouco mais de dois anos. Elas se entenderam maravilhosamente bem, e Andreea demonstrava estar curtindo muito sua nova rotina. Durante aquelas duas semanas nós fizemos alguns passeios até o norte do país de carro, e nos dias em que não saíamos para passear as crianças se distraíam com todo tipo de jogos.

Andreea aprendeu muitas palavras em inglês em um curto espaço de tempo. Algumas dessas palavras nos deixavam bastante satisfeitos, mas outras não! Ela absorvia cada palavra nova como uma esponjinha, e usava todas elas, as boas e as más. Adorava assistir ao desenho *Aladdin* no vídeo. Se dependesse dela, não assistiria a outra coisa durante as 24 horas do dia. O filme passava tantas vezes que ninguém mais aguentava assistir; todos tinham vontade de subir pelas paredes cada vez que o filme começava. Eles não tinham vídeos no orfanato, então aquilo foi uma grande atração para Andreea.

Tenho de reconhecer que nós a mimamos muito. A quantidade de presentes que ela ganhou foi algo desproporcional. Não tínhamos muito dinheiro sobrando na época, mas compramos vestidos e sapatos novos para ela. Minha mãe e os vizinhos também lhe trouxeram roupas e outros presentes e, ao aprontar as coisas para ir embora, ela estava com três malas cheias, um

grande contraste com a malinha pequena e vazia com a qual tinha chegado. (Mais tarde eu descobri que aquelas crianças não ficavam nem mesmo com as roupas que ganhavam de presente das famílias que as receberam. Assim que voltavam para o orfanato, as roupas eram tiradas delas e distribuídas entre as outras crianças. Soubemos disso muito mais tarde, e paramos de enviar roupas e coisas aos montes para a Romênia. Depois de algum tempo, mandávamos donativos unicamente através do fundo de auxílio, mesmo assim por meio dos motoristas que levavam as doações. Esse era o único modo de ter certeza de que nosso dinheiro duramente ganho estava indo exatamente para onde queríamos enviá-lo.)

Apesar da alegria, reparamos que a personalidade de Andreea começou a mudar nos dias antes de ela ir embora para casa, e isso nos deixou tristes. Quando ela soube que o dia da partida estava chegando, entrou em depressão. Vivia sentada pelos cantos da casa, parecendo arrasada. Isso foi duro de enfrentar, e Mena certamente faria qualquer coisa para não precisar mandá-la embora.

Andreea curtiu dias maravilhosos em nossa companhia, e descobriu um lado da vida que lhe era completamente desconhecido. Sabíamos que aquela experiência era marcante, e seria um trauma em sua vida ela ser obrigada a voltar à rotina diária normal, trancada o dia inteiro atrás dos muros altos de um orfanato, onde tinha pouca ou nenhuma liberdade e absolutamente nenhum luxo. Brinquedos, doces, viagens de carro com nossa família pelos campos e passeios ao shopping logo seriam, para ela, apenas uma lembrança distante. Dava para perceber claramente que Andreea estava triste só de pensar no retorno à Romênia.

Eu me lembro de como Andreea ficou chateada na noite da partida. Soluçava muito, abraçava todo mundo, e isso nos partiu o coração. Ela já estava muito ligada à família a essa altura, e tinha tudo o que poderia ter sonhado para sua vida em nossa casa. No dia, eu comentei com Mena que se nós tivéssemos ficado com ela, sem levá-la para o ônibus de volta a Dublin, provavelmente ninguém teria sentido a sua falta. Só naquele ano mais de 130 crianças tinham vindo da Romênia. Apenas uma parcela delas voltaria para casa naquela semana, havia poucas pessoas tomando conta de tanta gente e seria difícil rastrear cada um dos órfãos. Entretanto, por mais que tivéssemos nos

apegado a ela, sabíamos que não era possível fazer isso. Tínhamos de seguir as regras.

Foi muito difícil, para nós, deixá-la ir embora. Para ser franco, eu nem queria pegar criança nenhuma, para começo de conversa, e nunca imaginei que ficaria apegado a Andreea em tão pouco tempo. No decorrer daquelas duas semanas ela se tornou um membro da família, parecia um de nós, e eu estava preocupado por ela nos deixar, pois não fazíamos ideia do que ela iria realmente enfrentar na volta. Não conhecíamos nada sobre as circunstâncias de sua vida, não sabíamos o que havia acontecido com sua família nem como ela acabara indo morar em um orfanato. Tudo isso pendia sobre nossas cabeças como uma imensa nuvem negra no instante em que a entregamos de volta às mãos dos organizadores do programa. Todos seguiram de volta a Dublin e pegaram o avião para sua pátria.

Quando concordamos em aceitar uma criança da Romênia para passar algumas semanas conosco, não conseguimos nenhuma informação sobre o seu passado e história de vida, sua família, as circunstâncias em que vivia ou seu nível de educação. Não sabíamos de nada sobre sua vida na Romênia, que tipo de comida consumia, que tipo de roupas usava e coisas desse tipo. Naquela época o acesso à internet não era comum, e mesmo que quiséssemos pesquisar nem saberíamos onde procurar sobre a história e a cultura da Romênia. Portanto, não fizemos perguntas e não obtivemos respostas. Não saber de nada nos deixou ainda mais preocupados pelo futuro de Andreea. Ela era uma menina linda e quando foi embora não sabíamos sequer se um dia tornaríamos a vê-la.

Nossa casa passou por momentos de muita agitação naquelas duas semanas de julho, porque todas as crianças do bairro vinham brincar com a “menina nova”. Havia trinta casas em McCrea Park, e as crianças de todas as casas da rua apareciam lá em casa diariamente. Andreea era uma grande novidade para todas elas, e se dava bem com todo mundo, apesar das barreiras da língua. É divertido ver como as crianças se adaptam a qualquer circunstância ou problema que enfrentam, e conseguem se comunicar sem palavras usando coisas simples como bonecas e ursinhos de pelúcia. São pessoinhas surpreendentes que não aceitam barreiras quando o assunto é brincar. Elas simplesmente superam os obstáculos.

Sei que Mena ficou arrasada por ter de se despedir da pequena Andreea sem saber o que esperava a menina em seu país de origem. Mena ficou tão abalada que chegou a dizer que não poderia mais se comprometer a recebê-la novamente no futuro, pois seu coração se partiu ao vê-la ir embora. Entretanto, embora eu fosse o cético da história desde o início, jurei que, não importa como, aquela menina voltaria para nossa casa no verão seguinte. Procurei o pessoal da organização em Derry, falei com Sean Boyle e Michael Newton, e lhes informei que, se eles fossem trazer as crianças no verão do próximo ano, nós queríamos receber Andreea. Faria o que fosse necessário para garantir que isso acontecesse. E foi o que fiz. Na verdade, ainda tenho marcas nas costas para provar meu empenho, pois pedalei uma bicicleta por quase quinhentos quilômetros para ajudar a levantar fundos e trazer as crianças de volta à Irlanda.

Enquanto as negociações estavam sendo feitas para trazer de volta o grupo de órfãos no ano seguinte, eu arregimentei as tropas. Na época eu ainda mantinha contato com amigos da fábrica da Nestlé. Tínhamos organizado três corridas de bicicleta beneficentes em 1995, 1996 e 1997, para várias causas sociais. Então, eu e os rapazes decidimos que 1998 seria o ano dedicado à Romênia.

Uma equipe pedalou de Omagh até o condado de Longford em uma bela segunda-feira. Chegamos absolutamente exaustos ao hotel Longford Arms naquela noite. Mesmo assim, tornamos a pegar as bicicletas no dia seguinte para ir até Sligo, atravessando as belíssimas montanhas Curlew. Aquele foi um percurso realmente difícil. Circulamos por estradas muito esburacadas, mas o cenário era fantástico, e a diversão foi grande. Passamos a noite em um hotel da cidade, onde curtimos algumas rodadas de cerveja. No dia seguinte pegamos o caminho de volta para Omagh passando pelo resort Bundoran, em Donegal, e chegamos fisicamente arrasados, com os traseiros doloridos e as cabeças estourando. Tivemos sorte pelo clima, que não estava mal, e não sofremos nenhum acidente no circuito. Tudo foi muito tranquilo e correu bem.

Nesse ano nós levantamos mais de seis mil libras para a causa, e ficamos empolgadíssimos com a façanha. Promovemos um baile nos fundos do pub O'Ceathain Arms na volta, e a fundação ofereceu um troféu aos ciclistas pelo trabalho e o empenho em levantar fundos. Ninguém imaginou que

podéssemos conseguir uma quantia tão elevada para o primeiro evento ciclístico dedicado a ajudar um país estrangeiro tão distante.

Brendan Shine, um cantor muito famoso na Irlanda, cantou para nós naquela noite. Todos os participantes tiveram de buscar um patrocínio de, no mínimo, cem libras para participar da corrida, e o apoio que conseguimos foi surpreendente. Tivemos contato com muitos empresários naquela noite, e todos enfiaram as mãos nos bolsos sem pensar duas vezes quando eu os procurei.

Quando as crianças chegaram para o segundo período de férias nós todos nos lembramos da razão de termos feito tantos sacrifícios, e as dores nas minhas costas valeram a pena. Eu me lembro de ter pensado, na ocasião, que se eu nunca mais fizesse nada para beneficiar alguém na vida eu já me sentiria feliz por saber que tinha feito todo o possível para ajudar crianças que não tinham nada a curtir alguns momentos de alegria em sua vida. Só de reparar nas expressões de felicidade estampada nos rostinhos daquelas crianças quando elas chegaram para passar novas férias com as famílias em suas casas emocionaria qualquer pessoa. Aquelas semanas foram o ponto alto daquele ano para todos nós.

Graças a Deus, Andreea foi designada para ficar novamente conosco. Dessa vez, ela iria passar três semanas. Tivemos de esperar um ano inteiro pela sua volta, e nesse período conversamos sobre ela o tempo todo, nos perguntando como estaria na Romênia. Será que estava a salvo? Será que tinha comida suficiente? Não sabíamos nada sobre a situação da Romênia, só o que víamos nos documentários da tevê na época, além das reportagens na tevê sobre os orfanatos no Leste Europeu. Então, era natural nos preocuparmos.

Mal podíamos esperar para rever Andreea. Contratamos um ônibus para pegar as crianças na segunda visita, pois elas iriam desembarcar novamente no aeroporto de Dublin. Um homem chamado Charlie Lynch nos levou e trouxe de volta em seu ônibus e não quis cobrar a viagem. Shauna e eu fomos até Dublin, loucos de vontade de rever Andreea.

Eu me lembro dessa viagem muito bem, porque ficamos esperando muito tempo no aeroporto. Esperamos, esperamos e não havia sinal dela. Todas as outras crianças já haviam desembarcado e estavam empolgadíssimas com as novas férias. Até o momento em que Andreea saiu pelas portas do setor de

desembarque nós nem mesmo sabíamos se ela estava ou não no avião, e não havia como confirmar isso. Naquela noite ficamos com o coração na boca, andando de um lado para o outro no terminal de desembarque do aeroporto de Dublin, rezando para que ela tivesse vindo naquele voo.

Quando ela finalmente apareceu com sua mochilinha, correu direto para onde estávamos. Parecia muito empolgada por estar de volta. Tinha aprendido um pouco de inglês na escola durante o ano, no orfanato. Dessa vez o seu domínio do idioma estava um pouco melhor, e ela conseguiu conversar com as crianças, apesar do inglês ainda ruim. Foi um momento ótimo para ela e para nós. Desde que Andreea tinha ido embora, no ano anterior, até sua volta, em 1998, estávamos planejando essa viagem. Eu quis trazê-la para passar o Natal conosco, mas me informaram que eles não organizavam viagens nessa época do ano (mais tarde eu descobri que essa informação era falsa). O fato é que essas visitas eram uma espécie de aprendizado para todos.

O segundo período de férias de Andreea conosco foi fantástico. A família toda foi de trailer até o parque John Murphy em Ballina, condado de Mayo, juntinho do mar. O tempo não estava muito bom, apesar de estarmos no verão, em pleno mês de agosto, mas pelo menos tivemos alguns dias de folga. Quando chovia, todo mundo se enfiava no trailer onde havia um monte de goteiras, mas verdade seja dita: as crianças não reclamaram de nada, ficavam jogando e se mantinham ocupadas. Quando o sol saiu, todos correram para a praia, a fim de nadar e construir castelos de areia. Andreea adorou o mar; foi uma experiência nova para ela, e foi fantástico ver o sorriso largo que tomou conta do seu rosto o tempo todo. A praia em si não era novidade para meus filhos, que estavam acostumados e não ligavam mais. Para Andreea, porém, aquilo tudo era um cenário de conto de fadas.

Entretanto, novamente sentimos que o sonho estava para acabar, e ela teria de voltar para a sua vida na Romênia. Vimos a mudança que se instalou em Andreea mais uma vez, nos momentos que antecederam o Dia D. Dava para ver a dor em seus olhos ao lembrar que teria de abandonar mais uma vez a sua pequena terra da fantasia. Nós não tínhamos muito dinheiro; éramos pessoas da classe trabalhadora que moravam em uma casa de tamanho médio. Como muita gente, nos preocupávamos em saber de onde o dinheiro viria para pagar

todas as contas do mês seguinte. Para Andreea, porém, tínhamos uma casa imensa, montes de dinheiro e levávamos uma vida fantástica.

Tudo era completamente diferente do que ela via em seu país de origem: pobreza, crianças famintas e deficientes mendigando pelas ruas, sem ter sequer os requisitos básicos de conforto e saneamento. Ela passava os dias atrás dos muros de um orfanato caindo aos pedaços, em companhia de outras crianças como ela, e não tinha vida de verdade, pelo menos nada que pudéssemos chamar de vida normal para uma criança.

Comecei a me questionar, na época, se estávamos fazendo a coisa certa tirando-a do que era sua zona de conforto emocional e lhe mostrando o que ela poderia ter se tivesse a sorte de ter nascido em outro país, no seio de outra família. Eu me perguntava se não estaríamos, na verdade, prejudicando essas crianças ao lhes mostrar tantas coisas interessantes para depois mandá-las de volta para sua vidinha horrível.

Certa noite, em um baile beneficente que havíamos montado no pub O'Ceathain Arms, a fim de levantar fundos para as crianças romenas, conheci uma mulher chamada Doina, que cuidava de Andreea e algumas das outras crianças no orfanato onde elas viviam, em Fagaras. Perguntei-lhe logo de cara se não estaríamos, na verdade, prejudicando aqueles jovens ao trazê-los para passar férias na Irlanda. A resposta dela me fez compreender, de uma vez por todas, que o que fazíamos era uma verdadeira bênção para aquelas crianças. Doina me explicou que essas viagens possibilitavam às crianças a descoberta de que havia outro tipo de vida fora da Romênia, longe dos orfanatos. Isso as fazia pensar e sonhar que, depois que crescessem, poderiam aspirar uma vida semelhante para elas mesmas e suas famílias. Portanto, recebiam algo em que focar a esperança no futuro. Isso me serviu de conforto.

Mesmo assim foi difícil deixá-la ir. No dia 9 de agosto — o domingo antes da bomba — Mena se despediu, mas ficou chateada demais para aguentar até o fim. Não quis nem ir ao aeroporto com o resto da família.

Um ou dois dias depois, Mena e eu conversamos sobre as semanas anteriores e o quanto tínhamos curtido as férias com Andreea. Eu tinha prometido à menina que faríamos de tudo para visitá-la na Romênia antes de ela voltar no ano seguinte. Conversamos sobre isso e pensamos como poderíamos fazer para cumprir a promessa, pois os voos estavam muito caros

na época. Perguntei a Mena o que ela achava sobre a possibilidade de adotarmos Andreea. Ela disse que isso seria uma responsabilidade enorme, mas me garantiu que pensaria com carinho na ideia, pois tinha se apegado demais à menina.

Então era esse o nosso plano. Não fazíamos a mínima ideia de como poderíamos alcançar isso, mas estávamos dispostos a descobrir o que seria necessário e quanto iria custar. Quando tivéssemos essas respostas, poderíamos tomar nossa decisão.

No entanto, não era para acontecer. Seis dias mais tarde Mena foi assassinada e nossas vidas se esfacelaram. Meus planos de ir ao agente de viagens naquele sábado para perguntar os preços dos voos nunca aconteceram, e minha prioridade imediata era cuidar de Shauna e dos meus outros filhos. Nunca imaginei que eu também iria me desmontar.

Entretanto, à medida que o tempo passou, os nossos pensamentos começaram a voltar para Andreea. Sabíamos que ela ficaria arrasada ao saber que Mena fora morta. Não teria entendido o porquê, pois não sabia que nosso país estava em guerra. Não sabia nada sobre os conflitos e os anos de violência que o povo ao norte da fronteira da Irlanda vinha enfrentando. Morrer subitamente era uma coisa, mas uma mãe ser morta deliberadamente pela explosão de uma bomba em uma rua movimentada enquanto fazia compras com a família era algo que a maioria das pessoas só via em filmes ou na TV. Chegamos a nos perguntar se algum dia tornaríamos a ver Andreea. Se isso acontecesse, será que ela sentiria a mesma coisa com relação a nós? Será que aceitaria voltar a Tyrone, agora que Mena se fora? Tudo isso eram preocupações que enchiam nossas cabeças.

Conversamos em família sobre o que Mena haveria de querer e decidimos que, independentemente do que acontecesse no futuro, ela certamente gostaria que fôssemos à Romênia, apesar dos custos elevados, para lutar por Andreea. Descobrimos que realmente seria caríssimo viajar para lá e para cá, pagar pelos vistos etc. Eu não estava trabalhando e não tínhamos muito dinheiro guardado, mas decidimos que mesmo que eu precisasse pegar dinheiro emprestado, seguiríamos com o plano. Pelo que sabíamos, o desejo de Mena era dar uma vida melhor àquela criança e faríamos isso, especialmente agora que havíamos perdido a pessoa que mantinha a família unida. Além do mais, a distração de

ter Andreea por perto ajudaria meus filhos a focar a atenção nela e ter algo para construir. Se conseguíssemos adotá-la legalmente, sabíamos que Mena ficaria feliz. Então, Shauna e eu começamos a planejar a viagem.

Em outubro de 1999, finalmente fiz minha primeira viagem à Romênia, em companhia de Shauna. Fui lá com um único objetivo em mente: dar início ao processo de adoção de Andreea. Aquela certamente seria uma viagem doce e amarga, mas seguimos no voo com um grupo animado de passageiros e nos divertimos muito. Tudo isso ajudou a levantar nosso astral.

A notícia de que queríamos adotar uma criança romena se espalhou, pois os jornais locais já tinham demonstrado muito interesse nas crianças desde suas primeiras férias na Irlanda do Norte. Apareceu em todas as manchetes a notícia de que iríamos adotar uma menina romena; o *Belfast Telegraph*, o *Irish News* e outros jornais locais se prontificaram a ajudar a financiar o processo de adoção do jeito que conseguissem. Toda a mídia se interessou pelo nosso projeto, e a maioria dos jornais dos dois lados da fronteira noticiou algo sobre nossa viagem a Fagaras para adotar Andreea.

Elaine Armstrong foi conosco nessa viagem, acompanhada de sua mãe, Linda Fyffe. Elaine era uma das mulheres que havia organizado as primeiras viagens dos órfãos a Drumquin dois anos antes, em 1997. Ela estava animada para conhecer pessoalmente o lado de lá da operação que organizava, a fim de ter uma ideia melhor de como era a vida na Romênia. Isso a ajudaria na hora de buscar novas famílias para ficar com os órfãos nas férias. Todos estávamos muito curiosos e empolgados para conhecer o lugar. É claro que Shauna e eu também estávamos loucos para rever Andreea, mas receávamos o instante de lhe dar a notícia sobre a morte de Mena.

Chegaríamos a Bucareste às 16h do domingo, e os rapazes em Derry tinham contratado uma van para nos pegar no aeroporto, mas o homem que arranjara tudo por lá tirou uma folga no dia de nossa chegada e se esqueceu de nós. Chegamos ao aeroporto e esperamos durante horas. Acabamos indo para a estação de trem em um táxi todo quebrado, onde esperamos até nove da noite pelo trem que nos levaria a Fagaras. Quando nos lembramos de tudo isso, agora, achamos graça, mas a verdade é que o taxista que conhecemos naquela noite era ganancioso e arrancaria até os olhos das nossas caras, se pudesse. Tentou nos cobrar uma grana absurda pela corrida até a estação de trens. Se

não tivéssemos sido avisados de que na Romênia aconteciam coisas desse tipo, teríamos perdido muito dinheiro. Pagamos o valor que sabíamos que era o correto e lhe demos uma boa gorjeta, mas ele ficou muito zangado por seu plano não ter dado certo. A maioria das pessoas não fazia ideia, ao chegar, do quanto custava ir de um lugar para outro. O taxista certamente tinha um esquema para arrancar grana dos estrangeiros que visitavam o país. Na Romênia daquela época dava para comprar três ou quatro maços de cigarro por uma libra, ou um copo de vodca por 25 pence. Obviamente esses caras sabiam que pegar um grupo de turistas ingleses ou americanos desavisados sobre os custos de vida no país lhes rendia muito dinheiro, e era possível enrolá-los por várias semanas, o que dirá poucos dias, como era o nosso caso.

O dinheiro era tão curto na Romênia que, ao chegarmos à estação de trens, tivemos de, literalmente, nos sentar sobre as malas durante o tempo de espera, porque havia bandos de jovens rondando o lugar, implorando para carregar nossa bagagem por alguns trocados. Se não tivéssemos nos sentado nas malas, elas certamente teriam desaparecido em segundos. Aquelas crianças pareciam desesperadas, e cada turista que chegava as enchia de empolgação e esperança de algo para mendigar ou roubar. Elas também teriam nos arrancado os olhos da cara se achassem que conseguiriam escapar numa boa.

Nossa viagem de trem nos preparou para as condições que iríamos encontrar em toda a Romênia. Quando fomos usar o toailete descobrimos que qualquer coisa depositada no vaso caía direto no leito da ferrovia. Não havia privada, por falar nisso, muito menos válvula de descarga ou algo assim. O que havia era um buraco no chão, com marcas no piso ao lado para impedir a pessoa de escorregar. Se você não levasse seu próprio pedaço de lixa higiênica, ou não tivesse pedido um rolo na estação, teria de circular pelo trem com o traseiro sujo até chegar ao destino, porque papel higiênico era um luxo que não existia no sistema de transportes da Romênia. Se alguém tivesse nos contado isso antes, certamente não teríamos acreditado.

Havia um soldado armado guardando as portas de cada vagão, observando e vigiando tudo e todos, eu diria até mesmo pronto para atirar em quem tivesse vontade. Estavam armados até os dentes e eram rapazes muito jovens. Eles nos ajudaram a desembarcar as malas em Fagaras e nos trataram com gentileza e educação, mas eu reparei que todos tinham uma expressão dura nos olhos,

tanto os soldados quanto os passageiros. Ficou evidente, desde o momento em que chegamos à Romênia, que nenhuma das histórias pavorosas que havíamos ouvido poderia ter nos preparado para o que ainda iríamos testemunhar.

Finalmente chegamos em Fagaras às 2h30 da manhã. Fomos recebidos por uma van que nos levou ao hotel, que ficava em frente ao orfanato. Os quartos tinham sido reservados ali justamente para estarmos perto do orfanato o tempo todo. A diária era o equivalente a uma libra por noite, apenas, e logo descobrimos a razão disso. Nossa, aquilo foi muito duro de enfrentar! Ao chegarmos ao hotel estávamos tão cansados que caímos no sono imediatamente. Mas fiquei pasmo ao acordar na manhã seguinte, porque embora o lugar tivesse me parecido ruim na véspera, quando tudo estava escuro e chegamos exaustos, à luz do dia vimos que aquilo era uma espelunca imunda. A pobre Shauna quase teve um chique quando acordou e olhou à sua volta.

Havia uma tira estreita de carpete nas escadas servindo de passadeira, talvez com uns quarenta e cinco centímetros de largura. Não cobria nem metade dos degraus, e quando subíamos a escada ela deslizava para baixo sob nossos pés, a cada passo. O fato é que a passadeira não estava pregada, e todas as manhãs a mulher que gerenciava o hotel a puxava para cima, batia nela com força para tirar o pó e a recolocava na escada, meio solta. Provavelmente também fazia uma oração básica para ninguém quebrar o pescoço ao subir ou descer.

O quarto tinha uma cama e mais nada. O que parecia ser um guarda-roupa era só um aquecedor. Era dali que vinha o calor do ambiente. Nenhum dos quartos do estabelecimento tinha banheiro, nem mesmo um lavatório. Acordei no meio da noite com vontade de urinar e descobri que a privada do único banheiro do corredor também não passava de um buraco no chão. Quando abri a porta quase fui nocauteado e lançado escada abaixo, pois escorreguei na urina empoçada no chão. O cheiro era repugnante e eu precisei pisar naquela urina empoçada para poder usar o toalete, prendendo a respiração para evitar o fedor do lugar.

O banheiro estava revestido do chão até o teto por manchas de limo verde e muito mofo. Um pedaço de cano pendia do teto. Aquilo era o chuveiro. Tudo estava imundo. Eu não tomei banho por uma semana, até voltar para casa. Provavelmente dava para sentir o meu cheiro de longe quando desembarquei na Irlanda. Eu mesmo sentia o fedor que exalava durante o voo,

mas isso era melhor do que me arriscar a pegar alguma doença, tomando banho naquele banheiro romeno repugnante onde a água suja pingava de um cano no teto.

Deus ajude se alguém precisasse comer naquele lugar, porque não havia nada. Alguém nos avisou que não adiantava nos mudarmos para outro hotel, pois eram todos daquele jeito. Não havia hotéis quatro estrelas. Em Fagaras, nem mesmo duas estrelas. Tivemos de enfrentar o que tínhamos e dar graças a Deus. Tremíamos só de pensar em voltar para aquele hotel à noite, mas não tínhamos escolha. Contando agora, tudo parece engraçado, mas na época não achamos nem um pouco divertido.

Em nossa primeira manhã em Fagaras fomos acordados às sete e quinze da manhã por Lenuta, uma menininha do orfanato que sabia que tínhamos ido visitar Andreea. Ela quase colocou a porta abaixo de tanto bater, porque estávamos completamente apagados, com o corpo moído depois da viagem de matar. Ela avisou que a mãe de Andreea estava esperando por nós no orfanato.

Eu fiquei em estado de choque. *Como assim?*, eu repetia sem parar. Como a mãe de Andreea poderia estar à nossa espera se ela era órfã? Alguém me informou que uma mulher queria falar conosco porque soube que eu iria levar a filha dela embora. Eu não acreditei no que ouvia e sinceramente pensei que havia algum engano. Vesti minhas roupas depressa e fomos para a rua.

Quando entrei pelo portão do orfanato, vi uma mulher miúda ao lado da guarita, usando um casaco cinza. Ao lado dela havia uma jovem que falava inglês muito bem, com uma pronúncia tão perfeita que qualquer um juraria que ela vinha de Ardboe, um lugar no nosso condado. Enquanto a mulher de casaco cinza falava, a intérprete traduzia tudo para o inglês. Em resumo, ela disse que tinha passado a noite toda ali, no frio, porque soubera que eu tinha ido pegar a filha dela. Ficara a noite toda sentada na guarita, aguentando o frio intenso, para o caso de eu aparecer e ela se desencontrar de mim.

Senti pena dela, pois só Deus sabe o que ela devia estar imaginando. Não sabia quem eu era, nem de onde vinha. Para ela eu não passava de um estranho que viera à Romênia só para levar sua filha embora para sempre. Não imaginava que, para mim, Andreea não tinha mãe nem pai. Muito menos entendia que eu tinha ido até ali para oferecer à menina uma nova vida em um país onde ela poderia ter muitas oportunidades e uma família que a amasse. Por

meio da intérprete, eu expliquei que nunca tinha sido informado da existência dela, a mãe de Andreea.

Apesar da tensão e do impasse inicial, ela começou a relaxar e compreender que era eu quem tinha sido iludido, ali, e não tinha ido à Romênia para raptar sua filhinha.

Não culpo Andreea por não ter me contado que ela não era órfã no sentido literal da palavra, porque a verdade é que esse assunto nem mesmo surgiu em nossas conversas. Mesmo que ela quisesse nos contar, não conheceria as palavras para fazê-lo. Quando alguém ouve que uma criança mora em um orfanato, automaticamente presume que ela seja órfã e está na instituição porque não tem uma família que possa cuidar dela. Mas não era esse o caso. Mais tarde nós descobrimos que muitas das crianças que estavam nos orfanatos da Romênia tinham pais, na verdade, mas estavam sob os cuidados de um orfanato porque suas famílias não tinham condições financeiras para criá-las, nem alimentá-las, comprar-lhes roupas, ou lhes dar algum tipo de instrução e educação. Como constatamos naquele dia, Andreea era uma dessas crianças.

Descobri também que Andreea tinha uma irmã chamada Nicoletta, que também morava no orfanato, e de cuja existência eu nunca soubera. Nicoletta era mais velha que Andreea. Soube também que já havia planos para mandar Nicoletta para a Irlanda do Norte, a fim de ela passar o Natal com uma família de lá. Essa foi a primeira vez que eu soube com certeza que era possível, afinal, pegar aquelas crianças no Natal, e pedi à mãe de Andreea, que se chamava Maria, se ela permitiria que Andreea fosse passar as festas de fim de anos conosco. Estávamos em outubro, e eu sabia que o tempo não estava a meu favor, pois havia muita coisa a acertar em dois meses. Ela concordou, pois tinha certeza de que Andreea ficaria em boas mãos conosco e sabia que a filha tinha adorado as outras férias que passara em nossa casa. Finalmente entendeu que eu não tentaria sequestrar sua filha e tudo tinha sido um imenso e lamentável mal-entendido.

É claro que ficamos chateados, pois as coisas haviam sido totalmente insatisfatórias para nós. Tínhamos ido até lá com a intenção de fazer os preparativos para adotar Andreea, e agora não sabíamos em que pé estávamos. Ficamos felizes por Andreea ao saber que sua mãe estava viva e ela não fora

deixada no orfanato sob alguma circunstância terrível, mas também nos sentimos muito desapontados.

Quando nos encontramos com Andreea, simplesmente contamos a ela que Mena tinha ido para o céu. Não entramos em detalhes sobre o que havia acontecido porque ela era apenas uma criança e provavelmente não teria compreendido direito. Ela ficou claramente abalada com a notícia, mas não insistimos na história e continuamos agindo de forma normal. Não queríamos que ela ficasse triste demais para depois ser deixada para trás com a cabeça cheia, remoendo sobre o que acontecera.

Nos dias que se seguiram, começamos a conhecer Maria um pouco melhor. Ela sabia tudo sobre Mena por meio de Andreea, e tentou expressar seus sentimentos para nós diante da notícia. Percebemos pelas suas expressões faciais o quanto ela estava angustiada e o que tentava dizer, e agradecemos sua consideração e suas demonstrações de dor.

Ela nos convidou a ir ao seu apartamento, que era minúsculo. Havia um único cômodo que virava quarto de dormir à noite ao se abrir o sofá, que se transformava em uma cama de casal. Não dava para duas pessoas ficarem ao mesmo tempo na cozinha, e o mesmo acontecia com o banheiro. Quem sentava na privada podia tomar banho ao mesmo tempo, porque o chuveiro, que era apenas um cano no teto, ficava ligado diretamente a uma caixa d'água, e bastava puxar uma cordinha para a água quente pingar. Apesar disso, tudo estava imaculadamente limpo e arrumado, e eu me senti culpado, pois Maria havia se dado ao trabalho de preparar um pouco de comida e tinha saído para comprar bebidas no dia em que nos recebeu.

Sabia que os poucos biscoitos e a manteiga que Maria nos ofereceu naquele dia deviam ter lhe custado um bom dinheiro, e certamente era uma quantia que lhe faria falta para outras coisas. Mesmo assim ela se mostrou encantada por ser capaz de nos oferecer alguma coisa para comer. Era assim que as coisas eram, e assim era a vida deles.

Eu nunca desfrutei de muita coisa em casa, não tínhamos luxos extravagantes, mas me senti muito grato por tudo o que a vida nos proporcionara, ainda mais depois de testemunhar um nível de pobreza como aquele e perceber que, mesmo com as adversidades, eles dedicavam muita atenção e respeito aos estrangeiros. Aquelas eram pessoas que trabalhavam

arduamente só para colocar um pouco de comida na mesa para suas famílias todos os dias. Havia pouco que eu pudesse fazer para mudar seu modo de viver, mas percebi que, embora eles não tivessem nada de valor em termos materiais, todos amavam seu país e adoravam seu estilo de vida, apesar das dificuldades imensas que muitas vezes enfrentavam.

Sabíamos que Maria provavelmente estava gastando todo o seu dinheiro da semana conosco para não se sentir envergonhada do quanto tinha. Explicou que as meninas vinham para a quitinete onde morava todos os fins de semana, e mantê-las no orfanato de segunda a sexta garantia que elas tivessem comida, roupas, e recebessem o mínimo de educação, coisas que ela não poderia lhes proporcionar.

Nessa época ela mantinha um relacionamento com um homem, e Cozac, o pai verdadeiro das meninas, tinha desaparecido. Eles haviam se separado fazia algum tempo. Ela não estava há muito tempo com seu novo companheiro, mas nós o conhecemos nessa primeira viagem. Embora, às vezes, fosse quase impossível entender o que ele queria dizer, conseguimos trocar algumas ideias. Quando íamos lá, sempre havia alguém que falava um pouco de inglês, então não foi tão difícil conversarmos.

Quando fomos embora, ao fim de uma semana, Maria assinou os papéis me autorizando a pegar Andreea para passar o Natal conosco. Eu lhe deixei uma pequena quantia para ajudá-la com as despesas da casa, mas pedi para que ela não contasse a ninguém que eu a ajudara. Ela praticamente se derramou em lágrimas ao aceitar o dinheiro. Não era muito, mas certamente aquilo lhes seria de alguma ajuda.

Ao sair do minúsculo apartamento deles naquela primeira noite da nossa visita eu senti enjoo, pois percebi que havia acontecido uma coisa estranha comigo, algo que ficou completamente fora de controle, e eu me vi em uma situação terrível. Soube disso no instante em que coloquei os olhos pela primeira vez naquela mulher de cabelos pretos que tremia dentro de seu casaco cinza fortemente apertado contra o corpo. Havia algo nela que fez meu coração dar uma cambalhota, e isso nunca havia me acontecido antes. Nunca em toda a minha vida, desde o dia em que conheci Mena, tinha sentido algo assim por outra mulher. O fato, porém, é que eu senti fisgadas de emoção no estômago desde o primeiro momento em que a vi. Eu me senti um adolescente quando

se apaixonou pela primeira vez. Quer eu gostasse ou não da situação, a verdade é que eu tinha acabado de me apaixonar à primeira vista por uma completa estranha, em um país igualmente estranho, e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito.

Eu me despedacei de culpa pelo que sentia e fiquei com vergonha de mim mesmo por alimentar sentimentos por uma pessoa que eu nem conhecia. Na minha cabeça, eu não tinha sequer o direito de olhar para outra mulher, muito menos de sentir atração por ela. Aquela era uma situação que iria me causar desilusão, sofrimento e preocupação por muito tempo, mas na época eu tinha de tocar a vida em frente e fazer o que era melhor para a pequena Andreea e para minha própria família na Irlanda do Norte. Meus sentimentos, não importam quais fossem, tinham que ser colocados em segundo plano.

Precisava tentar esquecer aquela pequena mulher romena cujos imensos olhos castanhos contavam uma dura história de vida mesmo sem ela conhecer uma única palavra na minha língua. Dizem que os olhos são a janela da alma, e todas as vezes que eu olhava para os dela enxergava a dor que ela sentia e os momentos terríveis pelos quais certamente já passara em sua curta vida. Maria tinha apenas 33 anos quando eu a conheci. Percebi que entregar suas filhas para o governo cuidar lhe provocava uma tristeza profunda. Entendi também que se ela pudesse mudar sua vida certamente faria isso sem pensar duas vezes, em um piscar de olhos. Entendi ainda que talvez eu fosse a sua única tábua de salvação. Eu não dispunha de muito dinheiro, mas tinha capacidade para levantar fundos por meio de eventos. Queria pelo menos tentar mudar as vidas de algumas das pessoas romenas que tinha conhecido em Fagaras. Sabia que Deus havia me enviado para lá por algum motivo. Logo se tornou óbvio que esse motivo provavelmente era me fazer descobrir que outras vidas e outros dramas se desenrolavam a milhares de quilômetros da minha casa, e por mais que minha situação fosse penosa, sempre haveria gente em piores condições em algum lugar do mundo.

Eu perdera minha esposa, mas, se não fosse por Mena, eu nunca teria ido à Romênia, para início de conversa. Nunca tinha tido interesse em conhecer o país. Aliás, não queria nem mesmo trazer criança nenhuma daquele país para nossa casa. No entanto, a mulher que tinha planejado isso se fora, eu fui deixado sozinho, recolhendo os pedaços da minha vida destruída, e senti que

era meu destino conhecer Fagaras. Naquele fatídico dia em Omagh, eu não tive a chance de descobrir o preço dos voos para a Romênia, como tinha planejado. Apesar disso, ali estava eu em um país estranho em companhia de Shauna, sabendo que estava escrito que iríamos lá. Era destino, e não se pode mudar o destino.

Por tudo isso eu prometi a mim mesmo que faria tudo o que estivesse ao meu alcance para ajudar aquelas crianças, aqueles orfanatos que lutavam para sobreviver dia após dia, e ajudar aquela pobre mulher cujo maior sonho na vida era ter condições de sustentar a família.

Capítulo 5

Levantando fundos para os orfanatos romenos

No voo de volta, depois dessa primeira viagem à Romênia, eu fiz para mim mesmo a promessa de começar a levantar fundos e ajudar aquelas crianças imediatamente. Assim que cheguei, comecei a contar para as pessoas como era dura a vida na Romênia, e as dificuldades diárias que eu havia testemunhado na rotina do povo. As pessoas se mostraram genuinamente interessadas e preocupadas. Na verdade, nossos vizinhos de bairro foram fantásticos. Todas as vezes em que eu pedi alguma coisa, consegui. Não importa o quanto o momento fosse difícil para uma ou outra família, elas sempre enfiavam a mão no bolso e ajudavam com alguma quantia, independentemente da causa que estivéssemos defendendo, tanto faz se era para trazer algum órfão de férias na Irlanda ou enviar algum dinheiro para os orfanatos romenos.

Mantive contato com Maria e com o orfanato que abrigava Andreea. À medida que as necessidades deles aumentaram, fiz questão de tentar conseguir tudo que eles precisavam, e enviava a ajuda pelo correio ou por pessoas engajadas que passaram a visitar a Romênia em bando.

Em 1999, eu organizei uma grande noite em nossa região, no pub O'Ceathain Arms e tivemos um cantor chamado Declan Narney tocando para nós. Cobramos dez libras por cada ingresso do evento. Eu estive no *The Late*

Show , do canal RTÉ, pouco antes do espetáculo, e ganhei, durante o programa, uma semana de estadia para duas pessoas no Hotel Jury's, em Dublin. Fiz uma rifa desse prêmio naquela noite, no pub, juntamente com outros *vouchers* que tinha conseguido, além de caixas de chocolate e coisas do gênero. Cobramos cinco libras por cada número da rifa. Essa noite foi um tremendo sucesso, mais do que poderíamos ter sonhado, e conseguimos apoio maciço das pessoas. Ao contabilizar o valor arrecadado vimos que havíamos levantado cerca de oito mil libras. Esse dinheiro foi usado para trazer um grupo de crianças para passar as férias na Irlanda do Norte, e isso foi muito útil à causa. Patrick O'Kane, proprietário do pub, pagou pela tenda gigante que usamos, cobriu todas as despesas operacionais e ainda me ofereceu metade da renda da noite, em dinheiro. Serei grato a ele até o dia de minha morte.

Havia um grupo de amigos que trabalhavam juntos para levantar fundos: eu, Patrick O'Kane, Brian e Seamus Lunney, Elaine Armstrong, Linda Fyffe, Raymond Acheson, Maeve Sheridan e Aidan McCrossan. Todos nós trabalhamos juntos e levantamos uma soma imensa em dinheiro fazendo uma vaquinha entre as famílias do bairro e uma noite de festa na Associação Gaélica de Atletismo, a GAA local, para a construção de mais um orfanato em Fagaras. Sabíamos que levaria algum tempo para construir um novo prédio, mas estávamos determinados a ajudar tanto quanto pudéssemos.

Organizamos muitas noites com eventos no salão da paróquia local, onde recebemos grandes cantores como Jimmy Buckley e Mick Flavin. Outra noite, iríamos receber Johnny Loughrey, um cantor muito conhecido na Irlanda, mas recebemos uma ligação informando que ele estava doente e não poderia ir, mas enviaria um cantor chamado Farmer Dan em seu lugar. Foi um grande sucesso. Johnny tornou a me telefonar um mês depois para dizer que sentia muito não ter conseguido ir e se sentia péssimo por não ter comparecido ao evento. Conforme prometido, ele se apresentou em outro show no salão para levantar fundos e transformou a noite em um momento maravilhoso. Infelizmente, quatro meses depois desse evento, Johnny morreu de câncer. Jamais esquecerei sua generosidade, apesar da doença e de tudo que acontecia em sua vida na época. Pessoas como Johnny serão sempre lembradas com carinho e admiração.

Em fins de 1999, comecei a fazer planos com um homem chamado Roger Rene, de Belfast, que trazia crianças romenas para a Irlanda do Norte todos os

Natais, pois planejávamos trazer Andreea para passar o Natal conosco. A família toda estava louca de vontade de revê-la. Até então as suas visitas sempre tinham acontecido nos meses de verão, mas nós sabíamos que o Natal seria uma ocasião muito melhor para trazê-la e mimá-la um pouco mais. Pensávamos em cobrir a casa toda de lâmpadas natalinas e decorá-la por completo. Faríamos qualquer coisa que pudéssemos para nos assegurarmos de que aquelas seriam festas de fim de ano que ela nunca esqueceria.

Duas semanas depois de voltar para casa após minha primeira viagem à Romênia, telefonei para o orfanato para ver como as coisas estavam com Andreea. Normalmente eu telefonava todas as quartas-feiras, mas não importa a hora do dia em que ligasse, nunca conseguia falar com ela. Todas as vezes alguém atendia e me informava que Andreea não estava ali perto, ou eles não sabiam onde ela poderia estar. Até que um dia, depois de muitas tentativas perdidas ao longo das semanas, finalmente consegui falar com Doina, encarregada do lugar, e ela me disse que as meninas tinham ido morar com a mãe. Ela me contou que logo depois de eu voltar para a Irlanda do Norte, Maria fora ao orfanato e pegara as filhas para levar para casa. Agora ela estava cuidando delas em tempo integral.

Pelo visto, com a quantia que eu lhe dei antes de ir embora, em outubro, Maria não precisava mais apertar tanto os cintos para economizar dinheiro, colocar comida na mesa e aquecer a quitinete. Isso a ajudou a trazer as filhas para casa de vez. Pelo que entendi, Maria começara a economizar alguns trocados desde o tempo em que Mena ainda estava viva e dava algumas libras para Andreea antes de ela voltar para Fagaras. Andreea escondia o dinheiro dentro da meia, para que ninguém o roubasse. Assim que encontrava a mãe, a primeira coisa que ela fazia era lhe entregar o dinheiro. Maria vinha economizando cada tostão na esperança de algum dia ter dinheiro suficiente para trazer as filhas de volta para casa. O dinheiro que eu lhe dei antes de voltar da Romênia, naquela primeira vez, foi a quantia extra que ela precisava para tornar isso possível. Fiquei muito feliz quando soube que isso tinha acontecido. Essa notícia fez todo o nosso esforço valer a pena.

Entretanto, alguns dias depois dessa ligação para o orfanato, recebi uma carta de Fagaras, aparentemente assinada por Maria e escrita em um inglês capenga. Na carta, ela me pedia mais dinheiro, e me explicou que eu poderia

mandar a quantia pela Western Union. Eu ignorei por completo a solicitação, e decidi que se ela achava que ia poder me explorar desse jeito nem merecia resposta. Se ela precisasse muito de mais dinheiro, ela que me ligasse. Mas ela nunca ligou. Fiquei preocupado, mas também chateado, pois não imaginei que ela fosse capaz de algo desse tipo. Achei sua atitude insolente e inoportuna. Queria ajudar tanto quanto me fosse possível, mas não queria que me considerassem um tolo.

Mais tarde eu soube que Maria nunca me enviou essa carta. Ela andava comentando com as pessoas à sua volta sobre o quanto éramos bondosos para ela e para as filhas. Na certa, alguém de fora resolveu se aproveitar da onda e me mandou uma carta falsamente assinada por ela. Fiquei muito feliz de não ter embarcado nessa história. No fundo do coração, sentia que Maria não era do tipo de se aproveitar de ninguém, e fiquei feliz por não ter ligado para tirar satisfações e lhe perguntar que história era aquela.

Andreea veio para nossa casa no Natal de 1999 e se divertiu como nunca. Nicoletta, sua irmã mais velha, também veio com ela, mas ficou hospedada com a família de Nan Bratten, que morava em Lack, perto de Ederney. Aquela era a primeira vez que Nicoletta saía da Romênia, e ela adorou a Irlanda. Ambas curtiram o melhor Natal de suas vidas. O rosto de Andreea no dia de Natal, quando ela acordou e viu que Papai Noel tinha passado em nossa casa durante a noite, não teve preço. Era como se ela tivesse ganhado na loteria, e se sentiu nas nuvens com os presentes que ganhou.

Quando Andreea voltou para a Romênia depois dessa viagem, não foi tão difícil para nós, porque sabíamos que ela estava com a própria família e se tornara uma criança muito mais feliz. Ela também sabia que iria voltar para nós. Não havia preocupações de ninguém com relação a isso, pois Andreea havia se tornado parte da família a essa altura, e sabíamos que, de algum modo, levantaríamos o dinheiro para trazê-la de volta.

Depois desse Natal, eu me descobri cada vez mais atraído pela Romênia. O que me incomodava era o fato de eu estar ralando muito tentando levantar fundos para trazer essas crianças para férias com outras famílias. Muita gente fazia corpo mole e não colocava a mão na massa, simplesmente esperava que outros levantassem o dinheiro necessário. Nosso pequeno grupo fazia todo o trabalho, e isso foi nos deixando desanimados. Foi por isso que eu resolvi que,

mesmo sem saber como, conseguiria o dinheiro sozinho e traria as duas meninas para passar as férias conosco. Não sei como iria realizar essa façanha, mas tinha fé de que, de um jeito ou de outro, as coisas iriam se acertar.

Certo dia eu estava em Dublin para o julgamento de um dos homens suspeitos de envolvimento no ataque a bomba em Omagh. Um grupo da plateia foi a um pub ao lado do tribunal para almoçar e tomar uma cerveja. Um homem se sentou ao meu lado e começamos a conversar. Ele sabia que todos nós estávamos ali para acompanhar o julgamento, e perguntou se alguém do grupo estava envolvido no programa de trazer órfãos romenos para passar férias na Irlanda. Eu disse que era eu quem organizava esse programa, e ele se dirigiu a mim. Perguntou se havia algo específico de que eu necessitasse para a minha causa. Apresentou-se como Henry Robinson, e ouviu de mim que o custo para uma família trazer uma criança durante uma semana era cerca de quinhentas libras. Portanto, se ele estava interessado em ajudar a causa, quinhentas libras cobririam todos os custos para trazer Andreea para nossa casa por uma semana.

Ele disse que a quantia não seria nenhum problema. É claro que eu não acreditei nele nem por um minuto. Estava em um pub que não conhecia, em uma cidade estranha, conversando com um homem que nunca vira na vida, que se oferecia para patrocinar uma visita de Andreea assim, sem mais nem menos. Porém, ele insistiu, garantindo que era sincero e prometendo que eu receberia o dinheiro. Ele anotou meu nome, endereço, telefone. Depois disso, cada um foi para o seu lado.

Tirei esse encontro da cabeça até o dia do aniversário de Mena daquele ano. Nesse dia, chegou um envelope enviado por ele e por outro homem chamado Charlie Kelly, que até hoje eu nunca conheci pessoalmente. Dentro do envelope havia mil libras, com o fim de trazer as duas crianças para passar o Natal em nossa casa. Os dois homens eram de Londres, mas, mesmo assim, Henry Robinson manteve sua palavra e ainda convenceu um amigo a colaborar para termos certeza de que as crianças viriam passar o Natal em nossa casa no ano seguinte.

Fiquei absolutamente abismado pela generosidade daqueles dois homens que nunca tinham me visto mais gordo. O que eles nem desconfiam é que se não fosse por essa doação inesperada, eu teria tido muitas dificuldades para ir

até a Romênia e voltar com as meninas para casa. Foram eles que me deram os fundos que eu precisava para colocar a bola em campo. Não faziam ideia do quanto isso significou para mim, nem quanto trazer essas duas irmãs juntas à nossa casa modificou tudo em nossas vidas. Havia um ou outro caso como esse — situações em que as pessoas não me conheciam ou não me viam há muitos anos e mesmo assim me ofereciam todo o dinheiro que podiam para nos ajudar. O fato de que esse dinheiro chegou exatamente no dia do aniversário de Mena tornou tudo ainda mais especial.

Outro exemplo desse tipo de acontecimento inusitado foi quando eu fui convidado ao conselho local para me encontrar com o príncipe Charles, no fim de 1998. Na verdade, eu acabei sendo uma das poucas pessoas do bairro que consegui se encontrar e bater um papo pessoalmente com ele. Meu nome foi lembrado por alguém e eu fui chamado. Não conversamos sobre o atentado em nenhum momento. O príncipe tinha seus próprios problemas, que não eram poucos, pois fazia pouco mais de um ano que a Princesa Diana tinha morrido em um acidente de automóvel, e eu resolvi não importuná-lo com meus problemas naquela noite. Assim que fui apresentado ao príncipe, comecei a falar de futebol. Alguém da comitiva tinha contado a ele que eu era árbitro, e começamos a falar do Celtics e dos Rangers. Eu o achei muito simpático, muito amigável. Foi um papo informal e não me pareceu que aquela fosse a hora ou o lugar adequado para falar da bomba.

Entretanto, naquela mesma noite, um homem se aproximou, me cumprimentou efusivamente e perguntou se eu não o reconhecia. Eu não fazia a menor ideia de quem aquele sujeito poderia ser, mas ele me disse que tínhamos sido colegas de escola. Seu nome era Christopher McGale, da John Street, e sua família era proprietária de um bar lá. Como a minha cabeça parece uma peneira, eu não consegui reconhecê-lo, mas ele me perguntou se eu continuava envolvido com a missão de trazer crianças da Romênia, pois ele gostaria de fazer uma doação. Contei como funcionava o programa e qual seria o custo para trazer uma criança de avião da Romênia à Irlanda. Ele me disse que enviaria as quinhentas libras necessárias. Fui embora achando que ele era só mais uma pessoa querendo puxar assunto. Não tornei a pensar mais na conversa até sete dias depois, quando um cheque no valor de quinhentas libras me chegou às mãos.

Christopher ainda é um dos donos do Terrace Bar, o negócio da sua família. Ao longo dos anos, sempre que as coisas ficavam difíceis, eu dava um telefonema para ele. Na mesma hora ele me enviava quinhentas ou mil libras para nosso fundo de caridade. Ele sempre nos salvou na hora H.

Já me disseram que esses homens de negócios que assinam cheques para programas beneficentes conseguem todo o dinheiro de volta na hora de declarar o imposto de renda, pois é dinheiro para caridade. Pela minha experiência, porém, sei que essas pessoas se importam de verdade com as causas que ajudam, e serei sempre grato a todos os que nos ajudaram a trazer essas crianças para conhecer uma realidade melhor. Se eles pedem restituição de impostos por suas doações, é um direito que eles têm. O fato é que esse dinheiro é muito útil para oferecer a algumas pessoas uma chance melhor na vida.

Outro homem chamado John, dono de uma fábrica de móveis em Omagh, tem sido absolutamente fantástico comigo ao longo dos anos, mas sempre fez questão de permanecer anônimo. Mesmo assim, quero que ele saiba que eu serei eternamente grato por toda a ajuda que ele me deu ao longo dos anos para trazer as meninas para nossa casa. Bastava um telefonema para assegurar a ajuda dele. É muito raro em qualquer lugar do mundo ter pessoas do outro lado da linha prontas para ajudar em tudo o que puderem. John teve um papel relevante em me ajudar a mudar as coisas na Romênia. Um dos gestos mais maravilhosos que fez foi pagar por uma cadeira de rodas para um menininho que ele nunca conheceu.

Em agosto de 2007, quando Nicoletta ia se casar em Fagaras, fui até lá para assistir ao casamento. Alguns dias antes de eu vir embora, eles me levaram à casa de um amigo do marido de Nicoletta, em uma vila minúscula fora de Fagaras. Esse homem tinha um filho de 16 anos que havia nascido com sérias deficiências físicas. Não conseguia fazer nada sozinho e passava os dias deitado em uma cama, totalmente incapacitado e dependente da família, 24 horas por dia. Mesmo assim ele exibia um sorriso para todos os que chegavam à porta do seu quarto. Ver aquela criança deitada ali seria comovente demais para qualquer pessoa. Testemunhar aquele pai que cuidava, lavava e alimentava o filho, sem esperanças de uma vida melhor, era de cortar o coração.

Esse rapazinho nunca havia estado fora de seu vilarejo, pois não tinha meios de transporte, nenhuma cadeira de rodas adaptada e, devido a isso, nunca tinha tido sequer oportunidade de sair e ver o mundo lá fora, o sol espalhando seus raios por entre as árvores, os passarinhos voando em volta e as explosões de nuvens no céu azul. Prometi ao pai dele, antes de partir, que faria de tudo para que o filho dele conseguisse uma cadeira de rodas que suprisse suas necessidades, pois isso traria a ambos, a ele e ao filho, mais conforto na vida. Ele havia conseguido uma cadeira de rodas alguns anos antes, mas o menino estava tão incapacitado que não pôde usá-la. Não conseguia se estabilizar para se sentar reto, escorregava pelo assento e caía no chão. Pensando nisso, assim que cheguei de volta em casa, fui direto à Cruz Vermelha, em Omagh. Os funcionários que cuidavam do escritório local tinham sido meus chefes na fábrica da Nestlé.

Eu lhes disse o que precisava, informei que não tinha condições de pagar por aquilo e precisava de ajuda. Eles me disseram que tinham a resposta certa: uma cadeira doada recentemente à organização por um americano. Nela havia todos os recursos de que precisávamos. Ela recostava por completo, e o jovem poderia dormir com conforto, se precisasse. Ela também se colocava em posição de sentado e tinha suporte para os pés, para que ele não escorregasse. Os rapazes compreenderam a situação e se mostraram dispostos a conseguir tudo o que pudessem por meio da Cruz Vermelha. Ao sair dali, liguei imediatamente para o meu amigo John, que na mesma hora me enviou um cheque, sem fazer perguntas. Levou quase um ano para conseguirmos transporte para a cadeira, devido à complicada logística para a operação, mas valeu muito a pena.

Os homens que entregaram a encomenda me contaram que assim que o presente chegou, os pais colocaram o rapazinho na cadeira nova e foram passear com ele lá fora, para ele pegar ar fresco. Eles disseram que, nesse instante, a longa viagem pela Europa valeu a pena. Quando o pai perguntou se o filho queria voltar para dentro de casa, o menino balançou a cabeça para os lados sem parar, mostrando o quanto estava feliz por se ver lá fora, respirando o ar puro do campo e olhando para o sol. Essa cadeira mudou a vida daquele menino para sempre, e os rapazes da entrega me disseram que ver o olhar de felicidade no rosto dele valeu tudo.

Eu não visito a Romênia desde 2007, mas, sempre que vou lá, a primeira coisa que faço ao chegar é visitar esse rapaz para constatar por mim mesmo a mudança que aquela cadeira promoveu em sua vida. Teria sido muito fácil para aquela família ter colocado o menino em uma instituição do Estado, como tanta gente faz. Em vez disso, porém, preferiram fazer tudo o que pudessem, na condição de pais, para cuidar do filho em uma situação de pobreza extrema, sem ajuda de ninguém. Só por isso já mereceriam uma condecoração. Muitas pessoas na Irlanda do Norte jamais conseguiriam aguentar um infortúnio desses, mesmo com as facilidades e conveniências que temos em nosso país. A coragem e a determinação demonstradas pelos pais do menino romeno são prova do verdadeiro amor que eles têm no coração, e também do respeito que mostraram por um filho que, embora não tivesse culpa, veio ao mundo com uma incapacidade física crônica. Se, por acaso, eu encontrar outra criança romena em situação similar nos próximos anos, espero ser capaz de oferecer a ela a mesma qualidade de vida que a cadeira de rodas proporcionou àquele rapaz.

O sofrimento que algumas dessas crianças romenas têm de enfrentar constantemente é de cortar o coração. Havia um menino chamado Josef, que tinha uma irmã gêmea. Era para ele ter vindo para casa de uma família em Drumquin no Natal, mas não chegou. Quando eu fui à Romênia na viagem seguinte, fiz questão de descobrir o que havia acontecido com ele. O voo tinha sido pago pela família irlandesa, que esperou e esperou no aeroporto de Dublin, no dia da sua chegada. Eles se sentiram arrasados quando o menino não apareceu. Tudo tinha sido arranjado para a visita e ninguém deu nenhuma explicação sobre o motivo de ele não ter feito a viagem. Por causa disso, quando cheguei à Romênia, fui direto procurá-lo. Pelo que eu soube, a sua irmã gêmea, uma menina de 14 anos, estava morando com outro menino. Apesar de ela ter apenas 14 anos, descobri que isso era perfeitamente legal no país.

Eu estava determinado em chegar ao fundo daquilo e descobrir o que havia acontecido com Josef, a fim de comunicar à família que o receberia quais as circunstâncias que haviam impedido sua viagem. A última notícia que eu soube é que ele tinha ido morar em um orfanato em Codlea, mas não estava lá quando chegamos. Fomos encaminhados a outro orfanato, em Brasov, mas ele

também não estava lá. De qualquer modo, jamais esquecerei uma cena que testemunhamos em Brasov: havia dois bebês no local que mal tinham aprendido a andar. Estavam em pé dentro de um bercinho caindo aos pedaços e nos imploraram para ser levados dali, com os bracinhos estendidos em desespero e lágrimas nos olhos, soluçando muito. Foi a coisa mais dolorosa e de cortar o coração que eu já tinha visto na vida.

Também havia outra menininha lindíssima de 18 meses chamada Roxanna. Ela estava em pé em um colchão, em um berço despedaçado e coberto por uma camada de mofo azulado. A menininha exibia um sorriso lindo no rostinho e me pedia para eu pegá-la no colo. Estava coberta de fezes dos pés à cabeça, e o cheiro era terrível. Eu teria adorado pegar aquela menina, tirá-la do ambiente nojento em que estava e no qual era forçada a viver e levá-la para casa comigo. Fiquei arrasado quando me afastei do bercinho e fui embora. Essa não era uma situação incomum; havia centenas de crianças como a pequena Roxanna abandonada em orfanatos por toda a Romênia, sem ninguém que pudesse amar ou cuidar delas. Mas não tínhamos escolha e a deixamos para trás.

Nós cinco — Shauna, Seamus Lunney, Aidan McCrossan, Raymond Acheson e eu — continuamos nossa busca por Josef, ainda em choque pelos que tínhamos acabado de presenciar. Uma menina na rua, por fim, nos mostrou onde Josef morava. Nós lhe demos alguns trocados pela informação, e ela saiu correndo, feliz. A casa que ela nos indicara era um local de total desolação. Existem vacas e cabras vivendo em melhores condições que algumas das pessoas que encontramos, e aquele lugar tinha uma atmosfera extremamente depressiva. Vimos um menino em pé na rua, sem camisa, sem sapatos e obviamente vivendo em estado de pobreza absoluta. O pai veio até onde estávamos, e o intérprete explicou quem nós éramos e por que estávamos ali. Depois de conversarmos sobre alguns assuntos, o pai finalmente permitiu que levássemos Josef a um restaurante não muito longe dali para comer alguma coisa. Ele literalmente entregou a camisa do próprio corpo ao filho, para o garoto ter o que usar durante o passeio.

O menino estava imundo, mas se mostrou maravilhado diante da ideia de ir a uma lanchonete de fast food para um hambúrguer e algumas batatas fritas. Sua expressão era de êxtase total e ele devorou a comida. Sabíamos que ele provavelmente nunca tinha ido a um restaurante como aquele na vida, e

certamente nunca esperou ir a um. Quando o deixamos de volta em casa, o pai prometeu que o deixaria ir à próxima viagem à Irlanda.

Entretanto, a mesma coisa tornou a acontecer: Josef não apareceu quando o avião chegou. A essa altura nós ficamos muito preocupados pela sua segurança. Então, na viagem seguinte que eu fiz, na época da Páscoa, fomos direto ao lugar onde ele morava para saber o que acontecera e se ele estava bem. Ao chegarmos às imediações, fomos recebidos, mais uma vez, pela garotinha que estava na rua e nos reconheceu de imediato. Ela nos contou que o rapazinho havia se mudado da casa, e ela, muito prestativa e pronta para colaborar, nos levou até a casa onde ele morava agora.

Descobrimos que ele havia se mudado dali com uma tia e um tio. Fora para um lugar onde oito crianças moravam, comiam e dormiam em um único aposento apertado. A única mobília da casa consistia em duas camas velhas. Eles não tinham mais nada. Se certamente havia pouquíssima comida no lugar para toda aquela gente, a quantidade de móveis era ainda menor. Fomos informados de que o pai de Josef tinha assassinado a mãe do menino mais ou menos um mês depois de termos ido embora da outra vez, e isso deixara a criança muito perturbada e confusa. Afinal, perdera não apenas a mãe, mas também o pai, da noite para o dia.

O tio nos mostrou fotos horríveis da pobre mulher morta no caixão, ainda exibindo os ferimentos onde o pai a espancara implacavelmente, deixando-a com terríveis marcas roxas e ferimentos em todo o corpo e no rosto. Depois de matá-la, ele fugiu do país e nunca mais foi visto. A família assumira a criação do menino para impedir que ele também sumisse para sempre ou fosse enviado para algum dos orfanatos romenos.

Contamos ao tio do menino que queríamos levar aquela pobre criança para passar férias na Irlanda. Ele chorou de desespero e implorou para que não o levássemos embora. Passamos um bom tempo tentando convencê-lo de que seriam férias curtas, que ele seria muito bem cuidado e ficaria na casa de uma boa família. Foi muito difícil para ele compreender esses conceitos, e certamente tinha todo o direito de se mostrar desconfiado de um bando de estrangeiros que chegavam para pegar uma criança e levá-la embora, mas nós conseguimos tranquilizá-lo. Por fim, ele entendeu que aqueles dias de férias poderiam até ser benéficos para o rapazinho, e finalmente concordou em deixar

que ele fosse, pedindo pelo amor de Deus que fizéssemos de tudo para que ele ficasse bem. Também nos fez prometer que iríamos trazê-lo de volta para casa. Foi uma situação muito triste. Rezamos muito para que Josef conseguisse, finalmente, fazer aquela viagem na vez seguinte, o que acabou acontecendo, graças a Deus. Ele se divertiu muito. Aquilo era exatamente o que ele precisava, depois de ter conhecido o céu e o inferno na casa de seus pais.

Contudo o fato é que muitas crianças nessa época perdiam as viagens por várias razões, como, por exemplo, se os responsáveis pelo orfanato em que estavam não gostavam delas por algum motivo, ou se elas tivessem se comportado mal. Os voos já estavam pagos, tudo estava no lugar — vistos, passaportes, cartas de autorização etc. No entanto, no dia da viagem, o orfanato resolvia não enviá-las por algum motivo desconhecido. A família anfitriã não era informada e ficava perdida, sabendo menos do que antes. Depois de terem preparado tudo com carinho em suas casas para a criança que iria chegar, e depois de terem feito a viagem até Dublin para pegá-la no aeroporto, a criança simplesmente não aparecia. Nenhuma razão para aquilo era dada a essas famílias, que ficavam se perguntando se havia acontecido algo grave.

O padrão de comunicação entre os orfanatos e os organizadores do programa era deplorável. Coisas desse tipo aconteciam pelos motivos mais banais. No caso de Andreea, entretanto, mesmo que ela fizesse alguma coisa que irritasse os monitores do orfanato, eles não a impediriam de viajar de jeito nenhum, pois sabiam que se pisassem na bola comigo ou com os outros organizadores pagariam um preço alto, e não queriam se arriscar a perder a ajuda que recebiam de nós com regularidade. A Romênia era certamente um lugar onde o dinheiro tinha voz ativa e falava alto.

As visitas que eu fiz a alguns desses orfanatos serviu para abrir meus olhos. Ao longo dos anos visitamos instituições em Fagaras, Rupea, Victoria e Codlea. Em Fagaras, nós costumávamos chegar a qualquer hora do dia ou na noite, e as coisas eram sempre as mesmas. Não havia nenhum mutirão de limpeza para receber os visitantes, nada de esconder a sujeira embaixo dos tapetes para os estrangeiros que iam chegar; o que víamos era o que sabíamos por meio de Doina, que dirigia o local. No caso dos outros orfanatos, porém, alguns deles nos informavam que nós deveríamos ligar com antecedência para avisar que

estávamos chegando. Em Codlea, como em Fagaras, nós também ligávamos às sete da manhã ou a qualquer hora, em qualquer dia, e isso nunca foi problema; mais tarde isso mudou, e eles passaram a fazer o mesmo que os orfanatos mais distantes. Tínhamos de avisá-los da visita antecipadamente. Em poucos minutos tudo estava limpo e preparado para a chegada dos estrangeiros

Mesmo assim, sempre que ligávamos para Doina avisando da nossa chegada, a mesa estava posta, à nossa espera, não só como sinal de boas-vindas, mas também como agradecimento por nossa ajuda. O pão era delicioso e sempre havia uma tigela de ovos fritos no centro da mesa. Donna também trazia uma garrafa de uma bebida doméstica chamada *rachiu* que era letal, de tão forte. Era mais concentrada que uísque ilegal e qualquer um que bebesse caía duro em pouco tempo. Mas esse drinque sempre nos era oferecido como gesto de gratidão por tudo o que fazíamos pelo orfanato.

Enquanto nos sentávamos ali bebendo, Doina andava de um lado para outro, certificando-se de que tudo estava em ordem e atendendo a telefonemas em sua sala. Toda vez que o telefone tocava, rostinhos miúdos surgiam no portal da sala de refeições com olhos de súplica. Colocávamos os ovos mexidos dentro de um dos pães e entregávamos às crianças, que ficavam maravilhadas consigo mesmas por sua esperteza. Assim que ouviam os passos de Doina, que voltava à sala, elas sumiam em um piscar de olhos, espalhando-se por todos os lados com as bocas estufadas de sanduíche de ovo. Ao voltar, Doina reparava que os pratos estavam vazios. Olhava para nós com expressão de choque, perguntando-se como tínhamos conseguido dar cabo de tanta comida em tão pouco tempo. Na verdade, tínhamos limpado os pratos para que ela tivesse de enchê-los novamente, e deixávamos a nova remessa de comida intocada, até que ela saía da sala novamente para atender a outro telefonema e as crianças voltavam correndo para uma segunda rodada. Doina nunca desconfiou do que acontecia nessas visitas, embora estranhasse o desaparecimento súbito da comida. Nós adorávamos ver aquele bando de crianças fugindo com comida e agradecendo com a boca cheia de pão com ovo. Passaram-se mais de dois anos antes de eu confessar a Doina o que fazíamos durante as visitas e, quando isso aconteceu, ela quase se acabou de tanto rir com a história

Havia cerca de cem crianças em cada orfanato. Depois de algum tempo, descobri que era grande a quantidade de crianças que não eram órfãos de

verdade. Algumas delas eram crianças de famílias pobres que haviam sido enviadas para o orfanato porque seus pais não tinham condições de mantê-las. Por outro lado, em alguns daqueles casos, elas eram simplesmente jogadas nesses locais por não serem desejadas. Suas famílias muitas vezes dirigiam Mercedes ou BMWs, e os filhos eram abandonados para que os pais pudessem levar vidas livres, sem preocupações com questões triviais como cuidar de sua família.

Conheci uma jovem que só teve chance de conhecer sua mãe verdadeira aos 18 anos, quando já tinha idade suficiente para trabalhar. Só nessa idade sua mãe apareceu de surpresa nos portões do orfanato, a fim de levá-la para casa, pois a filha poderia, finalmente, ganhar algum dinheiro para ajudar a família. O problema de levantar fundos para ajudar essas instituições romenas era que nós nunca sabíamos quais os casos genuínos e quais os falsos. Era um risco que tínhamos de correr, porque queríamos ajudá-los. O fato, porém, é que não havia jeito seguro de saber quem era órfão de verdade e quem não era.

As crianças mais velhas do orfanato iam para a escola de manhã, e as mais novas frequentavam as aulas de tarde. Quando cada grupo acabava as aulas, voltavam e eram obrigados a ficar dentro do prédio para fazer os deveres de casa. Em Rupea e Codlea, os portões permaneciam trancados o dia todo e eles não podiam sair em hora nenhuma. Em Fagaras, porém, havia um pouco mais de compreensão, e os mais velhos podiam dar um passeio pelas ruas, desde que voltassem para casa antes de uma determinada hora. Se voltassem tarde, ficavam de castigo, sem poder sair, e todos sabiam dessa punição. O arranjo parecia funcionar bem. Na maioria dos orfanatos, porém, as crianças não tinham vida social de verdade, a não ser se misturar às outras crianças da escola.

O orfanato de Fagarass recebia apenas meninas. Em Victoria as instalações eram para meninos mais velhos; Rupea também recebia só meninas; mas em Codlea, o lugar era misto, o que significava que irmãos de sexos diferentes não precisavam ser separados ao irem para o orfanato. Isso era bom para as crianças no tempo em que elas eram jovens, mas quando cresciam um pouco mais, havia problemas com meninos adolescentes que perseguiam meninas pelos corredores. Os funcionários viviam correndo de um lado para outro, vigiando-os. O número de auxiliares era pequeno, e muitas vezes os adolescentes eram virtualmente impossíveis de controlar.

Devido ao fato de que muitas famílias tinham membros separados, os orfanatos organizavam uma noite de discoteca uma vez por mês, com cada casa se revezando para organizar o evento. Graças a isso, irmãos e irmãs separados podiam se encontrar e conversar, o que os ajudava a manter contato uns com os outros. Os orfanatos ficavam, no mínimo, a uma hora de viagem uns dos outros, então as discotecas também significavam um passeio para, no mínimo, dois grupos de crianças a cada vez. Todos passavam os dias pensando nesse pequeno momento de alegria e liberdade a cada quatro semanas.

Outras instituições do país se dedicavam a acolher crianças rotuladas como portadoras de “necessidades especiais”. Durante anos, esses estabelecimentos foram totalmente negligenciados. Meninos e meninas eram largados lá em circunstâncias terríveis, com pouco ou nenhum tempo para brincar ou interagir com outras crianças, sem falar na falta de medicação e de assistência médica especializada. Infelizmente muitas delas eram enviadas para esses locais depois de terem sido diagnosticadas como deficientes, mas em alguns casos não sofriam de deficiência nenhuma.

Na verdade, havia uma garotinha que vivia em uma instituição depois de ter sido classificada como deficiente, mas provou, anos mais tarde, que não era nem um pouco incapaz. Foi salva de uma vida horrível ao ser adotada por uma família da Irlanda do Norte, e está florescendo e se desenvolvendo lindamente agora. O que havia de errado com a pobrezinha é que ela era um pouco mais lenta para aprender as coisas. Ao ser lançada em uma instituição dedicada a lidar com crianças portadoras de deficiências muito mais graves que a dela, a jovem não teve a oportunidade de se misturar com crianças normais da sua idade. Teve muita sorte, pois poderia muito bem estar vivendo naquele lugar até hoje, sem chance nenhuma de escapar. Mas uma mulher irlandesa reconheceu algo de especial nela e a acolheu. Ela foi uma das sortudas.

Muitas famílias da Irlanda do Norte adotaram com sucesso crianças da Romênia. Em 2004, porém, as autoridades do país colocaram um ponto final nos processos de adoção de crianças por estrangeiros, o que impediu muitos pequeninos de ter uma chance melhor na vida. As autoridades romenas, na minha opinião, não se importavam com aquelas crianças, e é muito duro, para mim, aceitar uma coisa dessas. Muitas pobres crianças desafortunadas moram até hoje em dormitórios superlotados, em beliches velhos, sob lençóis e

cobertores imundos, sem o mínimo de conforto. Graças ao governo de seu país, estão impedidos de qualquer esperança de um futuro melhor.

Muitas dessas crianças não conseguiam nem ao menos sair regularmente para dar passeios fora do orfanato. Fagaras, por exemplo, tinha um miniônibus caindo aos pedaços, quase se desmontando, mas a instituição não tinha condições de comprar nem mesmo o combustível para os passeios, o que dirá contratar um motorista. Eles conseguiam um tanque de combustível por mês das autoridades, como parte das rações mensais, e quando o combustível acabava não havia opção. Se uma criança passasse mal durante a noite, pobre dela, pois não havia combustível no microônibus para levá-la ao hospital mais próximo para ser atendida.

Eu estava a par dessas necessidades e também sabia o preço dos veículos na Romênia. Disse a Doina que faria o possível para levantar algum dinheiro a fim de ajudá-los a conseguir um microônibus que não enguiçasse dia sim, dia não, e aguentasse rodar ao menos algumas semanas sem consumir todo o combustível racionado. Como não queria criar falsas esperanças, só prometia algo quando sabia que conseguiria cumprir.

Ao voltar para casa, depois dessa viagem, alguns de nós organizaram vários eventos com o fim de levantar fundos para aquele objetivo. Seamus e Brian Lunney, Aidan McCrossan, eu e alguns outros saímos pela John Street, no centro de Omagh, e nos espalhamos pelas calçadas e, especialmente, pelos cruzamentos e na saída do bar Sally O'Brien. Subíamos e descíamos a rua com baldes, pedindo alguns trocados aos motoristas e pedestres. Brian tinha um par de pernas de pau, porque raspava tetos de casas antes de pintá-los, e ele se colocou no meio da rua no alto de suas pernas de pau. Ele bloqueava a rua inteira, e nós passávamos pelos motoristas com os baldes, pedindo dinheiro para os órfãos. Os motoristas nos ajudavam alegremente, colocando notas nos baldes para poder seguir em frente. Em um desses dias, em pouco mais de 1h30, levantamos 1.700 libras. Não tínhamos planejado aquilo durante semanas, nem nada desse tipo. Simplesmente decidimos de repente sair para fazer algo e ajudar aquelas crianças distantes. Valeu muito a pena.

Um grupo chamado Vintage Rally nos ofereceu uma grande ajuda: levantou fundos entre os comerciantes locais para organizar uma corrida interessante em Omagh. Dirigiram vinte tratores e vinte carros antigos pela

cidade, promovendo um belo desfile. Eram veículos restaurados que tinham sido usados em toda a Irlanda, na agricultura, durante os anos 1930, 1940 e 1950. Nesse evento, conseguimos levantar um total de sete mil libras, que trocamos em notas de vinte libras para levar conosco, pois seria mais fácil trocar dinheiro miúdo da Romênia. Foi um sucesso.

Raymond, eu e alguns dos outros rapazes chegamos à cidade de Fagaras na segunda-feira depois da Páscoa. Infelizmente os bancos estavam fechados, pois era feriado. Eles continuaram fechados no dia seguinte, e tivemos de guardar aquele monte de notas de libras e rezar para que nada acontecesse com elas até quarta-feira. Com tanto dinheiro assim, na Romênia, éramos alvos preferenciais para sermos mortos, caso alguém descobrisse. Sermos roubados seria o menor dos problemas. Na quarta-feira de manhã fomos diretos ao banco no centro da cidade, mas não imaginávamos que o banco não teria leus, que é o nome da moeda romena, em quantidade suficiente para fazer a transação. Tivemos de procurar um banco na cidade próxima de Brasov. Depois de andarmos pelas ruas o dia todo, encontramos um banco às 17h que aceitou trocar o dinheiro, mas saímos do estabelecimento com 198,5 milhões de leus romenos espalhados pelos bolsos.

A fim de completar a transação, e para seguir as leis locais, fui obrigado a me sentar e anotar em uma folha de papel os números de série de cada nota de vinte libras que tínhamos levado para trocar. Meus dedos ficaram doendo por uma semana. Saímos do banco às 17h45, com um monte de notas nos bolsos. Só que a essa hora a loja que vendia veículos já estava fechada.

Fomos diretos para o orfanato com o dinheiro para deixá-lo guardado lá até a manhã seguinte, mas Doina ficou apavorada de ficar com tanto dinheiro no estabelecimento, pois alguém poderia descobrir e o lugar seria assaltado. Então, eu tive de dormir aquela noite com milhões de leus romenos amarrados na barriga, rezando a Deus para ninguém me dar um tiro na cabeça só para poder levar o dinheiro.

Na manhã seguinte, bem cedinho, saímos do hotel e compramos dois carros lindos da marca Dacia. Um foi para o orfanato em Codlea, e o outro, para o orfanato de Fagaras.

Recebi uma ligação de outro orfanato pedindo para passarmos por lá antes de voltarmos para casa. Não sabíamos o que eles queriam, mas no fim

descobrimos que quando os dois orfanatos receberam os carros novos, os antigos foram enviados para as outras instituições carentes. Eles adoraram o presente e queriam nos agradecer pessoalmente. Prepararam uma grande refeição para nós. Deus me perdoe, mas aquilo foi a coisa mais repugnante que eu já provei na vida. Colocaram no meu prato uma espécie de sopa de feijão gelada, e eu notei que havia restos de banha grudados nas paredes e na borda do prato. Nós sabíamos que não poderíamos recusar, porque eles certamente haviam gasto muito dinheiro preparando aquela refeição especialmente para nós. Não podíamos ir embora sem alguém nos ver comendo pelo menos alguma coisa. Eles ficariam insultados se, pelo menos, não experimentássemos.

Raymond e eu passamos mal por dois dias depois daquela visita, e as outras duas pessoas que estavam conosco acharam aquilo absolutamente hilário, porque tinham saído cedo para ir ao restaurante mais próximo, onde curtiram um bom bife e tomaram alguns drinques. Fizeram uma ótima refeição. No meu caso, porém, foi diferente. Aquilo me fez praticamente desistir de tomar sopa pelo resto da vida; passaram-se anos antes de um provar novamente qualquer tipo de sopa por medo de passar mal.

De modo geral, porém, quando a pessoa se acostuma com a comida romena, até que ela é gostosa, e comer fora custava muito pouco, quase nada. Sempre levávamos algumas pessoas para jantar fora na véspera da nossa partida. Maria foi com seu companheiro e alguns dos funcionários do orfanato. Um prato com bebida incluída, para seis pessoas, não custava mais que dez libras. Mesmo assim nossos amigos romenos arregalavam os olhos ao ver a conta. Não estavam acostumados a pagar tão caro por comida, mas nós ficávamos muito felizes por pagar dez libras para agradá-los com uma refeição muito saborosa. Para eles cada centavo contava, e compreendíamos como se sentiam. Do nosso lado, ficávamos felizes em lhes proporcionar essa gentileza de vez em quando. Era o único momento em que os funcionários dos orfanatos recebiam um ato de gratidão pelo trabalho que desenvolviam, e isso certamente significava muita coisa para eles.

Em agosto de 2004 fui a Fagaras para uma ocasião muito especial. No orfanato onde Doina trabalhava, eles andavam muito preocupados, porque uma boate tinha sido inaugurada do outro lado da rua e havia receio quanto à segurança de algumas das meninas que estavam aos cuidados de Doina.

Felizmente, nesse mesmo ano, um novo orfanato foi oficialmente inaugurado mais adiante na rua, depois de muitos anos de donativos, levantamento de fundos e orações. Nosso grupo teve grande parcela quanto aos fundos que haviam sido arrecadados para erguer o orfanato e colocá-lo em condições de uso. Sentimos um imenso prazer por saber que havíamos feito tudo o que estava ao nosso alcance para dar início à obra.

Naquele dia eu vi a felicidade estampada nos rostos de todas aquelas pessoas, e nessa hora pensei em Mena e em como o interesse dela em pegar uma criança da Romênia para passar as férias em nossa casa tinha ajudado a promover muitas mudanças positivas nas vidas de tantas pessoas. Se ela não tivesse morrido, duvido muito que eu tivesse me envolvido nesse trabalho; no entanto, ali estava eu, seis anos depois da morte dela, ajudando tanta gente a adotar crianças, mudando suas vidas para sempre e vendo muitos órfãos levando uma vida mais feliz na Romênia por causa do trabalho que ela fizera no passado.

O novo orfanato tinha sido construído totalmente com dinheiro arrecadado por irlandeses; todo o apoio financeiro tinha vindo da Irlanda e, como agradecimento por isso, o prédio recebeu o nome de Irish House [Casa Irlandesa]. A instituição recebe manutenção do governo romeno, mas foi o dinheiro dos irlandeses que construiu o prédio, da pedra fundamental ao telhado. Graças às pessoas que fizeram donativos, as crianças daquela casa recebem cuidados muito melhores que na maioria dos lugares do país, e sua qualidade de vida aumentou em mais de dez vezes.

Em outras instituições da Romênia, as crianças tinham de ir embora ao completar 18 anos, não importando se tinham condições ou não de se manter. Na Irish House, se o jovem tinha 18 anos e precisava de auxílio para enfrentar o mundo lá fora, o lugar dele continuava reservado no orfanato até ele conseguir um emprego e ganhar a própria vida. Qualquer criança que fosse acolhida lá tinha muita sorte, em termos de Romênia, porque aquele era um local onde ela seria bem cuidada.

É uma sensação maravilhosa saber que existe algo palpável, sólido, para servir de prova para todas as pessoas que contribuíram ao longo dos anos. Foi muito bom tirar fotos da obra pronta e mostrar às pessoas ao voltar para casa, pois muitas delas tinham aberto mão de seu dinheiro duramente conquistado

para ajudar os menos afortunados. Foram muitas as pessoas que nos ajudaram a levantar dinheiro ao longo desse tempo. Elas contribuíram para aliviar o fardo de muitos.

Ao olhar para tudo aquilo, no dia da inauguração, voltei à minha própria infância. Quando eu era adolescente, nos anos 1970, meu pai sofreu um acidente na pedreira onde trabalhava. Ficou doente por tanto tempo que nós não tínhamos mais nada para comer em casa. Havia cinco de nós nessa época — minha irmã ainda não tinha nascido. Todos se sentavam em torno da mesa e assistiam enquanto mamãe tirava o mofo de um pedaço de pão duro para podermos comer o miolo pelo menos. Ela esperava ansiosamente a chegada do carteiro, todas as manhãs, rezando para que o auxílio-doença do governo chegasse. Nas manhãs em que o carteiro não aparecia ela colocava as mãos na cabeça e chorava loucamente. Aquilo cortava meu coração.

Mamãe tinha uma apólice de seguro pequena na época, e também esperava esse dinheiro chegar. Até tudo isso ser resolvido, ela comprava mantimentos no armazém e colocava “na conta”. O dono do armazém anotava tudo em seu livrinho e esperava pelo pagamento no fim do mês. Mas quando meu pai ficou doente, mamãe não conseguiu manter as contas em dia. Por causa disso, a conta do armazém não parava de aumentar, até que chegou ao valor de cinquenta libras, que representava muito dinheiro na época.

Um dia, quando eu tinha uns 15 anos, cheguei em casa e encontrei minha mãe soluçando com a cabeça sobre os braços, em cima da mesa da cozinha. Sabia que as coisas deviam estar ruins de verdade. Ela enxugou o rosto e se ajeitou assim que me viu chegar. Pedi que eu fosse ao armazém para comprar algumas coisinhas para a casa. Quando cheguei lá, pedi o que ela mandara. Diante de uma loja lotada, Pat Kane escreveu o valor no livrinho de débitos com toda a calma do mundo e abriu o livro em cima do balcão para todos poderem ver. Nunca esquecerei esse dia enquanto viver. Ao voltar para casa, de bicicleta, jurei que tão logo a apólice do seguro fosse honrada e o dinheiro chegasse às nossas mãos, a primeira coisa a fazer seria eu ir de bicicleta até o armazém. Pagaríamos tudo o que devíamos àquele canalha, porque percebi muito bem o prazer que ele demonstrou naquele dia, ao envergonhar minha pobre mãe diante de toda a vizinhança.

Tínhamos passado pelos piores momentos de nossas vidas e não havia ninguém que nos ajudasse; no entanto aquele homem debochava de nós. Foi por isso que quando o cheque chegou e minha mãe foi sacá-lo no banco, eu tive o grande prazer de ir até o armazém para atirar o dinheiro na cara dele e mandar que ele o enfiasse no rabo.

Talvez tenha sido por essas experiências do passado que eu conseguia ter tantas afinidades com o povo pobre da Romênia, que não tem ninguém que o ajude. Olho para alguns daqueles pais e sei que eles fariam qualquer coisa que pudessem para mudar as vidas de seus filhos. Infelizmente, eles simplesmente não têm o poder de promover essas mudanças e ninguém parece se importar. As pessoas aqui na Irlanda do Norte se esquecem de que muitos dos nossos pais ou avós passaram por um verdadeiro inferno em sua infância e juventude. Foi por pura graça de Deus não termos acabado do mesmo jeito que os romenos. Temos muitas coisas pelas quais agradeceremos nos dias de hoje. Muitas vezes eu viajo em sonhos e calculo que, se cada pessoas pudesse separar quatro libras por mês e a entregar à caridade, haveria muito menos dor e pobreza no mundo. Se cada um de nós fizesse a sua parte, poderíamos mudar o planeta para sempre.

Capítulo 6

A vida na Romênia

Graças às minhas viagens de ida e volta ao longo dos anos, acabei conhecendo muitas regiões da Romênia. É um país realmente belo e magnífico. É como a Irlanda era cerca de cinquenta ou sessenta anos atrás. As pessoas levam vidas muito simples por lá. Nas feiras ao ar livre, é possível comprar de tudo, desde folhas de urtiga a frangos ou bezerros. Essas feiras acontecem em grandes espaços abertos no meio de campinas, e as pessoas muitas vezes viajam muitos quilômetros das cidades próximas para conseguir um bom negócio. A barganha é o método natural de negociação, e todos ficam por ali, barganhando e pechinchando os preços uns com os outros. Quando o preço é fechado, eles cospem na palma da mão e cumprimentam-se com força para selar o negócio. Depois, saem juntos para tomar um drinque. Só de circular pelos mercados já dá para entender a realidade deles. As pessoas vivem com muito pouco, mas sempre querem o melhor acordo e o melhor preço pela mercadoria que têm.

O que me apavorava mais durante a maioria das viagens era dirigir à noite em meio ao breu total. Para começo de conversa, muitos carros, nas áreas mais pobres do país, estão cheios de buracos de ferrugem no fundo da carroceria. Quando uma pessoa olha para o piso do carro, durante a viagem, geralmente vê a estrada correndo célere por baixo. Eu ficava petrificado de pavor desses

carros porque muitos romenos são péssimos motoristas. Ao chegar a um cruzamento, por exemplo, a pessoa nunca sabe o que vai encontrar. Vi muitos cavalos, carroças e tratores velhos vindo em nossa direção em alta velocidade quando menos esperávamos, surgindo do nada pela mão errada da rua, forçando-nos a dar um golpe de direção tão rápido quanto conseguíssemos. Eles levam as carroças pelas ruas durante as madrugadas para entregar trigo e milho, e dirigem como se fossem os únicos nas ruas e estradas.

Eu lembro que certa vez consegui uma carona até Fagaras, mas quando estava quase chegando ao destino, deixei de sentir as pernas, como se elas tivessem sido amputadas na altura dos joelhos. Não sentia quase nada do joelho para baixo, era como se estivesse anestesiado. Um vento gélido e cortante entrava pelo chão do piso aberto do carro e interrompeu a circulação da parte de baixo das minhas pernas. Eu mal podia andar quando saltei, mas o motorista estava tão acostumado que nem se preocupou em comentar alguma coisa. Simplesmente ficou observando enquanto mancávamos fora do carro, a caminho da entrada do hotel.

Em outra dessas viagens, demos início à nossa longa jornada até o hotel. Quando faltavam mais ou menos trinta quilômetros para chegarmos ao nosso destino, o carro começou a engasgar, emitindo estouros pelo cano de descarga, até que parou de vez. Sem pensar duas vezes, o motorista abriu a porta e saltou. Levantou o capô do motor, tirou o carburador, soprou com força a saída dos injetores e tornou a prender a peça com força. Lá fomos nós! Tornamos a parar pelos menos dez vezes nessa viagem. Em cada uma delas ele erguia o capô e fazia a mesma coisa, sem comentar uma palavra conosco a respeito. Levamos seis ou sete horas para completar uma viagem que teria levado, no máximo, quatro.

Em uma ocasião em especial estávamos rodando por montanhas cobertas de neve, por estradas traiçoeiras. Quando olhava para meus pés via um cobertor branco com pedaços de gelo que pulavam para dentro do carro enquanto rodávamos. Tivemos sorte por chegarmos inteiros ao destino. Quando uma pessoa encara uma viagem desse tipo, sabe que está com a própria vida nas mãos. Tem de enfrentar o sufoco e manter os dedos cruzados, torcendo para, em algum momento, conseguir chegar viva ao destino. Graças a Deus isso sempre nos aconteceu.

Nossa primeira viagem havia servido para nos abrir os olhos quanto à fibra estoica dos romenos; eles são o sal da terra, capazes de abrir mão do último centavo para receber bem um convidado estrangeiro.

Bucareste é uma cidade belíssima, mas existem crianças que moram nas redes de esgotos e dormem todas as noites sobre o excremento de milhares de pessoas. Esses jovens cheiram cola à noite para ajudá-los a dormir, e ninguém parece se importar. O governo romeno não quer saber de nada, e tudo é meio acobertado, varrido para baixo do tapete, para que os povos “civilizados” do mundo ocidental não saibam o que acontece, mas o fato está ali, os problemas não vão se solucionar sozinhos. É uma situação horrível, e muitas vezes eu penso no perigo de ir lá protegido apenas pela graça de Deus, mas vou.

Em locais como Fagaras, algumas crianças filhas de ciganos romenos têm seus braços e pernas amarrados ao nascer e são deixados daquele jeito ao longo de toda a infância, com o fim de desfigurá-los. Assim, ao ficarem mais velhas, podem conseguir dinheiro de pessoas que se apiedam delas e lhes oferecem generosas esmolas. Isso é muito comum lá, e a maioria das pessoas finge que não enxerga a situação. Crianças com menos de três anos podem ser vistas nos sinais de trânsito mendigando em ruas muito movimentadas, usando pouca ou nenhuma roupa, às vezes uma calça velha e uma blusinha leve sob o frio de congelar. Elas conseguem dos motoristas e pedestres tanto quanto aguentam ficar ali, ao relento, e depois você as vê correndo para levar todo o valor arrecadado para as mães, que ficam escondidas em uma sarjeta qualquer.

Existem gangues que organizam essas operações o ano inteiro, e fazem uma pequena fortuna por intermédio dessas pobres criancinhas. O coração de qualquer pessoa com o mínimo de sensibilidade fica cortado de dor, mas não existe nada que possa ser feito por elas, que não conseguem ficar com um único centavo de toda a grana que recebem; todo o dinheiro vai direto para os fraudadores da fé e da bondade das pessoas. Mesmo assim elas caem no logro o tempo todo, especialmente os turistas.

Em vez de dar dinheiro para essas crianças, a fim de elas comprarem o que precisam, nós costumávamos ir aos grandes shopping centers, onde se pode achar desde alfinetes até roupas de banho, e fazíamos um estoque para elas. Às vezes gastávamos mil libras nesses lugares e distribuíamos tudo para os necessitados nos orfanatos.

Em uma ocasião, lotamos alguns carrinhos de compras de comida, incluindo peças de carne, todo tipo de bebidas, pão, leite, vinte bandejas de ovos, tudo que eles poderiam estar precisando. Levamos tudo para o orfanato em Codlea, às 20h daquele mesmo dia, mas só saímos de lá depois da meia-noite. O encarregado dos mantimentos contou cada ovo, cada banana, cada maçã — centenas de quilos de comida tiveram de ser contabilizados, item por item, e tudo foi anotado em um livro. Ele queria ter certeza de que tudo que tínhamos levado naquela noite continuaria disponível no dia seguinte; se alguma coisa faltasse, ele seria capaz de identificar quem roubara e para onde o ovo avulso ou banana despencada tinha ido.

Ao chegarmos ao orfanato em Fagaras, já na madrugada do dia seguinte, dissemos ao encarregado: “Vocês estão recebendo exatamente os mesmos itens e na mesma quantidade dos mantimentos que entregamos em Codlea. Portanto, pelo amor do Cristo, aceite as quantidades anotadas, porque nós não vamos contar cada item novamente.” Eles ficaram maravilhados com a grande remessa de comida, pois com isso poderiam economizar dinheiro em alimentos e fornecer outras coisas para as crianças.

Geralmente não levávamos roupas nessas viagens — os artigos de vestuário seguiam em um pequeno caminhão que enviávamos para a Romênia todos os anos. Mas eu me lembro bem de um dia em que Shauna resolveu comprar roupas para uma menina linda que vimos mendigando na rua. A pobrezinha estava imunda e faminta. Shauna a levou até o hotel, deu-lhe um banho, penteou seus cabelos e comprou-lhe roupas lindas. Ela parecia uma bonequinha quando Shauna acabou de prepará-la. A menina ficou empolgadíssima com tudo aquilo e voltou para a rua. No dia seguinte, a mesma criança vestia farrapos, estava novamente imunda e mendigando. Soubemos depois que sua mãe confiscara suas roupas e sapatos para vendê-las no mercado negro. Aprendemos do jeito mais duro que não devíamos fazer nada desse jeito. Em vez disso, sempre que encontrávamos uma criança em más condições a levávamos para comer uma bela pizza, pois sabíamos que seus pais não poderiam lucrar nada desse ato de bondade.

Shauna era maravilhosa nessas viagens. Foi conosco todos os anos, e sua ajuda foi inestimável, especialmente ao lidar com os menorzinhos.

A cada viagem à Romênia, normalmente chegávamos ao hotel às 2h da manhã. Assim que entrávamos lá, a notícia de que “os turistas haviam chegado” se espalhava. Em questão de minutos crianças apareciam na porta do hotel aos bandos, mendigando alguma coisa. Lembro-me bem de uma ocasião em que um menino nos seguiu por toda a cidade, dia e noite, berrando “Mr. Money! Mr. Money!”. Já estávamos cheios daquela ladainha até que, em determinado momento, Raymond Acheson, que estava comigo nessa viagem, se virou para trás muito irritado e disse: “Hey, mr. Money, feck off!”, que em inglês significa “cai fora”. Mas o pobrezinho continuou a nos seguir como uma sombra pelas ruas durante horas gritando: “Money, por favor, mr. Feck off!”. Isso foi muito triste e engraçado ao mesmo tempo.

Para ser franco, apesar das coisas horríveis que vimos ao longo dos anos e das situações que enfrentávamos, também curtíamos muitos momentos bons nessas visitas. Alguns desses momentos, verdade seja dita, tinham a ver com o fato de que a bebida, na Romênia, era baratíssima. Quando não saíamos para visitar orfanatos ou distribuir comida, passávamos em algum pub para tomar alguns drinques e ter um pouco de diversão. Se não tivéssemos esse tempo para descontrair, certamente voltaríamos em um profundo estado de depressão. É importante ter uma folga de vez em quando para escapar da realidade do que acontece nesses lugares, senão qualquer um pira. Só podíamos ajudar essas crianças e famílias até determinado ponto, e conseguir algumas horas longe da realidade deles nos dava oportunidade de acabar com o estresse, descontrair e recarregar as energias para começar tudo de novo no dia seguinte.

Em uma das viagens, nos hospedamos em um hotel caindo aos pedaços em Fagaras. Aquilo era uma espelunca, com quartos imundos e banheiros comunitários, onde a privada era um buraco no chão, como sempre. Vários rapazes que trabalhavam conosco também estavam no grupo durante essa visita, junto com Shauna e eu. Outra senhora que veio conosco, Gwen Annies, foi direto para Rupea, a fim de ficar perto de Helena, uma garotinha que pretendia adotar. Infelizmente, bebemos mais do que nunca antes de chegarmos. Foi lamentável a forma como tudo aconteceu, porque ficamos tão entretidos com a cerveja romena, que perdemos a hora. Fizemos todas as compras e as entregamos no orfanato, conforme combinado, mas não completamos nem metade das coisas que tinham sido combinadas. Fico

envergonhado de admitir isso, e todos nós devíamos sentir o mesmo. Nesse dia, combinamos de não beber mais durante o dia e acabar o que tínhamos de fazer antes de aliviar a cabeça.

Gwen ajeitou tudo o que precisava providenciar em Rupea para dar início ao processo de adoção ainda nessa viagem. Sua filha Helena tinha 15 anos quando foi adotada, e agora deve ter vinte e poucos anos. Ainda mora na Irlanda do Norte e está se saindo muito bem na vida.

Voltando ao passado, eu lembro que tivemos um momento muito difícil nessa mesma viagem. Andreea ainda estava no orfanato nessa época, mas a tínhamos levado para passar a noite no hotel ali perto. Ela estava dormindo com Shauna. Doina sabia que podia confiar em nós, e por isso permitiu que ela passasse a noite no hotel. Desde o dia em que havíamos chegado, eu reparei que o hotel era muito silencioso durante o dia, mas subitamente ficava barulhento à noite, e não era com o tipo de ruídos de gente se divertindo, como seria de esperar. Por fim, descobrimos que ali funcionava um bordel.

Na terceira ou quarta noite hospedados lá, acordei nas primeiras horas da manhã e ouvi um tumulto no corredor. Pulei da cama e corri. Encontrei um sujeito imenso arrastando Andreea pelas escadas com o intuito de jogá-la para fora do hotel. Shauna gritava a plenos pulmões para que ele parasse, então eu o agarrei com um braço e agarrei Andreea com o outro. Comecei a gritar com vontade, avisando que iria matá-lo se ele não largasse a garota. Ao ouvir isso, ele pegou um revólver e o apontou em minha cabeça. Não sei se ele pretendia me matar ou não, mas me mantive firme e continuei a gritar, mandando que ele a soltasse. Dava para sentir o cano da arma na minha pele, e eu sabia que estava me arriscando muito até por tentar argumentar com ele, mas a essa altura ele já agarrara as duas meninas e eu não iria desistir. Ele compreendeu bem o meu inglês, porque eu continuei gritando cada vez mais alto. Então, de repente, ele soltou Shauna, que pegou Andreea e a levou correndo para o quarto, enquanto ele ia embora.

As pobres meninas estavam em estado de choque quando saímos do hotel, naquele mesmo dia. Pelo que entendemos, ele tinha feito aquilo porque sabia que Andreea era do orfanato, e não queria que ela contasse a ninguém o que acontecia nos quartos do hotel. Na cabeça dele, se ele expulsasse Andreea do hotel ela ficaria apavorada demais para contar alguma coisa a qualquer pessoa.

Temos de encarar esses cafetões de frente, porque eles só querem fazer dinheiro e nada os impede de proteger seu negócio. Não é nem preciso dizer que nunca mais voltamos àquele lugar.

Capítulo 7

Maria

Quando conheci Maria um pouco melhor, passamos a visitá-la em sua casa para tomar um pouco de chá ou comer alguma coisa sempre que estávamos na Romênia. Íamos à sua quitinete, e ela era hospitaleira com todos. É claro que preparar uma refeição completa para um monte de gente certamente fazia um buraco no seu orçamento, mas é assim mesmo que os romenos são: adoram receber bem e cuidar dos visitantes. Se fôssemos nos preocupar com o custo das coisas e rejeitássemos o convite, ela ficaria muito magoada. Maria se sentia maravilhosamente grata pelo que estávamos fazendo por Andreea, sabia que nós tínhamos os interesses da menina em primeiro lugar e fazíamos tudo de coração.

Shauna ia comigo à Romênia em quase todas as viagens, e sempre visitava Maria. Elas se davam muito bem. Isso tornou as coisas mais fáceis na hora de organizar futuras férias para as meninas, Andreea e Nicoletta. Maria já conhecia algumas palavras em inglês, e sua sobrinha falava o idioma muito bem, de forma que a língua deixou de ser uma barreira intransponível. Não importava o que dizíamos, de algum jeito todos nos compreendíamos muito bem.

Na nossa segunda viagem à Romênia, em março de 2000, eu estava louco para rever Maria. Na verdade, eu me sentia um adolescente. Sentia fisgadas de emoção no estômago só de pensar em revê-la e estar ao lado dela. Eu sabia que Maria tinha um relacionamento com outro homem e parecia estar feliz com a sua vida, mas havia algo entre nós — pelo menos de minha parte —, e eu torcia para não estar imaginando coisas.

Nunca comentei nada sobre meus sentimentos com minha família nem com Andreea, mas estava decidido a convidar Maria para ir à Irlanda do Norte em outubro daquele ano, para que ela pudesse ver com os próprios olhos o lugar onde as filhas passavam as férias. Dava para notar o quanto era difícil o seu cotidiano naquela quitinete apertada, e eu queria que ela tivesse o gostinho de imaginar como a vida poderia ser se, algum dia, ela quisesse se mudar da Romênia. Imagino que eu estava sendo egoísta ao alimentar a esperança de que ela pudesse, em algum momento, me confessar que também nutria sentimentos especiais por mim, e que, quem sabe, nós poderíamos ter algum tipo de relacionamento. Ver onde eu morava, pensei, talvez a ajudasse a se decidir. Eu vivia arrasado de culpa pelo que sentia, mas sabia que, por mais que tentasse, não conseguia tirá-la da cabeça. Então, naquela visita eu planejei perguntar se ela não gostaria de passar as férias na Irlanda com as crianças, em outubro.

Maria veio nos encontrar no hotel um dia depois da nossa chegada. Meu estômago se contorceu de aflição quando eu percebi, assim que ela chegou, que Maria estava grávida. A princípio ela não comentou nada a respeito, mas o tamanho da sua barriga era óbvio para todo mundo. Para mim, aquilo significava o fim dos meus planos, o fim da linha. Eu já tinha conhecido o companheiro dela, Ovideo, que me pareceu um camarada muito simpático, mas me senti enjoado só de pensar que ela ia ter um novo bebê com ele. Não podia suportar a ideia de ele estar com ela, muito menos saber que ela engravidara dele. Então, a ideia de convidá-la para conhecer nossa casa foi jogada pela janela naquele exato momento.

Depois de conversarmos sobre outras coisas, ela finalmente nos contou que o nascimento do bebê estava marcado para algum dia de julho. Ela estava empolgadíssima com a nova criança. Não havia jeito de eu tentar interferir na vida dela em um momento como aquele, e eu entendi que ela estava realmente

assumindo a relação com o companheiro. Aquele bebê serviria para selar a união de Maria e Ovideo, pois seria o primeiro bebê deles como casal. O pai de Andreea e de Nicoletta tinha desaparecido vários anos atrás, e Maria só passara a morar com Ovideo recentemente. Eu precisava aceitar que ela tinha ido em frente com a sua vida, e tinha de seguir com a minha, mais uma vez, da melhor forma que pudesse.

Maria me disse que daria o nome de Kevin ao bebê se ele fosse menino. Se fosse menina, ela daria dois nomes, sendo que o segundo seria uma homenagem a Mena, como agradecimento pelo legado que Mena deixara para ela e para sua família. Maria sabia que se Mena não tivesse insistido em receber uma criança romena naquele primeiro ano, nós nunca teríamos nos conhecido, e as duas filhas dela provavelmente ainda estariam no orfanato. Fiquei muito comovido ao ouvir tudo isso. No dia 12 de julho de 2000, Maria deu à luz uma linda menina. Ela foi batizada como Iulia Mena.

Maria nos contou que planejava se casar antes de a criança nascer, mas quando soube que iríamos voltar à Romênia em outubro, fez questão de atrasar a cerimônia e me convidou para ser seu padrinho. Foi um golpe duro ouvir isso, mas, acima de tudo, eu não podia deixar que as pessoas percebessem que eu não queria que eles se casassem. Não poderia recusar o convite. Aceitei na mesma hora e disse que adoraria ser padrinho de casamento dela. Deu para ver que ela ficou muito empolgada. Para ser franco, meu coração estava em pedaços, e eu passava mal só de me imaginar ali parado no altar vendo aquela mulher, por quem eu me apaixonara perdidamente, se casando com outro homem. Mas eu tinha de fazer isso, não só por Maria, mas também por Andreea e Nicoletta.

Voltei para casa depois daquela viagem de março de 2000 completamente desapontado. Maria e Ovideo pareciam empolgadíssimos com tudo, e eu precisava aparentar tanta felicidade quanto eles. A verdade, porém, é que eu não poderia estar me sentindo pior. Contudo, sabia que deveria deixar os sentimentos pessoais de lado e teria de ir em frente com a coisa, não importa o que acontecesse.

Todas as pessoas que trabalhavam e viajavam conosco durante aqueles anos também tinham sido convidados para a cerimônia de casamento, pois todos na Romênia sabiam que estaríamos juntos naquele mês para visitar os orfanatos

que ajudávamos. Assim, no dia marcado para o casamento, em outubro, fomos para lá.

Na véspera do casamento nós todos ficamos completamente bêbados. Acho que, só naquela noite, bebi o bastante para me manter bêbado por seis meses. Certamente usei a bebida, compreendo agora, para mascarar minhas emoções. No dia do casamento, porém, não toquei em bebida nenhuma, nem para uma bicadinha. Passei o dia todo, de manhã até a noite, sem provar nenhum tipo de bebida alcoólica, a primeira vez que isso me acontecia em muito tempo. Na época em que eu era casado com Mena bebia umas e outras de vez em quando, mas meu vício de beber fugiu ao controle depois que a perdi. Era muito difícil parar, em certas ocasiões, especialmente quando eu estava em um grupo que adorava beber sem freios.

No entanto, eu sabia que se tomasse alguns drinques, não estaria pronto para voar para casa mais tarde, naquela mesma noite. O ideal teria sido marcarmos o voo para o dia seguinte, mas alguns dos rapazes precisavam voltar logo ao trabalho e não tivemos escolha que não a de marcar o voo para aquela noite. Eu me lembro de observar um dos rapazes do nosso grupo na igreja, aquele dia. Ele oscilava de um lado para outro depois de uma noite inteira entornando todas. Parece que iria despencar a qualquer segundo. Estava branco como uma folha de papel, e percebi que se o padre não parasse de falar ele teria de ser levado dali por uma ambulância.

Um casamento romeno não é parecido em nada com uma cerimônia irlandesa, em que tudo começa e acaba em 45 minutos. Aquele casório levou mais de uma 1h30. O padre falava sem parar, obviamente em romeno, e não entendíamos patavina do que ele dizia. Só nos restava ficar sentados ali, parecendo interessados. Foi até engraçado.

Em determinado momento, todo mundo se virou para trás e começou a me encarar fixamente. Eu não fazia a mínima ideia do que estava rolando. Por fim, descobri que o padre contava a todos o quanto Maria se sentia por eu ter ajudado sua família, de como as coisas nunca teriam sido as mesmas se eu não tivesse levado Andreea para a Irlanda naquelas primeiras férias e não tivesse tentado adotá-la sem saber que ela não era órfã. Embora eu me sentisse embaraçado por todo mundo ali olhar para mim, cochichando e apontando,

secretamente adorei o fato de Maria ter dado tanto destaque ao que eu fiz em um dia único da sua vida. Isso me fez sentir muito especial.

Na Romênia as cerimônias de casamento são estranhas, mas brilhantes. Antes mesmo de as pessoas se dirigirem à igreja as celebrações começam. No apartamento da noiva, a porta é coberta de cima a baixo com folhas de palmeiras, flores de todas as cores e uma infinidade de balões coloridos. O padrinho e a madrinha da noiva vão à casa dela antes de ela sair e espetam flores em seu vestido, juntamente com um envelope cheio de dinheiro dentro. Todos os vizinhos visitam a casa para ver o quanto a noiva está bonita, e também para lhe desejar tudo de bom para o futuro. Eles só podem sair dali se deixarem algum dinheiro em um balde colocado na porta, como presente. Não importa a quantia: pode ser o equivalente a cinco ou dez libras, mas é preciso colocar algum dinheiro no balde, pois isso significa votos de boa sorte para a noiva e o noivo.

Na igreja, todos dançam por todo lado em círculos, e rezam para que o casal seja abençoado. Eu tinha tomado todas na noite anterior, como já contei. A essa altura, pagava o preço disso, pois meu estômago estava em estado péssimo. Pensei que fosse vomitar a qualquer minuto. Mesmo assim, tinha de continuar dançando com todo mundo, já que era o padrinho. Tudo o que conseguia fazer era rezar para as coisas acabarem dando certo, torcendo para não dar vexame.

Durante a cerimônia, todos tinham de comer um biscoitinho molhado em mel, e depois beber vinho do cálice nupcial. Só de pensar em engolir algo, ainda mais um biscoito mergulhado em mel, me provocou enjoos. Depois, em outra antiga tradição da cultura romena, a noiva ou o noivo tinham de chutar um frasco de água benta do lado de fora da igreja. Se a esposa quebrasse o frasco com o chute, diz a lenda que o primeiro bebê seria uma menina; se fosse o noivo a conseguir quebrar o recipiente, isso significava que eles teriam um menino. Para espanto e satisfação de todos, foi Maria quem quebrou o frasco.

Quando os noivos saíram da igreja, os convidados jogaram arroz e confetes neles, para cobri-los de riqueza e felicidade, como se faz na Irlanda. Depois, fomos todos para um restaurante. Havia umas vinte pessoas em nosso grupo. Segundo a tradição romena, depois do jantar e da primeira dança, alguém

chegava junto da noiva sem avisar e a “raptava”. O padrinho, então, deveria correr pelas ruas da vizinhança para resgatá-la e trazê-la de volta para a festa.

Eu não sabia nada sobre essa tradição. Assim, quando Maria foi levada do restaurante inesperadamente, eu não fazia a mínima ideia do que estava acontecendo. Pelo que vi, ela poderia muito bem ter sido raptada de verdade. Não sabia o que estava acontecendo no instante em que todo mundo começou a gritar ao mesmo tempo, avisando que Maria havia sido raptada. A única pista de que talvez aquilo fosse uma brincadeira é que todos estavam rindo e fazendo graça da situação. Então eu sabia que, fosse o que fosse, a coisa era para ser divertida.

Então foi isso: a noiva havia desaparecido, e era minha função encontrá-la e trazê-la de volta. Essa é uma brincadeira muito louca. A essa altura do campeonato, eu me sentia felicíssimo por não ter sucumbido à biritá e ficado mais bêbado, porque comecei a circular por toda parte como uma barata tonta, um verdadeiro idiota, tentando encontrá-la. O jogo continuou pelo resto do dia e pela noite toda, porque quando a noiva, por fim, voltava à festa, outra pessoa a levava embora, ou roubava seu véu, e só se consegue resgatar o véu roubado de uma noiva romena, ou ela própria, mediante o pagamento de uma determinada quantia. O interessante é que essa quantia não é entregue aos recém-casados, como seria de esperar; ela vai para a pessoa que roubou o véu ou a noiva. Devido a isso, todo mundo fica planejando como levá-la do restaurante sem ser visto. Esse é um jeito de as pessoas ganharem alguns trocados no dia da festa, e alguns planejam o rapto durante meses. Observando de fora, até que o esquema é engraçado e ajuda muito a aumentar a atmosfera festiva do dia.

Na primeira vez em que Maria foi raptada, a “vilã” era uma amiga dela. Alguém finalmente me deu a dica sobre quem a levava da festa, e eu tive de ir até a casa dessa jovem para trazer a noiva de volta. Depois ela foi raptada novamente, e eu tive de procurar muito. Foi uma experiência louca, mas muito divertida também. Não sei quanto eu paguei naquela noite para resgatar Maria diversas vezes; foi algo em torno de quarenta libras, mas isso é muito dinheiro na Romênia.

É claro que a cada vez que isso acontecia os convidados saíam dançando alegremente pelo restaurante antes mesmo de voltarmos, todos energizados, na

expectativa de ver quando ela voltaria, e de saber o quanto tínhamos desembolsado para salvá-la. É função do padrinho pagar o resgate, mas depois que o relógio bate meia-noite, essa responsabilidade passa para o novo marido, então eu adorei ser obrigado a partir para pegar o avião, senão sairia dali depenado!

Se eu não estivesse tão chateado com os eventos do dia, depois de Maria ter se casado com aquele homem, eu diria que foi uma grande experiência descobrir como as coisas são na Romênia. Fui embora devastado por Maria estar casada, mas a verdade é que aquele foi um grande dia. Cumpri o meu papel muito bem e mantive a promessa de ser um bom padrinho para Maria, mas saí de lá com o coração partido.

Tudo o que eu queria era entrar naquele avião para casa e apagar. Estávamos todos exaustos. Encaramos uma viagem de 4h30, de carro, até o aeroporto de Bucareste. Depois tivemos de esperar duas horas para embarcar e enfrentar o longo voo de volta, com escala em Amsterdã, pois não havia voos diretos para Belfast.

Durante todo o caminho para o aeroporto, eu dizia a mim mesmo que agora iria ser mais difícil voltar para casa, pois sabia que não havia esperanças de futuro para mim em relação àquela mulher. Eu ainda tinha muito trabalho a fazer com os orfanatos, mas, honestamente, não sabia como iria enfrentar tudo aquilo.

Conversei com Maria pelo telefone algumas vezes nos meses que se seguiram, e ela me pareceu muito feliz. Prometi ir lá para passar a Páscoa com eles, no ano seguinte. Apesar das minhas reservas, cumpri a promessa, mas pensei muito nela durante os meses que antecederam a viagem. Estava ficando mais e mais difícil, para mim, aceitar que eu nunca poderia ficar com ela. Mas a vida é assim mesmo.

Nessa viagem de 2001, apesar da dor, fiz o que tinha de fazer. Cumpri minha agenda, meus compromissos com os orfanatos e levei os projetos adiante da melhor forma que consegui. Fiquei hospedado com Maria e Ovideo por alguns dias, embora me fosse muito duro aceitar que eles dormiam juntos, e eu ficava sozinho na cama. Dava para perceber que as coisas já não estavam tão cor-de-rosa quanto eu havia imaginado. Além disso, por alguns olhares casuais de Maria, eu, de algum modo, ainda sonhava que talvez ela pudesse ter

algum sentimento por mim. Mais uma vez, porém, ignorei meus sentimentos e fui em frente com os compromissos.

Isso aconteceu em todas as visitas subsequentes. Em 2002 e 2003, percebi que o relacionamento deles se deteriorava ainda mais, e o casamento já não parecia uma união do tipo “felizes para sempre”. A cada visita, a situação piorava visivelmente. Ovideo e Maria obviamente estavam com o casamento por um fio, e me pareceu que Maria tinha dificuldades em levar em frente sua rotina diária. Ela nunca comentou nada disso comigo, mas era preciso ser um tolo desligado para não reparar no que estava acontecendo.

A essa altura, Andreea vinha à Irlanda regularmente com vistos para duas semanas, ou pelo menos foi o que eu imaginei. Descobri mais tarde que os vistos, na verdade, eram para seis meses. A partir daí, comecei a insistir para que ela ficasse em nossa companhia por períodos de tempo cada vez mais longos, em cada viagem. Elas adoravam o lugar onde morávamos e nunca se mostravam alegres em partir. Por fim, Andreea passou a morar conosco em Omagh. Veio de vez em dezembro de 2004. Levamos um tempão para organizar tudo, resolver os entraves burocráticos, sem falar nos muitos telefonemas que foram dados e na imensa quantia gasta em viagens para lá e para cá. Finalmente eu lhe consegui um visto de estudante, para que ela pudesse terminar os estudos conosco, na Irlanda do Norte. Ela entrou na Escola Omagh de Ensino Profissionalizante em setembro de 2005, em um curso de tratamentos estéticos. Quando se qualificou nisso, passou a fazer o curso completo para cabeleireiros.

Em princípio, Maria se mostrou chateada, como qualquer mãe ficaria, ao ver sua filha partir, mas sabia que Andreea estava em boas mãos e seria bem tratada. No fim, ela ficou feliz por ver que a filha seguia uma vida nova. Eu avisei a Maria de que também estava tentando um visto para Nicoletta, para que ela pudesse se beneficiar de uma educação melhor, e ela me pareceu muito grata. O fato é que isso tornava as coisas mais fáceis para ela na Romênia, pois agora havia apenas uma filha para cuidar, alimentar e vestir. Nem preciso dizer que as meninas adoraram a chance de morar na Irlanda do Norte.

Ovideo e Maria estavam quase sem se falar a essa altura. Não era um lar feliz, e eu sabia o quanto aquilo devia estar sendo estressante para toda a família, mas é claro que não podia me envolver nisso. Em 2003, Shauna,

Nicoletta e Andreea foram para Ibiza passar as férias. Nicoletta (que passamos a chamar de Nico) me telefonou para dizer que Maria estava com dificuldades e não tinha dinheiro para comprar comida para Iulia. Percebi que as coisas deviam estar realmente péssimas, porque nem as meninas nem Maria jamais haviam me pedido para enviar dinheiro para a Romênia. Ela me perguntou se eu poderia enviar uma quantia para Maria, e eu fiquei feliz em fazê-lo. Maria nunca me pedira um único centavo por causa do seu orgulho. Percebi que estava muito infeliz, mas ela não me disse nada pelo telefone. Pressenti, pelo seu jeito de falar, que ela achava que havia entrado na chuva e agora tinha de se molhar.

Fui à Romênia na Páscoa de 2004 para a abertura do novo orfanato em Fagaras, e acho que Maria lutou para manter a discrição. Não me contou como as coisas estavam mal em sua casa, apesar de eu ter me hospedado com Andreea no apartamento dela e de Ovideo. Em alguns momentos, pensei que ela fosse se abrir comigo, mas acho que ela não conseguia expressar o que sentia com palavras. Nessa viagem de 2004, eu fiz o que pude para agir normalmente, mas foi muito difícil.

Eu vivia em busca de algum sinal de que Maria pudesse alimentar sentimentos por mim; mantinha acesa a esperança de haver alguma luz lá. Mais tarde eu soube que, nessa mesma viagem, ela contou a Nico que gostaria de estar comigo, mas achava que eu não tinha interesse nela. Imaginava que não seria boa o bastante para mim. Nem desconfiava de como eu me senti em relação a ela desde o primeiro dia, muito menos de que eu me apaixonei por ela no instante em que a vi em pé, num frio terrível, do lado de fora do orfanato em Fagaras. Nós dois, de forma absolutamente tola, achávamos que o outro não estaria interessado em um relacionamento amoroso. No entanto, ambos estávamos loucamente apaixonados e tentávamos a todo custo lutar contra nossos sentimentos.

Mais tarde, Nico me contou que, na condição de filha mais velha, desconfiava de como nos sentíamos em relação um ao outro desde o início da amizade. Confessou que sabia que a mãe alimentava sentimentos por mim, mas ela, Nico, também achava que isso não iria funcionar, pelo menos no princípio, por causa das diferenças culturais e da barreira dos idiomas. Mesmo

assim, disse que sempre achou, no fundo do coração, que um dia nós acabaríamos juntos.

Naquela Páscoa de 2004, enquanto voltava para casa sozinho no avião, decidi de uma vez por todas cancelar minhas viagens. Ver Maria todas as vezes que eu ia lá estava me partindo o coração. Olhar para ela e saber que eu nunca poderia estar em sua companhia só servia para que eu me sentisse culpado. Como minha família iria encarar uma coisa dessas, caso descobrisse? Isso me corroía por dentro. Eu não tinha apenas de lidar com as meninas e seus sentimentos, mas, ao mesmo tempo, tentava me convencer de que, se algo um dia acontecesse entre nós, Mena iria aprovar. Eu me via massacrado de culpa pelos que os outros iriam pensar, e todos esses sentimentos me impediam de aceitar que talvez, um dia, eu tivesse a sorte de encontrar o amor pela segunda vez.

Disse adeus a Maria naquela semana sabendo, no fundo do coração, que tudo acabara. Provavelmente aquela seria a última vez em que a veria. Tive uma forte sensação de enjoo, como se alguém tivesse morrido, e esse foi o meu momento mais sombrio. Entendi finalmente que não havia nada de real pelo que esperar. Não havia mais razão para voltar à Romênia. Sabia que tinha feito o melhor desde o início, e não havia mais nada que eu pudesse fazer para mudar as coisas. Vi que estava apenas enganando a mim mesmo, achando que o nosso relacionamento tinha algum tipo de futuro.

É claro que eu continuaria a fazer todo o possível para levantar tanto dinheiro quanto conseguisse para ajudar aqueles orfanatos. As meninas estavam tendo uma formação melhor na Irlanda do Norte, e certamente teriam mais perspectivas na vida do que jamais conseguiriam em sua terra natal. Fiquei feliz por conseguir ver o novo orfanato inaugurado e sabia que agora as coisas correriam um pouco melhor na Romênia, pelo menos para algumas crianças.

No entanto, essa viagem de volta para casa foi a pior da minha vida. Ninguém poderia me ajudar dessa vez. Como sempre, foi a bebida que enevoou as coisas, me acalmou a dor e o coração ferido. Eu tinha perdido Mena e nunca poderia ter Maria. Estava fora das minhas mãos mudar isso, e eu simplesmente tinha de aceitar as coisas como elas eram.

Capítulo 8

A carta

Eu tinha certeza de que jamais conseguiria encarar Maria novamente, ainda mais sabendo que ela estava comprometida, tinha a casa em ordem e seguia com a sua vida. Ao mesmo tempo, comecei a suspeitar de que ela talvez gostasse de mim nos meses anteriores ao casamento, pois algumas vezes a peguei olhando na minha direção de um jeito especial, para depois virar o rosto com ar envergonhado quando nossos olhos se encontravam. Havia muitos sinais desse tipo que eu imaginava ver, mas depois do casamento, decidi que só podia ser minha imaginação pregando peças. Eu não ia mais me deixar torturar daquele jeito. Se ela estava realmente disposta a consertar o que havia de errado em seu casamento, eu tinha de deixá-la seguir com a sua vida. Andreea e Nicoletta vieram para casa comigo, no mesmo avião. Eu estava muito calado. Elas perceberam que havia algo errado — era preciso ser um tolo para não ver o que estava na cara —, mas não comentaram nada comigo, nem eu com elas.

Tentei tocar a vida o melhor que pude, mas não era fácil. Todos os dias às 14h, horário da Irlanda, se as meninas estivessem em casa eu dizia: “Sua mãe já deve ter voltado para casa do trabalho a essa hora”, pois seriam 16h na Romênia. Eu observava o relógio o tempo todo e olhava cada minuto, imaginando o que Maria poderia estar fazendo naquele horário. Meus dias e

noites se enchiam com pensamentos nela. Eu me sentia imensamente culpado por causa deles, mas não conseguia controlá-los.

Então, sem ninguém esperar, em novembro de 2004, recebi uma carta da Romênia. Sabia que era de Maria. No envelope, havia uma carta dentro de outra carta. Uma delas era para Nicoletta e a outra era para mim. Eu me sentei na mesma hora e comecei a lê-la. Vinha em um inglês muito capenga e tinha sido escrita pela sobrinha de Maria. A mensagem principal da carta era que Maria se sentia muito infeliz. Estava se separando de seu marido e queria que eu soubesse que ela gostava de mim.

Ela abriu o jogo, colocou todas as cartas na mesa. Disse que sentia muitas saudades de mim e torcia para que aquela carta não modificasse o nosso relacionamento, pois ela queria que continuássemos amigos. Disse que agradecia muito por tudo o que eu tinha feito por ela e por suas filhas desde o início, e que eu jamais compreenderia o quanto eu significava em sua vida. Ela achava que eu não sentia nada desse tipo por ela. No fim, disse que, caso estivesse errada a respeito disso, lamentava terrivelmente.

Mas é claro que eu *gostava* dela, sim, e gostava *muito* ! Vinha sendo corroído por dentro pensando nela durante anos. Eu devo ter lido aquela carta umas cem vezes. A mensagem levou muito tempo para sedimentar, a ficha demorou a cair, mas meus sentimentos de felicidade pareciam estar espalhados pela casa toda. Entretanto, eu não queria abrir uma caixa de Pandora e tornar as coisas piores para todos simplesmente entrando no primeiro avião que seguisse para a Romênia. É claro que eu queria fazer exatamente isso, na mesma hora, mas sabia que não seria possível, porque iria provocar um tumulto em casa.

Assim que meu coração se acalmou, liguei para Maria imediatamente e batemos um longo papo. Eu lhe contei que sentia exatamente as mesmas coisas que ela. Não entrei em muitos detalhes por telefone, e garanti que queria muito estar com ela, mas não poderia voltar à Romênia até que ela e Ovideo tivessem acertado a separação. Expliquei que não queria me sentir responsável pelo fim de um casamento e torcia para não ser esse o caso. Perguntei-lhe se ela estava absolutamente certa sobre o que pretendia fazer antes de tomar qualquer atitude precipitada. No fundo, eu sabia que Maria simplesmente não se sentia feliz ao lado do marido.

Depois de uma conversa sincera, de coração para coração, ela concordou que seria melhor se eu esperasse um pouco até ela resolver tudo por lá. Avisei que iria visitá-la na Páscoa de 2005 se as coisas não tivessem mudado e ela ainda me quisesse.

Maria realmente tentou consertar o casamento, e chegou mesmo a oferecer a Ovideo outra chance para salvar o relacionamento deles, mas parece que ele também já estava cheio da relação e reconheceu que as coisas entre eles haviam chegado a um ponto irreparável. Devo ser honesto e confessar aqui que fiquei extremamente feliz pelo fato de o relacionamento deles ter acabado. Senti muito por Ovideo, mas eu sabia que ele também não estava feliz, e isso tornou tudo mais fácil.

Nesse meio tempo, Maria e eu nos falávamos diariamente. Minha conta de telefone subiu às alturas, mas ouvir a voz dela todos os dias já servia para animar meu espírito. Eu ficava em casa sozinho quase o tempo todo, as meninas nunca estavam lá, pois tinham suas próprias vidas e horários para cumprir. Às vezes, eu sentia como se fosse desmoronar, mas saber que bastava pegar o telefone e ouvir a voz de Maria do outro lado da linha sem me sentir culpado fazia toda a diferença.

Nico era a única que sabia de tudo o que acontecia. Soube que sua mãe gostava de mim desde o princípio, e quando a carta chegou ela ficou empolgadíssima. Percebeu de imediato o quanto meu astral melhorou. Eu não comentei nada com mais ninguém, nem com meus filhos, mas torcia que eles acabassem compreendendo e se mostrassem felizes por mim. Esperava também que Mena não se importasse. Acho que essa era a minha maior preocupação.

Foi então que, um dia, enquanto eu conversava com Maria ao telefone, minhas emoções tomaram conta da conversa e eu coloquei o pedido para fora: “Você quer se casar comigo?”, perguntei. Assim que acabei de perguntar, senti uma onda de ansiedade. Achei que talvez tivesse forçado um pouco a barra ao deixar meus sentimentos tomarem conta da situação e meu coração dirigir meu cérebro. Mas ela simplesmente riu muito e respondeu “sim” na mesma hora, sem pausa para pensar melhor, nem pedidos para esperarmos um pouco mais de tempo. Quando coloquei o fone no gancho, eu estava cheio de energia, tão feliz que teria conseguido correr uma maratona. Ela me tornou o homem mais

feliz do mundo e eu senti, naquele momento, que mais nada conseguiria impedir de ficarmos juntos. Era o destino.

Eu me lembro de como fiquei empolgado naquele dia, sabendo que aquela mulher especial me amava de verdade. Eu acreditava nela e de algum modo sabia, no fundo do coração, que nossa união iria durar para sempre.

Eu também sabia que me tornaria alvo de fofocas assim que a notícia fosse divulgada. Haveria um monte de gente pronta para me criticar, achando que aquela linda romena estava apenas atrás de um visto de permanência fácil na Europa Ocidental, além de uma qualidade de vida melhor. Só que a essa altura, para ser franco, eu estava pouco ligando para o que qualquer um pudesse pensar. Sabia o que era melhor para mim e senti que havia chegado o momento de eu seguir em frente com a minha vida. Para ser franco, eu achava que merecia um pouco de felicidade depois de tanto tempo. Eu tinha passado por mágoas e dores tão grandes ao longo dos últimos anos, que me senti feliz ao entender que parecia haver uma luz no fim daquele túnel longo e escuro. Eu me senti absolutamente energizado por saber que uma mulher linda e carinhosa queria se casar comigo.

Pensei muito em Mena. Senti que, de um jeito estranho, Mena estava ali ao meu lado no instante em que eu deixei escapar meu pedido de casamento, e entendi que ela estava nos dando sua bênção.

Decidi, apesar do meu alívio e da minha felicidade, que iria manter a notícia apenas para mim, ao menos por algum tempo; não contaria a ninguém o que acontecera. Não via motivos para provocar nenhum ponto de conflito dentro da família até tudo estar confirmado e resolvido, e queria ter algum tempo para conversar com Maria frente a frente.

Depois daquele telefonema, as coisas se tornaram mais fáceis para nós. Conversar pelo telefone todos os dias nos dava algo pelo que esperar com ansiedade e alegria. Foi como se todos os nossos problemas começassem a desaparecer pouco a pouco. Nada mais além daquilo parecia ter importância. Era como se nós dois tivéssemos certeza absoluta de que era apenas uma questão de tempo até podermos estar juntos.

Não viajei para a Romênia até março de 2005, quando o divórcio de Maria e Ovideo foi homologado. Na verdade, esse atraso em voltar não me incomodou nem um pouco, pois ajudou a me dar tempo para colocar a cabeça

no lugar e tentar planejar com detalhes a minha viagem para Fagaras e a vinda de Maria para a Irlanda.

Conforme eu esperava, quando anunciei à minha família que iria sozinho visitar Maria, a sujeira bateu no ventilador e se espalhou. Até mesmo os familiares de Maria se mostraram incomodados pela ideia de eu começar um relacionamento com ela. Sei, com certeza, que se Andreea tivesse colocado as mãos naquela primeira carta antes de mim, eu jamais teria sabido da sua existência. A menina, agora crescida, achava repulsiva a ideia de sua mãe querer me ver e começar uma nova vida comigo como minha mulher.

Andreea recebia toda a minha atenção, tanto quanto Shauna, mas suponho que ela achava que a vinda de sua mãe para a Irlanda iria arruinar tudo. Só que eu não podia colocar minha vida em compasso de espera por causa de ninguém. Sei que seria uma mudança muito marcante reconstruir minha vida aos 50 anos, mas se eu não agarrasse essa oportunidade com as duas mãos e corresse, nunca mais voltaria lá. Isso tudo deixou muita gente infeliz. Creio que Shauna imaginou que se outra mulher entrasse na minha vida, ela tentaria substituir sua mãe, e, inevitavelmente, eu não lhe dedicaria tanto tempo e atenção quanto antes. Mas ela deveria saber que ninguém iria substituir Mena, nem tentaria me afastar de nenhum dos meus filhos.

Maria, por fim, contou a Ovideo que nutria sentimentos por mim e avisou que eu iria fazer a visita anual a Fagaras, como sempre. Para ser justo com ele, Ovideo foi brilhante. Outro homem talvez sentisse vontade de me matar, mesmo sabendo que eu não tinha nada a ver com a ruptura do seu casamento. Para ser franco, porém, devo afirmar que ele se comportou de forma fantástica ao longo do processo.

Ovideo também era órfão, e não tinha conhecido sua verdadeira mãe. Portanto, ele não teve exatamente uma infância maravilhosa, para começo de conversa. Acho que ele reconheceu o quanto eu era bom para as meninas, até mesmo para sua filhinha, Iulia. Ele era muito trabalhador, e eu tenho por ele o maior respeito pela forma cordial como me tratou o tempo todo. Eu não estaria casado com Maria hoje se Ovideo, por pura bondade de coração, não fizesse o que fez, e não estou falando apenas do divórcio, em si. Ele teve de assinar vários papéis para permitir que Iulia deixasse seu país de nascimento. Mais tarde, ele assinou a papelada que me permitiu adotar Iulia como se fosse

minha própria filha. Poucos homens seriam capazes de fazer isso, e eu tenho por ele grande respeito e imensa estima. Existe muita gente por aí que não aceitaria fazer uma coisa como essa, e dificultaria tudo por pura pirraça e maldade. Ovideo poderia também ter me pedido uma quantia qualquer de adiantamento, cinco mil libras, por exemplo, para tornar as coisas mais fáceis para ele, que também estava tentando reconstruir sua vida, mas não fez nada disso. Pelo contrário, tornou as coisas mais simples e fáceis desde o primeiro dia, sem questionamentos nem reservas.

A adoção de Iulia levou quase vinte meses para ser homologada, por causa dos trâmites burocráticos, mas isso não nos afligiou porque sabíamos que tudo, no fim, correria de acordo com os planos. Passamos por verificações frequentes da polícia e do serviço de assistência social, que vinham nos visitar todos os meses. Eles me perguntavam por que eu acreditava que poderia ser um bom pai para aquela garotinha, e queriam saber como eu seria capaz de sustentá-la. Eram perguntas infundáveis, tudo isso apesar do fato de que Iulia já morava comigo há três anos, desde que elas tinham vindo para minha casa, em maio de 2005. Graças a Deus, o processo foi encerrado e tudo foi legalizado em dezembro de 2008. Depois de tantas idas e vindas, a audiência final aconteceu em questão de minutos, em um pequeno tribunal de família em Omagh. Apesar da burocracia, das entrevistas intermináveis e da frustração, adoramos saber que podíamos finalmente seguir em frente com nossas vidas, confirmando que aquela menininha agora tinha estabilidade, e eu poderia finalmente deixar todos um pouco mais felizes, oferecendo-lhes coisas que elas nunca tinham tido.

Ovideo também teve um novo filho com outra mulher, e espero, de coração, que ele seja feliz em sua nova vida. Ele merece encontrar a felicidade. Não tem irmãos, nem irmãs, nem pais e, mesmo assim, apesar de suas carências, me ajudou a resolver tudo para que Maria e Iulia fossem tão bem cuidadas quanto fosse possível.

Se eu fosse à Romênia hoje e me encontrasse com ele por acaso, gostaria de tomar um drinque em sua companhia; não existe nenhum tipo de animosidade entre nós. Ele sabe que eu não roubei Maria dele; eles simplesmente foram se afastando lentamente. Acredito que tudo que acontece tem um motivo, e nossa vida talvez seja mapeada para nós desde o dia em que nascemos. Continuo

sentindo saudades de Mena cada dia da minha vida, mas agora sinto que foi a própria Mena quem fez tudo isso acontecer. Acredito piamente que ela está lá em cima cuidando de nós, e está satisfeita com a forma como as coisas se acertaram. Você pode dar a isso o nome de intervenção celestial, se quiser, mas eu acredito que Mena vem olhando por mim ao longo de todo esse tempo. Ela sabe o que está acontecendo e está feliz por mim e por todos nós.

Capítulo 9

Planejando o casamento

Quando eu voltei à Romênia em março de 2005, pela primeira vez depois de receber a carta que mudou tudo, passei por momentos surpreendentes. Morri de medo de o avião cair. Fiz a viagem com o coração na boca. Não tinha intimidades com uma mulher fazia sete anos, e não fazia mais a menor ideia de como proceder. Eu me sentia pisando em ovos.

Quis impressionar logo na chegada para fazer Maria sentir orgulho de mim, então saltei do avião vestindo um terno, camisa e gravata, cabeça quase raspada e um lindo par de botas de caubói. Quando apareci e a vi me esperando no setor de desembarque, me senti novamente com 16 anos. Maria riu alto quando me viu. Achou as roupas hilárias. Nem preciso dizer que levei muito tempo antes de vestir um terno novamente.

Mesmo assim, ela estava claramente satisfeita por me ver, e eu me senti o homem mais feliz do mundo. Nós nos abraçamos forte, e eu lhe dei um beijo estalado no rosto. Na verdade, eu não sabia direito como devia proceder, e não queria assustá-la. Mas tudo deu certo, foi absolutamente perfeito, e eu me vi contente de verdade pela primeira vez em muitos anos.

Fomos para a quitinete dela e, a princípio, eu me senti pouco à vontade. Em todas as minhas outras viagens, eu me sentei ali enquanto Maria e Ovideu

andavam à nossa volta, nos recebendo. Sempre tinha sido um convidado formal naquele lugar. Dessa vez eu precisava tentar relaxar mais, me sentir em casa. Não estava em uma viagem de trabalho: dessa vez tinha ido lá por interesses pessoais. Foi uma experiência esquisita, mas eu me lembro de ficar sentado ali, olhando para Maria e pensando que aquilo não poderia estar acontecendo de verdade. Eu nunca imaginei que pudesse ser feliz novamente. Depois de Mena, eu nunca mais tinha imaginado que pudesse encontrar alguém com quem eu pudesse passar o resto da minha vida. No entanto, ali estava eu em um país estrangeiro, ao lado de uma mulher que não falava quase nada de inglês e, mesmo assim, me sentia o homem mais feliz do mundo.

Em um inglês confuso e macarrônico, Maria tentava me explicar o que tinha acontecido com Ovideo, e de como ela sempre tinha sentido algo especial por mim. Estava muito grata a mim por cuidar das suas filhas e relatou em detalhes o quanto a minha ajuda tinha mudado a sua vida. Comemos alguma coisa mais tarde, naquela noite, e falamos muito, conversamos sobre tudo o que podíamos, tentando nos comunicar da melhor forma possível. Eu me sentia absolutamente à vontade com ela. Nosso primeiro beijo foi um momento muito especial. Eu imaginei que fosse me sentir estranho, constrangido, mas não aconteceu nada disso, e eu percebi ali, naquele momento, que nossa relação iria durar porque o sentimento era mútuo e verdadeiro.

Passamos aquela primeira noite da viagem juntos, simplesmente nos conhecendo melhor. O inglês capenga dela não representou muito problema e, de algum modo, conseguimos nos entender bem. Era fantástico estar ali sozinho com ela, sem mais ninguém por perto, e realmente nos sentíamos muito à vontade um com o outro.

Eu vi o quanto Maria era uma boa mãe para o seu novo bebê e pressenti o quanto ela sentia saudades das filhas mais velhas. Essa viagem serviu realmente para nos aproximar ainda mais. Conversamos sobre nosso futuro juntos, e em como as coisas iriam dar certo se ela fosse morar comigo em Tyrone. Ela parecia muito empolgada com tudo. Eu lhe disse, então, que teria de voltar para casa e dar início ao processo de levá-la comigo, de forma legal, para a Irlanda do Norte. Ela sabia que antes disso eu ainda teria de ir à Escócia, pois

Paula ia se casar lá, mas assim que eu estivesse com tudo resolvido eu voltaria para ela.

Eu tinha contado a Paula que iria voltar sozinho para a Romênia antes de ir ao seu casamento na Escócia, mas ela não me fez muitas perguntas a respeito. Organizou tudo com antecedência para que eu pudesse ir direto para Omagh depois que voltasse da Romênia e então voasse logo depois para a Escócia, a fim de assistir ao casamento. Infelizmente, antes mesmo de eu chegar à Romênia os problemas começaram.

As passagens aéreas que Paula havia comprado para mim chegaram na nossa casa em Creaghmore Road antes de eu voltar de viagem. Quando Shauna e Andreea as receberam, foi um Deus nos acuda. Elas ficaram indignadas por eu ter feito todos aqueles planos pelas suas costas, e ambas se mostraram muito decepcionadas por eu não ter comentado nada com elas a respeito do assunto. Nossas relações domésticas ficaram muito abaladas durante esse período, mas elas tinham consciência de que, apesar de tudo, eu as amava muito.

Eu sabia que elas se sentiam ressentidas; dava para sentir a atmosfera pesada, e ninguém abria a boca. Aquela situação era muito desconfortável para mim, às vezes, pois eu sabia que elas pensavam coisas horríveis a meu respeito e não diziam nada. Mas o fato é que eu precisava agarrar qualquer chance que aparecesse de colocar minha vida de volta nos trilhos, e tentei colocar de lado os sentimentos dos outros.

Pouquíssimas pessoas queriam realmente que eu ficasse com Maria. Todas tinham suas próprias razões, mas ninguém conseguiria me demover da ideia. Suponho que muitos deles estivessem apenas preocupados comigo, para o caso de eu estar tomando a decisão errada. Eu sabia que estava recebendo uma última chance de felicidade na vida, e não iria estragar isso por causa de ninguém. Não queria mais ficar sozinho. Ninguém pode imaginar, a não ser que tenha passado por isso, o que é, na realidade, perder um cônjuge — sua esposa, sua amiga — e depois tentar levar a vida da melhor forma possível. É um pesadelo. Eu sabia que gostava muito dessa mulher especial na Romênia. Ela tinha roubado meu coração no dia em que nos conhecemos. Eu sabia que precisava ser egoísta e colocar meus próprios sentimentos em primeiro lugar. E foi o que eu fiz.

Fui ao casamento de Paula conforme o planejado, em Gretna Green. Foi a cerimônia de casamento mais rápida que eu já vi em toda a minha vida. Em poucos minutos estava tudo encerrado, e nós estávamos no bar. Eu sabia que havia um pouco de tensão entre meus filhos por causa dos voos de um lado para outro, mas nada foi dito no dia. Deixamos os problemas de lado e curtimos uma noite memorável.

Apesar da frieza de todos em casa e dos olhares flamejantes que recebia das pessoas, voltei para Fagaras conforme planejado. Pensava em ficar lá durante seis semanas dessa vez, para ver como as coisas funcionavam. Maria vinha de uma estrutura social completamente diferente da minha, passara a vida toda em um país diferente, com uma cultura específica. É claro que eu sabia que poderia estar entrando em uma tremenda furada e o tombo seria feio. E se ela não se adaptasse à Irlanda, o que eu faria? Ela iria morar em uma casa em que só a cozinha era maior que o seu apartamento inteiro. Encontraria pessoas estranhas todos os dias, falaria um idioma diferente e talvez odiasse tudo. O que eu faria se isso acontecesse? O que ela faria? Minha cabeça explodia de tantas perguntas. Ela estaria com suas filhas perto dela, é claro, mas o resto da família, suas irmãs e amigas, não estariam por perto. Se ela se sentisse deprimida, quisesse conversar algo particular com alguém, ou desejasse simplesmente curtir uma xícara de chá com alguma pessoa da sua familiar não poderia fazer isso. Todas essas possibilidades assaltavam minha mente. Mesmo assim, estar com ela, de algum modo, tornou minha vida completa mais uma vez.

Passamos os dias que se seguiram entre conversas e planos. Eu não tinha escolha: teria de voltar à Irlanda do Norte em algum momento, e perguntei a Maria como ela se sentiria morando lá. Obviamente ela sabia que ir morar em outro país representaria uma mudança radical em sua rotina, com mais chances de oferecer um futuro melhor à sua bebezinha, mas, mesmo assim, a reviravolta em sua vida seria imensa. Maria tinha irmãs na Romênia, e uma delas estava sempre em contato com ela. Certamente seria difícil abrir mão dessa parte da sua vida. Mas ela me disse que adoraria descobrir como as coisas eram em Tyrone, e não se importava de deixar o resto da sua família para trás se isso significasse uma vida melhor e felicidade.

Ela sabia que Andreea e Nicoletta adoravam sua nova vida e sentia saudades delas. Não haveria jeito de fazer aquelas meninas voltarem a morar na Romênia. Maria sabia disso e se sentia feliz demais por morar comigo em um novo país.

Depois de muitos papos e planos tentando descobrir como ela aguentaria a vida em um país novo e como conseguiria deixar para trás suas coisas e sua vida antiga na Romênia, decidimos colocar a bola em campo e dar início oficialmente à partida. O primeiro passo seria ver como Maria se sentiria se fosse para a Irlanda de férias durante seis meses, com visto de turista. Isso lhe daria tempo suficiente para conhecer o lugar e ter uma ideia de como seria morar lá.

Sabíamos que, devido às leis e regras do governo britânico, nós teríamos de voltar para a Romênia, e o plano era nos casarmos lá. Mas eu nunca imaginei as dificuldades que iria encontrar só para conseguir um visto para Maria vir da Romênia e obter permissão de passar férias em meu país. Tive de apresentar oficialmente uma carta-convite solicitando permissão do Estado britânico para que ela pudesse vir.

Anexei ao processo outra carta que eu montara com Doina, do orfanato, descrevendo todo o trabalho voluntário que eu havia desenvolvido no país ao longo dos últimos anos. Segundo Doina, se as autoridades soubessem que eu tinha interesse genuíno nas dificuldades das crianças romenas, isso certamente faria os responsáveis pela embaixada entenderem que eu não tinha ido à Romênia de uma hora para a outra em busca de uma “noiva por correspondência”, ou algo desse tipo. O fato é que eu já fazia viagens de ida e volta à Romênia muitos anos antes de ter início o relacionamento entre mim e Maria, apesar dos sentimentos secretos que identifiquei desde o primeiro dia. A verdade, porém, é que eu não visitava regulamente aquele país simplesmente em busca de amor. Expliquei na carta de solicitação que as filhas de Maria já moravam conosco legalmente em Omagh, e disse que duas filhas minhas, Tracey e Paula, estavam para se casar e queriam convidar Maria para as cerimônias de casamento. É claro que Paula já estava casada a essa altura, e Tracey só se casaria em dezembro, mas uma versão adaptada dos fatos não é exatamente uma mentira. É necessário usar todos os recursos disponíveis para

tirar alguém da Romênia. Eu nem me importaria se tivesse de mentir; queria que Maria fosse para casa comigo e ponto final.

Tivemos de ficar na fila do lado de fora da embaixada britânica em Bucareste desde as 6h da manhã, onde fomos tratados como animais, empurrados e amontoados em um canto como gado. Era preciso assinar seu nome em um livro e esperar em pé durante horas, até que um rapaz aparecia às 9h e começava a distribuir senhas. Ficamos lá até as 11h e, a essa altura, estávamos completamente exaustos. Assim que entramos pelas portas da embaixada, nos mandaram deixar os telefones celulares com os guardas. Independentemente das perguntas que nos faziam, a culpada de tudo era a situação da Romênia. Apesar disso, assim que entramos, vimos cartazes em toda parte informando que, a partir daquele momento, estávamos em solo britânico. Mesmo assim, tivemos de desembolsar cem libras só para sermos recebidos.

Eu tinha instruído Maria a não pronunciar uma única palavra em inglês. Havia uma mulher na sala que começou a falar em romeno, mas eu não fazia a mínima ideia do que ela dizia. O homem que estava atrás da mesa me perguntou se eu sabia falar romeno. Quando eu disse que não, ele nos alertou que tínhamos um grande problema nas mãos, pois Maria teria dificuldades em vencer a barreira do idioma em Omagh. Expliquei a ele que eu já conhecia Maria há vários anos e que sempre tínhamos conseguido nos comunicar bem um com o outro.

Disse-lhe que eu não via isso como um problema. Perguntei-lhe se ele sabia algo, qualquer coisa que fosse, a respeito da Irlanda do Norte, e ele me disse que tudo que sabia é que as pessoas costumavam se matar o tempo todo. Minha resposta para isso foi: “Você acertou em cheio! Pior são os políticos; nenhum deles fala com o outro; o partido DUP não conversa com o pessoal do UUP, o UUP não fala com o Sinn Féin; o Sinn Féin, por sua vez, não fala com o SDLP, e, para terminar, o Sinn Féin não conversa com o DUP. É por isso que ela vai se encaixar no esquema tão bem!” Ao ouvir isso, o agente começou a rir.

Depois disso, eles pediram que eu me retirasse da sala e continuaram a interrogar Maria. Quando ela saiu, os funcionários do consulado nos pediram para voltar às 16h. Fomos a um café ali perto, onde Maria me contou que alguém lhe dissera que ela não tinha ido muito bem na entrevista, mas era para

voltar às 16h mesmo assim. Eu senti uma espécie de enjoo ao ouvir isso. Uma vez, a mesma coisa tinha acontecido com Andreea — depois de me fazerem esperar o dia todo, ela teve o visto recusado. Mas voltamos na hora marcada, conforme determinado, embora eu não conseguisse disfarçar meu desapontamento. Entretanto, vinte minutos depois de voltarmos, apareceu um homem com uma pilha de passaportes. Um deles foi entregue à Maria. Ela tinha conseguido o visto afinal! Maria estava brincando comigo o tempo todo, pressentia, no fundo, que talvez conseguisse sua autorização, mas preferiu me deixar com o coração na mão. O alívio que eu senti foi indescritível, e tudo que eu consegui fazer foi agarrá-la com força em meus braços e lhe dar um grande beijo.

Apaixonar-me por Maria foi uma alegria que trouxe consigo um monte de problemas, não só com relação à barreira dos idiomas diferentes, mas também com a família, os amigos, a burocracia dos órgãos governamentais, um pacote completo. Mesmo assim, apesar das dificuldades, eu estava mais feliz do que em muitos anos. Maria, por sua vez, estava nas nuvens. Ela começou a planejar a viagem, a se despedir dos amigos e da família, encaixotando todos os seus objetos pessoais. Ela estava muito empolgada em ir para Tyrone. Ao mesmo tempo, também se preocupava com o jeito como as pessoas iriam tratá-la e como minha família reagiria ao descobrir, finalmente, que estávamos planejando nos casar.

Prometi a Maria que não faria sobre ela nenhum tipo de pressão, e se ela achasse que tudo aquilo estava acima do suportável, eu compraria passagens de volta para Fagaras e decidiríamos como seguir em frente. Ela era livre para fazer sua própria escolha. Se as coisas também não dessem certo na Romênia, poderíamos tentar outra possibilidade qualquer. Não sei exatamente o que nos restaria fazer, mas estava disposto a enfrentar qualquer coisa.

Quando voltamos a Tyrone, havia muita ansiedade. Todos estavam loucos para conhecer Maria. Eles devem ter desconfiado de que algo estava acontecendo, mas ninguém confirmava nada. Meus amigos mais chegados e minha família perceberam que, nos últimos meses, eu me tornara uma pessoa diferente. Obviamente somaram dois mais dois e desconfiaram que o motivo só podia ser a mulher que havia chegado. De algum modo, eu havia conseguido recuperar minha vida em um período relativamente curto, depois

de anos e anos negligenciando a mim mesmo e às pessoas à minha volta. Eu certamente era o alvo de todas as fofocas da cidade por ter trazido para casa uma mulher estrangeira.

Maria, apesar das barreiras do idioma, conquistou o coração de todos. Se alguém não gosta de Maria deve ter algo errado em sua alma, porque ela é uma pessoa adorável, amorosa e gentil. Conseguiu se entrosar com todos rapidamente.

Embora preferisse se casar em seu próprio país, rodeada pela família e pelos muitos amigos, Maria mudou de ideia por completo ao conhecer minha mãe e meu pai. Disse que entendia que eles não conseguiriam fazer a longa viagem até Fagaras para assistir ao casamento do filho. Percebeu que uma viagem como essa seria longa e extenuante para eles. Por causa disso, basicamente, afirmou que preferia se casar em Omagh, junto à minha família. É claro que eu teria me casado com Maria na Romênia, sem dúvida, mas se fôssemos lá não poderíamos nos casar em um templo católico, porque ela era divorciada. Foi por isso que, no fim, resolvemos nos casar na Irlanda do Norte mesmo. Isso significou muito para mim, pois percebi o imenso sacrifício que ela estava fazendo. Na Romênia, um casamento é visto como um grande evento. Maria tinha um monte de amigos com os quais eu sei que ela adoraria passar o seu dia especial. Todos adorariam vê-la finalmente estabelecendo o seu futuro com alguém que amava de verdade, que cuidaria dela e lhe daria uma vida melhor.

De qualquer modo, todos os amigos de Maria já me conheciam das viagens à Romênia, ao longo dos anos. Eles me achavam fantástico, porque eu dera a Andreea e a Nicoletta a oportunidade de obter uma educação de qualidade e um padrão de vida melhor que o da Romênia. Eu fazia só o que achava correto, pois, em minha opinião, todos deviam ter melhores chances na vida. Na Romênia, porém, essa ajuda e esse apoio são tão raros que qualquer um que demonstre interesse é visto como salvador.

Sabíamos que teríamos de enfrentar muita burocracia se quiséssemos organizar uma cerimônia de casamento em Tyrone, então começamos logo os preparativos. Poucas pessoas sabiam que pretendíamos nos casar legalmente, e eu decidi que já era hora de contar a todos.

Não usávamos aliança e, pelo que eu descobri, pouca gente suspeitava que tínhamos esse plano até uma noite em que estávamos no pub O'Ceathain

Arms com amigos, e eu decidi ali mesmo me ajoelhar só para pedir publicamente a mão de Maria em casamento. Senti um desejo quase incontrolável de gritar para que todos ouvissem que eu estava loucamente apaixonado por aquela mulher e queria passar o resto da vida ao seu lado.

Depois do choque inicial, Maria achou tudo divertido. Riu muito, jogou os braços em torno do meu pescoço e disse “sim” mais uma vez. Eu senti que, mesmo ela já tendo concordado pelo telefone em se casar comigo, é claro que uma chamada de longa distância não é o jeito mais romântico de pedir a mão de uma dama em casamento. Repetir o pedido diante dos meus amigos em um pub lotado serviu para lhe mostrar que meu amor por ela era uma coisa séria, e eu queria que todos soubessem disso.

A notícia se espalhou rapidamente. As pessoas começaram a me parar na rua para me dar os parabéns, perguntar quando seria o grande dia e como tudo havia acontecido. Todos estavam loucos para conhecer mais detalhes e fofocas, mas eu fiquei na minha.

Minha maior preocupação era com meus filhos, sem falar em Andreea e Nicoletta. Iulia era apenas um bebê, e toda aquela agitação não significava nada para ela. Iulia me via o tempo todo mesmo, e não haveria problema eu me tornar um “pai” de verdade para ela. Mas eu queria ter certeza de que os filhos mais velhos concordavam sem reservas.

Paula, Tracey e Ray já sabiam. Para eles, era óbvio que algo estava rolando entre mim e Maria, então eu contei tudo a eles antes mesmo da viagem à Romênia, em março. Deixei Shauna de fora porque temia sua reação. Reconheço agora que isso foi um grande erro. Uma noite em que eu estava meio alto, contei a novidade a alguém, que contou a outra pessoa e essa pessoa contou a Shauna. Cometi muitos erros na vida, mas esse talvez tenha sido o maior deles. O controle invisível que Shauna exercia sobre mim desde criança me forçou a adiar o momento de lhe dar a notícia. Ela ficou magoada, com razão, por ter sido deixada de fora. A verdade, porém, é que eu morria de medo da reação dela. Afinal, ela era a minha bebê.

Saber de tudo por intermédio de um estranho a deixou louca. Ela gritou, reclamou comigo e deixou bem claro o quanto estava magoada e infeliz. Na época, eu nem pude explicar a ela o quanto foi difícil lhe dar a notícia, porque ela nem queria ouvir; simplesmente se sentia humilhada. Sei que ela achou que

eu estava tentando substituir sua mãe colocando uma estrangeira em nossa casa, mas não era nada disso. Eu amava a mãe dela, e Maria sabia disso. Eu simplesmente queria uma última chance para reparar minha vida, reconstruí-la e, na verdade, amava Maria profundamente.

Levou muito tempo para eu reconstruir a relação entre mim e Shauna, e também fiquei magoado por ela ter reagido tão mal. Mas ela sabia que eu a amava e tinha de seguir com a minha vida. Os outros irmãos, felizmente, pareciam ter aceitado bem a mudança.

Alguns dias depois do anúncio formal, Maria e eu fomos até Omagh para escolher as alianças. Ela avistou uma que gostou muito na joalheria Paddy Laird's, na Bridge Street. Já haviam se passado mais de cinco meses desde a proposta original pelo telefone, mas nós não éramos mais crianças, então toda a formalidade da escolha das alianças não era importante, pelo menos para mim. Por outro lado, essa era apenas a minha visão de homem. Eu não achava o evento tão importante até comprarmos o anel e eu ver o olhar de pura felicidade no rosto de Maria quando coloquei a joia em seu dedo anelar. Só então percebi que a aliança era, na verdade, algo muito importante. Talvez seja a forma de uma mulher mostrar a todo mundo com quem ela convive que o homem de sua vida realmente a ama.

Como sempre, Maria ficou preocupada com o preço alto. Insistiu que eu não deveria gastar tanto dinheiro em uma aliança de noivado. A verdade, porém, é que eu teria comprado qualquer aliança da loja naquele dia, e a qualquer preço, se isso a fizesse feliz.

Eu sabia que ela mal podia esperar para exibir a joia a todos. De certo modo, a aliança tornava o casamento em si muito mais plausível. Acho que até o momento da compra da aliança, a cerimônia de casamento não passava de um plano, um evento que só existia em nossas cabeças. Mas eu reparei que ela olhava para o dedo o tempo todo, admirando a joia a caminho de casa e dizendo que ela nunca tinha tido algo tão lindo e tão caro em toda a sua vida.

Meus pais ficaram felicíssimos quando lhes demos a notícia. Minha mãe chegou a dizer que já era hora de eu estruturar minha vida novamente. Ela andava preocupada comigo havia muitos anos, e creio que encarou aquele meu novo relacionamento como a minha salvação. Ninguém da minha família comentou nada negativo sobre o casamento, pelo menos não na minha frente.

Para ser franco, a essa altura eu estava pouco ligando para o que os outros pensassem. Tinha enfrentado anos de confusão em minha vida pessoal, depois tinha me apaixonado por uma mulher que achei que jamais poderia ter; e me despedaçado pela culpa de saber que meus filhos só poderiam ter uma mãe, e Maria nunca seria Mena. Finalmente, cheguei a um estágio em que sabia que precisava cuidar e pensar em mim mesmo.

Como pais, sempre colocamos nossos filhos em primeiro lugar, e essa é a coisa certa a fazer. Só que quando nossos filhos passam dos 20 anos e seguem suas próprias vidas, é preciso começar a pensar em nós mesmos. Tanta gente evita se envolver romanticamente em um segundo relacionamento porque se preocupa com o que os filhos adultos vão pensar. Mas só temos uma vida e temos de fazer o melhor para aproveitá-la. Não afirmo isso de forma leve, porque me remoí de preocupação durante vários anos. Portanto, digo isso por experiência própria.

Maria adorou a ideia de se casar na Irlanda do Norte, apesar do fato de sua família não estar presente por causa das restrições a vistos para estrangeiros. Nas semanas que antecederam o grande dia, ela sonhava com o modelo do vestido, as flores e as coisas que as noivas curtem. Estava muito empolgada. Eu cuidei da organização do evento em si porque o inglês de Maria ainda não estava muito bom. Não havia condições de ela pegar o telefone e explicar a alguém que ela iria se casar e precisava de x, y e z. A dor de cabeça que eu teria para desfazer os mal-entendidos seria maior, e eu assumi a tarefa de montar o evento.

Fomos a Enniskillen juntos, uma tarde, e Maria escolheu um belíssimo vestido verde claro para a cerimônia. Ela ficou absolutamente maravilhosa nele. Devo reconhecer aqui que depois que o choque do anúncio do casamento perdeu a força, minhas filhas foram ótimas. Deve ter sido difícil para elas aceitarem tudo na época, reconheço isso agora, mas elas sabiam que, não importa o que acontecesse, Maria nunca substituiria Mena. A própria Maria também sabia disso.

Iulia, porém, não ficou tão feliz com toda a atenção que Maria estava recebendo. Tinha só cinco anos na época, mas era grande o bastante para entender o que acontecia, e se mostrou rebelde. Começou a fazer pirraças e ter chilikues o tempo todo, gritando, chorando e se comportando mal, mas o dia

que ficou mais marcado foi quando fomos ao hotel para organizar tudo. Iulia estava impossível dentro do carro, agitada e agressiva. Quando chegou ao hotel a coisa piorou. De repente ela se virou na minha direção e me mordeu o braço com força. A dor, obviamente, foi muito grande.

Eu não soube como reagir. Quis gritar com ela, mas estávamos cercados de gente, e ela percebeu que havia me irritado. Todos sabiam qual era o seu problema ali: ela estava chateada por não ser o centro das atenções, e expressava seus sentimentos de forma alta e clara. Lembrar isso agora até que é divertido, mas na hora não foi nem um pouco. Com o tempo, porém, Iulia foi se acostumando com a ideia de que sua mãe merecia toda aquela atenção e se conformou em ficar em segundo plano. Todos adoravam Iulia. Ela era uma bonequinha. Nós resolvemos aturar seus bicos e manhas de criança e superamos tudo rindo da situação.

O casamento na Irlanda no Norte com uma estrangeira nos trouxe mais problemas, porque eu tive de solicitar uma autorização especial no Ministério do Interior, e depois esperar para saber se ela seria emitida ou não. Pela minha sorte, vocês já podem adivinhar: ela foi recusada. Aquilo foi um golpe duro em todos. Ficamos devastados, mas eu não me deixei abater. Insisti e apelei da decisão. Sentia-me revoltado pela autorização me ter sido negada, ainda mais considerando tudo o que eu havia passado nos últimos anos da Irlanda do Norte, sem falar na falta de apoio das autoridades durante todo aquele tempo em relação à investigação do atentado e a prisão dos terroristas. Eu estava determinado a defender meu lado com todos os recursos e iria até à rainha, se necessário.

Quem recebeu meu apelo enviou todas as minhas informações a Pat Doherty, uma deputada do partido Sinn Féin. Depois de muitas idas e vindas, eles finalmente me deram uma autorização de casamento, com a ressalva de que teríamos de nos casar antes do dia 4 de novembro, dia em que expirava o visto de Maria. Colocamos os planos em frente e fixamos a data em 12 de outubro de 2005.

O problema que eu tinha agora era voltar à Romênia para conseguir permissão do governo romeno para me casar no Reino Unido. Precisava de um visto para Maria e para Iulia. Eles me informaram que eu não precisaria levar Andreea comigo, e a autorização seria emitida sem ela estar presente.

Marcamos voos rapidamente para nós três e fomos. Infelizmente fui avisado, assim que cheguei, que eu deveria ter levado Andreea comigo, sim, para obter um visto para ela também. E ela precisaria conseguir esse visto antes do dia 2 de dezembro, data em que completaria 18 anos, porque se ela não tivesse o visto até essa data, teria de voltar à Romênia para sempre. A partir daí, o processo para levá-la mais uma vez para fora do país teria sido um pesadelo.

Foi então que deixei Maria e Iulia, rumei de volta a Omagh, mandei Andreea fazer uma mala pequena e viajamos no dia seguinte para Fagaras. Eu estava completamente exausto ao chegar lá. Contando as viagens e o estresse de tudo isso acontecendo ao mesmo tempo, eu estava absolutamente arrasado fisicamente.

Felizmente tudo correu bem no fim, e eu consegui toda a papelada que precisava para manter minha nova família comigo em Omagh.

Maria e eu nos casamos em outubro de 2005, no dia planejado, rodeados pela família e pelos amigos. Organizamos uma recepção no Hunting Lodge, em Baronscout, entre Newtownstewart e Drumquin.

Embora esse fosse um dos dias mais felizes da minha vida, admito que ainda me sentia culpado por estar reestruturando minha vida. Pensei muito em Mena nesse dia, e rezei para que ela estivesse me dando sua bênção. Foi um dia memorável, mas também um dia difícil, de certo modo, para minha família e meus filhos. Deve ter sido duro para eles me ver diante de um altar me casando com outra mulher. Mas eles sabiam que ninguém poderia substituir sua mãe ou eles mesmos em meu coração. Fiz questão de deixar isso bem claro desde o primeiro dia.

Havia muita empolgação naquela manhã. Nicoletta foi a dama de honra, e meu irmão Paul foi o meu padrinho. Os arranjos de flores foram preparados por Eileen McKay, uma conhecida minha, e a esposa de Gerard, minha cunhada Connie, fez o bolo. O bolo do casamento foi totalmente diferente do que Maria teria tido em sua terra. Todas as comidas eram diferentes, mas ela gostou muito. A bebida e a comida foram servidas sem parar, e todos se divertiram como nunca.

Para coroar a noite, tivemos uma espécie de convidado muito importante: o troféu Sam Maguire chegou ao salão do casamento às 23h em ponto. Culbert Donnelly e Mickie McGoldrick, amigos meus de Aughnacloy, foram os que

tiveram essa ideia. Sabiam do meu amor pela GAA e da minha paixão por tudo que se relacionava ao esporte. O fato de aquele troféu estar no meu casamento foi simplesmente a cerejinha do bolo para mim, e completou a noite.

A cerimônia em si foi um susto para Maria, porque na Romênia as cerimônias de casamento têm início assim que o dia amanhece e vão até às 4h da manhã do dia seguinte. A cerveja é grátis, paga pela noiva e pelo noivo. Em Tyrone, como em toda a Irlanda, a festa começa normalmente por volta de 15h e acaba no início da madrugada seguinte.

Eu iria em frente na ideia de oferecer a Maria um dia de sonho sem pensar duas vezes, caso ela desejasse, mas ela me disse que já estava feliz por estar cercada de familiares e amigos, e isso resolveu a questão. Adorou cada minuto do dia e dançou a noite toda. Muitas das pessoas que haviam me ajudado ao longo dos anos vieram ao casamento e comentaram que foi um grande dia. Todos pareciam realmente felizes por mim.

Um amigo meu, John Farry, fez um grande trabalho com as músicas da festa do casamento. Ele é um dos meus cantores locais favoritos, e deixou todo mundo se remexendo na pista a noite toda. Na verdade, eu lamentei ter de ir embora da festa, porque o agito estava fantástico. Senti muito o fato de Maria não ter ninguém da sua família presente ao casamento, mas ela me garantiu que estava muito feliz pelo fato de as meninas estarem lá. Sei bem que, lá no fundo, ela adoraria ter sua família em volta, mas existem coisas que não dá para mudar.

Infelizmente nós não tivemos uma lua de mel muito longa. No dia seguinte ao casamento, seguimos de carro até Knock. Maria queria conhecer o santuário, pois já tinha ouvido falar dele em sua terra. A Romênia é um país profundamente religioso, e todo mundo conhece Knock, Lurdes e Medjugorje. Ela se mostrou muito empolgada por ir a Knock e poder contar a todos em sua terra como era o local.

Ela circulou pelas lojas, comprando pequenas imagens de Nossa Senhora e terços para enviar a seus amigos em Fagaras, e adorou caminhar em torno da basílica. Dali, seguimos para Ballintragh, no condado de Mayo. Um sujeito que eu conhecia, chamado John Murphy, tinha um pub lá, mas quando chegamos ao local, encontramos o estabelecimento fechado. Fiquei furioso, pois queria muito me encontrar com ele. Não via John há muitos anos. Se

tivéssemos nos encontrado teríamos tido um motivo para permanecer na cidade mais um pouco, mas decidimos ir de lá até Bundoran, em Donegal, onde permanecemos em um hotel só por uma noite.

De manhã, fui à recepção marcar mais duas diárias no lugar, mas quando Maria me viu pagar ficou muito agitada. Estava habituada a ser cautelosa com as finanças, e disse que era um desperdício gastar mais dinheiro em noites extras em um hotel quando tínhamos nossa própria casa para ir. Era difícil, para ela, se acostumar com a ideia de que, embora eu não fosse rico, também não precisava contar cada centavo gasto. Eu queria ficar mais uma noite porque Mick Flavin e sua banda iam tocar no hotel. Eu sabia que se Maria topasse, acabaria se divertindo muito, mas não houve jeito de convencê-la a pagar por mais uma noite. Ela não conseguia enfiar na cabeça que estávamos de férias; só pensava em economizar o dinheiro.

Para ser franco, ela é um pouco assim até hoje. Preocupa-se o tempo todo com o dinheiro, e se encontra um produto na loja por dez libras acompanha os preços e espera até que o item esteja com um desconto que ela considere aceitável. Só então ela o compra. No fim do verão, ela sempre analisa as ofertas e espera pelas liquidações para só então sair e comprar todas as barganhas que conseguir, sempre em um tamanho maior, para que as crianças possam usar as roupas novamente no ano seguinte. Ela só se dá por satisfeita quando sente que conseguiu uma pechincha imperdível.

Assim que voltamos da lua de mel, tudo voltou ao normal na mesma hora. Meus filhos foram fantásticos: fizeram de tudo para que Maria se sentisse confortável. Ray ainda morava conosco, mas as garotas já tinham se mudado e seguido suas vidas. Maria se adaptou rapidamente. Já morava conosco havia cinco meses, e, nesse tempo, ela aprendeu a amar o lugar. Adorava a casa e estava sempre ocupada dando toques personalizados à decoração, sem descaracterizá-la. Demonstrava o maior respeito por minha primeira esposa e fazia questão de espalhar muitas fotos de Mena por toda a casa.

A princípio, ela pareceu chocada com o tamanho da casa. Embora fosse uma residência de tamanho normal para nossos padrões, era uma mansão para ela, que tinha morado em uma quitinete minúscula durante tantos anos. Sentia um pouco a falta da família, mas preenchia os dias cuidando das crianças, fazendo compras, e amava cada minuto da nova vida. Não precisava mais se

preocupar sobre de onde viria o dinheiro para a próxima conta de luz, ou se conseguiria colocar comida na mesa. Pela primeira vez na vida, vivia com conforto. Em seu pequeno mundo pessoal, era rica.

Foi estranho como as coisas mudaram depois de Maria se mudar para a nossa casa. Em McCrea Park, não havia uma única noite sem alguma coisa estranha acontecer — máquinas de lavar que se ligavam sozinhas, a chaleira apitando quando bem entendia —, e isso havia continuado nas duas outras casas para as quais havíamos nos mudado. Porém, desde o primeiro dia em que Maria entrou em nossa casa, em Creaghmore Road, nós nunca mais ouvimos nem vimos nada inexplicável.

Maria confessou ter tido experiências de aparelhos elétricos que funcionavam sozinhos, mas a coisa não durou muito, e, no meu caso, as coisas se acalmaram por completo. Até mesmo Andreea e Nicoletta haviam testemunhado fatos estranhos na primeira casa e haviam contado detalhes a Maria a respeito disso, mas agora era como se uma espécie de calma houvesse se instalado na casa depois do casamento. O fato de que tudo tinha parado me fez imaginar que talvez Mena estivesse finalmente feliz, sabendo que eu havia me reestruturado e tinha encontrado alguém para tomar conta de mim.

Capítulo 10

Felicidade pintada com tons de tristeza

Em dezembro de 2005, Tracey e seu marido Mark chegaram à nossa casa com a melhor notícia que tínhamos em anos: ela estava grávida. Minha menininha ia ser mamãe, e eu ia ser vovô. Fiquei absolutamente atônito e empolgado. A família toda ficou. Foi um momento de felicidade pintado com tons de tristeza, é claro, porque a mãe de Tracey não conheceria seu netinho ou netinha, mas estávamos muito empolgados por termos outro bebê na família. Era fantástico ter alguém por quem torcer e esperar, e isso elevou o astral de todo mundo. As meninas só falavam na chegada do bebê e se envolviam com planos, roupinhas e carrinhos. Foi um momento delicioso para todos, e Tracey estava empolgadíssima.

Então, de forma absolutamente inesperada, algumas semanas depois, enquanto toda aquela empolgação inicial pelo novo bebê que chegava ainda não tinha se dissipado por completo, Maria fez com que eu me sentasse, me mandou respirar fundo e me contou que *suspeitava* estar grávida. Foi como ser atingido por um relâmpago. Estávamos em fevereiro de 2006, eu ia me tornar avô aos 51 anos, e nunca imaginei que pudesse ser pai novamente. Para ser totalmente honesto, fiquei em estado de choque.

A princípio Maria tinha feito um teste de gravidez, e o resultado foi positivo, mas para ter certeza de que ela estava realmente grávida, ela consultara um médico e, por mais estranho que pareça, a amostra deu negativo. Mesmo assim, apesar do diagnóstico do ginecologista, ela continuava convencida de que ia ter um bebê. Ficou muito frustrada diante do segundo teste e insistiu que sentia todos os indícios de uma gravidez. Depois de ter três filhas, sabia como era “se sentir” grávida. Marcou outra consulta com o médico para a semana seguinte e ficou subindo pelas paredes, de ansiedade, à espera dos resultados. Quando ele a testou pela segunda vez o resultado foi positivo.

No instante em que finalmente caiu a ficha de que Maria também iria se tornar mãe, ela mesma admitiu que era a última coisa que esperava na vida, sem dúvida. Eu me lembro de refletir se, como pai velho, eu conseguiria, pelo menos, ver meu filho ou filha com 18 anos, pois nessa época eu estaria chegando aos 70. Maria tinha 40 anos, e o médico nos perguntou se, devido à sua idade, queríamos fazer o teste de amniocentese para ver se estava tudo bem com o bebê. Havia um risco elevado de termos um bebê com síndrome de Down ou outra deficiência devido à idade da mãe. E esse teste nos informaria isso. Conversamos a respeito e decidimos que não queríamos tomar esse caminho. Também haveria um risco elevado de aborto espontâneo, por causa do teste, e não queríamos correr esse risco. Simplesmente seguiríamos com nossa rotina, fazendo tudo como sempre; rezaríamos muito para que a criança nascesse saudável e Maria ficasse bem.

Foi difícil dar aos meus filhos a notícia de que eu seria pai novamente. Analisando de forma objetiva, eles haviam perdido a mãe, o pai arrumara outra mulher e agora, depois de todos adultos, teriam um meio-irmão ou uma meia-irmã. Para piorar as coisas, Tracey daria à luz seu primeiro bebê, o meu neto, poucas semanas antes de seu avô se tornar pai novamente. Compreendia como eles iriam se sentir.

Quando contamos a novidade, porém, todos aceitaram aparentemente bem. Sei que, lá no fundo, Tracey deve ter se sentido um pouco estranha, porque aquele era para ser o seu “momento especial”; ela daria à luz o primeiro neto ou neta de nossa família, o primeiro sobrinho ou sobrinha para seus irmãos. Então, de repente, a atenção seria dividida entre Maria e a nova mamãe. Eu também vivenciava emoções conflitantes. Queria que aquele

momento fosse especial para Tracey, mas precisava pensar nos sentimentos de Maria também. Aquilo era mais um obstáculo a ser ultrapassado em nossas vidas. Mas fomos em frente, até que tivemos de enfrentar uma provação duríssima.

Com poucos meses de gestação, Tracey recebeu uma notícia que caiu como uma bomba. O médico lhe disse que os intestinos do bebê estavam crescendo do lado de fora do seu corpinho. A essa altura, já sabíamos que seria uma menina, e estávamos loucos pela sua chegada quando fomos atingidos por essa notícia devastadora. Foi um choque completo, mas nos explicaram que outras crianças haviam nascido com essa mesma condição e havia possibilidades de tudo ser solucionado após o nascimento. Enquanto a neném estivesse no útero ficaria bem, mas certamente haveria problemas a partir do nascimento.

Justiça seja feita a Mark e Tracey: eles foram muito fortes. Tentaram manter o pensamento positivo, e todos nós torcemos muito. Rezamos sem parar para que, quando o bebê nascesse, os cirurgiões especializados usassem sua magia e consertassem tudo. Infelizmente, porém, depois que ela nasceu, no tempo normal, as coisas pioraram consideravelmente. Nós todos tínhamos mantido a positividade, esperançosos de que, depois de nascida, a bebê ficasse bem e Tracey também. Eu tentei não interferir muito junto a Tracey e seu marido. Talvez eu tenha agido errado. Não sei ao certo, mas a verdade é que eu não fazia a mínima ideia de como agir em uma situação como aquela. Alguns dias, nós víamos aquela coisinha miúda deitadinha no berçário, respirando bem, por conta própria, e rezávamos muito para que, à medida que os dias fossem passando, ela ficasse cada vez melhor e mais forte. Eu me lembro de ficar ali, olhando para as incubadoras durante um tempão, enquanto outros bebês também lutavam por sua vida. Comparava o quanto ela era maior que os outros do berçário e acreditava de verdade que ela superaria tudo.

Contudo, não era para ser assim. Seu peitinho era estreito demais para expandir os pulmões com firmeza, e ela perdeu sua batalha apenas 12 dias depois de nascida. Ficamos devastados. A equipe do Hospital Universitário Belfast fez tudo o que era possível para mantê-la viva, só que, infelizmente, não foi o bastante. Ela não tinha chance nenhuma desde o primeiro dia.

Os dias que se seguiram à sua morte foram terríveis. Tracey batizara sua filhinha de Mena, em homenagem à avó que ela nunca conhecera. Seu corpinho foi cremado na cerimônia mais contundente e triste de toda a minha vida. Não sei como seus pais conseguiram aguentar, porque senti que eles estavam devastados além da conta. Já tinham tudo em casa preparado para a chegada da filhinha. Suas roupas, fraldas, seu carrinho, tudo estava à espera de sua dona. Cada objeto representava a esperança de que seus pais conseguiriam trazer a bebê para casa e viveriam felizes para sempre, como uma família.

Observando agora, depois de o fato acontecido, não sei como Tracey aguentou perder a pequena Mena. Ela ainda teve de acompanhar a evolução da gestação de Maria e, depois, o nascimento da pequena Gaby, uma criança linda e saudável, graças a Deus. Mas era de partir o coração de todos saber que as duas meninas poderiam crescer juntas a vida toda. Certamente formariam uma bela amizade e seriam muito chegadas uma à outra. Sei que é impossível, mas gostaria que as coisas tivessem sido diferentes.

Maria deu à luz Gabriella no dia 17 de outubro de 2006. Sua chegada ajudou, de certo modo, a levantar nosso astral. Ela é uma menina linda, cheia de vida, uma alegria constante para todos. Completou tudo em nossas vidas. A princípio, ficamos chocados por Maria estar grávida, mas nossa menininha foi enviada por Deus. Mesmo assim, não importa o quanto estivéssemos felizes, havia a ausência constante da pequena Mena, a bebê que tinha morrido.

Maria agora trabalha algumas horas por dia durante a semana, e eu cuido dos pequenos. Isso me faz sentir jovem. Nunca estive em casa na época em que meus filhos estavam crescendo e me arrependo muito disso, mas agora a coisa é completamente diferente. Talvez seja a minha idade, pode ser que eu esteja mais tolerante, mas todos os meus filhos sabem que eu os amo igualmente. Só Gabriella é que, confesso, está sendo mimada demais por ser a menorzinha, a verdadeira bebê surpresa.

Três anos depois de minha netinha morrer, em uma sexta-feira antes de sairmos de férias para a Espanha com o resto da família, em junho de 2009, recebi uma ligação de Tracey nos convidando para ir à sua casa comemorar o aniversário do seu filhinho, meu neto Aaron. Tracey teve Aaron um ano depois de ter perdido Mena. Passou por momentos muito difíceis durante a gravidez dele também, e quase o perdeu. Mas finalmente ele nasceu, de cesariana, feliz e

saudável. E foi assim que, no dia do seu segundo aniversário, Tracey me chamou em um canto e me entregou uma urna com as cinzas de sua filhinha Mena, que ela queria que fossem colocadas ao lado da avó, em Drumquin.

Foi um momento de choque total. Não esperava aquilo, especialmente em um dia de comemorações. Já tínhamos mencionado a ideia antes, mas era um assunto difícil de abordar, e eu decidi não falar mais nisso, pois não queria entristecer minha filha ainda mais. A verdade, porém, é que ninguém conseguirá compreender o que aquele gesto significou para mim. Eu me vi à beira das lágrimas. Estava felicíssimo que Tracey e seu marido tivessem decidido colocar os restos mortais de sua bebezinha para repousar ao lado da avó. Fui direto para o cemitério naquele dia mesmo e enterrei a urna ao lado de Mena, a trinta centímetros de profundidade, debaixo da imagem da Virgem Maria. A cremação, três anos antes, tinha me deixado despedaçado. Ver um caixão tão pequeno desaparecer levando uma parte da minha carne e do meu sangue foi doloroso demais. Agora, pelo menos, eu poderia ir a Drumquin e fazer uma prece no túmulo de minha netinha. Todos na família poderão fazer isso, e aquele será sempre um lugar muito especial.

Minha netinha Mena nasceu no dia 14 de agosto e morreu no dia 26 do mesmo mês; sua avó tinha sido morta no dia 15 de agosto, oito anos antes. Foi muito importante enterrar os restos do bebê ao lado dos restos da avó e poder colocar seu nome na lápide. Sei que Tracey se sente muito melhor agora, sabendo que sua mãe está cuidando da sua garotinha. Isso se tornou uma fonte de consolo para todos. A primeira ideia dos pais da pequena Mena era espalhar as cinzas de sua filhinha aos quatro ventos, e fiquei feliz por eles terem mudado de ideia. Apesar da dor que enfrentaram após o nascimento da sua garotinha, eles finalmente foram em frente com suas vidas, graças a Deus, e adoram o pequeno Aaron. Agradeço diariamente a Nosso Senhor por tudo estar indo tão bem para eles agora.

Capítulo 11

A ação civil

Quando as famílias das pessoas que morreram no atentado terrorista de Omagh deram início a uma ação civil eu decidi ficar de fora. Algumas pessoas que eu conhecia muito bem, várias delas vítimas como eu, entraram em contato comigo para saber o que eu achava, se eu ia entrar naquele barco com eles, esse tipo de coisa. Logo de cara eu fui contra e lhes informei que não. Tinha alguns motivos para essa escolha. Na minha concepção, as pessoas que mataram tantos inocentes em Omagh naquele atentado não conheciam o conceito de misericórdia, eram implacáveis. Não tinham sentimentos, valores morais, nenhuma consideração pela vida humana. Se quisessem acabar comigo por ter sido tão sincero e atuante logo depois da explosão da bomba isso não os impediria de fazer isso, e, por mim, tudo bem. Agora, no entanto, eu me preocupava com a possibilidade de eles tentarem me atingir através das crianças. Meu primeiro e último pensamento foi para meus filhos. Ray seguia sua vida, as meninas estavam na universidade, e eu não queria colocar nenhum deles em perigo. Todos haviam passado por dor suficiente em suas curtas vidas, e não queria fazê-los passar por mais tragédias.

A decisão foi fácil de tomar, na época, mas confesso que houve alguns momentos ao longo dos anos em que pensei comigo mesmo: “Será que eu

tomei a decisão errada?” Apesar disso, fiquei realmente feliz por não ter seguido esse caminho quando soube que o governo britânico concordara em apoiar as famílias que abriram o caso e pagaria os custos legais da ação. O motivo de isso ter me irritado foi a divulgação de que Michael McKevitt, líder do grupo Real IRA, uma dissidência do Ira original, e suspeito de perpetrar o ataque também teve as custas legais *dele* pagas pelo governo. Isso me provocou náuseas.

As famílias que entraram com a ação não haviam feito isso pelo dinheiro, de forma alguma, mas eu acho que McKevitt, Liam Campbell e os outros acusados nunca cumprirão pena pelo ataque em Omagh, e eu só vou me sentir satisfeito no dia em que eles estiverem atrás das grades. Levá-los a um tribunal em uma ação civil, para mim, não daria em nada, porque não resultaria em sentença.

Em junho de 2009, McKevitt foi considerado, pela Alta Corte de Belfast, parcialmente responsável pelo atentado a bomba em Omagh. O juiz Declan Morgan também considerou Liam Campbell, Colm Murphy e Seamus Daly envolvidos com o ataque de várias formas. Outro suspeito, Seamus McKenna, foi absolvido. Os 12 parentes que abriram o caso receberam mais de 1,6 milhões de libras como indenização pelo ataque. O juiz também declarou o grupo denominado Real IRA como responsável pelo ataque. Disse que estava claro que o objetivo principal dos terroristas era garantir que a bomba explodisse sem ser detectada, e afirmou que a segurança das pessoas no centro de Omagh não lhes importava em absoluto. Disse ainda que “entendia que os envolvidos no planejamento, preparação, instalação e detonação da bomba conheciam a periculosidade do artefato e sua capacidade de provocar lesões graves ou mortes ao ser detonado, mas decidiram assumir o risco”.

Disse também que na época do atentado, McKevitt mantinha um posto de liderança no grupo terrorista Real IRA, e ele teve envolvimento direto na aquisição dos explosivos na ocasião. Muito disso foi baseado em provas obtidas por David Rupert, um agente do FBI infiltrado. O juiz Declan Morgan também disse entender que Campbell era membro do Conselho Armado do grupo Real IRA em agosto de 1998. As famílias que entraram com a ação só contavam, basicamente, com os registros e o rastreamento dos dois celulares usados pelos terroristas no dia do ataque. O juiz disse que havia provas concretas de que tanto Campbell quanto Daly tinham usado esses telefones

antes e depois dos ataques. A acusação contra McKenna foi retirada por ter sido baseada em boatos de sua ex-esposa, que foi considerada testemunha não confiável.

Nessa ocasião, Michael Gallagher, que havia perdido o filho de 21 anos no ataque, afirmou que “aquele resultado era melhor do que ele jamais poderia ter imaginado”. Ele considerou aquilo uma tremenda vitória moral das famílias e, embora eu concorde com ele, meu desejo continua sendo o de vê-los ir para a cadeia e cumprir muitos anos de sentença pelo que fizeram.

Apesar do resultado dessa ação, e exatamente como eu sempre havia previsto, ninguém foi condenado em uma corte criminal por ter provocado aquelas mortes. O único homem a ser oficialmente acusado pelos assassinatos de Omagh foi um sujeito de 38 anos chamado Sean Hoey, de Jonesborough, em South Armagh, mas ele foi considerado inocente das acusações em 2007.

No fim de agosto de 2009 eu enviei uma carta a Liam Campbell, na prisão de Maghaberry pedindo para que ele me recebesse. Ele estava detido lá enquanto esperava extradição pelas autoridades lituanas pelo envolvimento em um caso de contrabando de armas. Na carta, eu lhe disse que não buscava nenhum tipo de vingança, não levava nenhuma arma escondida na manga, e ele poderia chamar seu advogado para assistir à conversa se estivesse disposto a me encontrar. Eu sabia que a preocupação dele era eu ter algum gravador oculto em mim, e eu lhe disse que também compareceria com um advogado, para ficar tudo às claras.

Eu lhe informei que tinha três perguntas para lhe fazer. Primeira: eu queria saber se ele estava envolvido no atentado e, caso estivesse, o que achou que tinha conseguido com aquilo; segunda: queria saber se ele tinha conhecimento de alguma agência do governo que poderia ter colaborado com os terroristas. Finalmente, se ele achava que tinha sido usado como peão em um jogo político preparado para ajudar o partido Sinn Féin, originalmente ligado ao IRA, a chegar onde está hoje. Eu achava que ele não teria nada a temer com esse encontro. Infelizmente, porém, Liam Campbell jamais respondeu à minha carta, exatamente como aconteceu com tantas pessoas com quem eu entrei em contato para conversar a respeito desse assunto em todos esses anos.

Nos casos civis, o ônus da prova é muito mais baixo, e o juiz chega ao veredicto avaliando as probabilidades. A diferença, em uma ação criminal, é

que a culpa tem de ser provada sem que reste nenhuma dúvida, e eu duvido muito que algum dia eu chegarei a ver isso acontecer.

Eu me sinto ligado a três grupos de pessoas na Irlanda atualmente: às famílias de Omagh, às famílias das pessoas mortas nos atentados a bomba de Monaghan e Dublin, e também às famílias dos mortos no episódio conhecido como Domingo Sangrento. Acredito piamente que o governo irlandês sabe exatamente quem foram os responsáveis pelos ataques a bomba em Monaghan e em Dublin; o governo britânico, por sua vez, também sabe quem assassinou os inocentes no Domingo Sangrento; do mesmo modo, o governo irlandês, representados pelo Gardaí, serviço de polícia da Irlanda do Norte e também o Serviço Secreto Britânico sabem exatamente quem assassinou aquelas pessoas no dia 15 de agosto de 1998, mas não estão preparados para fazer algo a respeito. Para mim, as pessoas envolvidas na elucidação desses três crimes terríveis jamais promoverão a justiça. Pelo que eu sei hoje, o processo de paz é muito mais importante do que a vida humana.

Todos falam de uma Irlanda unida, e dizem que é só uma questão de tempo antes de os católicos derrotarem os protestantes nas urnas, porque eles têm mais filhos. Só que nunca haverá uma Irlanda completamente unida, apesar de tanto se falar disso, simplesmente porque o resto da Irlanda não deseja que isso aconteça. Eles têm muitos problemas próprios, já têm bastantes arruaceiros soltos pelas ruas sem ter de aturar os nossos também. Acho que se houvesse um plebiscito amanhã sobre a criação de uma Irlanda unida, o resultado seria um enfático “não”. E haveria um igualmente enfático “não” na Irlanda do Norte também, mesmo entre os nacionalistas.

Algo que me irrita profundamente é ouvir políticos — nacionalistas, republicanos, unionistas e lealistas — dizendo que, no fim das contas, somos todos seres humanos. Eu odeio ser rotulado de nacionalista. Sou católico, e daí? Eu me lembro de um dia em que estava em um pub de Londres e um homem ao meu lado, que sabia quem eu era, se inclinou em minha direção e me cochichou no ouvido: “Eu sou católico.” Eu me virei para ele e disse: “Estou pouco ligando para o que você é. Não faz diferença nenhuma.” O fato é que se continuarmos desse jeito, nunca conseguiremos progredir. A situação é patética.

Na época do atentado, em 1998, Omagh era decadente, estava caindo aos pedaços. Agora é uma cidade próspera. É de cortar o coração imaginar que uma tragédia gigantesca como aquela tenha promovido um crescimento tão exuberante. E é horrível pensar que as pessoas que morreram nunca verão a transformação que aconteceu, porque a verdade é que essa mudança para melhor talvez jamais tivesse acontecido se eles não tivessem sido mortos. O conselho distrital de Omagh construiu um jardim sofisticado, em homenagem aos mortos, com murais dedicados às vítimas e um imenso espelho d'água bem no meio, que, aliás, nunca funcionou direito desde o dia da inauguração. Gastaram cerca de 400 mil libras no espelho d'água e ele não passa de um urinol para os rapazes que saem dos pubs tarde da noite. Minha família e a maioria das outras famílias com as quais eu conversei não desejam memoriais desse tipo. Em Hillsborough aconteceu a mesma coisa, e também em Dunblane. Não creio que as famílias deixadas para trás nessas cidades tenham muito a dizer sobre o resultado do dinheiro gasto.

Na verdade, eu solicitei que uma placa especial fosse colocada no jardim próximo, mas ninguém teve sequer a decência de me responder ou autorizar. Essa placa está pregada agora na sala do Grupo de Apoio e Autoajuda de Omagh, e temos orgulho de tê-la ali. Essa placa, que tem uma oração em memória das pessoas mortas, me foi entregue em 2008, pouco antes do décimo aniversário do ataque em Omagh, por Stephen McDonald, policial de Nova York atingido por um tiro em 1986, que ficou paralisado do pescoço para baixo. Ele também perdeu um de seus melhores amigos, o padre Mychal F. Judge, nos ataques às Torres Gêmeas no dia 11 de setembro de 2001.

Stephen McDonald veio a Omagh logo depois da explosão da bomba, em solidariedade, e voltou com a placa em 2008. Ele teve um impacto tão importante em minha vida que quando eu fui para casa naquele dia eu não conseguia parar de chorar. Maria achou que algo de terrível me acontecera, porque eu estava inconsolável. Esse homem havia se encontrado com a pessoa que destruiu sua vida, tantos anos atrás, e não guardava mágoas. Perdoou o sujeito que arruinou sua vida, e isso, para mim, foi um ato de grande coragem.

As pessoas podem se perguntar o porquê de eu não poder ser como aquele homem, pois não aguento a ideia de simplesmente perdoar e esquecer tudo. A verdade é que eu não consigo fazer isso. Gostaria de conseguir, pois isso

tornaria as coisas muito melhores para mim, mas as pessoas são diferentes umas das outras, e eu sou do jeito que sou. Mesmo assim eu o admiro por sua grandeza de coração. Ele apertou minha mão no dia em que me entregou a placa de homenagem e as suas palavras me serviram de conforto e consolo. Apesar de tudo o que ele havia perdido, ele ainda arrumou tempo para vir até nós e nos oferecer o seu apoio. Isso, para mim, é um presente de Deus, e acredito piamente que aquele homem é um anjo caminhando sobre a Terra.

Nós, as vítimas do atentado, nunca quisemos nada além de justiça pelo que nos aconteceu. Mesmo assim, algumas famílias receberam quantias absurdamente elevadas como indenização, como se aquilo fosse fazer com que elas se sentissem melhor. Godfrey Wilson perdeu a filha e recebeu míseras 7,5 mil libras. Meu filho Ray não ganhou nada, nem mesmo um centavo, apesar de ter perdido a mãe, porque não estava em Omagh naquele dia. Os feridos receberam algum dinheiro. Não me entendam mal, não estou dizendo nem por um instante que eles não mereciam receber uma quantia pelo que tiveram de suportar — mas o que eu quero expressar é que, a partir do momento em que a pessoa amada está morta, não tem mais jeito. Ela está morta e não existe quantia que cubra a dor das famílias que nunca mais vão ver seus entes queridos.

Eu me lembro de ler a respeito de uma mulher morta em um acidente de carro na Inglaterra cuja família ganhou um milhão de libras. Nós não conseguimos nada tão elevado. Se Mena fosse uma procuradora, ou tivesse um cargo importante, teríamos conseguido muito dinheiro, mas como ela era apenas uma dona de casa não ganhamos nada.

As famílias que conseguiram pequenas quantias de dinheiro do governo poderão, ao menos, ganhar algo mais na ação civil, caso apareça algum dinheiro. Entretanto, dizem por aí que se a pessoa recebeu, digamos, 100 mil libras de adiantamento e depois mais 200 mil pela ação civil, o governo, tecnicamente, pode exigir o adiantamento de volta. Infelizmente ninguém sabe como a coisa vai ser decidida até acontecer. Mas aqueles que conseguiram valores pela ação civil acham que nunca vão ver a cor do dinheiro, apesar de terem vencido o caso, porque as pessoas que deveriam lhes pagar a indenização não terão dinheiro para isso. Quem sabe alguém nos prove, um dia, que estamos errados. No fundo, no fundo, o que essas famílias gostariam é de ver

alguma forma de justiça, algum jeito de acusar essas pessoas e fazer os tribunais reconhecerem sua culpa no atentado. Isso já aconteceu e valeu a pena. Dinheiro não é tudo.

Entretanto as pessoas têm de aguentar muita coisa até chegarem a esse ponto. Eu me lembro de uma mulher que sofreu ferimentos terríveis no atentado. Ela estava em pé, diante do tribunal, e se viu obrigada, a pedido do promotor, a arrancar o topo do couro cabeludo para que todos pudessem ver as cicatrizes que adquiriu no dia do ataque. Foi constrangedor testemunhar as coisas pelas quais as pessoas foram obrigadas a passar. Ofereceram-lhe uma quantia pequena, e ela recusou. Mas a justiça foi feita: ela recorreu a outro tribunal e conseguiu 200 mil libras. Eles tratavam alguns dos sobreviventes como lixo. Não mostravam respeito algum por ninguém.

De minha parte, não vou deixar as coisas esfriarem. Enviei cartas ao longo dos anos para todos os políticos e ainda não consegui nada. Pensava que Enda Kenny, líder do partido Fine Gael, na Irlanda, fosse um homem respeitável, mas minha opinião mudou porque eu lhe escrevi uma carta que ele não teve sequer a decência de me responder. Também enviei a mesma carta para o primeiro ministro da Irlanda, Brian Cowen e, embora ainda não tenha obtido resposta definitiva, seu gabinete me enviou uma carta acusando o recebimento da correspondência e me dizendo que terei a atenção que mereço no devido tempo. Não sei exatamente o que isso significa. Uma resposta padronizada, sem dúvida. Também enviei uma carta a Gordon Brown, ex-primeiro-ministro do Reino Unido, explicando minha frustração sobre a forma lenta como o inquérito decorria. Enviei a David Cameron, atual primeiro-ministro do Reino Unido, uma cópia dessa mesma carta. Não recebi resposta de nenhum dos dois.

Isso mostra que quando uma pessoa morre e se vai para sempre, não importa a forma como morreu, ela simplesmente desaparece do cenário. Nem eu nem ninguém que já tenha perdido um ente querido em um ataque terrorista jamais vai conseguir mudar isso. A não ser que alguém importante perca um ente querido em circunstâncias semelhantes, os políticos nunca vão compreender o quanto é fundamental reconhecer a dor das pessoas e deixá-las saber que você tem um coração batendo no peito, mesmo que, no fundo, você

esteja pouco ligando. A verdade é que quanto mais o tempo passa, menos as pessoas se incomodam.

Capítulo 12

Como a vida muda

Apesar de todos esses eventos na minha vida, continuei com meu trabalho de caridade, não só no exterior, como no meu país também. É isso que me faz ir em frente. Fui presidente da Associação de caridade São Vicente de Paulo, em nossa localidade, durante mais de sete anos, até que chegou um momento em que eu resolvi sair do cargo. O ditado está certo: é bom trazer gente com sangue novo de vez em quando. Atualmente, sou vice-presidente da filial dessa famosa organização beneficente em Drumquin, e tenho um pouco mais de tempo para mim mesmo e para cuidar de outros assuntos pessoais. Um dos sacerdotes locais, o padre Devine, foi quem me levou para a associação São Vicente de Paulo, que chamamos de SVDP, um ano depois de Mena morrer. Acho que ele fez isso para afastar minha cabeça de coisas negativas, pois ele é esse tipo de pessoa. Entrei lá como qualquer pessoa, como um membro comum. Então um dia, por algum motivo, fui eleito para participar da diretoria e estive nela desde então. A SVDP é muito forte na Irlanda do Norte. A associação está mais atarefada do que nunca agora, pois a recessão mundial afetou a maioria das pessoas. Muitas delas estão desempregadas e lutam para sobreviver. Para casais jovens com filhos pequenos a situação é ainda pior, devido ao custo de uniformes escolares, livros, merendas e tudo o mais, além

das despesas normais. Geralmente chamamos essas famílias para ver quais são as suas circunstâncias, pois é importante nos certificarmos de que as pessoas que escolhermos para ajudar realmente precisam dessa ajuda.

Adoraria ver mais gente, especialmente os jovens, envolvidos na associação, porque ajudar os outros nos traz uma gratificação imensa. Além disso, é um jeito fantástico de conhecer pessoas. Tenho consciência de que, se Mena não tivesse morrido, seria muito difícil eu me envolver com algo assim. Isso seria o tipo de coisa a que ela se dedicaria com alegria, mas eu não creio que fosse participar. Fico feliz por ter aceitado o convite do padre Devine porque, com o tempo, fui conhecendo muita gente interessante, pessoas que realmente se preocupam com as outras e provam isso com o seu trabalho pela associação. Adoro trabalhar lá.

Quando o assunto, porém, é minha vida no mundo dos esportes, receio que meus dias como juiz estejam definitivamente encerrados. Eu simplesmente perdi a empolgação com essa atividade depois que Mena se foi. Essa situação de afastamento culminou quando eu saí do hospital, depois de uma cirurgia no estômago. Andei muito doente nas semanas e meses anteriores à operação, e saí do hospital me sentindo péssimo e mal-humorado. Tentei forçar a barra e me obrigar a começar de novo, mas minha falta de determinação para isso não ajudou.

Percebi que as atitudes das pessoas com relação a mim, dentro e fora do campo, haviam mudado muito desde o atentado. As pessoas tentavam ser gentis e eu apreciava muito isso, é claro, mas sabia que as coisas em minha vida jamais seriam as mesmas depois de perder Mena. Fui servir de árbitro em uma partida da GAA logo depois de receber alta do hospital. Quando entrei em campo, os dois times me aplaudiram com entusiasmo. Sei que eles estavam demonstrando carinho, e gostei da manifestação naquela hora, mas me senti estranho depois. Apitei o jogo, mas percebi que o comportamento de todos em relação ao meu trabalho era muito diferente do normal.

Fui no sábado seguinte de manhã apitar outra partida de futebol e senti o mesmo clima. Isso passou a acontecer todas as vezes, até um dia, em Ardboe, quando eu fui escalado para ser o juiz do jogo entre Ardboe e o Mooretown Derby. Normalmente, em um jogo com rivalidades exacerbadas como esse, a coisa é feia, um verdadeiro “pega pra capar”, com os times acabando a partida

quase aos socos. Naquela manhã, porém, ouvi um dos dirigentes dizendo ao seu time: “Quem vai apitar o jogo hoje é o Kevin, rapazes; portanto, tratem de não pegar pesado com ele, que já passou por tantos problemas”. Quando o jogo acabou, peguei minha sacola, joguei as chuteiras no carro e disse para mim mesmo: “Já chega!”. Eu tinha aguentado mais do que devia.

Eu já não era mais o diabo vestido de preto; era o juiz que perdera a esposa. “Deixem o cara em paz” era a mensagem implícita, e isso tirou toda a graça do jogo para mim. Eu era muito mais feliz quando eles me xingavam do outro lado da cerca, antes mesmo de eu sair do carro. Gostava disso. Adorava quando eles mandavam que eu me ferrasse, e coisas piores, por não estarem satisfeitos com minha avaliação em alguma jogada. Aquilo fazia parte do jogo. Subitamente a coisa havia mudado, aquela energia se fora, e eu soube que jamais poderia voltar a atuar como juiz.

A partir do momento em que a agressividade desapareceu, o interesse pelo jogo sumiu junto. Quando eu fiz meus cursos para ser árbitro de esportes, especialmente futebol, aprendi que no dia em que eu saísse de campo sem ter curtido o jogo e o trabalho, esse era o dia em que eu deveria pendurar as chuteiras e tomar outro rumo. Eu só trabalhava como árbitro porque amava profundamente o esporte. Adorava o clima de amizade e as zoações entre os colegas de equipe, os debates antes dos jogos e as discussões depois deles. Para mim, aquilo era adrenalina pura. Mesmo quando o povo reclamava de mim e me xingava por eu não ter visto uma jogada maliciosa que todo o resto do estádio vira — um jogador que puxara a bola de fora do campo de volta para o jogo, ou uma dividida de bola meio suspeita — eu ia em frente, curtindo cada minuto. Os xingamentos nunca me incomodaram porque eu sabia que odiar o árbitro faz parte da dinâmica do jogo. Ninguém ama o cara de preto. Os dois times acham que ele protege o adversário. Não dá para sair ileso, mas aí é que está a empolgação da coisa. Eu não sentia mais essa emoção, e a coisa perdeu a graça.

Embora eu tenha largado a profissão por livre e espontânea vontade, sinto saudades. Sinto falta do convívio e das brincadeiras com os colegas e dos drinques no pub depois dos jogos. Mas é como todos dizem: tudo que é bom acaba, e eu sabia que meu tempo já era.

Continuo levantando fundos para a Romênia. Embora não tenha mais voltado lá desde que Maria veio morar comigo, tenho contato com o pessoal do grupo de apoio que leva comida, roupas e brinquedos para lá, em nosso nome. É isso que me faz ir em frente. Há cinco famílias lá que eu ainda auxilio, e eles contam com essa ajuda, de modo que não quero desistir tão cedo. Não estou tão envolvido como antes, mas ainda faço a minha parte. Pouco antes do Natal de 2009 nós organizamos uma campanha para enviar ajuda para a Romênia e conseguimos um caminhão para levar tudo até lá sem pagar frete. Tínhamos passado várias semanas organizando esse caminhão de ajuda, e quando soubemos que ele havia chegado em segurança, todos nós ficamos empolgados. Sinto um grande alívio por saber que ainda ajudo a Romênia, um país que tem muito menos que nós, e vou continuar prestando essa ajuda humanitária enquanto conseguir trabalhar.

Quando Maria voa para lá, geralmente leva roupas, um monte de coisas, se encontra com pessoas e descobre o que eles precisam com mais urgência. Por isso é que eu não vejo meu trabalho acabando em um futuro próximo por lá. Existe sempre algo novo para fazer, sempre alguém que precisa de uma ajudinha.

Se existe uma coisa boa na Irlanda do Norte é isso: o povo é o sal da terra. Quando alguém em uma comunidade enfrenta alguma tragédia, todo mundo se junta para dar o que puder, sejam cem libras ou uma única libra, e todos se sentem gratos pelo que têm. Creio que essa generosidade exista pelo fato de a população ter passado por tanta coisa ruim no passado. Todo mundo foi ao inferno e voltou ao longo dos anos, mesmo as pessoas não afetadas diretamente pelos conflitos e bombardeios. Tivemos de lidar com as consequências de momentos terríveis, e isso definitivamente transformou nossa comunidade. Creio que não existe nada nesse país que comova e motive tanto as pessoas a ajudarem e serem generosas, e tenho muito orgulho de viver aqui.

O FIM DA HISTÓRIA

Fiz minha última viagem à Romênia em agosto de 2007. Pretendia voltar lá nos anos seguintes, mas nesse ano em especial eu fui participar do casamento de Nicoletta. Essas foram, provavelmente, as piores férias da minha vida, simplesmente porque eu não aguentava o calor excessivo. Estava absolutamente insuportável, de sufocar mesmo. Não dava para ir caminhando a lugar nenhum sem que o suor me escorresse pelo rosto de forma abundante, para depois começar a me escorrer pelas costas e pelas pernas. Foi um pesadelo. Jurei nunca mais tornar a visitar o país no auge do verão, porque um irlandês não consegue se acostumar a esse tipo de calor insano.

Nicoletta é dois anos mais velha do que Andreea, e foi a primeira das meninas a casar, então eu sabia que o casamento seria um grande evento para sua família em Fagaras, mas nunca imaginei que as comemorações fossem se transformar em algo *tão* apoteótico. Tinha testemunhado a experiência do casamento de Ovideo com Maria, e achei que aquilo já dava para ter uma ideia do que me esperava, mas esse casamento ganhou um prêmio por ultrapassar os limites do outro. A festa começou às 10h da manhã, com multidões de convidados que chegavam ao apartamento. Foi um caos. A cerimônia propriamente dita estava marcada para as 17h, mas ninguém ali pensou em passar o dia se arrumando, se preparando, nada disso. Aquele povo deve ter começado a se vestir e a se maquiar na véspera, porque já estavam batendo na porta desde o alvorecer, todo mundo cantando e dançando.

Duas horas depois, o lugar já estava completamente tomado. Eu precisei sair um pouco, porque o calor aumentava a cada minuto, e o povo continuava a invadir o apartamento minúsculo. Já não havia um centímetro vago para as pessoas se locomoverem. Fui forçado a ficar em pé na calçada, com o sol escaldante fazendo minha pele literalmente explodir em bolhas. Enquanto fiquei ali, sentido os filetes de suor me escorrendo pelas costas, olhei em torno e reparei que ninguém em volta parecia se preocupar em absoluto com o bafo quente do ar. O pobre irlandês branquelo, porém, estava praticamente morrendo de insolação.

De repente, uma banda chegou e começou a tocar, em um volume preocupantemente alto. Os músicos emitiam algo sonoro que julgavam ser música, mas que não passava de sons descontraídos que deixariam qualquer desavisado surdo. Entre o som dos convidados berrando e os guinchos de animal em agonia emitidos pela tal banda, achei que fosse enlouquecer. Pensando nisso agora eu até acho graça. Devia estar parecendo exatamente o que eu era: um irlandês velho e rabugento empapado em suor e com olhar assassino.

A música continuou o dia todo; e seguiu pela noite adentro também! Nico pagou cerca de duas mil libras para os músicos, uma soma que daria para uma família pequena viver durante um ano na Romênia. Eu teria pagado muito mais para eles guardarem os instrumentos e irem embora dali. Talvez eu fosse muito ignorante ou velho demais para simplesmente relaxar e curtir, e eles riem de mim até hoje. Se o tempo estivesse mais fresco talvez eu tivesse conseguido aguentar numa boa, mas minha idade e minha pele branca demais não ajudaram nem um pouco.

Logo cedo, pela manhã, a noiva foi levada para se encontrar com o noivo no cartório, a fim de assinar o registro civil. O povo inteiro os seguiu até o cartório, pelo meio da cidade. Detalhe: todos continuavam cantando e dançando. Eu mal podia esperar para escapar dali para a igreja, em busca de um pouco de sombra, silêncio e ar fresco em algum lugar, mas aquela gente animada não parecia ter pressa nenhuma de acabar. Enquanto todos posavam para fotos do lado de fora da capela civil, sorrindo sem parar sob o sol abrasador, me deixaram em um canto derretendo!

Por fim, fomos todos para a igreja. Foi aí que o verdadeiro pesadelo começou para mim. Chegamos à capela, e mais fotos foram tiradas sob o sol inclemente, e todos nós tínhamos de ficar ali, sorrindo de forma descontraída, parecendo refrescados e serenos apesar de estarmos desabando de calor. Por fim, entramos na igreja, eu rezando sem parar e agradecendo por alguns refrescantes momentos de ar-condicionado curtidos dentro do templo, sonho que, é claro, nunca se tornou realidade. Todos em volta circularam pelo lugar por mais de 1h30, sorrindo muito, parecendo felizes e relaxados, enquanto eu estava a ponto de desmaiar. Confesso que fiquei tão mal que tive de fugir para o fundo da igreja a fim de beber a água benta que escorria direto de uma fonte.

Nem me passou pela cabeça levar uma garrafinha de água comigo, pois eu tinha a doce ilusão de que a cerimônia iria durar, no máximo, uma hora. O fato, porém, é que eu cheguei a pensar de verdade que acabaria o dia no hospital, desidratado e esgotado de calor. Quando a missa acabou, houve mais dança e música nas ruas, mais fotos posadas sob o sol absurdamente quente antes de, finalmente, nos dirigirmos à recepção.

Se eu achei que o casamento de Maria havia sido um pouco excêntrico demais é porque não fazia ideia do que viria a seguir. Quem é amante da música romena parecia estar em seu elemento natural, mas um velho como eu mal conseguia pensar, muito menos falar. A comida rolou a noite toda; cinco pratos diferentes foram servidos aos convidados. Não havia uma sequência definida do tipo “vamos comer para depois dançar”. Ali todo mundo comia e dançava ao mesmo tempo.

Havia vodca, uísque, gim, cerveja. Pense em um drinque e você o encontraria sendo servido por ali. Todo muito bebia literalmente o quanto quisesse ou aguentasse, à custa dos noivos. E pode acreditar: as pessoas bebiam e comiam até cair duras. E tudo que esse velho aqui queria era ir para casa e cair na cama.

Todos falavam do bolo do casamento, comentando que seria imenso. Na verdade, era maior ainda que o esperado: camadas e mais camadas de recheio e cobertura. Era inacreditável: nove camadas ao todo. Eu me lembrei de Maria parecer chocada diante do nosso pequeno bolo de casamento, lá em Tyrone, porque era um bolo comum, com recheio de frutas e cobertura, em três camadas simples. Nada que se assemelhasse à iguaria romena, que mais parecia

um carro alegórico. Nosso bolo de casamento tinha sido um bolo tipicamente irlandês, mas Maria certamente estava acostumada a bolos imensos, cheios de camadas ornamentadas e por isso ficou olhando, desconcertada para o nosso, no dia em que nos casamos. Provavelmente perguntava a si mesma se aquela coisa minúscula era realmente o seu bolo de casamento.

Quando a dança oficial começou de verdade, na festa de Nicoletta, os pais do noivo foram para o centro da pista e deram início ao ritual de jogar dinheiro sobre o casal felizado. Eram pilhas e pilhas de dinheiro vivo sendo atirados aos noivos, e não apenas leus, a moeda romena, nada disso. Ali havia, literalmente, centenas e centenas, talvez milhares de euros. Depois foi a vez das tias e dos tios fazerem a sua doação e, como os pais tinham feito, jogaram sobre os noivos euros e libras; vi alguns dólares também. Embora os tempos fossem difíceis na Romênia, as famílias, de algum modo, sempre juntavam dinheiro para um casamento. Algumas dessas famílias pobres pediam dinheiro emprestado para oferecer aos noivos, pois é uma tradição importante prover um casal recém-casado para a nova caminhada a dois. Nenhuma quantidade de dinheiro é grande ou pequena nessas horas, qualquer quantia serve para aumentar o volume.

Lá funciona assim: se o pai do noivo joga mil libras, o pai da noiva — eu, no caso —, tenho de cobrir a oferta; se a mãe do noivo joga mais mil libras, Maria, a mãe da noiva, tem de acompanhar. Eu fiquei fora desse ritual porque já tinha dado muita grana aos noivos antes da cerimônia, e foi a minha sorte. Mas essa mesma regra se aplica aos primos de cada lado, e também a qualquer convidado que queira doar dinheiro para a causa. Nada de ferros de passar roupa, nem chaleiras elétricas em Fagaras. Nem pensar! Maria deve ter achado ridículos os presentes de casamento que as pessoas recebem na Irlanda; lá ninguém oferece de presente milhares de libras que dariam para encher um balde. Mas, para ser justo, devo explicar que isso é uma tradição romena e, também, o único momento em que “grana à vontade” é distribuída no país. Não importa o quanto as famílias sejam pobres, elas farão de tudo para dar aos seus filhos o início de vida folgado que eles merecem, e muitos economizam durante vários anos para esse dia.

O resto dos convidados não parava de se divertir enquanto a noite avançava, mas eu estava louco para cair fora e ir para casa. Com o calor terrível

e a agitação do dia, me sentia exausto. Por volta de 23h, houve uma gigantesca queima de fogos de artifício, que deve ter custado outra pequena fortuna, e a festa continuou pela noite adentro, até as primeiras horas da manhã, junto da bebedeira. Muitos dos convidados ficaram lá até não conseguirem mais se aguentar em pé.

Felizmente, para mim, Gaby adormeceu, e eu escapei do lugar. Mas acreditem se quiser: as bebidas e a dança começaram novamente na manhã seguinte, sempre de graça. Não sei como as pessoas conseguem, mas o fato é que quando eles mergulham na bebida, o mergulho é fundo.

Apesar das minhas reclamações, foi um grande dia para Nico e sua família. Foi muito bom vê-los se divertindo tanto, esquecendo as preocupações e simplesmente curtindo a vida.

Maria, eu, Andreea, Iulia e Gaby tínhamos ido até a Romênia só para assistir ao casamento. Meus outros filhos ficaram em casa. Apesar do calor e da loucura, foram ótimas férias.

Maria sempre vai e volta ao seu país de origem para visitar a família, mas tem duas irmãs morando na Irlanda do Norte agora, e isso é de grande ajuda. Com uma das irmãs ela tem muito contato, estão sempre juntas. É espantosa a forma como elas se adaptaram tão bem à Irlanda, conseguiram empregos e estão mantendo suas famílias. Todos sempre foram ligados a tios, tias e amigos de infância em Fagaras. Infelizmente, porém, as perspectivas de uma vida e um futuro confortáveis por lá não eram muito boas, e é ótimo vê-las morando em casas lindas, bem decoradas e se adaptando bem à comunidade irlandesa.

Muitas vezes eu me sentei para refletir sobre como as coisas mudaram para mim, e cheguei à conclusão de que tudo na vida acontece por um motivo. No fundo, bem no fundo, eu acredito que foi Mena que colocou tudo isso em movimento. Eu não conhecia absolutamente nada sobre a Romênia e não demonstrava o mínimo interesse pelo país até o dia em que ela sugeriu que pegássemos uma criança de lá para passar as férias em nossa casa. Se não fosse pela insistência dela em nos envolver no projeto romeno e colocasse a bola em campo, nada disso teria acontecido.

Nem preciso dizer que eu voltaria atrás no tempo e traria Mena de volta à nossa vida. Se tivesse esse poder, faria isso em um piscar de olhos, mas a vida não é assim tão simples. De qualquer modo, acredito de coração que foi Mena

quem enviou Maria para mim, sem sombra de dúvida. Na minha forma de ver as coisas, isso é simplesmente uma questão de destino.

Passei muito anos terríveis e segui caminhos equivocados. Graças a Deus, porém, estou finalmente indo em frente com a minha vida. Foi muito difícil virar o jogo, e eu enfrentei todo tipo de demônios ao longo desses anos, mas felizmente saí relativamente intacto. Meu momento de salvação foi ter me livrado da espingarda na hora certa, porque se eu fosse em frente com o projeto e puxasse aquele gatilho, eu só teria trazido mais desgraças e sofrimento para meus filhos.

Não teria visto minha linda filha casada, nem meu lindo netinho crescer e se tornar o menino esperto que é hoje. Nunca teria tido a chance de fazer o melhor com o que tinha me restado no mundo, nem de viajar à Romênia e ver como era a vida para pessoas que, embora não escolhessem isso, não tinham opção e viviam praticamente sem nada. E, o mais importante, não teria conhecido Maria nem me tornado pai novamente, não só para as três filhas de Maria, como também para a nossa pequena belezinha, Gabriella.

Tenho certeza de que essa criança entrou na minha vida para fazer a diferença. Acredito que tenha sido um presente do céu. O nascimento de Gabriella serviu não só para fortalecer ainda mais o nosso casamento, sei que ela chegou para remendar alguns dos buracos na minha própria família. É impossível não gostar dela, e todos os nossos filhos a adoram.

O suicídio parece ser a rota mais fácil quando as coisas se tornam tão difíceis que não enxergamos opções. Por ter estado lá, porém, e em mais de uma ocasião, posso afirmar que não é uma saída fácil quando você para e pensa no que vai deixar para trás.

Por mais que as coisas pareçam terríveis nas horas ruins, temos de considerar como nossos entes queridos se sentiriam se fôssemos em frente com um projeto de autodestruição e acabássemos com tudo. Se eu tivesse me matado, teria destruído a vida dos meus filhos e nunca teria oportunidade de ajudar tantas daquelas pobres crianças desassistidas na Romênia. Compreendo agora o porquê de algumas pessoas chegarem a esse estágio, mas aconselho a todos os que se sentem assim a buscar ajuda. Não dá para seguir pela vida sempre sozinho.

Quando eu estava nas profundezas do desespero, não fazia ideia de que uma simples curva adiante na estrada me levaria a um novo amor e a uma nova vida. Minha mente estava consumida pelo que acontecera naquele momento, no quanto eu estava deprimido e no sentimento de que o mundo me aplicara o golpe mais terrível de todos. Nunca me ocorreu que eu poderia modificar não só a minha vida, mas também as vidas de muitas outras pessoas a milhares de quilômetros dali. Estava tão fechado na época que não via nada, só o fim de uma estrada, e queria encerrar minha jornada ali. Eu não pensava nem mesmo no “E se eu conseguir ultrapassar pelo menos este ano?” Isso nunca me ocorreu. Queria simplesmente cair fora e pronto. De algum modo, porém, não sei como, consegui abrir minha mente à possibilidade de que as coisas pudessem melhorar em minha vida, e fiz um esforço concentrado para que isso acontecesse. Pelo menos para deixar uma pessoa me ajudar e permitir que ela entrasse no meu mundo.

Eu já havia procurado Tom, o psicólogo do Centro Tara para aconselhamento e terapia. Tinha ido várias vezes lá ao longo dos anos, simplesmente para tranquilizar Shauna, mas a verdade é que a coisa não deu muito certo, porque eu não me abri com ele. Para ser franco, eu o achava péssimo nas primeiras visitas. Lembro-me de pensar comigo, muitas vezes: “Que diabos *ele* pode saber a respeito de como eu estou sentindo e a dor que estou enfrentando?” A verdade é que eu não estava pronto para o que ele tinha a me oferecer. Não era o momento certo, e minha cabeça não estava preparada para ir em frente. Graças a Shauna, porém, eu insisti. Com o tempo, reconheci por mim mesmo a necessidade que tinha da ajuda daquele homem e comecei a me abrir.

Acabei ficando mais de uma hora, em uma das vezes, com esse psicólogo que, poucas semanas antes, eu julgava ser uma perda total de tempo. No início dessa fase, passei várias sessões falando só das crianças e me esquecendo de falar de Mena, ou dos meus sentimentos de que jamais veria a justiça sendo feita por ela. Até que, um dia, fui ao seu consultório e vi quatro almofadões colocados no chão em pé, formando um quadrado. Eu me lembro de ter pensado: “De que diabos esse cara vai brincar hoje?” Ele começou a conversar comigo enquanto apontava para os almofadões. Apontava para eles e me mandava olhar com atenção. Então, me disse que eu, na verdade, estava entrincheirado

no centro daqueles almofadões; confinado, isolado, bloqueado por todos os lados. E eu percebi na mesma hora que ele tinha razão.

Nesse dia ele me fez refletir sobre o que eu estava fazendo comigo mesmo. Foi o dia em que eu coloquei tudo o que sentia para fora. Contei-lhe em detalhes como eu me sentia. Eu já havia lhe falado, em uma sessão anterior, como havia me apaixonado perdidamente por uma mulher estrangeira e como tinha lutado contra esse sentimento durante anos, mas não contei tudo a ele, foi só um comentário passageiro. Mas quando olhei mais uma vez para os quatro almofadões funcionando como barreiras, percebi na mesma hora que ele estava cem por cento certo.

Percebi também que se não fizesse alguma coisa com relação à confusão em que eu estava, minha cabeça nunca iria melhorar, e eu jamais sairia daquela caixa fechada. Naquele dia, ele me disse que eu deveria parar de me preocupar com o que os outros poderiam pensar de mim. Disse que aquela era a minha vida, e eu tinha de fazer o que julgava melhor para mim, e não o que os outros achavam. Aquele terapeuta mudou minha vida a partir desse momento. Foi de grande ajuda. Foi nesse mesmo dia que eu decidi parar de agir como se fosse a criança da família e passei a me comportar como um adulto. Sabia que tinha de tomar uma posição naquilo, e ninguém além de mim poderia gerenciar minha vida.

Mais ou menos por essa época eu conversei com David, marido de Paula, e fiz confidências a ele sobre meus sentimentos por Maria. Justiça seja feita ao meu genro, ele me disse que eu devia fazer o que bem quisesse com a minha vida. Lembrou-me de que meus filhos tinham tocado a vida em frente, e era hora de eu também fazer isso, não importa o que qualquer pessoa pensasse, e que eu devia avançar também, como o resto da família. Com a ajuda de Tom e de David, eu entendi que precisava tomar uma decisão, e, o mais importante, precisava tomar essa decisão com base em meus próprios sentimentos, e não nos de outras pessoas.

Tenho a plena convicção de que minha vida foi mapeada para mim desde o dia em que eu conheci Mena até o dia em que ela morreu, e isso continua até hoje. Não posso mudar o destino; ninguém pode. O que aconteceu na minha vida era para ter acontecido mesmo, por mais desastroso e duro que isso possa ter parecido na época.

Embora eu seja um homem muito amargo hoje em dia, e saiba que essa amargura vai continuar até o dia da minha morte, sou também muito grato pela vida que tive com Mena. Ela foi o amor da minha vida, não há dúvida alguma sobre isso. É claro que esse fato não desmerece Maria em nada; eu a amo por muitos motivos diferentes. Mas Mena foi meu primeiro amor, me deu quatro filhos maravilhosos, de quem tenho muito orgulho e sempre amarei, até o dia da minha morte.

As pessoas dizem que devemos ir em frente, perdoar e esquecer, mas eu nunca vou conseguir perdoar as pessoas que a mataram e deixaram cicatrizes profundas em nossa filha mais nova, e não tenho pudor de admitir isso abertamente. Eles destruíram nossas vidas, mas eu não posso nem devo julgá-los. O Homem lá em cima fará isso em seu devido tempo. Para ser honesto, não sei como eles conseguem dormir à noite sabendo dos danos que provocaram e dos corações que despedaçaram. Mas preciso aceitar o fato de que eles não têm consciência. Meu desejo é que, um dia, alguém por aí que saiba o que aconteceu naquele dia vá até a polícia e ofereça as provas necessárias para a condenação deles. Infelizmente, porém, também preciso aceitar que esse dia talvez nunca chegue.

Uma coisa que eu sei ao certo é que recebemos esta vida por empréstimo, estamos neste mundo apenas por pouco tempo, e me sinto muito grato pela vida que tive com Mena. Ela era, definitivamente, a minha melhor metade. Meu mundo virou de cabeça para baixo no dia da bomba e, embora aquilo tenha me rasgado a alma, também me fez perceber o quanto a vida é preciosa e como é importante ter uma família e bons amigos enquanto continuamos nossa jornada.

É horrível pensar que é necessário algo horrendo como uma bomba para nos fazer sentar e refletir, mas foi o que aconteceu comigo. Meus filhos hão de concordar que eu sou um pai muito melhor agora do que no tempo em que Mena estava viva. Deixei a criação deles toda por conta dela. Pagava as contas e colocava comida na mesa. Era o principal provedor do lar, mas era ela quem mantinha tudo funcionando. Era uma mãe fantástica. Levei muito tempo para perceber que pagar as contas não é o único papel de um pai. E percebo agora que ela manteve aquele lar e nossa família unida e funcionando, a cada dia de nossa vida de casados, praticamente sozinha.

Sei que meus filhos sofreram terrivelmente ao longo dos anos e sei também que, às vezes, eu não os ajudava em nada. Mas eles sabem que eu sempre os amei e sempre vou amá-los. Eles são minha razão de viver.

Às vezes pode ser duro para um homem abrir seu coração, e eu não sou o melhor cara do mundo quanto a essas coisas de falar abertamente como me sinto, mas quero que meus filhos saibam que mesmo que eu não diga isso um número suficiente de vezes, eu os amo com todo o coração. Trouxe outras crianças, filhas de outras pessoas, para a vida deles, e também amo muito essas meninas, mas não quero que os filhos de minha própria carne e sangue achem que eu os substituí. Foram aquelas meninas que me mantiveram indo em frente quando eu estava no meu pior momento, e é para todos eles que eu vivo a cada dia.

Sou eternamente grato por ter conhecido Maria. Ela me salvou em um momento em que eu não tinha absolutamente nada pelo que viver. Foi Mena quem me enviou a Fagaras, não tenho dúvida alguma a respeito disso. Acredito, do fundo do coração, que ela se tornou meu anjo da guarda e queria que eu voltasse a ser feliz depois que se foi. Na minha cabeça, foi ela quem enviou Maria para mim. Embora eu tenha lutado com meus sentimentos durante todos aqueles anos, posso afirmar honestamente que sou verdadeiramente feliz, muito mais feliz do que fui em muitos e muitos anos. Tenho minha família aumentada à minha volta, e todos eles são muito saudáveis e felizes.

Meu estilo de vida também melhorou dez vezes mais. Minha ingestão de bebida alcoólica está sob controle. Ainda tomo alguns chopes de vez em quando, mas nada que se compare ao que eu consumia durante aqueles anos terríveis. Agora tenho algo pelo que viver e sei que bebia até cair por achar que minha vida havia terminado.

Não existe nada que eu aprecie mais do que ficar em casa com meus filhos. Eles todos me dão forças para ir em frente. Nicoletta agora também tem um bebê seu; passou por momentos muito difíceis durante o parto, como aconteceu com a nossa Tracey, mas graças a Deus tudo correu bem no final e ela ganhou uma menininha saudável chamada Nicole.

Visito o túmulo de Mena todas as sextas-feiras às 18h. Esse é um momento especial para mim, e eu adoro ir até lá sozinho e ter algum tempo para meditar

sobre a vida e o mundo. As únicas semanas em que eu falto às visitas é quando estou de férias. Geralmente eu saio de casa todas as sextas-feiras de tardinha, sigo até a filial da cooperativa de crédito Credit Union, em Drumquin, com quem colaboro, e depois vou direto ao cemitério. Sempre que eu saio pela porta, Maria me chama e grita: “Você pegou a ‘velha?’” É seu jeito de pronunciar “vela”. Acendo uma vela no túmulo de Mena todas as semanas, e ela queima continuamente durante sete dias. Quando estou fora, minha mãe vai até lá na sexta-feira à tardinha e a substitui. Vou continuar a fazer isso enquanto houver ar em meus pulmões para mais um suspiro.

Maria sabe que Mena foi o amor da minha vida, mas não vê problemas nisso. Na verdade, Maria sempre me pergunta se o túmulo está limpo e bem cuidado, quando eu volto. Tenho certeza de que se Mena estivesse viva hoje e conhecesse Maria, mesmo que socialmente, elas duas se dariam muito bem uma com a outra. Ambas são prestativas, bondosas e têm consideração pelas pessoas.

Se eu pudesse escolher um único desejo hoje seria o de que minha família pudesse crescer na Irlanda do Norte em um ambiente sem intolerâncias nem ódios. Houve um tempo em que eu me preocupava com isso apenas pelo ponto de vista da luta entre católicos e protestantes, mas existe mais com o que me preocupar agora. Existem pessoas, algumas delas extremamente xenófobas, que defendem o preconceito e falam abertamente contra os estrangeiros, e isso muda a forma como as pessoas tratam umas às outras, principalmente os imigrantes, gente oriunda da Romênia, da Polônia e da Letônia.

Eu me preocupo com o que as meninas pensam ao ouvir esses comentários. Minha preocupação é que algumas pessoas escutem esse tipo de argumento preconceituoso e intolerante e aceitem o que certas pessoas apregoam por aí como verdade absoluta. Isso é difícil para mim. Também se vê gente falando mal de gays e lésbicas, diminuindo-os como pessoas, e eu acho isso uma vergonha, porque somos todos seres humanos e cada um de nós merece respeito na vida.

Adoraria que pessoas de todas as religiões, todas as raças e todos os sexos fossem capazes de caminhar pelas ruas sem ter de se preocupar com a possibilidade de serem espancadas ou destratadas. Adoraria esquecer essas ideias políticas sobre “verdes” e “laranjas”. Até hoje, pessoas ainda têm o emprego

recusado no norte por causa dos seus sobrenomes, e isso precisa mudar. Só porque não se ouve mais falar de bombas explodindo na Irlanda do Norte dia sim, dia não, como acontecia há algumas décadas, isso não significa que o local se tornou pacífico. Longe disso. Continuamos tendo muitos problemas, e não me parece que eles desaparecerão de vez em um futuro próximo.

No momento, as coisas andam sossegadas na parte norte em relação a atos de terrorismo. Estamos, de algum modo, conseguindo viver juntos e reconstruindo nossas vidas, depois de tantos anos de muita morte e destruição. Mas eu me preocupo muito com a possibilidade de que em algum momento, em um futuro não muito distante, isso possa mudar. Sinto que existe algo fervilhando silenciosamente e que é só uma questão de tempo antes de começar tudo novamente.

Ainda existem áreas de tensão na região norte, e bastam algumas pessoas ignorantes para dar início novamente a um processo de intimidação e violência. Não me importo com o que acontece na minha vida, mas lutarei por minha família até o dia da minha morte.

Perdi minha primeira esposa por causa da violência e do desrespeito ao valor da vida, e não estou preparado para perder mais ninguém neste país. Quando penso em justiça na Irlanda do Norte, na minha cabeça ela não existe. Os governantes do norte e do sul da fronteira são os culpados por isso. Se o primeiro-ministro de cada um dos dois países tivesse perdido alguém querido na explosão de uma bomba, podem ter certeza de que em questão de semanas, e não anos, alguém estaria atrás das grades pelo crime. Mas nós somos peixes pequenos, e isso faz muita diferença aos olhos da lei. Se os que morreram naquele dia fossem dignitários estrangeiros, tendo vindo de fora para tratar de assuntos do governo, os responsáveis teriam sido trancafiados em uma prisão por tempo indeterminado, até apodrecerem lá. Mas a vida é assim mesmo.

Não posso mudar as coisas sozinho, mas rezo para que as pessoas de todas as raças e de todas as culturas possam um dia viver em paz, sem interferência de ninguém de fora. “Viva e deixe viver” é o meu lema. Isso não vai ocorrer da noite para o dia, mas rezo para que, em algum momento do futuro, isso venha a acontecer.

Hoje eu sou grato pelo que tenho. Ao longo dos anos, eu amei e perdi. Perder Mena foi a única coisa que quase me levou além dos limites da

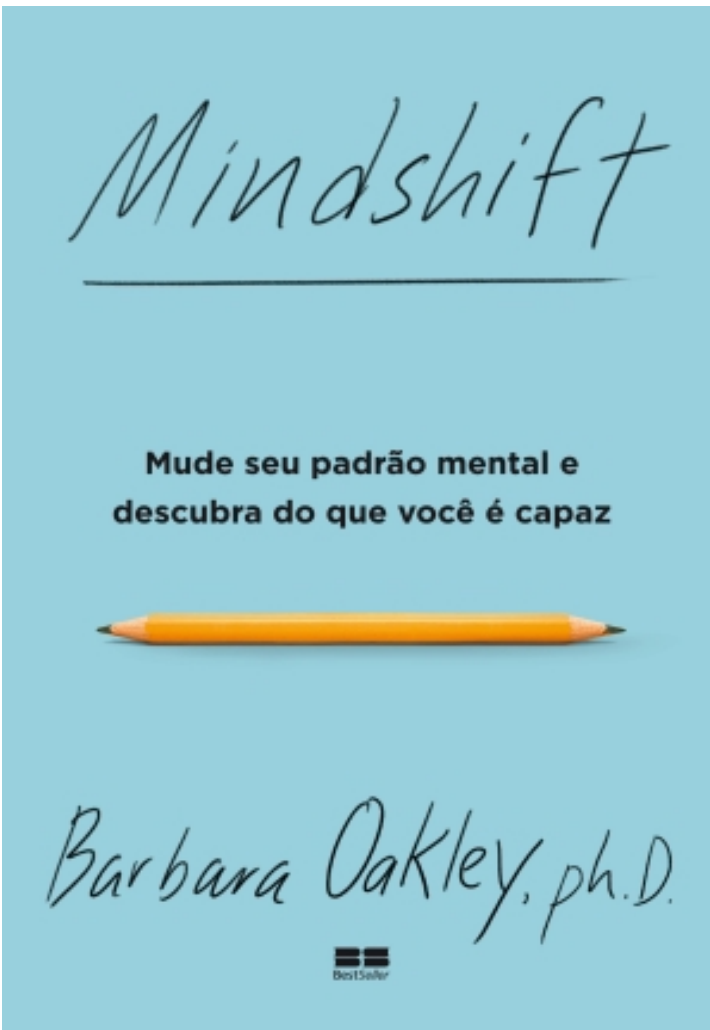
sanidade. Graças a Deus, porém, minha vida se reestruturou. Sou mais feliz agora do que fui durante muitos anos. Sei que Mena é meu anjo, e acredito de coração que foi ela quem trouxe Maria para a minha vida, com a finalidade de me colocar novamente no rumo certo. Agora eu durmo tranquilamente a cada noite sabendo que estou seguro, sob o conforto das suas asas.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Enviada por um anjo

Goodreads do autor:

https://www.goodreads.com/author/show/4392169.Kevin_Skelton



Mindshift

Oakley, Barbara

9786557120224

294 páginas

[Compre agora e leia](#)

Mindshift revela como podemos superar estereótipos e ideias preconcebidas sobre nosso potencial de aprendizado e mudança

Muitas vezes somos motivados a seguir nossas paixões, mas em Mindshift a Dra. Barbara Oakley nos mostra como podemos ampliá-las. Numa época em que somos constantemente solicitados a nos requalificar e reinventar para nos adaptar às novas tecnologias e ao mercado é possível descobrir e

desenvolver talentos que não percebíamos em nós mesmos.

Com base nas mais recentes descobertas neurocientíficas, a Dra. Oakley nos faz ir além das ideias simplistas e ultrapassadas sobre aptidão e habilidade, que fornecem apenas um vislumbre de quem somos agora — e poucas considerações de como podemos mudar.

Criadora do curso on-line mais popular do mundo, "Aprendendo a aprender", a Dra. Barbara Oakley já provou que o aprendizado pode ser uma tarefa simples e rápida. Aplicando técnicas comprovadas por pesquisas e usadas por peritos nos campos da arte, música, literatura, ciências, esportes e muitas outras disciplinas, a Dra. Oakley já ajudou milhares de alunos. E agora é a sua vez de perceber que suas crenças sobre seu potencial de aprendizagem podem estar sabotando você.

Mesmo características consideradas "ruins", como falta de memória, trazem vantagens ocultas — como maior criatividade para criar recursos e conseguir ser produtivo. Em Mindshift aprendemos que alguns de nossos aspectos aparentemente negativos também podem trazer benefícios para nossa vida.

Utilizando como exemplo o perfil de pessoas que superaram todo tipo de limitação de aprendizado, a Dra. Oakley mostra que nossos maiores obstáculos podem ser conclusões preconcebidas que temos a nosso respeito. E que, por meio de um novo padrão mental, podemos explorar todo o nosso potencial, descobrindo e criando novas oportunidades de carreira, e de vida.

Mindshift é o incentivo que você precisava para deixar a síndrome do impostor para trás e transformar seus medos em conquistas.

[Compre agora e leia](#)



O milagre da manhã

Elrod, Hal
9788546500093
196 páginas

[Compre agora e leia](#)

Conheça o **método** simples e eficaz que vai proporcionar a vida dos sonhos — antes das 8 horas da manhã! Hal Elrod explica os **benefícios** de acordar cedo e desenvolver todo o nosso **potencial** e as nossas **habilidades**. O milagre da manhã permite que o leitor alcance níveis de sucesso jamais imaginados, tanto na vida pessoal quanto profissional. A

mudança de hábitos e a nova rotina matinal proposta por Hal vai proporcionar melhorias significativas na saúde, na **felicidade** , nos **relacionamentos** , nas **finanças** , na **espiritualidad** e ou quaisquer outras áreas que necessitem ser aprimoradas.

[Compre agora e leia](#)

PARE DE SE ODIAR

PORQUE AMAR
O PRÓPRIO CORPO É UM
ATO REVOLUCIONÁRIO

**ALEXANDRA
GURGEL**

criadora do canal
Alexandrismos
no YouTube



Pare de se odiar

Gurgel, Alexandra

9788546501618

137 páginas

[Compre agora e leia](#)

O livro de estreia de Alexandra Gurgel, youtuber do canal Alexandrismos, com mais de 300 mil inscritos. Alexandra Gurgel, criadora do canal Alexandrismos no Youtube, é conhecida por abordar em seus vídeos temas como autoaceitação, o movimento body positive, autoestima, relacionamentos e a luta contra a gordofobia. Em *Pare de se odiar* a autora tem como objetivo ajudar suas leitoras a trilharem o caminho do amor-próprio e o da construção de uma autoimagem mais positiva, entendendo como a sociedade em

que vivemos interfere diretamente na relação que temos com o nosso corpo. Alexandra, que tem sido uma das vozes mais atuantes do movimento *body positive* no Brasil, traz no livro uma mensagem honesta e acolhedora, a partir de sua experiência pessoal para mostrar que amar o próprio corpo é, de fato, um dos atos mais revolucionários deste século.

[Compre agora e leia](#)

nassim nicholas taleb



A lógica do Cisne Negro

Taleb, Nassim Nicholas

9788576849629

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste livro fascinante, Taleb mostra que, ao contrário do que defende a maioria dos economistas, estamos constantemente à mercê do inesperado. A estes acontecimentos imprevisíveis o autor dá o nome de Cisne Negro (animal que se considerava inexistente até ser visto, pela primeira vez, inesperadamente, na Austrália, no século XVII).

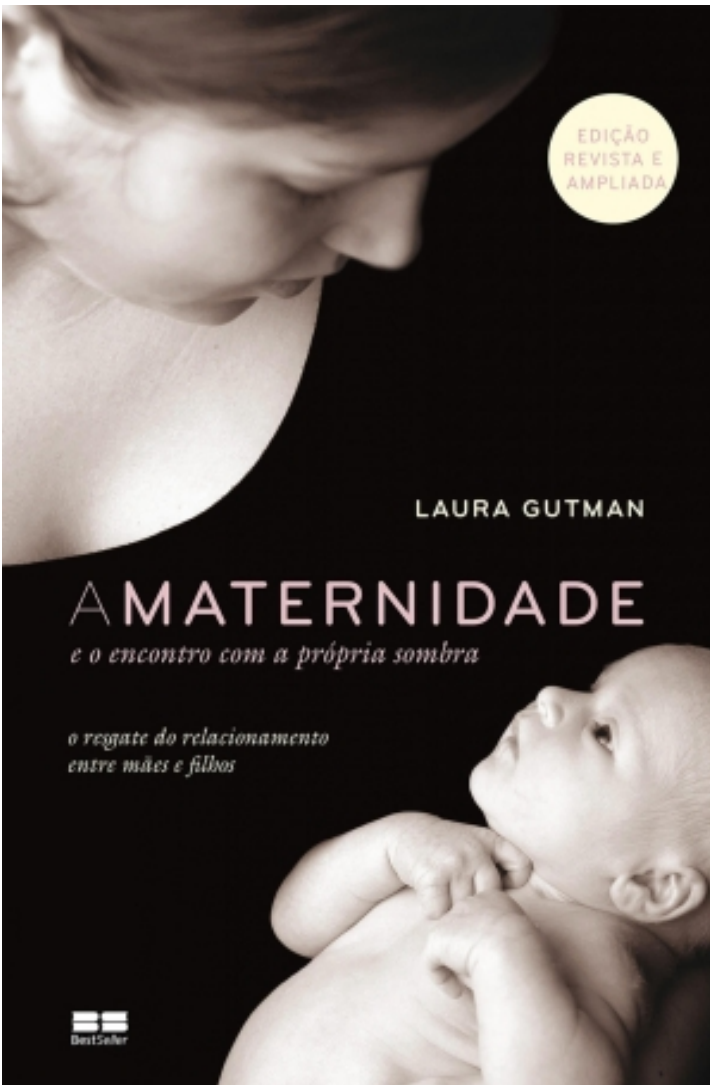
Um Cisne Negro é um evento com três características altamente improváveis: é

imprevisível, ocasiona resultados impactantes e, após sua ocorrência, inventamos um meio de torná-lo menos aleatório e mais explicável. O sucesso surpreendente do Google foi um cisne negro, assim como o 11 de Setembro. Para Nassim Nicholas Taleb, os cisnes negros são a base de quase tudo o que acontece no mundo, da ascensão das religiões à nossa vida pessoal.

Por que não reconhecemos o fenômeno antes que ele ocorra? Parte da resposta, segundo o autor, deve-se ao fato de, em geral, os seres humanos se limitarem a aprender conteúdos específicos em vez de adquirir sabedoria em diversas áreas do conhecimento. Concentramo-nos no que já sabemos e evitamos cada vez mais o desconhecido. Somos, portanto, incapazes de enxergar as oportunidades e nos tornamos vulneráveis ao impulso de sempre simplificar, categorizar e não valorizar quem imagina o impossível. Enquanto isso, grandes eventos surpreendem a todos e transformam a sociedade.

Nesta obra, Taleb oferece ferramentas que nos permitem lidar com os cisnes negros e tirar proveito deles. Com análises que transitam em áreas aparentemente distintas - teoria das probabilidades, negócios, ciências cognitivas etc. -, A lógica do Cisne Negro mudará sua visão de mundo.

[Compre agora e leia](#)



A maternidade e o encontro com a própria sombra

Gutman, Laura
9788546500215
322 páginas

[Compre agora e leia](#)

Edição revista e ampliada do livro que é o resgate do relacionamento entre **mães e filhos**. Ser mãe é uma **experiência** única e indescritível. Mas também é o ponto de

partida para a vivência de inúmeros **sentimentos** e **emoções** que as mulheres ainda não conhecem. Em *A maternidade e o encontro com a própria sombra*, a renomada **psicoterapeuta** Laura Gutman explica os sentimentos conflitantes na realidade de uma **parturiente**, trazendo importantes **orientações** sobre as fases pré e pós-parto. Usando como exemplos diferentes **situações cotidianas**, Laura apresenta um leque de sensações com as quais qualquer **mulher** que tenha se tornado mãe poderá facilmente se identificar, ajudando-as através desse período repleto de incertezas e pequenas **vitórias**.

[Compre agora e leia](#)